

ROSA MONTERO

O PESO DO CORAÇÃO



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ROSA MONTERO

O PESO DO CORAÇÃO





© Daniel Mordzinski

Rosa Montero nasceu em Madrid em 1951. Como jornalista, colabora em exclusivo com o jornal *El País*, tendo obtido, em 1980, o Prémio Nacional de Jornalismo. Com *A Louca da Casa* recebeu o Prémio Grinzane Cavour de literatura estrangeira e o Prémio Qué Leer para o melhor livro espanhol, distinção que também foi atribuída, em 2006, a *História do Rei Transparente*.

No catálogo da Porto Editora figuram já os seus livros *Instruções para Salvar o Mundo*, *Lágrimas na Chuva* e *A Ridícula Ideia de Não Voltar a Ver-te*.

O peso do coração

Rosa Montero

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

El Peso del Corazón

© 2015, Rosa Montero

Design da capa: © Manuel Pessoa

Imagens da capa: © Shutterstock.com

1.^a edição em papel: maio de 2016



Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68700-5

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**

Para Virginia E que Para e Para Para compositor fei Eiceiros
as que, para sabem Macu, para carmen, magnífico, para e
bruxas Gabyomigo, os babuindade de Branda Nuyts, com inspiadores.
Isabel, ajudantes que o que e mor. mago que verdadeiros
ativel, Reyes, sete. das são. saltita Nuria, da cr Berrocal
Rosaló bruxas, pelogénios música, uma e
e monte, do ópera. Town,
bem.

*Não uma mágoa e, com opressão
podes curar arraigada, algum doce das
uma mente apagar as antídoto de matérias
doente, angústias esquecimento, perigosas
arrancar da gravadas limpar o que pesam
sua no cérebro peito sobre o
memória coração?*

SHAKESPEARE, *Macbeth*

Os humanos são paquidermes, lentos e pesados, ao passo que os replicantes são tigres rápidos e desesperados, pensou Bruna Husky, consumida pela impaciência de ter de esperar na fila. Recordou uma vez mais a frase de um autor antigo que, um dia, o seu amigo arquivista citara: «As ininterruptas idas e vindas do tigre diante dos barrotes da jaula para que não se lhe escape o único e brevíssimo instante da salvação.» Impressionada, Bruna decorara-a. Ela era esse tigre, preso no minúsculo cárcere que era a sua vida. Os humanos, com as suas existências longuíssimas e velhices intermináveis, costumavam glorificar com vaidade as vantagens da aprendizagem; até das más experiências, defendiam, se podiam tirar lições. Husky é que não tinha tempo a perder com tais tontices; como qualquer androide, só vivia uma década, que terminaria dentro de três anos, dez meses e vinte e um dias, e tinha a certeza de que havia saberes que não valia a pena interiorizar. Por exemplo, teria vivido feliz sem conhecer a imundície das Zonas Zero; no entanto, ali estava ela, no que parecia agora ser uma viagem inútil à miséria.

«Bom dia! Estás a sair da Zona Zero. A partir desde ponto só pessoas com autorização em dia, por favor. Muito obrigado!»

Há já algum tempo que a rep ouvia a mensagem, cada vez mais nítida à medida que a longa fila de viajantes passava pelo controlo e ela se ia aproximando da porta. À primeira vista, a fronteira não parecia

grande coisa; apenas um longo muro transparente que deixava entrever alguns corredores e divisões, também transparentes, do outro lado. No entanto, fora construída em acrílico reforçado de blindagem muito alta, talvez de 2.6, calculou a androide; inviolável, inquebrável e tão dura como o diamante, embora muito mais feia, dado que amarelava e se sujava com o tempo. As manchas ocre podiam passar por resíduos oxidados de urina e faziam com que a parede tivesse o aspeto daquilo que na realidade era: o sórdido muro de uma prisão.

«Bom dia! Estás a sair da Zona Zero. A partir deste ponto só pessoas com autorização em dia, por favor. Muito obrigado!»

A rep resmungou. Odiava as vozes sintéticas, a boa educação sintética, e, sobretudo, o tom estúpido de entusiasmo, tão inadequado e incongruente naquelas circunstâncias. Em volta, o mundo parecia ferver. Colunas de fumo tóxico das chaminés industriais elevavam-se no horizonte e fundiam-se com o céu congestionado, cor de chumbo, que ameaçava cair-lhe em cima. O controlo fronteiriço ficava num desfiladeiro, para aproveitar o afunilamento do caminho e a inexpugnabilidade das grandes rochas; visto de cima, o vale que Bruna estava quase a deixar para trás era um caldeirão queimado e sombrio. Uma terra maldita.

– É preciso avançar – resmungou o homem atrás dela.

A fila avançara tão pouco que ela nem se apercebera. Dois passinhos de nada e já havia um tipo a protestar! Cobriu a pequena distância numa passada e, da sua altura de rep de combate, olhou com sarcasmo

para o humano. O tipo não se alterou. Não pareciam amedrontá-lo nem a constituição atlética, nem os olhos felinos de pupila rasgada que definiam Bruna como tecno-humana, nem a tatuagem que lhe percorria o corpo na vertical; uma linha negra e fina que lhe descia pela testa, pálpebra e face esquerdas, lhe percorria o peito, o ventre e a perna esquerda, dava a volta ao pé, passava pelas costas e completava o círculo após subir pelo crânio rapado. Tanta tranquilidade num humano não era normal. Habitual era temerem-na e detestarem-na. Aquele homem devia ser rico. Poderoso. Habitado a ser ele quem infundia medo. Tinha uma máscara purificadora de carbono de última geração, elegante e quase invisível. Uma tecnologia ultraleve e caríssima. Que negócios trariam alguém assim a um dos setores de Ar Zero, os locais mais contaminados do planeta? As lixeiras do mundo. Teriam de ser por força negócios sujos, pensou Bruna, digerindo a sua péssima piada a contragosto.

«Bom dia! Estás a sair da Zona Zero. A partir deste ponto só pessoas com autorização em dia, por favor. Muito obrigado!»

Máquina estúpida. Durante muito tempo o ar fora propriedade das grandes companhias energéticas, que o cobravam aos habitantes. Quanto mais limpo o ar, mais caro era; porém, há seis meses o Tribunal Constitucional declarou o negócio ilegal e proibira a propriedade e a venda de ar. Um grande triunfo democrático que, na realidade, de nada servira, uma vez que as Zonas Verdes haviam estabelecido de imediato um imposto de residência que os mais pobres também não podiam pagar. Por isso, na resplandecente nação única dos Estados Unidos da Terra, continuavam

a existir fronteiras como aquela. Construíam-nas assim, em acrílico transparente, para que a contradição desse menos nas vistas, mas o tempo encarregava-se de lhes criar aquelas manchas enormes de mijo ocre. Bruna inspirou profundamente o ar pesado e mineral. Cheirava a enxofre, a óxido, a trapos húmidos e velhos. A rep teve uma visão nítida de como cada inspiração lhe depositava nos pulmões rosados o finíssimo pó preto que cobria todas as superfícies do Setor Zero. Tanto pior para a sua saúde, pensou Bruna. Embora, no fim de contas, que importância tinha? Três anos, dez meses e vinte e um dias, ruminou. Muito provavelmente, o cretino da máscara viveria mais do que ela, e não seria graças à proteção do filtro de carbono. É por isso que os clientes modestos contratavam detetives replicantes para que fossem à Zona Zero. Trabalhos desprezíveis pagos miseravelmente. Só duas mil gaias para encher os pulmões de metal quente enquanto investigava o paradeiro de um idiota. Quem aceitaria um trabalho daqueles além de um androide com a vida a prazo, de um condenado à morte como ela? Olhou de novo para o executivo de máscara e odiou-o. E depois, como em tantas outras ocasiões, a velha raiva transformou-se em desalento. O que era ainda pior, porque sempre preferira a raiva à dor.

Já estava quase a passar pelo controlo. Só tinha uma pessoa à frente, uma jovem humana que, pela roupa berrante e justa, talvez fosse prostituta. A fina folha de grafeno do seu computador portátil estava montada num bracelete ostentoso de metal dourado e pedras preciosas claramente falsas. Talvez fosse trabalhar para a Zona Um, o setor contíguo. A rapariga encostou o

pulso ao Olho e, depois de alguns instantes de verificação, a porta abriu-se. Do outro lado havia um pequeno corredor e, depois, uma câmara de descontaminação. Nada de muito sério: aspiração das partículas tóxicas da roupa e do cabelo e uma vaporização antiviral e antibiótica. Uma espécie de limpeza sumária que durava apenas um minuto; a bagagem era revista e descontaminada num tapete à parte. No entanto, era esse procedimento que criava aquelas longas filas.

A rapariga ia atravessar a porta quando explodiu o clamor. Primeiro ouviu-se a gritaria repentina, um bramido coletivo e animal que gelava o sangue. A rapariga parou e olhou para trás, gesto que foi seguido por todos os que esperavam na fila, para a massa de indivíduos que se aproximava do muro numa correria. Eram muitos, milhentos; trezentos, quatrocentos, talvez mais, homens e mulheres que transportavam escadas, mochilas, trouxas, malas, crianças às costas. Desesperados e furiosos, também gritavam para se encorajarem. Era assim que deviam clamar os assaltantes dos castelos medievais nas histórias que o seu amigo Yiannis lhe contava. Os primeiros chegaram à parede transparente como uma onda a embater contra um dique e o muro, eletrificado, cuspiu-os, arremessando-os para longe. Bruna estava a par daqueles ataques; uma vez que os assaltos às fronteiras das Zonas Zero eram habituais, eram mencionados com frequência nas notícias. A multidão sabia o que o acrílico fazia, mas, mesmo assim, arriscava-se a transpô-lo. Alguns usavam luvas isolantes e envolviam o corpo em trapos estranhos para minimizar a corrente, mas estremeciam na mesma agarrados ao muro,

agitando-se e guinchando antes de se soltarem, enquanto os de trás lhes trepavam pelos ombros. De súbito, a rapariga que talvez fosse prostituta recuperou a presença de espírito e atravessou a porta a correr. A parede voltou a fechar-se atrás dela.

«Bom dia! Estás a sair da Zona Zero. A partir deste ponto só pessoas com autorização em dia, por favor. Muito obrigado!»

Três drones dos canais informativos surgiram como que por magia, sobrevoando a multidão; o ruído característico dos seus pequenos motores denunciava-os. Bruna sintonizou as notícias no telemóvel e, de pronto, o assalto ao muro apareceu em direto. No ecrã que trazia no pulso, entre o fumo, a perspetiva aérea, a inclusão habilidosa de primeiros planos, o fundo colorido e o cinzento-azulado que dominava tudo, a cena tinha qualquer coisa de épico, de grandioso, até de belo. A realidade, pelo contrário, era uma aluvião suja, desordenada e queixosa de pessoas que se espezinhavam umas às outras, uma quantidade impressionante de indivíduos desesperados que sofriam. Supunha-se que a descarga elétrica era dissuasiva e não mortal, mas alguns jaziam imóveis, possivelmente desmaiados, ao pé do muro. Mesmo assim, outros estavam a conseguir saltar; com espasmos e câibras, é certo, mas imparáveis.

– Se não vais passar, afasta-te!

O homem da máscara deu um empurrão a Bruna, encostou o seu telemóvel ao Olho e transpôs a porta. E, como se o tipo o tivesse previsto ou mesmo ordenado (tê-lo-ia feito?), assim que o muro se fechou atrás dele apareceram as *feras*, os temíveis guardas das Forças de Intervenção Especial Regional. Vinham totalmente

cobertos por uma armadura, que os tornava vagamente semelhantes aos antigos astronautas do tempo da conquista espacial. A primeira coisa que fizeram foi atirar sobre os drones; os pequenos aviões explodiram e os fragmentos ardentes começaram a chover sobre toda a gente. Nessa altura, foi a fila de viajantes que gritou e iniciou a sua própria debandada, enquanto os assaltantes do muro dispersavam e as *feras* disparavam as suas pistolas atordoantes de forma indiscriminada. Um empurrão repentino e monumental, semelhante ao impulso envolvente de um *tsunami*, levantou Bruna do chão e levou-a aos baldões através da porta até à câmara de descontaminação. De repente viu-se fechada naquele cubículo com outras nove ou dez pessoas, quantidade inverosímil em tão pequeno espaço, de modo que, dos ombros para baixo (por sorte, continuava a ser a mais alta), cada centímetro do corpo de Bruna estava dolorosamente prensado. Os pulmões lutavam para respirar e os indivíduos mais fracos talvez não tivessem ar suficiente. Começavam a ouvir-se respirações ofegantes e angustiosas quando as *feras* abriram o compartimento e a massa humana se derramou no outro lado do muro, arquejante e cambaleante.

– De joelhos! De joelhos e com as mãos atrás da cabeça!

Alguns dos viajantes, por si só, já tinham caído de bruços ao saírem da câmara, mas as *feras* fustigavam-nos na mesma, empurrando-os e agredindo-os com as espingardas. O coração de Bruna começou a bater mais depressa e a adrenalina disparou, uma resposta automática que os engenheiros genéticos tinham reforçado no seu organismo de rep de combate.

Levantando os braços, começou a ajoelhar-se lentamente, o que não evitou que um guarda lhe espetasse o cano da arma nos rins. Bruna rodou sobre si própria com a velocidade de um felino e, agarrando no cano da espingarda, deu tamanho empurrão à *fera* que a deixou sentada no chão. A cena pareceu congelar de imediato: o homem estatelado no chão, atônito; os outros guardas, a apontar-lhe as suas armas; Bruna com a espingarda na mão, ainda segura pelo cano. A androide sentiu-se inundada por aquela calma gelada e muito lúcida dos grandes momentos de tensão, outro presente dos geneticistas que a haviam criado. O seu estado de alerta era tal que os segundos pareciam prolongar-se, de modo que se permitiu avaliar com calma a situação. Estava rodeada por seis *feras* e, se todos disparassem em simultâneo, sem dúvida que as descargas atordoantes lhe parariam o coração e morreria, apesar da sua força. No entanto, os homens estavam assustados. Às vezes, ser temida era uma vantagem.

– Calma, calma – disse num tom firme e sereno, em inglês global. – Não há problema. Chamo-me Bruna Husky. Vivo em Madrid, na região hispana. Sou detetive privada. Tenho licença e estou registada. Vim ao Setor Zero a pedido de um cliente. Não devia ter empurrado o vosso colega e peço-lhe desculpa por isso. Mas vocês também não me deviam ter batido, especialmente porque vos estava a obedecer. Sou uma androide de combate e fui criada para reagir desta forma a agressões.

Silêncio. Bruna percorreu com o olhar as caras dos tipos. Por trás da máscara de proteção incorporada no capacete quase não se viam, embora se notassem os

olhos. Olhos humanos nervosos, instáveis, emocionais, dubitativos. Bruna ajoelhou-se.

– Vou pousar a espingarda no chão e depois poderão verificar os meus dados.

Com movimentos lentos, a androide pousou a arma e colocou depois ambas as mãos atrás da cabeça. As *feras* aproximaram-se. Passaram um leitor pelo telemóvel de Bruna e verificaram a veracidade das suas palavras. À medida que os dados confirmavam o que ela lhes dissera, foram descontraindo. Moviam-se cada vez com maior segurança, com maior insolência. O guarda a quem tirara a arma parou diante dela.

– Se os reps não sabem controlar-se, será preciso exterminá-los como a cães raivosos – cuspiu com ódio.

Husky não ligou ao ligeiro remoque venenoso. Estava habituada ao desprezo dos humanos e, para dizer a verdade, o sentimento era mútuo. Mais importante, e interessante, era o facto de as *feras* terem deixado de dar coronhadas, comportando-se agora com a cautela de crianças maldosas que apanharam um susto. Humanos cobardes.

Os outros viajantes foram identificados e depois deixaram-nos ir, mas Bruna continuou de joelhos durante algum tempo. A passagem pelo controlo continuava interrompida; de um e de outro lado da parede de acrílico viam-se corpos caídos que o serviço de segurança recolhia. Os poucos indivíduos que tinham conseguido transpor o muro e esgueirar-se para a Zona Um eram devolvidos de novo ao Setor Zero. A alguma distância de Bruna, perto do muro, uma menina de uns nove ou dez anos debatia-se nas mãos de uma *fera*.

– Está morta! Está morta! – guinchava a menina.

Devia referir-se a um vulto escuro e imóvel que jazia no chão ao pé deles. O guarda agarrou na menina pelo pulso e levantou-a no ar, enquanto ela guinchava e tentava pontapeá-lo. O tipo aproximou-se da porta com a miúda pendurada e a contorcer-se como um peixe em agonia. Ia, evidentemente, atirá-la para o outro lado.

– Nãoooo!!! Não quero iiir!!!

Um novo drone de notícias apareceu no céu e começou às voltas. A menina redobrou a resistência e conseguiu que o aviãozinho parasse em cima deles, zumbindo e vibrando no ar como um besouro.

– Nãoooo!!! Não me podes expulsaaar!!! Sou menor!!! Sou menooooorrr!!!

O homem que a levava arrastada parou, sem saber muito bem o que fazer. Uma *fera* aproximou-se de Husky.

– Podes ir, mas ficas a saber que fizemos uma denúncia. Anotámos uma infração civil na tua biografia e irão chamar-te para te imporem a pena correspondente. Espero que te retirem a licença.

Embora a armadura escondesse tudo, a voz indicava que quem falava era uma mulher. Uma mulher de olhos duros. Bruna resfolegou e pôs-se de pé. Nesse momento, um *rocket* destruiu o drone dos noticiários. Um dos estilhaços bateu na sobancelha esquerda da androide e fez-lhe um pequeno corte.

– Raios partam...

As *feras*, claro, estavam protegidas pelas suas couraças. A sobancelha de Bruna sangrava e havia poucas coisas mais desagradáveis do que um olho cego pelo próprio sangue. Além disso, a cicatriz talvez desfigurasse a linha perfeita da tatuagem, pensou a androide. E ela gostava da sua tatuagem tal como era.

Sentia-se cada vez mais furiosa. Em quatro passadas aproximou-se do guarda que abanava a miúda e, sem parar para pensar, agarrou no outro braço da pequena.

– Esta miúda é minha. Foi quem vim buscar à Zona Zero. Fica à minha guarda.

– O quê?

– Sequestraram uma filha à minha cliente. Achamos que pode ser esta miúda – improvisou.

– Que asneirada é essa?

– É verdade! É verdade, é verdade, é verdaade! – guinchou a menina.

Outros guardas aproximaram-se, entre eles a oficial que autorizara Bruna a ir-se embora.

– A criança não passa. Não está autorizada.

– Eis o que vou fazer – anunciou Bruna. – Vou pagar agora mesmo o seu imposto de residência numa Zona Verde por três meses. Assim já pode passar. E levo-a comigo. Quando soubermos se é ou não a filha da minha cliente, atuaremos em conformidade.

Houve um silêncio incómodo enquanto a menina pendia como um trapo das mãos da androide e do homem. Finalmente, a *fera* que parecia comandar falou.

– Não me tomes por imbecil. Não acredito em ti. Mas os cabrões dos noticiários já mostraram a miúda. Ou seja, já sabem que temos uma menor e que não a podemos expulsar sem antes avisarmos o juiz. Por isso, porque não? Leva-a. Poupas-nos trabalho. Pagas o imposto dela, assumes a sua tutela provisória no registo e dão à sola. Estou farta de ti.

Bruna apressou-se a cumprir as formalidades através do seu telemóvel e, quando aceitou a responsabilidade legal da menina, sentiu que a sua fúria e desespero redobravam. Que raio estava a fazer? Porque

complicava a sua vida daquela maneira?

– Vamos embora – grunhiu.

– Não tão depressa – opôs-se a *fera*. – Antes tenho de lhe inserir o localizador.

Expedita e habilmente, a guarda agarrou na menina, prendeu-a com firmeza sob o seu braço esquerdo e inseriu-lhe um *chip* de localização na coxa. Foi tudo tão rápido que, quando a pequena recomeçou a berrar, já estava de novo livre.

– Amanhã tens de te apresentar com ela no Tribunal de Menores da tua região. Agora sim, desandem.

A androide agarrou na miúda furibunda pela mão e começou a andar. De acordo com a sua biografia, chamava-se Gabi Orlov, era órfã e nascera em Dzerzhinsk em junho de 2099. Ou seja, acabara de fazer dez anos. Falava bem o inglês global, evidentemente; todos aqueles que haviam nascido após a Unificação da Terra em 2096 tinham sido educados na língua padrão. Olhou-a de esguelha e viu um rosto largo e plano, com traços vagamente tártaros, uma expressão arisca, enrugada e determinada, e nem um vestígio de lágrimas na cara suja.

– Aquele corpo que estava no chão era de algum teu familiar? Refiro-me à pessoa que dizias estar morta...

– Não.

– Falas russo?

– Não.

Bruna esfregou o olho esquerdo para o limpar do sangue que entrara, causando-lhe ardor. De repente, uma onda inesperada de angústia inundou-lhe o peito e deixou-a quase sem ar nos pulmões. Pelo grande Morlay, o que tinha feito?

– Ouve, eu não me vou encarregar de ti. Procurarei

um bom lugar, alguém que cuide de ti, mas não esperes nada de mim.

A menina fez um ruído trocista e depreciativo, metade riso, metade esgarro.

– Esperar alguma coisa de ti? De uma rep? Não quero nada convosco. Morrem muito depressa – sentenciou.

«Boa viagem! Volta rapidamente a visitar a Zona Zero!», chilreou alegremente uma voz de sucata eletrónica.

Estavam a sair da fronteira.

Três anos, dez meses e catorze dias.

A semana anterior não fora a melhor semana da sua vida.

A mulher que a contratara para procurar o marido no Setor Zero não pudera pagar-lhe as mil gaias da segunda parcela dos seus honorários. Comprometera-se a fazê-lo assim que dispusesse do dinheiro, mas estava no desemprego e mal conseguia custear a sua própria autorização de residência. Bruna desconfiava que acabaria por engrossar a lista dos seus clientes falidos, coisa que afetava não só as suas débeis economias mas, sobretudo, a sua ainda mais maltratada autoestima. Por outro lado, como não conseguira encontrar qualquer rasto do homem, nem sequer se sentia capaz de lhe exigir o pagamento. Às vezes, Husky pensava que, por alguma razão, se estava a deteriorar muito mais depressa do que devia, de acordo com a idade. Poderiam os reps sofrer de Alzheimer? Era impossível; os seus genes tinham sido selecionados, capados e reforçados mas, mesmo assim...

– Husky, Husky! Hoje estás muito ausente...

A cuidada voz de barítono de Virgínio Nissen abriu caminho até ela como que vinda do cimo de um poço. Flutuando num colchão de delicadas aerobolas, com os óculos virtuais que a faziam sentir-se à deriva no meio do cosmos e mergulhada no pequeno abismo dos seus pensamentos, a tecno-humana teve dificuldade em compreender o significado das palavras distantes do psicoguia. Fez um esforço de concentração.

– Joguemos às associações – propôs Nissen. – Já sabes, nada de batota. Responde a primeira coisa que te vier à cabeça. Vejamos. Violência.

– Sofrimento.

– Sofrimento.

– Violência.

– Menina.

– Monstro.

Bruna ouviu um som abafado que julgou identificar como um riso contido. Monstro, sim. Tinha falado um pouco de Gabi ao psicoguia só para o ouvir insinuar o que a replicante já sabia sobre si própria. Que era estúpida, uma criatura aberrante com corpo de androide e um cérebro a abarrotar das memórias excessivamente humanas que o seu memorista lhe fornecera. Por isso não sabia como gerir as suas emoções, a sua culpabilidade, o seu desgraçado sofrimento e a sua violência. Por isso tivera a ideia absurda de tomar a menina russa a seu cargo. A criança revelara-se um monstrinho que ultrapassara as suas piores expectativas, embora Bruna Husky estivesse habituada a esperar sempre o mínimo.

– Amigos – continuou Nissen.

– Fardo.

– Solidão.

– Loucura.

Por fim, acabara por impingir a miúda a Yiannis. Bruna continuava a ser a responsável legal até o Tribunal de Menores decidir o destino do monstrinho, mas conseguira que o velho arquivista recebesse a pequena russa em sua casa. Num momento de raro otimismo, a rep chegara mesmo a pensar que Gabi podia fazer bem a Yiannis, um homem com o espírito

quebrado desde a morte do seu filho em criança, há quarenta anos, e que agora, depois de expulso do Arquivo Central, sucumbira por completo à melancolia. Mas o monstinho estava a enlouquecer Yiannis, circunstância que, mais uma vez, demonstrava a Bruna que qualquer esperança de felicidade era insensata.

– Amor – insistiu Nissen, tão perseverante como o caruncho.

– Dor.

– Sexo.

– Fúria.

E Lizard. Ah, o maldito Paul Lizard. O inspetor da Polícia Judiciária com quem mantivera uma relação amorosa há meio ano, mas que estava há dois meses sem dar sinais de vida. Dois meses na existência de uma rep equivaliam a dois anos num humano. Dois meses eram um tesouro. Que desperdício...

– O que estás a pensar neste momento? – perguntou o psicoguia.

– Três anos, dez meses e catorze dias.

– Husky, ainda continuas com isso?

O tom profissionalmente meloso do homem não conseguiu esconder uma sombra de fastio, uma irritação dificilmente reprimida que fez Bruna emergir um pouco mais da sua letargia. A rep reagia sempre à agressividade.

– Se soubesses a data da tua morte também descontarias o tempo que te resta, Nissen.

– Vamos todos morrer. O que fazemos para o suportar é esquecermo-nos disso.

Esquecer-se! O psicoguia não fazia ideia do que dizia. Os tecno-humanos não conseguiam esquecer.

Ainda no dia anterior, na rua, Bruna dera de caras com uma rep no último estágio do seu TTT. Por norma os androides tinham a decência de se esconder quando lhes aparecia o Tumor Total Tecno, o cancro generalizado que acabava com as suas vidas em poucos dias, ao completar-se dez anos da sua ativação como replicantes. O TTT, espetacular na sua devastação, era uma morte semelhante a um incêndio catastrófico. Husky tivera oportunidade de presenciar a feroz batalha final de Merlín, seu amante de juventude. Ou seja, de há apenas quatro anos. Apesar da placidez induzida pelo cadeirão de aerobolas e pelos óculos virtuais, Bruna apertou os maxilares e rangeu os dentes. Que fraude, que burla, que tortura incessante aquela existência diminuta. A tecno com quem se cruzara no dia anterior tinha pústulas na cara, os ossos pareciam prestes a rasgar a pele, mal se mantinha de pé e apoiava-se à parede, alucinada e agónica. Husky, que ia com pressa e distraída, quase chocou com ela. Foi como encarar a Morte. O coração encolheu-se-lhe no peito e suores frios cobriram-lhe a nuca. Teve medo. Um medo louco e animalesco. Um terror quase incontrollável. Controlou-o, no entanto, respirando profundamente enquanto via a tecno rastejar rua abaixo, a caminho do seu destino terrível. «Acagaça, não é verdade?», disse alguém ao seu lado. A voz trocista e a boca áspera de uma tecno-humana pequena e ossuda, possivelmente uma rep de cálculo. Os androides superdotados em matemática costumavam demonstrar aquele desdém altivo pelos outros. Embora Merlín fosse uma exceção. «Angustia pensar no que nos espera, não é?», insistiu a desconhecida, com um sorriso incongruente. Enviesado e maldoso. Bruna não respondeu. Pelo facto de ser rep

não era obrigada a gostar de todos os reps do mundo. Para dizer a verdade, regra geral detestava-os. Claro que também detestava quase todos os humanos. Husky reparou que a androide trazia no colete um crachá onde cintilava a sigla MRR. «Pertences ao Movimento Radical Replicante», resmungou. «Hum, que grande sentido de observação», troçou a tecno, com as letras holográficas do seu crachá a vibrar e a cintilar. Desde que a líder do MRR, Myriam Chi, fora assassinada há seis meses, o MRR não fazia mais do que andar aos tombos rumo a uma radicalização cada vez maior. «E agora coloco a mim mesma uma pergunta inocente», cantarolou a tecno pequenina, cujo aspeto não só nada tinha de inocente, como parecia mais velha do que devia ser, uma vez que todos os androides eram criados com uma idade orgânica de vinte e cinco anos e só viviam até aos trinta e cinco. Aquela androide devia estar perto do seu TTT e provavelmente fora generosa na utilização de memórias artificiais e outras drogas. «Pergunto-me porque não se suicidam os reps. Porquê, hã? Se o que nos espera é tão fatalmente terrível, porque não nos matamos? Não sabes, pois não?», continuava a questionar a pequena aberração com um sorriso inquietante. Bruna encolheu os ombros, embora a questão despertasse no seu íntimo ecos incómodos. «Então eu digo-te, calmeirona. Implantaram-nos um *chip* de sobrevivência no cérebro... Serve para não danificarmos a mercadoria dos nossos fabricantes. Ah! Ah! Ah!» Bruna enfureceu-se: «Isso é ridículo! Não acredito. Só trabalhamos para o fabricante nos dois primeiros anos; depois somos livres para viver a nossa vida. Assim sendo, porque não desativá-lo?» A tecno de cálculo deu uma gargalhada: «E porque o fariam? És

uma ingénua. Porque haviam eles de se importar? Estão-se nas tintas para nós. Teriam de gastar dinheiro nesse procedimento e admitir que nos tinham colocado o *chip*, o que é segredo... E também não acredito que gostassem de ver os reps a suicidar-se em massa. Não seria bom para o negócio.» Bruna resfolegou e negou, abanando a cabeça, decidida a não acreditar, a não ouvir aquela criatura minúscula e de mau agouro, aquela sereia de canto venenoso. «Vamos lá, calmeirona... És uma rep de combate. Com certeza já viveste e viste outros passarem por situações muito penosas, extremamente penosas. Todavia, conheces algum rep que se tenha suicidado?» As palavras da tecno eram desagradáveis como uma chuva de pedrinhas pontiagudas, mais uma meia dúzia de verdades possíveis que Husky preferia não desvendar. Ansiosa, procurou na memória a recordação de algum tecno suicida. Nada. Nenhum. Até isso, a liberdade suprema de se matarem, parecia ter-lhes sido roubado pelos humanos.

Recordar-se de tudo aquilo provocou-lhe uma ameaça súbita de náusea que a fez sentar-se de chofre na cama de privação sensorial e arrancar os óculos virtuais com brusquidão. O mundo real regressou com a violência de uma bofetada; as aerobolas tremelicavam sob o peso do seu corpo com uma indeterminação enjoativa e inconsistente. A rep apercebeu-se de que o psicoguia dava um pulo atrás de si e julgou captar o odor de uma leve descarga de adrenalina. Ah, sim. Pelos vistos, Virginio Nissen também tinha algum medo dela. Um receio inato, um preconceito de espécie que não conseguira reprimir diante do movimento brusco e inesperado da rep. Bruna sentou-se na borda da cama,

flop, flop, sentindo as aerobolas a fazerem-lhe cócegas, como ondas a bater-lhe nas coxas, e olhou para o psicoguia de longos bigodes entrançados. O homem susteve o olhar. Já voltara a proteger-se por detrás da sua couraça oficial de curandeiro.

– O que se passa, Husky?

– Isto é inútil e absurdo e não me ajuda em nada.

– Admites então que precisas de ajuda?

Bruna deu um suspiro que mais pareceu um rugido.

– Não... Sim... Quer dizer, preciso de ajuda administrativa. Preciso que me levantem a sanção.

Virginio abanou a cabeça com tristeza.

– Tenho muita pena, Husky, mas não posso assinar a tua carta de idoneidade. Continuas com tanta agressividade e impulsos violentos como quando chegaste. É verdade que não te ajudei. Não avançámos nada.

– Não avançámos, como?! Não é verdade. Não tenho quaisquer problemas de agressividade. Controlo-me perfeitamente.

Era um facto. Apetecia-lhe esmurrar o psicoguia e, no entanto, não o fazia.

– Nissen, não posso continuar de baixa. Preciso de recuperar a minha licença. Preciso de trabalhar. Não tenho um cêntimo. Lamento ter empurrado aquela guarda da fronteira, mas ela era uma imbecil.

– Husky...

– Está bem! Desculpa. Não volta a acontecer.

Mentirosa, mentirosa. Virginio fitava-a, pensativo.

– Está bem, de acordo. Assino-te uma licença provisória. Três meses à experiência. Na condição de ires a um tátil.

– O quê? A um apalpador? Nem pensar nisso! –

rejeitou Bruna, crispada.

– Não é negociável. Ou isso, ou nada.

Era uma vergonha. Aos apalpadores só iam os humanos idosos, abandonados por toda a gente, velhos que se borravam de tanta solidão; adolescentes humanos, estúpidos e malcriados, que se sentiam o centro dorido do Universo; ou adultos humanos, cobardes e abatidos, que morriam de vontade de que alguém lhes tocasse. De qualquer maneira, os apalpadores eram só para humanos, para as suas necessidades abjetas e calmantes, para as suas emoções desfeitas e confusas. Para o seu sentimentalismo hipócrita. Onde já se vira um rep a recorrer a um tátil?

– Os tecno-humanos não vão a apalpadores – repetiu, taxativa.

– Estás enganada, Husky. Claro que vão. Acabo de enviar para o teu telemóvel a data e o número de autorização do teu tratamento. Daniel Deuil espera por ti na terça-feira da próxima semana, às 16h30. Dizem que é muito bom. Vais gostar. Além disso, tu és uma tecno-humana muito especial, sabes disso. Mais humana do que a maior parte dos tecnos.

Aquela era uma observação desnecessária que Bruna considerou também insultuosa.

A primeira coisa que fez, assim que saiu do consultório do psicoguia, foi telefonar a Yiannis. A cara do velho arquivista ocupou todo o ecrã do telemóvel. Estava agarrado ao computador, desfigurado e ansioso.

– É uma desgraça, Bruna, uma desgraça. Gabi está muito mal. Muito magoada. São danos irreversíveis. Não consigo estabelecer uma relação com ela. Tenho muita pena! Fugiu-me! É uma tragédia. Sou um velho inútil. Já não sirvo para nada. Era melhor morrer de uma vez. Era melhor mat...

A rep desligou. Distraída, coçou a pequena cicatriz da sobancelha, causada pela explosão do drone na fronteira. Não se dera ao trabalho de cobrir a ferida, que sarara ao ar, e agora a crosta fazia-lhe comichão. Arrancou um pedacinho com a unha e observou com atenção o grumo de pele que parecia um pequeno inseto, escuro e coriáceo. Meteu a crosta na boca e comeu-a. Pele humana, tão humana como a de qualquer humano. Nisso o psicoguia tinha razão. Suspirou. A tarde estava muito quente, o que era normal em meados de julho. O sol, ainda alto, parecia coberto por uma gaze. A névoa era o resultado da contaminação, apesar de aquele ser um dos Setores Verdes, as zonas privilegiadas e mais limpas do planeta. Há meses que não chovia; mesmo enevoados, o sol queimava fatalmente a pele dos humanos. A dela também, embora os processos cancerígenos provocados pela radiação feroz costumassem demorar mais tempo que os dez anos que tinha de vida. Além disso, os reps

dispunham do seu próprio *cocktail* oncológico; que diferença faria acrescentar um pouco mais de sol à condenação inexorável do TTT?

Três anos, dez meses e catorze dias.

Sentiu uma gota de suor a escorrer-lhe por entre os seios, o que a fez aperceber-se deles por baixo do levíssimo tecido da camisola. Duros, nus. Pelo menos não descairiam. Os reps morriam belos. Ou melhor, chegavam belos à eclosão do TTT. Talvez uma parte da aversão que os humanos sentiam por eles fosse consequência disso.

Marcou novamente o número de telefone de Yiannis.

– Olá, Bruna! Fico satisfeito por voltares a telefonar – chilreou um Yiannis amável e sorridente. – Como te disse, Gabi fugiu, mas não te preocupes; com o *chip* de localização, não vai muito longe. O único inconveniente é ter de pedir à polícia para a localizar. Talvez possas telefonar a Lizard. O que achas? Julgo que não se veem há algum tempo, pois não? É uma oportunidade ótima para retomarem o contacto...

Husky reprimiu uma careta de aborrecimento. Tinham colocado uma bomba de endorfinas junto da amígdala cerebral do velho arquivista, o último grito na cura das depressões. Cada vez que a disposição emocional afundava, a bomba entrava em funcionamento e, em poucos minutos, a amígdala era inundada por um caldo de beatitude química. O tratamento conseguia arrancá-lo do poço escuro em que mergulhara, mas a bomba estava mal regulada e, muitas vezes, Yiannis entrava numa fase de otimismo expansivo e delicadoce que Bruna detestava. Desta vez, a imprudente referência a Lizard deixou-a de mau

humor. Além disso, a androide tinha a sensação de que, desde que o arquivista se chutava com endorfinas, as fases de depressão se tinham tornado mais agudas. Apressou-se a desligar, depois de lhe prometer que o avisaria assim que descobrisse Gabi.

No entanto, o arquivista tinha razão. Teria de avisar a polícia para conseguirem localizar o monstinho. Era mesmo do que precisava, de demonstrar às autoridades que era incapaz de se encarregar de uma miúda. Mais uma mocha no seu historial duvidoso de detetive. Uma chatice, agora que ia recuperar a licença, mesmo que provisória e sujeita à terapia do apalpador.

No fim de contas, talvez fosse conveniente telefonar a Lizard.

Paul Lizard. O lagarto manhoso. O caimão.

O rosto do inspetor apareceu no telemóvel. Cheio, pesado, quadrado. E com aquelas pálpebras sempre sonolentas, que suavizavam a faísca esverdeada dos seus olhos.

– Há quanto tempo, Bruna.

– Pois é.

A rep tentou parecer superficial e casual, mas agora achava ter usado um tom de voz recriminatório. Apressou-se a continuar:

– Queria pedir-te um favor. Vê lá tu que me suspenderam temporariamente a licença... Uma coisa insignificante, sem importância. O facto é que há uma semana, na fronteira com a Zona Zero, me encarreguei de uma criança russa de dez anos a título provisório...

Bruna ia ficando cada vez mais nervosa. Telefonara a Lizard sem pensar duas vezes, num impulso incontrolável e insensato, encorajada pela alegria absurda e irresponsável de Yiannis, e agora dava-se

conta de que teria de explicar o que não queria. O polícia olhava para ela, fleumático, com aquela expressão impassível que a rep tão bem conhecia.

– Não é caso para te contar toda a história da miúda, ou talvez sim, já que está relacionada com o favor... O que quero dizer é que não é necessário entrar em muitos pormenores. Resumindo, a miúda fugiu mas tem um *chip* de localização; precisava que a localizasses sem que isso ficasse registado porque hoje devolveram-me a licença por um período de três meses e...

– E não queres continuar a acumular pontos negativos.

– É isso.

Os lábios de Lizard. Aqueles lábios que Bruna conhecia tão bem. Boca mentirosa. E deliciosa. A rep voltou a sentir os peitos, uma tensão nos mamilos, a fome insaciável da pele que, na verdade, provinha de uma fome muito mais profunda. Às vezes Bruna odiava a sua própria sexualidade, a sua animalidade. A sua necessidade.

– E então? Ajudas-me ou não? – perguntou, áspera.

– Claro. Calma.

– Estou calmíssima.

– Como é evidente – respondeu Lizard, irónico. – Dá-me o número do *chip*.

– LRR-52.

Bruna observou o perfil de Lizard enquanto este mexia em alguma coisa fora do ecrã, provavelmente num computador central.

– Está num parque-pulmão. Acabo de enviar-te uma ligação ativa. Consegues localizá-la durante uma hora. Desenrascas-te com isto?

– Sim! Claro. Obrigada.

– Não tens de quê. Só por curiosidade: deram-te uma licença provisória... a troco de quê?

As palavras amontoaram-se na boca de Bruna. Era como se, de repente, fossem quadradas. Difíceis de rolar e de expor.

– Tenho de... Tenho de ir a um tátil.

– Ah! A um apalpador. – Lizard sorriu, abanando a cabeça em concordância.

Ou seja, precisas que te toquem. Sentiu que aquele era o pensamento de Lizard e corou, profundamente constrangida. Era uma vergonha, uma indecência, precisar de ser tocada como os apalpadores o faziam.

Com carinho.

Bruna julgou que se trataria do parque-pulmão das Ilhas Filipinas, o mais próximo da sua casa, mas o localizador mostrou que Gabi estava no Retiro, na nova zona artificial que a Texaco-Repsol construía num dos lados daquele parque multicentenário e emblemático. Assim, teve de apanhar a toda a pressa alguns tapetes rolantes e de galgar a passo acelerado a última parte do trajeto, para chegar ao seu destino a tempo de localizar a miúda antes de a ligação ficar inativa. Atravessou como um raio os jardins tradicionais, poeirentos e decaídos devido à seca e, ao entrar no parque-pulmão, sentiu a frescura e a agradável limpidez do ar, uma vez que as árvores artificiais eram muito mais eficientes do que as naturais na troca de anidrido carbónico por oxigénio. Parou de correr para não assustar a criança e seguiu-lhe o rasto pelo telemóvel. Em toda a parte se viam cartazes a pedir silêncio: «Este é um espaço ecológico e puro. Respeita a paz do local, por favor.» Os parques-pulmão eram os únicos sítios das cidades onde não se permitia a instalação dos ecrãs públicos que, por todo o lado, poluíam o ambiente com as imagens grosseiras descarregadas pelos cidadãos. Além disso, nas entradas havia arcos detetores de explosivos para impedir a imolação dos Ins ou Terroristas Instantâneos, o grupo de ativistas suicidas de confuso ideário

antissistema. Na realidade, os parques-pulmão estavam a transformar-se numa espécie de santuários laicos, zonas sagradas da sustentabilidade biológica. Pelo grande Morlay, que descaramento tinha a Texaco-Repsol! Depois de ter exaurido o planeta, parecia ser agora o sumo sacerdote da ecologia. Tiras flutuantes pendiam do cimo dos mastros das árvores artificiais, grandes pendões de dez metros de altura por um de largura, feitos de uma finíssima rede metálica quase transparente. As tiras baloiçavam com suavidade no calor da tarde, como vapores vibrantes de uma miragem, e faziam um ligeiro ziziar de cigarra. Com o sol já baixo e suportável, o parque-pulmão começava a encher-se de visitantes que passeavam por entre as longas tiras das árvores. Seguindo o localizador, Husky entrou numa das avenidas e viu-a imediatamente. Engoliu em seco, incrédula. A miúda estava sentada no chão a pedir esmola, o monstinho estava a pedir esmola! Postou-se diante dela.

– Malditas sejam todas as espécies! Mas o que estás a fazer?! – gritou.

Gabi fitou-a com desdém. Diante da criança via-se um copo de borda dourada, um dos copos antigos de Yiannis. No fundo, duas ou três gaias e alguns cêntimos.

– Não estás a ver? Peço dinheiro. Não está a correr nada mal.

– Não podes pedir! Vão prender-te!

– Não posso? A cidade está cheia de mendigos. Aqui mesmo há um que me ensinou como fazê-lo.

Bruna olhou na direção apontada pela miúda. Alguém deixara ali perto uma caixa de plástico com trocos e um telemóvel antigo de criança, um dos mais

rudimentares que se usavam nas creches, cor-de-rosa com florinhas malva. No ecrã riscado lia-se em letras luminosas: «Volto já».

– Julgo que foi à casa de banho. É um tipo fixe – comentou Gabi.

Um fervilhar de indignação subiu pelo esófago de Bruna. Ter-lhe-ia dado uma bofetada.

– Tu não podes pedir, raios te partam! És menor! Vais meter-me numa encrenca enorme!

Agarrou no monstinho por um braço e levantou-a com um puxão. A criança guinchou. Nesse momento, Bruna apercebeu-se de que, em volta, uma dúzia de humanos observava a cena com olhar acusador. Uma rep de combate a arrastar uma criança! E, ainda por cima, aos gritos, quebrando o silêncio magnífico do parque magnífico da magnífica Texaco-Repsol, todos tão puros e pacíficos. Soltou o braço de Gabi.

– Vamos agora mesmo para casa – sussurrou.

De má vontade, a menina pegou no copo e despejou as moedas na mão; agarrando na velha mochila que tirara à rep no primeiro dia e de que nunca se separava, abriu um bocadinho do fecho com um cuidado infinito e, pela pequena abertura, tirou com enorme secretismo a ponta de um porta-moedas. Tanta cautela ameaçava eternizar de tal forma a operação de guardar as moedas que Bruna, exasperada, puxou a mochila com brusquidão, e tirando-a a Gabi.

– Acabemos de uma vez – resmungou e, retirando o porta-moedas, meteu lá dentro as gaias.

Nessa altura reparou que o porta-moedas estava amarrado com uma cordinha. Era uma corda fina, de fibras naturais, um cordel antigo; de certeza que Gabi também o roubara a Yiannis.

– Mas o que é isto?

O fio rodeava o fecho da carteira com um nó pequeno, perfeito e muito apertado; a linha remanescente desaparecia dentro da mochila. A rep puxou pelo cordel e saiu um caramelo, também amarrado; a seguir, pendendo da mesma corda, um pente; e depois...

Não conseguiu continuar a puxar pelo cordel porque Gabi lhe arrancou a mochila com um puxão e desatou a correr. Bruna foi atrás dela e, embora a miúda fosse muito rápida para a estatura que tinha, apanhou-a em três passadas.

– Onde julgas que vais? – perguntou, prendendo-a por detrás e rodeando-lhe o corpo com ambos os braços.

Bruna aumentou a pressão, à espera que a pequena russa se debatesse; porém, no exato instante em que a agarrou, o corpo da criança pareceu petrificar. Rígida e imóvel, de uma forma quase inumana, Gabi limitou-se a mover a cabeça; dobrou o pescoço e, aproximando a boca do antebraço de Bruna, mordeu-a com vontade. A rep sentiu os dentes da menina a enterrar-se na carne e só o seu enorme controlo de combatente a impediu de dar um salto para se libertar, coisa que, sem dúvida, teria rasgado muito mais a ferida.

Ficaram as duas imóveis e em silêncio, unidas num abraço aparente, com Bruna colada às costas da criança e inclinada sobre ela, como se a protegesse de algum perigo. O cabelo encaracolado e sujo de Gabi fazia cócegas na face da tecno; a pequena russa apertava os maxilares; a carne doía. Uma gota de sangue deslizou pelo braço e caiu ao chão. Bruna viu e cheirou o sangue. Também cheirou a adrenalina de Gabi, um

odor forte a animal assustado. E depois captou mais alguma coisa. Ácida, penetrante. Olhou para baixo. A menina fizera chichi.

E agora? E agora? O ziziar descontínuo das grandes tiras parecia o choro de uma criança pequena.

– Gabi... – sussurrou Husky; teve dificuldade em falar, tinha a garganta seca e apertada. – Gabi, tens de abrir a boca. Prometo-te que não te vou fazer nada. Não te vou tocar. Não me vou vingar. Abres a boca, soltas-me e voltamos para casa de Yiannis.

A miúda não deu sinais de ter ouvido. Passaram alguns segundos e mais duas gotas de sangue assomaram, convertendo-se num pequeno regueiro.

– Não vou agarrar-te na mochila nem vou tirá-la. Não vou ver o que tem. Abre a boca. Abre-a, já te pedi. Ouve, a minha oferta de impunidade acaba dentro de um minuto. Se não me soltares agora mesmo vou ter de fazer alguma coisa. Até tu te deves dar conta de que não podemos continuar assim para sempre.

A pequena russa suspirou e descontraiu os maxilares, largando a sua presa com o mesmo desprezo com que um cão cuspiria um bocado de madeira intragável. Bruna mexeu o braço, lenta e dolorosamente. Uma dentada perfeita, dois arcos de sangue. Bons dentes. Tirou um penso do kit de primeiros socorros que trazia sempre na mochila e cobriu a ferida. E agora?

– Vamos para casa – ordenou, agarrando na pequena russa pela mão.

Em volta delas, à distância prudente que uma rep de combate costumava impor, formara-se um pequeno círculo de mirones. Quando Bruna levantou a cabeça, todos desviaram o olhar, disfarçando. Uma androide

rapada e tatuada, um braço ensanguentado, uma criança suja de urina. Que espetáculo haviam dado!

– Na realidade, não é assim tão mau saber quando iremos morrer e de quê – comentou Yiannis enquanto Bruna desinfetava e tratava da dentada profunda no braço. – Sei que dez anos parece pouco tempo, mas poder evitar a velhice é agradável. À exceção do TTT, vocês têm uma saúde ótima. Portanto, vivem sem medo. Já os humanos... Entende isto; envelhecer é passarmos a ser reféns do nosso corpo. Na nossa inocência, julgamos que o nosso corpo somos nós, mas, a partir de certa idade, descobrimos que, na realidade, somos alienígenas, desconhecidos, mais estranhos do que os *bichos*, mais alheios do que Maio, o nosso amigo omaá. E, como se não bastasse esta angústia, o nosso próprio corpo torna-se um desconhecido que acabará por nos matar. Chega uma altura em que, de repente, sem que o suspeitemos antes, nos damos conta de que dormimos com o nosso maior inimigo. As coisas são mesmo assim: um dia vemo-nos ao espelho e já não descobrimos cabelos brancos ou uma ruga, mas a face que afundou, o nariz que revela um volume que não víramos, a boca que começa a descair, a língua cheia de gretas, o branco dos olhos onde aparece uma ilhota amarelada, uma espécie de mucosidade sebosa colada ao globo ocular. Ou, quem sabe, uma pequena corcunda assimétrica que surge acima de um ombro.

Assustamo-nos porque tais revelações são súbitas, não progressivas, isso te asseguro eu; é como se tivessem crescido no decurso de uma noite. São assassinos que nos assaltam inesperadamente ao dobrarmos uma esquina. Nessa altura entreolhamo-nos, aterrorizados por não nos reconhecermos, e interrogamo-nos se isso será o sintoma de alguma doença desconhecida e horripilante. A boa notícia é que, regra geral, são só as mutações monstruosas próprias da idade.

– Se te incomoda tanto envelhecer, fez uma operação como toda a gente, em vez de teimares em andar por aí com essa pinta de mendigo miserável – resmungou Husky.

– Já sabes que detesto a cirurgia estética. Prefiro transformar-me no meu próprio monstro e não na aberração criada pelo bisturi de alguém. É-me indiferente que o facto de não ser operado me faça parecer um vagabundo que não estica o coiro porque não tem um cêntimo. No entanto, isto também acontece aos que são operados. Um dia veem-se ao espelho e têm um olho no meio da cara.

– Estás a exagerar.

– De todo. Além disso, essas caras de plástico, todas iguais, não nos livram do medo, do terror ou da enorme desconfiança que sentimos desse desconhecido que é o nosso corpo... Porque numa das ocasiões em que nos vemos ao espelho reparamos na boca deformada que pode não ser uma deterioração da velhice, mas um icto, um tumor, a explosão de uma SSQ devastadora... Uma doença que irá mutilar-nos, entrevar-nos, roubar-nos a vida tal como a conhecíamos até essa altura ou, quem sabe, até matar-nos.

Bruna parou de pôr os pontos adesivos de pele

sintética e olhou para o velho arquivista.

– Yiannis, tens setenta, raios te partam! Não te queixes. Enojas-me. Vocês, humanos, vivem uma centena de anos.

– Eu sei, eu sei que te irrita; mas pensaste em que condições passamos todo esse tempo? Asseguro-te de que são horríveis se não tivermos um seguro médico caríssimo. Bruna, nós vivemos cheios de medo. O medo é a única experiência comum a todos os seres humanos.

– Também aos cães. E aos omaás. E aos tecno-humanos – recordou Husky, taciturna.

– É bem verdade. Todos aqueles que vivem receiam morrer. Mas posso garantir-te que vocês, pelo menos, estão a salvo desta demolição ameaçadora, mutante e desoladora que é a velhice. Devias saber apreciar a circunstância de haver também algumas vantagens na tragédia que é a tua curta vida.

Yiannis sorriu e a sua cara cheia de sulcos dobrou-se como um tecido amarrotado. Yiannis era o único velho por operar que Bruna conhecia, além de alguns vagabundos e marginais. Até nas Zona Zero as pessoas metiam plástico barato nas bochechas. Bom, Lizard também ainda não fora operado; é verdade que era bastante mais novo, quarenta e três anos, mas já tinha rugas. Quanto a Pablo Nopal, o seu memorista, exibia uma fisionomia perfeita. Se passara pelo bisturi devia ter sido um trabalho de enorme qualidade e, evidentemente, caríssimo.

– A propósito, acabaste por telefonar a Lizard para que te ajudasse a localizar a miúda?

O velho continuava a sorrir, assim acrescentando mais dobras ao rosto murcho. Bruna perguntou a si própria em que momento do vaivém hormonal estaria.

Aquela reflexão angustiante sobre a velhice e a morte teria sido gerada por uma subida ou por uma descida de endorfinas?

– Não, não lhe telefonei.

Havia outros temores na vida, além do medo da morte.

– O que vais fazer a Gabi, Bruna?

– Devolvê-la.

Apesar do analgésico, o braço continuava a latejar dolorosamente. Husky sabia que as bocas estavam cheias de bactérias e que as dentadas costumavam infetar mas, mesmo assim, cometera a estupidez de tentar fechar a ferida sem a limpar bem e de não ir a um médico. Não tinha vontade de passar pelo processo de mostrar a dentada, de contar a história. Uma agressão daquelas teria de ser explicada de alguma forma e a verdade é que não tinha uma boa explicação, de modo que deixou andar; no entanto, passados três dias sentia o braço tão dorido que teve mesmo de ir às urgências hospitalares com Gabi. Os médicos decidiram fazer análises à criança para determinarem se ela teria podido transmitir-lhe algum agente patogénico ou alguma doença concreta, a par da infeção, e ainda não tinham regressado com os resultados. A rep sorriu. Os paramédicos que haviam levado Gabi trataram-na com o mesmo receio e prevenção com que manuseariam um cão raivoso. Só lhes faltou pôr-lhe um açaimo.

Um rapaz com cerca de quinze anos percorria o corredor. Avançava penosamente ajudado por uma tosca prótese com rodas, uma espécie de carrinho metálico preso às pernas, amputadas acima dos joelhos. Passou diante de Husky e continuou pelo corredor longo e solitário, a chiar e a bambolear-se como uma engenhoca defeituosa. A androide congratulou-se mais uma vez por ter mantido o seguro médico. Quando os tecno-humanos se desvinculavam da companhia que os criara, após os dois anos de serviço obrigatório, podiam

escolher entre receber por inteiro o pagamento do serviço prestado ou apenas uma pequena percentagem, mantendo a cobertura médica vitalícia; fora essa a sua escolha. Como os androides eram um produto muito caro e os de combate costumavam danificar-se, o seu seguro era de primeira categoria. Nunca lhe teriam colocado, por exemplo, uma prótese monstruosa como aquele carro com rodas; ter-lhe-iam dado umas pernas perfeitas, biónicas, revestidas de pele artificial, impossíveis de distinguir das verdadeiras, impossíveis de pagar sem o seguro.

Aos poucos, a ferida deixava de latejar. Husky não quisera desperdiçar os três opiáceos que tinha em casa, comprados no mercado negro e que administrava com a parcimónia de um avaro, de modo que chegou ao hospital com um nível de dor superior a sete. Aí administraram-lhe uma dose subcutânea de *Pandol*, menos eficiente do que os seus opiáceos, mas ainda assim muitíssimo potente, e um biocida de última geração, desses que só se conseguiam nos hospitais e com um seguro de primeira. Aquilo acabaria com a infeção. Ainda conseguia ver ao longe o vacilante rapaz das rodas, ainda era capaz de ouvir o chiar metálico da sua prótese.

– Olá, calmeirona.

Husky voltou-se. Era aquela maldita rep de cálculo. A do MRR. Bruna não respondeu. A pequena androide sorriu e deixou-se cair junto dela numa cadeira de plástico.

– Estou a ver que gostaste do nosso encontro. Eu também. O que te aconteceu ao braço?

– Nada. As ligaduras estão na moda.

– Claro. E o TTT também – respondeu a outra com

uma ironia áspera.

Bruna olhou-a de soslaio. Já lhe teria sobrevivido o Tumor Total Tecno? Seria por isso que estava no hospital? A ativista do MRR continuava a ter um aspeto bastante envelhecido, mas não parecia estar em piores condições do que na última vez em que a vira. Além da consciência dolorosa de partilharem o mesmo destino, o prenúncio do seu próprio final levou Husky a sentir uma simpatia inesperada e incómoda pela rep.

– O que estás aqui a fazer?

A pequena androide franziu a boca num simulacro de sorriso.

– Se o que me queres perguntar é se estou a morrer, respondo-te que não. Ainda não. Estou aqui por outros assuntos. Não creio que te interessem.

– Tens razão. Não me interessam.

Permaneceram em silêncio alguns instantes. Gabi está a demorar muito, pensou Husky, impaciente.

– Acabaste por te lembrar de algum rep suicida? – perguntou a ativista num tom trocista.

Husky manteve-se em silêncio. Não, não se lembrara de nenhum.

– Eu já sabia – prosseguiu a outra, triunfante. – E o pior é que nem sequer recorreremos às empresas de eutanásia. Alguma vez viste um tecno na Finis, por exemplo? À exceção de algum segurança que pode ser um tecno de combate como tu... Pergunto-te se já encontraste algum no papel de cliente. Por que razão não somos capazes de acabar com isto, nem sequer quando surge o TTT, e continuamos a levar o sofrimento até ao fim?

Silêncio. Que perguntas inquietantes. Mais alarmante ainda era Bruna nunca as ter colocado antes

a si própria. Lembrou-se da agonia terrível de Merlín. Da passagem lenta dos dias finais. Viver o TTT de alguém querido era como assistir à sua tortura. De alguma forma, ficava-se marcado para sempre.

– Também nunca debes ter estado num *moyano*.

Assim de repente, Bruna teve dificuldade em compreender ao que a outra se referia. Depois caiu em si. Os *moyanos* eram os crematórios de tecno-humanos, locais marginais de que ninguém queria falar; ela própria se tinha esquecido que existiam. Nem sequer tinham nome próprio; Moyano era apenas o sobrenome do primeiro proprietário da empresa, Moyano S.A. Funcionavam em edifícios modestos e obscuros, sem publicidade no exterior. Vistos de fora, só a chaminé revelava a sua função.

– Pois não.

– Um destes dias visita um. Não têm nada a ver com os tanatórios humanos, sempre tão cheios de flores e de familiares chorosos. Os nossos são... como explicar? Bastante industriais. Solitários. Práticos. O simples facto de haver crematórios discriminados já é aviltante, mas além disso... Enfim, vai visitar um. Poderás ver o estado em que lá chegam os corpos destruídos pelo TTT, sem que seja possível aproveitar qualquer órgão.

– É estranho... Nunca tinha parado para pensar em nada disso.

Com amargura, a tecno de cálculo riu-se.

– Sim, a vida está cheia de zonas de sombra, não achas? Há tantas coisas que preferimos não saber... Tantas coisas que desejamos esquecer. Escolhemos o que queremos ver e a nossa existência não é mais do que uma tradução muito reduzida do mundo. É dessa preguiça que se aproveitam os exploradores. Os

humanos escravizam-nos e reps como tu não querem informar-se.

Uma porta bateu. Já traziam a criança. Atrás vinha o médico que atendera Bruna. A androide levantou-se.

– Espera – pediu a ativista, agarrando-lhe o braço. – Chamo-me Carnal. Terás notícias minhas. Há muito mais coisas que deverias saber.

– Como tu própria disseste, e bem, não sei se quero – ripostou Husky, libertando-se com um puxão.

Encaminhou-se na direção do pequeno grupo que se aproximava. O telemóvel soou; Bruna deu uma vista de olhos ao pulso e viu que a rep lhe tinha enviado o seu cartão de visita. Estava em modo de espera; podia aceitá-lo ou rejeitá-lo. Hesitou uns instantes e depois aceitou, arrependendo-se logo de seguida. Agora Carnal também ficara com os seus dados. Carnal. Um nome curioso para um corpo tão magro.

A menina vinha quase de rastos, sustida pelo braço por um auxiliar de ação médica humano, mais alto e corpulento do que os reps de combate, que em geral eram leves e atléticos, porque fora demonstrado que esse *design* orgânico era mais eficaz nas lutas. Pela forma como haviam recorrido à força bruta daquele gorila, era evidente que a pequena russa não lhes facilitara a vida. O rosto de Gabi expressava um ódio puro e cortante. Era um monstro. Um monstrinho mordedor. Sem largar a criança, o auxiliar parou a alguns metros de distância, enquanto o médico se aproximava para falar com Bruna.

– Felizmente não tem mais nada que pudesse contagiar-te. Tiveste sorte. As Zonas Zero estão bastante poluídas.

– Eu sei – respondeu Husky com um alívio

inesperado; até aquele momento não se apercebera do quanto estava inquieta. – Fico satisfeita. Nesse caso vamo-nos embora.

– Um momento, um momento. Há ainda uma questão. Grave. Gravíssima.

A expressão do médico era sombria. A androide sentiu um dedo de gelo percorrer-lhe a coluna vertebral.

– O que se passa?

– A menina esteve exposta a uma fonte radioativa.

– O quê?

– Uma exposição possivelmente continuada. Recebeu cerca de três mil *milisieverts* de radiação.

– Mas isso é impossível...

Desde 2059 que a energia nuclear por fissão era proibida em todo o planeta pelo Protocolo do Átomo; nessa altura a Terra ainda não estava unificada, mas tinham ocorrido duas catástrofes seguidas em duas centrais nucleares, uma russa e uma francesa, e a extrema gravidade da situação, juntamente com o facto de se julgar que a fusão nuclear estava quase dominada, fez com que todas as nações aderissem. Mais tarde, verificou-se que a energia por fusão continuava inacessível, pelo menos a verdadeiramente limpa e sem o recurso ao trítio radioativo, mas o aperfeiçoamento e desenvolvimento massivo das energias maremotriz e solar (só em África cobriram-se mil quilómetros quadrados de painéis solares) tornou-se suficiente para permitir desativar todas as centrais. Pouco depois, já nos anos 70 desse século, quando se descobriram os canhões de luz densa e a potência devastadora do plasma negro, as poucas armas atómicas que restavam foram destruídas. Uma vez que a medicina nuclear não

era utilizada há muito tempo, substituída como fora por métodos mais eficazes de terapia e diagnóstico, oficialmente a Terra estava há quase meio século livre daquele tipo de radioatividade artificial, embora entretanto tivessem aparecido algumas ogivas nucleares no mercado negro. No entanto, há muito que tal não acontecia.

– Garanto-te que a criança esteve sujeita a radiação. Por favor, levanta a mão e une a ponta dos dedos...

– O quê?

– Faz o que te mando. Abrimos um caso de radiação nuclear e temos de reportá-lo ao Ministério da Indústria, Desenvolvimento Sustentável e Energia.

Atordoada, a rep fez o que lhe era pedido. O médico pousou uma espécie de régua plana e larga na ponta dos dedos unidos de Bruna e o aparelho ciciou.

– Há só uma ligeira radiação residual, adquirida sem dúvida pelo contacto com a criança. Nada de preocupante – indicou o médico, guardando a régua no bolso.

– Mas ela...

– Ela é outra coisa. A dose foi altíssima. Morrerá dentro de dez anos, talvez até antes de cinco, muito provavelmente de leucemia. Já revela uma contagem de células anormal.

– Mas a leucemia tem cura. Não podem tratá-la?

– Sim, claro que sim. Há um tratamento de reconstrução celular e hematopoético bastante bom, o CGR, que com certeza reverteria por completo os efeitos nocivos da radiação.

– E então?

– Custa um mínimo de duzentas mil gaias.

– O meu seguro cobre tudo.

- Não. O seguro é teu, não dela.
- Mas vocês fizeram-lhe análises.
- Para descartarmos possíveis doenças em ti. Tens um ótimo seguro, como é evidente. No entanto, a partir daqui não podemos fazer mais nada. A propósito, é melhor que a criança não fique muito tempo junto de mulheres grávidas.

O médico deu meia-volta e acenou com a cabeça ao auxiliar, que soltou Gabi, e desapareceram ambos pelo corredor afora. A pequena russa cruzou os braços magros diante do peito e, de baixo das sobrancelhas, olhou para Bruna com um ódio feroz. Animal ferido, monstro moribundo. Três anos, dez meses e onze dias.

O holograma de Yiannis acordou-a violentamente. O velho arquivista parecia estar sentado sobre a sua barriga, a gritar-lhe. Bruna detestava que o amigo irrompesse assim em sua casa, invasor e imprudente, com as suas intempestivas chamadas holográficas; no entanto, na única vez que lhe restringira o direito de imagem o velho ficara tão deprimido que a rep teve de voltar atrás com a sua decisão.

– Levanta-te, Bruna! Temos uma crise, ai, meu Deus, uma crise, a menina... *Bartolo*... é melhor que venhas até cá e quanto antes!

– Já vou – balbuciou a rep, antes de desligar a comunicação e ativar o bloqueio de chamadas.

Um silêncio abençoado caiu sobre ela como uma cortina de água fresca. De costas na cama, com os olhos semicerrados, Husky concentrou-se no latejar das suas fontes. Dor. Ausência de dor. Dor. Ausência de dor. Um latejar forte e ritmado. Rodou a cabeça com cuidado e olhou para a direita. Ali, em cima do caixote lacado com rodas que fazia as vezes de mesa de cabeceira, encontrou o copo de pé e a garrafa vazia de vinho branco. Suspirou; na noite anterior estivera até bastante tarde a fazer um *puzzle* de duas mil peças e a beber sem parar. Aquela garrafa e parte de outra que já estava aberta. Sozinha e a colocar as peças obsessivamente. Sozinha e a emborcar um copo atrás do outro. Quando abriu a segunda garrafa já sabia que estava perdida. Que maneira de destruir a sua vida, a sua curta vida. Bêbada obsessiva-compulsiva. Yiannis falara em crise,

mas a vida era sempre crítica. Não pensava voltar a beber, nunca mais.

Bruna rolou até à beira do colchão e, esticando a mão, tirou de cima do caixote lacado o tubo de *Algicid* e meteu na boca dois comprimidos mastigáveis. Os últimos. A mesa de cabeceira típica de um bêbado: uma garrafa vazia, um copo e um tubo de analgésicos, pensou enquanto mastigava. À espera que o *Algicid* fizesse efeito, recordou com esforço as palavras do arquivista: «a criança... *Bartolo*...», gritara. *Bartolo* era um bubi, um comilão, um animal de estimação alienígena omaá que falava como um papagaio, um bicho narigudo, desvalido e simpático que se tornara moda na Terra. Bruna herdara-o de um caso anterior e afeiçoara-se-lhe, embora a irritasse a teimosia da criatura e a sua propensão caprina para comer tudo o que era mastigável, característica aborrecida a que devia a sua alcunha. A rep sentiu uma pontada de culpa; antes de ir ao Setor Zero, deixara *Bartolo* ao cuidado de Yiannis e ainda não fora buscá-lo. O velho arquivista acabava sempre por se responsabilizar pelos erros dela. Como se não bastasse, o velhote ficara bastante afetado com a notícia da doença mortal da miúda e ainda mais com o facto de haver uma cura só disponível para quem pudesse pagá-la. Antes de a bomba antidepressiva entrar em funcionamento, rolaram-lhe algumas lágrimas gordas pelas faces. Bruna também achava indecente a discriminação terapêutica, mas, sendo uma rep a quem só restavam três anos de vida, a verdade é que não levava muito a peito o futuro breve da criança.

A dor de cabeça desaparecera quase por completo, deixando-lhe só uma sensação de torpor. A androide

tomou um duche de vapor muito mais curto do que teria desejado, uma vez que a sua quota de água estava quase no fim. Teria de passar pelo supermercado para comprar um novo cartão. E mais garrafas de vinho, que já não tinha. Vestiu uns calções e uma camisola da Climatex, que supostamente protegiam de quaisquer mudanças de temperatura, embora Bruna tivesse algumas dúvidas acerca da veracidade da afirmação publicitária. No entanto, era uma roupa cómoda e bonita, com um ziguezague de cores vibrantes. Calculou que desde o holograma de Yiannis teria passado quase uma hora; olhou para o registo de chamadas e viu que havia mais outras quatro, todas do arquivista. Devia estar mesmo desesperado. Pegou num copo de café instantâneo, sacudiu-o para o aquecer e foi bebendo enquanto saía de casa. Desceu as escadas a correr sem esperar pelos elevadores lentos e maltratados mas, ao chegar à entrada, deparou com o seu vizinho da SSQ. O destino era sempre brincalhão; quanto maior a urgência, maiores os obstáculos. O homem tentava sair do prédio envolto na sua bolha de plástico protetor. Não era uma bolha muito boa (estava velha e muito remendada) e, além disso, o tipo tinha de levar na mão o compressor de ar purificado que inflava o habitáculo, de modo que se deslocava com enorme lentidão, sem dúvida apavorado com a possibilidade de o casulo protetor rasgar e de ficar exposto a uma contaminação ambiental que poderia matá-lo. Nas últimas décadas, a Síndrome de Sensibilidade Química agravara-se imenso; o contacto generalizado e continuado com substâncias artificiais, onnipresentes na vida quotidiana, parecia estar a enlouquecer o sistema imunitário dos seres humanos. Curiosamente,

os replicantes não sofriam disso, não se sabia muito bem porquê; talvez devido à brevidade da sua vida, sendo possível que necessitassem de mais tempo de exposição ao envenenamento químico. Três anos, dez meses e dez dias. Aquela condenação à morte tinha, pelo menos, alguma utilidade.

Por fim, o vizinho da SSQ conseguiu transpor o desfiladeiro da porta e a passagem ficou livre. Bruna desatou a correr. O novo apartamento de Yiannis, para onde o velho se mudara há pouco tempo, ficava a dois quarteirões de distância do dela, tão perto que estugar ou não o passo quase não reduzia o tempo do trajeto. Porém, a androide queria exercitar os músculos, senti-los elásticos e ainda obedientes sob a pele, apreciar o seu corpo atlético de animal poderoso. Assim, correu com gosto cerca de um minuto e depressa se encontrou diante da casa do arquivista. Yiannis tinha gostos arcaicos, pelo que escolhera um edifício do século XIX; todavia, como o andar era muito mais pequeno do que o anterior, os móveis e a sua coleção infinita de quinquilharia, que incluía um conjunto desesperante de livros em papel, atafalhavam os quartos. Yiannis abriu a porta com um risinho sardónico a dançar-lhe na boca. Já estava drogado.

– Ainda bem que chegaste, Bruna. Temos uma situação absurda, ih, ih, ih. Não sei se é para rir ou para chorar!!! Entra e vais ver.

Husky entrou e viu. No meio da sala de pé-direito altíssimo, alguém construíra uma torre precária e improvável, formada por cadeiras, tamboretas e caixas colocadas umas sobre as outras. Por cima de tudo aquilo, pendurado de cabeça para baixo, com a pata presa por um fio ao gancho vazio de um candeeiro,

estava *Bartolo*, o comilão, a choramingar. Quando viu Bruna, pôs-se a guinchar na sua língua de trapos:

– Socorro! *Bartolo* bom, *Bartolo* bonito. Socorro!

– Não tenho uma escada tão alta e não me atrevo a escalar aquilo – comentou Yiannis, desolado.

– O que aconteceu?

– Foi a miúda. Ficou furiosa com o comilão, não sei porquê.

– Gabi má, Gabi má, socorro!

Parecia um milagre a torre construída pelo monstinho continuar de pé, pelo que a androide nem tentou utilizá-la. Admirada, questionou-se como se teria arranjado a miúda para subir e descer, levando nas mãos um comilão previsivelmente a espernear. Uma autêntica façanha circense. Husky tentou desmontar a construção da miúda mas, assim que tocou na primeira cadeira, a pilha inteira desmoronou com um estrondo.

– Por todas as espécies... Um pouco mais e partia-me a cabeça – resfolegou a rep. – Ajuda-me a afastar este móvel.

Com a ajuda de Yiannis, empurraram uma cómoda enorme e pesada do século XVIII, colocando-a por baixo do corpo do comilão. Porém, para chegar ao fio, Bruna ainda teve de pôr em cima da cómoda uma caixa pequena. Desfez o nó e baixou a criatura. O animal abraçou-se ao pescoço dela, trémulo, com a crista de pelo avermelhado toda despenteada e o narigão húmido de lágrimas.

– *Bartolo* bom, *Bartolo* bonito, Gabi má má...

– Está bem, está bem... Vamos, já passou.

Além do susto enorme e da aflição de ter ficado durante uma hora pendurado de cabeça para baixo, *Bartolo* não parecia estar magoado, pelo que Bruna

deixou o comilão no colo de Yiannis para que este o alimentasse e assim lhe aliviasse a angústia, e foi à procura da pequena russa. A miúda enfiara-se debaixo da cama e, segundo o arquivista, não houvera maneira de a fazer sair. Vais ver como te tiro daí, monstrinho ruim, pensou a rep.

O quarto onde a pequena russa dormia tinha a cama feita e parecia vazio. Nem um ruído denunciava a presença da fedelha.

– Gabi? Gabi! Sai já daí.

Silêncio.

Bruna agachou-se e espreitou para baixo da cama. Lá no fundo, contra a parede, na penumbra, brilhavam os olhos da menina, olhos ferozes e enlouquecidos de ratazana encurralada. A androide sentiu uma súbita opressão no peito, uma pequena asfixia. Endireitou-se, sem saber muito bem o que fazer. Claro que podia enfiar a mão debaixo da cama e puxá-la, embora não duvidasse de que a miúda voltaria a mordê-la. Também podia empurrar a cama e afastá-la da parede mas, de qualquer forma, e conhecendo a agilidade da pequena russa, apanhá-la ia levar o seu tempo. E será que queria realmente utilizar a força? Voltou a agachar-se e a espreitar. Aqueles olhos, aquele desespero, aquele desamparo. Um animal perseguido até à morte pelos seus inimigos. Como teria recebido aquela dose letal de radiação?

A rep suspirou e sentou-se no chão.

– O que aconteceu, Gabi?

Silêncio.

– Conta-me o que aconteceu. Quero entender. Tenho a certeza de que há um motivo.

Silêncio. Era ridículo estar a falar para o vazio.

– Se calhar é por causa disto – sugeriu Yiannis, que entrava no quarto. – Encontrei todo este lixo no cesto do comilão.

Uma chave, um pequeno tigre de plástico, um bocado de fita de cetim vermelho, uma pulseira de criança, uma colherzinha... e o pente que Bruna já tinha visto na mochila de Gabi. Todos os objetos estavam presos uns aos outros com bocados de cordel desfiados e roídos. Também se viam marcas de dentes e de baba seca na fita de cetim. *Bartolo* comera os estranhos tesouros da pequena russa.

– Ah, estou a perceber. O comilão roubou as tuas coisas e tentou comê-las. É isso, não é?

Silêncio.

Bruna pousou os restos imundos no chão, mesmo à beira da cama.

– Não leves a mal. Embora fale, é bastante estúpido. É como uma criança pequenina. Além disso, tem aquele impulso incontrolável de comer. Por isso lhe chamam comilão. É a natureza dele. Não consegue evitar. Acontece-nos a todos, não é? Muitas vezes não conseguimos evitar fazer o que fazemos. Está na nossa natureza.

Silêncio. Qual das duas morreria primeiro, Gabi ou ela?

– Olha, vou levantar-me e afastar-me. Vou juntar-me a Yiannis ao pé da porta. Podes vir buscar os teus tesouros, se quiseres.

A rep fez o que tinha dito e juntou-se ao arquivista no umbral. Decorreu um minuto longuíssimo sem que nada acontecesse. Depois, a mãozinha da miúda apareceu de baixo da cama e apanhou os objetos a toda a velocidade, como um pintainho esfomeado a debicar

a comida. Ouviram-na arrastar-se de novo até à parede. Nesse momento entrou uma chamada no telemóvel de Bruna. Era Lizard. O coração da rep deu um batimento extra.

– Olá, Husky. Como estão a correr as coisas com a tua pequena russa? – perguntou o inspetor.

– Muito bem. O que queres?

Porque era tão cortante, porque ficava nervosa, porque era tão bruta, porque era tão fraca com Lizard?

O polícia franziu a boca numa expressão de aborrecimento:

– Bom, não me parece que estejam assim tão bem. Há bocado lembrei-me de inserir no computador o localizador da criança e dar uma vista de olhos à biografia dela. O tédio devia ser muito. O facto é que soube que ela te mordeu e que vocês foram às urgências; também percebi que a miúda esteve exposta a doses elevadas de radioatividade e que está a morrer.

Bruna engoliu uma saliva que soube a amargo.

– Magnífico. Excelente. Se querias impressionar-me com as tuas capacidades detetivescas e com a tua habilidade para ficares a par de tudo, asseguro-te de que me impressiona muito mais essa tua falta de respeito para com a intimidade alheia.

Lizard franziu o sobrolho:

– Espera. Para um bocadinho. Vais sempre depressa demais. Cometes sempre o mesmo erro. Ainda não acabei. A história da radioatividade surpreendeu-me, calculo que tal como a ti, de modo que entrei na Rede do Ministério da Indústria para seguir a participação nuclear. E é aqui que vem o mais importante: não havia nenhuma participação referente ao caso de Gabi.

– Não havia, como? O médico disse-me...

– O médico fê-lo. Verifiquei isso. O hospital ativou o protocolo de episódio nuclear e o ministério foi avisado. No entanto, a dada altura do trajeto entre o sistema do hospital e o do ministério, o caso da miúda desapareceu. Nessa altura voltei à sua biografia... e a informação relativa à radiação também tinha desaparecido! Entrei no sistema do hospital... e, surpresa, não havia vestígios da participação. Em vinte minutos apenas, enquanto eu estava ligado, mais alguém na Rede tratou de apagar tudo. Um *hacker* invisível, impenetrável. Alguém de quem não consegui seguir o rasto com as ferramentas defensivas que temos na polícia. Era isto que te queria contar. Não estava a telefonar para te impressionar, Bruna; estava a telefonar para te avisar... – esclareceu Lizard, o rosto carnudo parecendo genuinamente preocupado. – Tem cuidado – acrescentou, num sussurro quase terno que furoi os tímpanos de Bruna como um berbequim, e desligou sem esperar pela resposta.

Enfim, uma cliente com dinheiro, pensou a rep, entrando no *scanner* daquela entrada luxuosa. Uma vez que não trazia quaisquer armas, a porta de correr, de vidro blindado, abriu-se sem problemas.

– Bem-vinda, Bruna Husky. Elevador três, por favor – indicou o intercomunicador.

De qualquer forma, era o único elevador aberto. Quando Bruna entrou, começou a subir sozinho. Não se viam quaisquer botões ou outras indicações, mas o prédio tinha dez andares (contara-os do passeio) e, pelo tempo que demorou a chegar, calculou que subira até ao penúltimo ou último. A senhora Rosario Loperena só lhe facultara o número da porta. As portas abriram-se e a rep deparou com um robô doméstico antropomórfico com cerca de um metro de altura. Uma vez que o *design* antropomórfico se revelara ineficiente em robôs, não havia dúvidas de que aquela pequena engenhoca só devia servir para receber e acompanhar à saída os convidados de uma forma elegante.

– Bom dia, Bruna Husky. Por favor, segue-me – cantou a engenhoca, que começou a andar sobre as suas perninhas curtas, corredor afora. Atravessaram salas com grandes vidraças sobre a cidade e o parque vizinho, depois mais corredores, novamente salas e escritórios e, por fim entraram num aposento não muito grande, pintado de azul-escuro e na penumbra. Pequenas urnas transparentes alinhavam-se ao longo das paredes e algo dentro delas emitia pequenos clarões de fogo cristalino.

– Por favor, espera aqui, Bruna Husky. A senhora Loperena virá imediatamente.

Diamantes. As urnas continham diamantes. Uma gema em cada vitrina, e havia umas vinte. Husky olhou em volta sem ver nenhuma janela; o aposento era blindado. Na realidade, estava dentro de uma caixa-forte. Observou as urnas com mais atenção e reparou que todas elas exibiam, para além dos diamantes, o pequeno retrato de uma pessoa. Nalguns casos eram hologramas; noutros, fotografias antigas. Rosario Loperena, viúva recente de Alejandro Gand, reviu mentalmente Husky, recordando os dados que lera à pressa na Wikipédia ao receber a chamada nessa mesma manhã. Depois das informações preocupantes que Lizard lhe dera no dia anterior, a androide pensara em passar no hospital para ver o médico, mas a viúva parecia ter muita urgência em falar com ela e a rep não estava em situação de desprezar um cliente, muito menos tratando-se de alguém tão rico. Rosario Loperena, de família aristocrática, com dinheiro próprio; casada em segundas núpcias com Gand, diretor regional da Texaco-Repsol durante mais de vinte anos, reformado há seis meses e falecido havia quatro semanas num acidente com o seu *minijet*. Bruna questionou-se quanta riqueza seria preciso ter para possuir um *minijet*; não só pelo preço do pequeno veículo privado, um híbrido entre avião e carro, mas, sobretudo, para poder adquirir o caríssimo carburante necessário.

– Vejo que estás a admirar a minha galeria de antepassados.

A rep voltou-se. Rosario Loperena tinha uma idade indefinida e uma cara bastante esquisita. Que estranho

uma mulher da sua posição ter feito uma cirurgia tão desastrosa, embora Husky soubesse que algumas pessoas continuavam a cortar-se, a encher-se e a esticar-se vezes sem conta, até se transformarem em verdadeiros estafermos.

– Bruna Husky – disse a mulher, como se estivesse a atribuir-lhe o nome e não a perguntar-lho.

Altiva, muito altiva. Dessas pessoas que pareciam olhar de cima mesmo para as pessoas que eram muito mais altas do que elas.

– Com efeito. E tu és Rosario Loperena, suponho.

– Quem mais havia de ser? Com certeza que já viste a minha cara, e deves pelo menos ter consultado a Wikipédia antes de vir.

– Como é evidente – concordou Bruna, evitando mencionar que nas imagens Rosario tinha um aspeto bastante mais natural, o que provavelmente só significava que aquelas haviam sido modificadas para encobrir os retoques cirúrgicos que escondiam a decadência própria da idade. O mundo era um jogo louco de aparências. – Disseste que era a tua galeria de antepassados?

– Sim. A minha família, como decerto saberás, é antiquíssima. A minha mãe pediu para que, depois de morrer, as suas cinzas fossem transformadas num diamante artificial. Há uns anos, o meu marido teve a ideia de exumarmos os restos mortais de todos os meus antepassados, cremá-los e transformá-los em diamantes. O coitado não sabia que depressa estaria também ali...

O rosto esquisito da mulher enrugou-se ligeiramente no que podia ser tomado por uma expressão de desgosto.

– Julguei que nunca tinham recuperado o corpo...

do teu marido. Li que o *minijet* chocou e se incendiou...

– É verdade. Foi quase tudo destruído, mas encontrámos algumas partes completas, entre as quais um dos braços. Mandeí fazer o diamante a partir desses resíduos, acrescentando alguns pedaços do *minijet*, na esperança de que contivessem fragmentos do coração e do cérebro do meu marido. Embora não seja importante, o diamante continha parte do veículo. O Alejandro gostava muito do seu *minijet*.

Husky olhou para ela, incrédula. Todavia, a mulher falava a sério.

– Porque falas do diamante no passado?

– Roubaram os restos mortais de Alejandro. Levaram o diamante – explicou Rosario, apontando com um gesto dramático para uma urna vazia em que Husky não tinha reparado.

A androide aproximou-se. Era uma vitrina como as outras, aparentemente intacta, mas lá dentro não se via nada. Nem diamante, nem fotografia.

– Levaram também a fotografia?

– Ainda não a tinha posto aí. O que te aconteceu ao braço?

A ligadura que lhe tinham colocado no hospital era bastante aparatosa e Bruna arrependeu-se de não a ter trocado por um penso mais discreto.

– Fui mordida por uma ratazana numa Zona Zero.

– Hum, é perigoso. As ratazanas costumam transmitir doenças nojentas.

Bruna ignorou-a.

– Tocaram em alguma coisa, tu ou qualquer outra pessoa?

– Não. Estava assim esta manhã. As vitrinas têm um fecho eletromagnético atrás de cada uma das urnas que

se ativa ao digitarmos um código. O código é o mesmo para todas, 0302. É o dia do meu aniversário.

– E o alarme não disparou?

– As urnas não estão ligadas ao alarme. Na realidade, os diamantes artificiais são baratos, embora o seu valor sentimental seja incalculável. Por isso é tão estranho terem roubado o do meu marido. Só esse. Porquê, para quê?

– E, no entanto, estão guardados dentro desta espécie de caixa-forte...

– Sim, e a sala blindada tem alarme. Não disparou e não forçaram a entrada. Alguém sabia como entrar e isso não é nada fácil. O código da sala é alterado aleatoriamente todas as semanas. O mais estranho é que nessas caixas que estão na parede há joias muito mais valiosas do que os diamantes e não lhes tocaram. Apesar de ser uma boa coleção, garanto-te. Sabes como é, nunca temos joias suficientes nem somos suficientemente magras.

– Quem conhece a existência desta sala?

A mulher deu uma gargalhada artificial. Vestia um fato de seda iridescente de inspiração chinesa, de gola alta, mangas até aos pulsos e saia até meio da perna, que se ajustava como uma segunda pele ao corpo esquelético. Só de olhar dava calor, embora dentro de casa estivesse uma temperatura perfeita.

– Meia Madrid já aqui esteve, querida... Costumávamos trazer os convidados depois do jantar para verem a galeria dos antepassados. Nem toda a gente se pode gabar de conhecer doze gerações antes da sua... Isso são uns trezentos e sessenta anos. Sabes que só nos separam setenta gerações do nascimento de Jesus? Se é que nasceu quando dizem. Os antigos eram

bastante imprecisos. E tu, quantos antepassados conheces? Ai, ui, desculpa, sou tão distraída, ah, ah, ah!

Loperena fez um círculo com os seus lábios recauchutados e tapou a boca num gesto hipócrita e idiota que parecia ter sido tirado dos filmes arcaicos do início do cinema. Bruna rugiu em silêncio. A grandessíssima cabra! Fizera aquilo de propósito.

– Porquê eu? – grunhiu Husky. – Porque recorreste a mim? Porque não chamaste a polícia ou uma agência de detetives de renome?

Loperena levantou-se e os seus olhinhos relampejaram.

– Porque desconfio de que pode ter sido alguém próximo e talvez não me apeteça que a polícia saiba o que aconteceu. E porque acho que uma tecno-humana sem dinheiro e quase sem clientes seria mais recetiva aos meus desejos e às minhas necessidades. Eu também consulto a Wikipédia, querida.

Inteligência e maldade. Era tudo o que havia naquele rosto quando deixava de se esconder atrás dos trejeitos idiotas.

Depois de sair do apartamento de Loperena, Husky verificou que no telemóvel se amontoavam cinco chamadas não atendidas, todas de Yiannis. Resfolegou, contrariada, mas sentiu-se obrigada a responder. Teve saudades dos seus tempos de solidão total, vivendo como um condenado à morte dentro da cela do seu corpo numa existência breve, seca e tranquilizadora, completamente à margem dos outros seres vivos. O arquivista surgiu no ecrã, desganhado e abatido.

– Gabi continua sem sair de baixo da cama. Ontem à noite levei-lhe o jantar e esta manhã, o pequeno-almoço. Nada. Nem tocou na comida. Não sei o que fazer.

Bruna diagnosticou-lhe um estado de melancolia tolerável, não suficientemente agudo para que a bomba de endorfinas entrasse em funcionamento. Já estava a apanhar o truque hormonal.

– Hum... Está bem. Já aí vou.

E a si? Quem a diagnosticaria? Quem se preocuparia consigo? De repente sentiu-se sufocada por tantas responsabilidades. Tinha de ver o que faria com o raio da miúda e com o frágil Yiannis; precisava também de investigar a história da participação nuclear desaparecida; e, já que se lembrara disso, de deslindar como Gabi recebera tal quantidade de radiação. No entanto, a primeira coisa a fazer era dedicar-se ao caso Loperena. Não parecia um trabalho muito excitante, mas era o único que tinha e no banco só lhe restavam quatro mil gaias. Ainda por cima, marcara a primeira

consulta com o tátil para daí a algumas horas e não podia faltar; a sua licença estava em jogo. Como se não bastasse, depois da briga com a pequena russa levava *Bartolo* para sua casa, onde o deixara sozinho, e agora precisava de determinar se houvera estragos. A rep inspirou fundo, tentando desfazer o incomodativo nó de ansiedade. Um passo de cada vez, aos poucos, como dizia Merlín. Primeiro a miúda. Depois, o tátil. Mais tarde trataria do diamante desaparecido.

A caminho da casa de Yiannis, fez um pequeno desvio e passou pelo hospital. Para sua surpresa, o médico que a atendera estava de baixa por tempo indefinido e incontactável. Perguntou pelo auxiliar de ação médica e informaram-na que se demitira. Pediu para ver o seu próprio registo nas urgências e, de facto, estava lá tudo menos o assunto da radiação da criança. Lizard tinha razão; era muito inquietante.

Não querendo amargurar a felicidade efémera provocada pelos químicos, não contou nada daquilo ao arquivista, que encontrou a esvoaçar pela casa, imerso num momento de loucura.

– A menina continua ali, sem sair. O que, por outro lado, é muito cómodo, porque é uma criatura bastante maçadora. Tê-la quieta e caladinha debaixo da cama é um alívio! – comentou Yiannis, rindo.

A rep entrou no quarto, que continuava impoluto e arrumado, e sentou-se no chão. Diante dela, alinhados em formação perfeita, estavam um copo com água, um prato com uma sanduíche de algas e tofu, uma taça com fruta e outra com flocos de cereais, entretanto transformados numa pasta compacta e leitosa. Tudo intacto.

– Não estás a pensar comer mais, Gabi?

Silêncio.

– E quanto a sair daí?

Silêncio.

– Se não comeres, vais acabar por morrer.

Silêncio.

– Sabes o que é morrer?

OuvIU-se uma espécie de sopro.

– Bom, deduzo que sim. Deixa-me ver; acho que os flocos de cereais estão asquerosos, mas a fruta e a sanduíche ainda têm bom aspeto. O que queres em troca de comeres a sanduíche? Se o que me pedires for razoável, posso dar-to.

Silêncio.

– Nem sequer precisas de sair daí. Uma sanduíche come-se em qualquer lugar.

Silêncio.

– Vá lá. Deves querer alguma coisa. Pede e fazemos um acordo.

– Quero que me contes uma história – disse uma vozinha desmaiada.

– O quê?

– Conta-me uma história.

Uma recordação iluminou-se no cérebro da androide: a lembrança, forte e emocionante, da mãe a contar-lhe uma história antes de dormir; da mãe junto à cama, na penumbra, banhada pela luz do corredor; da mãe a cheirar a chuva, a relva acabada de cortar e a primavera; da mãe a afugentar os monstros noturnos e a aquietar o mundo com as suas palavras. Tudo bastante comovente, exceto pelo facto de ser uma recordação falsa, uma memória implantada artificialmente no seu cérebro. Todos os tecno-humanos recebiam um conjunto de reminiscências infantis;

embora soubessem ser falsas, demonstrara-se que ter uma biografia consolidava e estabilizava a personalidade do androide. As memórias padrão, escritas para os reps pelos memoristas profissionais, eram mais ou menos risonhas, simples e convencionais e só tinham quinhentas cenas; supunha-se que era o número adequado para adquirir uma consciência plena. Porém, Bruna recebera uma memória especial, muito mais vasta, dura e complexa, porque o seu memorista decidira implantar-lhe as suas próprias memórias pessoais; aquela mulher bonita e forte de quem Husky se lembrava agora fora a mãe de Pablo Nopal. Husky ainda se ressentia de tal facto, que a transformara num ser diferente de todos. Num monstro entre os monstros.

– Uma história? Bom, está bem. De acordo. Uma história em troca de uma sanduíche.

Bruna esgaravatou então a doçura daquela lembrança para resgatar a história que a mãe lhe contava uma e outra vez, noite após noite inexistentes e, no entanto, tão reais. Sabia-a de cor e a repetição era uma das qualidades mágicas do conto, uma das condições que faziam dele um talismã. Reproduzi-la-ia tal e qual, com as mesmas inflexões, com palavras idênticas, com a eloquência sedutora dessa mãe que nunca fora a sua. Era fácil. Como começava? Era a história do gigante e do anão. Sim, isso mesmo.

– Era uma vez um gigante e um anão...

Como era a história? Como continuava? Pelo grande Morlay, como era possível não se lembrar? Via a mãe, a sua silhueta rodeada de luz, sentia o peso das pálpebras, a suavidade com que o sono se apoderava dela... E ouvia as palavras, as sílabas a escorregarem por entre os lábios da mãe! Ouvia as palavras, mas não

entendia a história. Era como tentar agarrar um peixe fugidio; via o brilho das escamas entre a espuma da água, mas não conseguia visualizar o animal na totalidade. Um gigante e um anão, um gigante e um anão, um gigante e um anão...

– Era uma vez um gigante e um anão – repetiu, hesitante.

Por todas as malditas espécies! A história não estava lá! Não estava lá! De repente, Bruna compreendeu o que se passava. Nunca aprendera a história! Aquela nunca fizera parte das memórias implantadas pelo seu memorista. Nopal limitara-se a inserir a cena, as emoções, o significado do momento, mas não se dera ao trabalho de partilhar a história com a pequena androide. Para quê, se na realidade ela não existira em criança? Uma dor lancinante cravou-se-lhe no peito. Nas grandes mágoas o coração dói a sério.

– És muito má a contar histórias – comentou a vizinha aborrecida da pequena russa. – Acho que já não me interessa o acordo.

Bruna calou-se, concentrada em respirar apesar da opressão que sentia. Estava coberta de suores frios.

– Espera... Dá-me um minuto – balbuciou.

Silêncio.

E agora? E agora?

Agora teria de inventar, de imaginar alguma coisa. O gigante e o anão. Habitantes do paraíso imaginário da infância. Dessa meninice calorosa e feliz onde não existiam a morte, a perda ou a solidão.

– Vamos começar de novo – suspirou. – Desta vez a sério – reforçou, limpando a garganta. – Era uma vez um gigante e um anão. Estou a falar do princípio de todas as coisas, antes do começo do mundo. Antes de tu

nasceres, antes de terem nascido os teus pais e mesmo antes de ser inventada a palavra *antes*, porque no lugar de que falo o tempo não existia. Esse mundo antigo era um jardim com as flores sempre abertas. O sol brilhava imóvel na mesma esquina do céu e, do lado oposto, baloiçava a lua, meia fatia de gelo sobre um fundo azul. Não fazia frio, também não fazia calor e bastava respirar o ar perfumado para todos se sentirem saciados e sem necessidade de água ou de alimentos. Por isso a pantera era mansa e brincava às escondidas com os coelhos, e o urso tomava banho no rio e deixava que os salmões lhe coçassem as costas com a cauda.

– E o gigante e o anão? – protestou a vizinha.

– Já lá vou, já lá vou. Não sejas tão impaciente. Este mundo pacífico e perfeito era habitado por seres duplos formados por um anão e um gigante. Ou uma anã e uma gigante, já que naquele tempo não existiam géneros sexuais e, por isso, também não se notava a tensão sexual, embora tu talvez ainda não saibas o que é...

– Em Dzerzhinsk eu lutava muitas vezes com os rapazes. Ganhei todas as lutas, menos uma – mencionou a vizinha com orgulho.

– Bom, neste mundo primordial não havia rapazes com quem brigar. Tenta imaginá-lo, se conseguires. Aqueles seres duplos eram criaturas puras e inocentes que viviam com doçura num presente perpétuo. Cada um dos anões ia às cavalitas do seu gigante e nunca se separavam: o liliputiano contribuía com a sua inteligência, imaginação e subtileza; o grandalhão era todo ele serenidade, sensibilidade e coragem. Complementavam-se de tal forma e eram tão unidos que não precisavam de falar. De facto, as palavras nem

sequer existiam. Cada anão cavalgava o seu gigante como se fizesse parte de si próprio. Nunca se sentiam sós, não conheciam a tristeza. Amavam-se tão completa e perfeitamente que nenhum deles necessitava de mais amor. Isso sim, não conseguimos imaginar.

Bruna calou-se, espantada consigo mesma. De onde saíam aquelas imagens, aquelas histórias, as palavras? Sobretudo as palavras. Aquele encadeamento verbal fluido, aquela torrente melodiosa que lhe saía da garganta, a ela, sempre tão seca, tão pobre a expressar-se, tão fechada. Era como se outra pessoa estivesse a falar pela sua boca. Não sabia o que diria antes de o proferir.

– E depois? – impacientou-se a menina.

– Já lá chego. Existiam muitos seres duplos nesse mundo. Ninguém se dera ao trabalho de os contar porque, num lugar fora do tempo e do espaço, os números não tinham qualquer sentido. De facto, os seres duplos quase não se relacionavam uns com os outros porque cada par era autossuficiente. Viviam na simplicidade da felicidade absoluta. Não existindo o tempo, também não existia o passado e eles, como é óbvio, não possuíam memória. Não tinham qualquer recordação.

– Nenhuma?

– Nenhuma – repetiu a rep, estremecendo. Como ela ao nascer, ou melhor, ao ser ativada; como ela seria, se não lhe tivessem implantado memórias falsas.

– Isso é estranho – notou a pequena russa.

A androide suspirou. Estava na hora da sua consulta com o tátil.

– É estranho, sim, e foi o início da catástrofe. Mas contar-te-ei mais noutro dia. Agora tenho de sair.

Cumpra a tua promessa e come.

Depois de um breve silêncio, uma mão pequena e suja saiu de baixo da cama e pegou na sanduíche.

– Não queres beber? – perguntou a rep, empurrando um pouco o copo.

– Tenho um cantil – respondeu a pequena russa com a boca cheia.

Husky sorriu. Ah, a grande teimosa... Metera-se debaixo da cama com uma reserva de água. Sabia que podia resistir muito tempo sem comida, mas não sem bebida. Era uma guerreira em ponto pequeno, uma sobrevivente. No entanto, sucumbiria à radiação. Três anos, dez meses e nove dias. A androide levantou-se.

– Quando é que voltas? – perguntou Gabi.

Fizera-lhe um nó. Ao levantar-se, a rep descobriu que a parte de trás da bainha da sua camisola estava atada com um nó: um pedacinho de cordel prendia-lhe um bocadinho do tecido. A miúda devia tê-lo feito subrepticiamente enquanto Bruna contava a história. Que habilidade inacreditável, que mãos de prestidigitadora ou de ladra devia ter para conseguir fazer aquele nó sem chamar a atenção geneticamente reforçada da tecno-humana.

– Quando é que voltas?

– O mais depressa que puder.

– Estás atrasada – disse o homem.

Sem agressividade, como quem anuncia um facto incontestável.

– E tu não és Daniel Deuil – respondeu Bruna.

Evidentemente, ela informara-se na Wikipédia sobre o apalpador; sabia que era um homem maduro, de sessenta e dois anos, cujo aspeto rejuvenescido era resultado de uma boa cirurgia. Aquele humano, contudo, parecia realmente jovem. Além disso, não eram nada parecidos. Deuil era caucasiano e o homem à sua frente possuía traços bem mais orientais.

– Sou, sim. Talvez estejas a confundir-me com o meu pai. Temos o mesmo nome, somos ambos tácteis e ele é mais famoso do que eu, como é evidente... Se preferes ser tratada por ele, posso encaminhar-te, embora a sua agenda esteja cheia. Terás de esperar, pelo menos, uns dois meses.

Dois meses era demasiado; não poderia trabalhar no caso do diamante roubado. Além disso, era-lhe indiferente quem lhe tocaria.

– Não. Tanto me faz. Começemos.

O tátil sorriu com suavidade. Era um pouco mais baixo do que Husky, de uma magreza atraente, ombros retos e ancas estreitas de bailarino. Tinha a pele muito branca e o cabelo, liso e preto, apanhado no alto da cabeça como um samurai medieval. Bruna calculou que teria pouco mais de trinta anos. A mesma idade que a sua, embora, muito provavelmente, fosse viver mais setenta anos. Daniel Deuil, filho de Daniel Deuil. Com

um pai real, de carne e osso, um progenitor com o mesmo nome, o mesmo sangue. Com genes partilhados e memórias autênticas. A rep apertou os maxilares num acesso de raiva e de mágoa.

– Calma. Devagar. Não temos pressa. Estamos aqui para entrar no tempo do corpo. Que é diferente e mais lento – indicou o tátil.

O tempo do corpo. Pelo grande Morlay. Embora com dificuldade, Bruna conseguiu conter um resfolegar sonoro e depreciativo. Deuil olhava atentamente para ela.

– Estás muito tensa. E descontente. Neste momento sou eu o objeto da tua ira. Acho que costumavas transformar as tuas emoções em violência.

Aquele tom de oráculo! A androide indignou-se.

– Pois, pois, tudo o que disseste vem no meu historial. Supõe-se que venho cá porque não controlo a minha agressividade – retorquiu, num tom de gelo.

O apalpador desatou a rir, revelando uma fileira de dentes deslumbrantes, afiados, perfeitos. Era um homem atraente, teve de reconhecer Husky de má vontade. Quando lhe abriu a porta, impressionaram-na os olhos achinesados, profundos, elétricos. De um azul muito escuro, quase preto.

– De facto, acabas de o demonstrar – respondeu a Bruna de forma amigável. – Achas-me uma fraude, um charlatão. Vens por obrigação e tens a certeza de que é uma perda de tempo. É possível, quem sabe. Pode não te servir de nada. No entanto, a viagem que temos de empreender é um trajeto comum. Se não colaborares, não chegaremos a lado nenhum.

Era justamente isso que a rep queria mas, prudente, calou-se. O consultório do tátil era uma sala de

tamanho médio. Embora ainda fosse dia, a janela estava coberta por um estore opaco e a luz do quarto, suave e indireta, estava acesa. Num dos lados, sobre uma prateleira que percorria a parede de um lado a outro, uma longa fileira de velas acesas. Aromatizadores de incenso, flores naturais numa jarra. Uma marquesa coberta com uma manta suave e esponjosa de tecido omaá. As poltronas suaves e antropocinéticas nas quais se sentaram adaptaram-se na perfeição à forma dos seus corpos. Ouvia-se uma suave música de fundo semelhante ao ruído do mar. Bruna suspirou, um pouco mais calma. No pequeno vestíbulo à entrada do apartamento vira outra porta. Talvez fosse o consultório do pai.

– Está bem – admitiu num tom de voz fatalista, como quem se rende ao inimigo.

Daniel voltou a sorrir, um pequeno gesto que tanto podia ser acolhedor como pretensioso. Husky ainda não sabia bem o que pensar do apalpador. Lábios finos, maçãs do rosto altas, face imberbe, como tantos orientais. Deuil fez um movimento com a mão e as luzes apagaram-se. Só ficou a claridade dançarina das velas.

– Deita-te de costas na marquesa, por favor.

Bruna obedeceu. Nos seus dois anos obrigatórios de milícia fora tratada algumas vezes por fisioterapeutas que, contratados pela companhia, tentavam remediar as lesões frequentes dos androides de combate. No entanto, pelo que ouvira contar, os apalpadores funcionavam de maneira diferente. O teto do quarto iluminou-se com a projeção tridimensional de uma praia ao entardecer. O mar ondulava sobre a cabeça dela e o som das ondas era agora mais audível.

– Isto é como ir à fisioterapia – mencionou a despropósito, por pura inquietação, ao instalar-se na marquesa.

– Não estás muito longe. Sou uma espécie de fisioterapeuta da alma.

– Não acredito na alma – resmungou Bruna.

– Bom, chama-lhe o que quiseres. Preferes o termo *kuammil*? É um conceito que me agrada.

O *kuammil*, sim. Uma palavra dos omaás, uma das três espécies alienígenas com que os humanos contactaram através do teletransporte. O *kuammil* era o princípio indefinível e inapreensível da identidade, a intimidade no seu grau mais pleno e transparente, e a capacidade de interagirem uns com os outros através desse nada invisível e maravilhoso. Bruna calou-se. O mar sussurrava a sua canção líquida por cima dela. Deuil levantara-se da poltrona e devia estar atrás de si; Husky não o conseguia ver. Os segundos passavam com uma lentidão preguiçosa, e depressa se transformaram em minutos. As ondas mansas do teto produziam um efeito hipnótico. Husky fechou os olhos, sonolenta; logo a seguir, porém, abriu-os de chofre, um pouco agitada, quando de repente se consciencializou de uma sensação de calor que sentia nas orelhas há já algum tempo. Um calor que aumentava.

– Calma... – murmurou o tátil, muito perto, e Bruna sentiu as suas pulsações subirem em flecha.

A rep apercebia-se agora de que o homem tinha as mãos de ambos os lados da sua cabeça, a cerca de cinco centímetros de distância e com as palmas voltadas para ela. Era daí que parecia derivar o calor que agora se espalhava pelo pescoço e pela linha da coluna vertebral. Um calor agradável, não fosse tão

inquietante. Porque lhes chamariam tácteis se, na realidade, não havia toque? Pouco a pouco, Bruna voltou a relaxar, a sentir-se entorpecida. Fechou os olhos e sentiu que o calor descia como um arrepio pelos braços. Uma inundação de tibieza. E foi só então que o apalpador lhe tocou. Agarrou-lhe nas mãos e voltou suavemente as palmas para cima, sem que ela o impedisse, com os olhos fechados, às vezes meio adormecida, outras, totalmente desperta. Sentiu as mãos dele a cobrir as suas. Quentes e secas. Suaves e duras. Palma contra palma, imprimindo uma ligeira pressão. Um roçar que aumentava, que fundia pele com pele, até Bruna deixar de saber onde começava ele e onde acabava ela. A androide flutuou na marquesa com a mente cheia, inundada por um tumulto de imagens. Os lábios da mãe a beijá-la na testa. Os lábios de Merlín a beijá-la nos lábios. O pai levando-a às cavalitas e ela tão segura e tão feliz lá em cima. A mãe, à noite, banhada de luz, a contar-lhe a história do gigante e do anão. Recordações fictícias, reminiscências incrustadas no seu cérebro por um *chip* de memória artificial; e, no entanto, nada diferenciava a sua substância e o seu poder de evocação da memória real de Merlín, dos lábios de Merlín, da dor da ausência dele. Nesse momento, porém, as imagens puseram-se a vibrar estranhamente e começaram a deformar-se; as figuras despedaçaram-se e as cenas apagaram-se como desenhos na areia, destruídos por uma onda; de súbito, na mente de Bruna só havia trevas, um abismo escuro em direção ao qual começou a cair. Gritou, abriu os olhos e encontrou os do apalpador, que, inclinado sobre a marquesa, continuava a tocar-lhe nas mãos. Nesse momento, os olhos de Deuil eram negros, tão negros

como o abismo de onde saía. Bruna mergulhou neles e sentiu, nesse perder-se dentro do outro, um estranho refúgio.

– Calma... – indicou o tátil, soltando-a e erguendo-se. – Já passou. Sentes-te bem?

A luz acendeu-se. Husky estava atordoada, assustada, irritada consigo por se ter descontrolado tanto.

– Sim, estou ótima. Embora tenha sido estranho. Não sei o que se passou comigo. Se calhar fiquei nervosa. Não voltará a acontecer.

O apalpador sorriu, com aquela expressão ao mesmo tempo apaziguadora e prepotente.

– A sério, Husky? Ainda não aconteceu nada. Isto é só o princípio.

Os longos bigodes ruivos e entrançados de Virginio Nissen, o psicoguia, encheram o ecrã do telemóvel de Husky.

– Olá, Nissen, desculpa incomodar-te. Tens dois minutos? Queria fazer-te uma pergunta. Lembras-te da russa, a criança que está à minha guarda?

– A miúda a quem costumás referir-te como «monstrinho»?

Bruna sentiu-se pouco à vontade ao ouvir as suas palavras reproduzidas pelo psicoguia.

– Hum, essa, sim. Acontece que a miúda tem a mania de prender tudo com um cordel. Ou seja, anda com uma fiada de coisas inúteis penduradas num cordel, atadas com um nó umas às outras, dentro da mochila: um pente, um caramelo, uma chave... E essa fiada de objetos parece ser importantíssima para ela. Mordeu-me quando quis vê-los e pendurou o comilão no teto, preso por uma pata, quando ele lhos tentou comer.

– Estou a ver.

– Até me fez um nó a mim, na bainha da camisola, sem que eu me desse conta. Claro que não me pendurou no fio dela; no meu caso tratou-se só de um pedacinho de cordel. Mas o nó está lá. Não me atrevi a desatá-lo. Não compreendo porque o faz. Era isso que te queria perguntar, Nissen. Se sabes o que significa.

O psicoguia alisou os bigodes.

– Vamos lá ver, Husky; por que razão atarias alguém?

– Para que não pudesse atacar-me.

– Uma resposta muito tua. Mas não penses em combates ou em inimigos. Porque o atarias?

– Para que não fuja.

Nissen riu-se.

– Estás mais perto; no entanto, essa capa de agressividade com que observas o mundo ainda te cega. Ouve, a menina não se limitou a dar-te um nó a ti... Pelo que me explicaste, o cordel prende também todo o tipo de objetos e não apenas pessoas. Porquê, para quê?

A androide franziu o sobrolho e esforçou-se por refletir. Do ecrã, o psicoguia observava-a com o mesmo olhar encorajador com que uma mãe anima o seu bebé a dar os primeiros passos.

– Para... para que não se percam.

– Para que não se percam. É isso, Husky. É o que julgo ser a resposta. Imagina as perdas que essa miúda terá sofrido na vida para desenvolver semelhante estratégia.

Com a ponta dos dedos, Bruna roçou o nó que ainda não desatara da camisola. Também a amarrara a ela. Talvez Gabi não quisesse perder o resto da história, ou talvez fosse uma prova de carinho inesperada para com a rep. É possível que o amor dos monstros seja assim. Laços que prendem inutilmente, dentadas que doem e rasgam.

Depois do encontro inquietante com o tático, Bruna passou grande parte da noite a trabalhar no caso Loperena, com *Bartolo* a dormir enroscado nas suas pernas. Desde o incidente com a criança, o bubi andava apavorado e procurava constantemente a proteção de Husky. De facto, o comilão andava tão assustado e deprimido que, apesar das muitas horas que ficara sozinho, não cometera nenhuma tropelia, exceto babar-se e morder a ponta de uma toalha.

Antes de mais nada, e graças às ferramentas de localização e descriptação que possuía, conquanto não fossem totalmente legais, Bruna reviu os relatórios policiais sobre a morte de Alejandro Gand, uma tarefa pouco complicada. O caso, já fechado, fora considerado um acidente e os documentos estavam arquivados com o código de segurança mínimo. A queda do *minijet*, um aparelho com cerca de oito anos, fora atribuída à fadiga dos materiais, a parafusos que não aguentaram a tensão e a revisões mal feitas. Os *minijets* eram uns trastes estúpidos que costumavam danificar-se amiúde, pelo que o resultado da investigação não era surpreendente. O acidente, esse sim, fora aparatoso e catastrófico. Segundo parecia, o veículo perdera um leme da asa, virara-se e acabara esmagado contra um muro. Estava cheio de combustível e o impacto fizera o gás propano explodir. Exceto alguns restos dispersos, tanto o *minijet* como o corpo de Gand ficaram completamente carbonizados, ou melhor, quase volatilizados devido à força da explosão. Felizmente, o desastre dera-se às três

da manhã numa zona solitária e industrial e não houvera outras vítimas a lamentar.

Depois, a tecno releu a biografia do antigo executivo até onde conseguiu descriptá-la; seguiu-lhe o rasto nos anais da Texaco-Repsol, nos meios de comunicação, em todos os documentos gráficos públicos e nalguns privados que conseguiu encontrar. Cada vida arrastava atrás de si uma enorme quantidade de informação. Bruna levou horas a lê-la, a filtrá-la. Apetecia-lhe imenso tomar um copo de vinho branco, mas teria de se levantar para o ir buscar e tinha pena de acordar o comilão, que ressonava placidamente no seu regaço. Bom, pouparia o fígado, pensou a rep. Como Yiannis costumava dizer-lhe, muitas vezes os bons sentimentos para com os outros não são mais do que uma forma de cuidarmos de nós próprios.

O que Husky procurava era uma hipotética amante de Gand; embora pudesse ser de qualquer um dos sexos, a intuição de Bruna indicava que devia ser uma mulher, e não só porque a trajetória do tipo parecia revelar uma acentuada heterossexualidade. Afinal, quem queria apanhar um diamante funerário de pouco valor, tendo naquela casa tantas outras coisas que roubar, a não ser por uma necessidade afetiva ou por um desejo de vingança sentimental? Fora também o que deduzira das palavras da viúva: «Desconfio de que pode ter sido alguém próximo e talvez não me apeteça que a polícia saiba o que aconteceu.» Bruna imaginou uma amante despeitada não admitida no funeral solene que, furiosa com a clandestinidade forçada, tivesse decidido ficar com os resíduos diamantinos de um homem que considerava mais seu do que da viúva oficial. A androide perguntara a Loperena se o marido a

enganava mas, como é natural, a mulher era orgulhosa demais para o reconhecer: «Terás de ser tu a descobrir isso.» E era o que Husky tentava fazer, embora sem ter ainda encontrado nenhuma pista sólida. Por fim, já em desespero, Bruna decidiu encontrar-se com antigo secretário pessoal de Gand na Texaco-Repsol, um homenzinho pequeno e cheio de medidas que, no arquivo de imagens, aparecia junto do diretor mais do que qualquer outra pessoa, incluindo a mulher. O que um secretário pessoal que passara duas décadas com o defunto não soubesse, ninguém saberia.

Acordando o comilão ao levantar-se da cadeira, Bruna bebeu três copos de vinho branco de seguida antes de se enfiar na cama e dormir um sono agitado e curto de quatro horas. De manhã, assim que os escritórios abriram, telefonou ao secretário, que se chamava Roberto Belmonte, e marcou um encontro para as onze. Era onde estava agora, sentada diante dele.

– Eu não sei nada acerca do roubo do diamante funerário. Nada de nada. Podes garantir isso à mulher dele em meu nome – repetia Belmonte pela terceira ou quarta vez.

Tinha uma cara de rato, vibrátil, inquieta e assustada.

Inquieta e assustada de mais. De que tinha tanto medo o secretário? Da fúria da viúva? Da sua vingança por ter sido cúmplice num possível adultério?

– Que eu saiba, durante o tempo em que trabalhamos juntos, o meu chefe nunca teve amantes. Se houvesse alguém eu saberia, até porque era o responsável pelas suas agendas, tanto a privada como a pública. Claro que não voltei a vê-lo, desde que se

reformou, há seis meses. Não sei o que pode ter acontecido desde essa altura.

Mentia. Husky vira imagens do secretário e de Gand nos últimos meses em receções oficiais e reuniões. Os dois haviam mantido o contacto. A androide esteve quase a confrontá-lo para ver como Belmonte reagia, mas alguma coisa a impediu. Estava admirada com a gaguez inesperada do secretário, com a sua agitação evidente e incompreensível. Por todas as espécies! Interrogá-lo sobre possíveis amantes do seu antigo e defunto chefe não lhe parecia assim tão grave, inquietante e perigoso. Ou seria?

Decidiu seguir a sua intuição. Agradeceu a Belmonte, apertou-lhe a mão suada e mole e foi-se embora. Saiu do enorme edifício corporativo sem hesitar, com um andar tranquilo mas seguro, como se soubesse exatamente para onde se dirigia, para que as câmaras de vigilância gravassem a sua marcha. Na verdade, sabia mesmo para onde ia. Como sempre, ao entrar na sede da Texaco-Repsol analisara de forma automática os arredores do edifício e guardara-os na memória, não fosse dar-se o caso de ter de sair à pressa. Lembrava-se agora de que, a uns setenta metros da porta, depois de atravessar a praceta e os tapetes rolantes, havia uma paragem do eléctrico aéreo. Aí chegada, sentou-se no banco comprido, um pouco escondida por um ecrã público. Era um bom lugar; via-se bem a entrada da Texaco-Repsol e a proteção da paragem resguardava-a do sol intenso, cuidado necessário porque a espera podia ser longa e, porventura, inútil. Bruna partia do pressuposto de que Belmonte se assustara tanto com a visita dela que iria tentar encontrar-se com alguém, mas era um tiro no

escuro. No entanto, não lhe ocorrera nada melhor que fazer, de modo que decidiu armar-se de paciência e esperar.

O banco corrido em que estava sentada esvaziou-se e encheu-se várias vezes com vagas sucessivas de passageiros, e a androide cada vez tinha mais dúvidas; decorridas mais de duas horas, só a teimosia obsessiva da sua intuição a mantinha no seu posto. E se o secretário não tivesse nada a esconder e fosse apenas um tipo nervoso e timorato? E se o medo que manifestava não fosse mais do que o temor que tantos homens fracos lhe tinham: à sua altura, ao seu crânio rapado, aos seus olhos de tigre, ao facto de ser uma rep de combate maldita e tatuada? Bruna resfolegou. Às vezes esquecia-se de que era um monstro.

Pela porta da Texaco-Repsol começou a sair uma multidão. Catorze horas, hora do almoço. Bruna ergueu-se, alerta. Sim, lá estava Belmonte. O secretário virou à direita e continuou rua acima. A rep levantou-se e seguiu-o pelo passeio contrário. Dois cruzamentos adiante, o homem enfiou-se num restaurante de comida rápida; Husky viu-o na fila, a encomendar alguma coisa e a pagar. Saiu com um saco térmico na mão e continuou o seu caminho. Contornou a esquina cem metros à frente, entrou num pequeno parque e sentou-se num banco; Bruna encolheu-se atrás de um arbusto de lilases, de onde conseguia ver Belmonte de perfil. O secretário retirara um recipiente do saco térmico e fingia comer; olhava em volta com olhos ansiosos e arregalados, com a colher de plástico suspensa no ar, a meio caminho da sua boca aberta de basbaque. A rep sorriu; o humano era péssimo a disfarçar. De repente, porém, o sorriso da rep crispou-se, o corpo ficou tenso e

sentiu-se em perigo. Alguém a observava. Sentia-o. Um sexto sentido avisava-a de que ela, a perseguidora, estava agora a ser perseguida. Olhou dissimuladamente em redor. Uma varredela de trezentos e sessenta graus. Não avistou ninguém suspeito. E, no entanto... Tem cuidado, avisara-a Lizard.

Nesse momento, um homem sentou-se na extremidade oposta do lugar ocupado pelo secretário. Belmonte quase deixou cair a embalagem. Husky voltou a sua atenção para o recém-chegado. Era mais para o baixo, de meia-idade, com um rabo de cavalo grisalho de tom pardacento que lhe caía pelas costas e um ar vagamente familiar. Alguma qualidade reconhecível que Bruna não estava a conseguir identificar. Tinha um perfil que ela já vira antes... O secretário, desajeitado e nervoso, pousou uma coisa no banco e depois cobriu-a com o recipiente. A seguir levantou-se e foi-se embora a toda a pressa. O estranho esperou calmamente alguns minutos, levantou-se, afastou o recipiente, guardou o que estava por baixo num dos bolsos, atirou o recipiente para um ecoponto e voltou-se para se ir embora.

Nessa altura Bruna pôde vê-lo de frente.

Uma lembrança emergiu-lhe do cérebro como uma rolha de cortiça da água.

Vira-o em criança em casa dos pais. Dos seus falsos pais. Era uma memória infantil das muitas que lhe tinham implantado. Sim, o homem estava mais velho, mais gordo e usava agora aquele rabo de cavalo delambido, mas era ele, sem dúvida. Chamava-se Yárnoz. Era isso mesmo, Yárnoz. Um amigo dos seus pais. Ou melhor, dos pais de Nopal. Uma vez que o seu memorista inserira nela as suas próprias recordações,

devia saber quem aquele tipo era.

Surpreendida com aquelas lembranças, Husky descurara a sua atenção. Só nesse momento se apercebeu, com alívio, de que já não se sentia observada. A cristação desaparecera; talvez fosse um falso alarme. Agitou os ombros num movimento semelhante ao dos cães quando querem descarregar o excesso de adrenalina e dispôs-se a seguir Yárnoz, que já desaparecia ao longe. Sempre na sua pegada, apanhou dois tapetes rolantes e, depois, o metro. Quarenta minutos mais tarde viu-o entrar num prédio da rua Bravo Murillo; esperou alguns instantes e aproximou-se da porta de entrada. A fechadura convencional de reconhecimento digital era um modelo muito simples; no telemóvel, foi fácil encontrar um programa desbloqueador. Encostou o ecrã ao buraco da fechadura e descarregou um milhão de impressões digitais emitidas a alta velocidade; o mecanismo só aguentou quinze segundos antes de piscar e de se abrir. A androide enfiou-se sem demora no prédio, que tinha uma entrada antiga e bem cuidada, claramente de uma habitação de classe média. De acordo com as caixas de correio, Yárnoz vivia no primeiro direito. Subiu as escadas pela calada e viu a porta do apartamento entreaberta. No silêncio do patamar, ouviu com clareza um gargarejo líquido e espesso, um estertor terrível. Empurrou a porta, atravessou o pequeno vestíbulo de um salto e entrou no que parecia ser o quarto principal. Yárnoz estava ajoelhado junto do corpo estendido de um homem e, ao ouvi-la entrar, voltou-se para ela. Olhos arregalados, mãos ensanguentadas. Levantou-se de um pulo e atirou-se da janela, que estava aberta. A rep debruçou-se. Na

rua, Yárnoz já se levantava para fugir quando, de repente, fez uma coisa muito estranha. Atirou os braços para trás e curvou o tronco de uma forma inacreditável, compondo um arco gigantesco com o corpo. Por um instante pareceu flutuar no ar nessa mesma posição, tombando de seguida como um boneco de trapos. Foi nessa altura que Bruna se apercebeu de que ele tinha o peito rebentado, vítima, sem dúvida, de uma arma de plasma negro silencioso, ilegal devido ao seu enorme poder destrutivo. Um carro escuro sem matrícula acelerou e desapareceu rua acima, levando, muito provavelmente, o assassino no seu interior.

Uma respiração rouca vinda do quarto levou Husky a prestar atenção ao ferido. Aproximou-se e o coração bateu-lhe mais depressa no peito. Acocorou-se ao seu lado, atónita. Era Gand! Por todas as malditas espécies! A menos que o diretor tivesse um irmão gémeo, aquele era Alejandro Gand. Tinha um corte feio no pescoço e estava encharcado em sangue. A cena era irreal e a vida parecia ter adquirido o ritmo vertiginoso de um pesadelo.

– Gand! – chamou-o.

O homem abriu muito os olhos. O corpo agitava-se-lhe de forma incontrolável. Tentou falar, mas o corte no pescoço entreabriu-se e apareceram bolhas rosadas nos rebordos. Husky uniu-os com a mão, tentando parar a hemorragia. Sentiu uma pulsação pegajosa e quente na palma da mão.

– Gand, o que aconteceu? Sou detetive, fui contratada pela tua mulher...

Um novo estertor. E um murmúrio inaudível.

– O quê?

– Ela não... On-ca-lo... – murmurou o homem. – On-

ca-lo...

Revirou os olhos, teve uma convulsão violenta e um pequeno vômito de baba avermelhada escorreu-lhe dos lábios. De seguida, a sucessão agitada de acontecimentos dos últimos minutos parou de chofre. Depois de tanto frenesim, só havia silêncio, quietude e um enjoativo cheiro a sangue. Alejandro Gand acabava de morrer pela segunda vez.

A primeira coisa que Husky fez foi telefonar à viúva, mas Loperena não a atendeu. Pior ainda, o telemóvel dela estava desligado. Com um mau pressentimento, a rep correu até ao edifício da cliente. Identificou-se e comunicou o nome de Rosario no intercomunicador, mas por mais que insistisse em entrar, a voz artificial manteve-se impávida ao informar:

– Sinto muito, Bruna Husky, mas não disponho de uma autorização nos meus registos. Lamento muito, não posso permitir-te o acesso. Sugiro-te que entres em contacto com Rosario Loperena.

A androide deu uma vista de olhos à porta, que era de vidro blindado de alta qualidade e cadeados magnéticos. Um acesso inviolável sem qualquer semelhança com a fechadura de impressão digital que acabara de rebentar. Suspirou e resignou-se a telefonar a Paul Lizard. Explicou rapidamente ao inspetor o que acontecera (que já sabia do assassinato de Yárnoz, embora não estivesse a par do de Gand) e pediu-lhe ajuda para entrar no apartamento da sua cliente.

– Tens a estranha propensão de encher de cadáveres o mundo à tua volta, Bruna – resmungou Lizard. – Espera por mim. Vou já para aí.

Passados vinte minutos, a rep viu ao longe o corpanzil maciço do polícia. Depois de estarem algum tempo sem se encontrarem, Bruna admirava-se sempre com a corpulência física de Lizard. Era ainda mais alto do que ela e muito mais forte. Observou-o enquanto ele se aproximava, enorme mas bem proporcionado, e

sentiu um orgulho absurdo e uma certa tensão, semelhante à fome, na boca do estômago.

– Tudo bem? – perguntou Lizard, movendo a cabeça num cumprimento seco.

– Tudo – respondeu a rep, igualmente contraída.

O polícia aproximou-se do intercomunicador e encostou o seu código de emergência à câmara. As portas blindadas abriram-se. O *scanner* apitou ao detetar a pistola de Lizard, mas permitiu-lhes a passagem. O elevador já esperava por eles e levou-os até ao apartamento. O robô doméstico estava diante da porta.

– Robô CD77.6 às tuas ordens em modo de emergência, inspetor Lizard – chilreou com amabilidade.

– Leva-nos a Rosario Loperena – ordenou-lhe Paul.

O pequeno autómato pestanejou.

– Sinto muito, mas não está em casa.

– E onde foi? – perguntou Bruna.

– Sinto muito, mas careço de dados.

– Quando saiu?

– Ontem, terça-feira 23 de julho, às 13h07.

– Logo depois de falar comigo – comentou a rep, levantando em seguida a cabeça e farejando o ar em volta. – Este cheiro...

– Eu não sinto nada – disse Lizard.

– Mas eu sim. Cheira a morte.

Bruna começou a percorrer a casa, seguindo o rasto olfativo, com o inspetor atrás e o autómato a fechar a comitiva. Parou diante de uma porta fechada.

– Robô, o que é isto aqui?

– O quarto de Rosario Loperena.

– Desbloqueia a porta.

Ouviru-se um ligeiro estalido e a porta abriu-se. Um fedor adocicado e nauseabundo atingiu-os em cheio na cara.

– Que raio...? – exclamou Lizard, franzindo o nariz.

Parou a meio da frase porque, aos pés de uma das camas gémeas, estava Rosario Loperena sobre um charco enorme de sangue coagulado. Bruna e Paul debruçaram-se sobre os restos mortais. Fediam tanto que, se a androide não tivesse falado com ela na manhã anterior, pensaria que estava morta há muito mais tempo.

– Que ato perverso. Quem fez isto estava furioso. Ou queria saber alguma coisa – murmurou o polícia.

Loperena estava coberta de cortes. A maioria parecia superficial, mas todos deviam ter sido bastante dolorosos. Husky observou, horrorizada e compadecida, as faces cortadas da sua cliente, os olhos vidrados e arregalados. Depois olhou com mais atenção. Os olhos pareciam diferentes... Sim, a cara também; mesmo desfigurada pela tortura, não mostrava aquele aspeto esquisito de cirurgia plástica barata.

– A mulher com quem falei não era Rosario Loperena. Usava uma máscara de biossilicone para se parecer com ela. Esta deve ser a verdadeira Rosario; já devia estar morta quando estive cá ontem – sugeriu, irritada.

Nesse momento o robô doméstico entrou no quarto com um aspirador-vaporizador e começou a limpar aplicadamente a camada de sangue gelatinoso e negro.

– Para! O que estás a fazer? – gritou Lizard.

O robô parou.

– Está sujo. Uma das minhas funções é a limpeza imediata de qualquer sujidade.

– Então agora deixas de ter essas funções! Estás em modo de emergência! A única coisa que tens de fazer é impedir que alguém se aproxime ou toque neste cadáver.

– Sim, inspetor Lizard. Compreendido.

Nessa altura o autómato teve uma atitude estranhíssima. Deu uma volta sobre si próprio, depois mais outra e parou de novo diante do polícia.

– Por favor, inspetor Lizard, o que é um cadáver?

O único ser inocente que ainda existia no mundo devia ser aquele pedaço de ferro-velho, pensou Bruna Husky com melancolia.

Oncalo: nenhum conteúdo ou significado relacionado com esta palavra.

Ongalo: antiga mina de urânio a céu aberto na região de Erongo, território que fez parte da Namíbia antes da Unificação; em tempos foi a maior reserva de urânio da zona, mas esgotou-se por volta de 2050.

Ongallow: coloquialmente, em inglês global, «expor-se a críticas públicas severas».

Honcalo: nenhum conteúdo ou significado relacionado com esta palavra.

Onkalo: 1) Em finlandês, «perigo de morte». 2) Mítico lugar maldito no oeste da antiga Finlândia; a maior parte da região é hoje uma das Terras Submersas; gêiseres intermitentes e emanções de enxofre tornaram-na um espaço letal e inabitável.

Husky achou interessante a história da mina de urânio. Claro que ela pensava ter ouvido o agonizante Gand sussurrar «Oncalo» e não «Ongalo»; mas aquilo da mina podia não ser uma coincidência e estar forçosamente ligado à informação que Lizard acabara de lhe enviar.

Os resultados preliminares do médico-legista eram sensacionais e o inspetor Lizard partilhou-os com

Bruna, gesto que a androide agradeceu; contudo, enviara-lhe os dados para o telemóvel sem acrescentar qualquer palavra, comentário, cumprimento e sequer um beijo, o que irritou a tecno-humana mais do que esta gostaria de reconhecer. Nessa tarde, no apartamento de Loperena, sentira-se novamente próxima do polícia. Namoriscara com ele e tentara seduzi-lo, chegando a sugerir-lhe, de uma forma um tanto ou quanto velada, que se encontrassem mais tarde para conversar sobre o caso, um isco que o inspetor não mordeu, de modo que agora Bruna sentia-se um pouco ridícula. Aquela maneira gelada de Lizard desaparecer por detrás do relatório do médico-legista revelava, de forma evidente, a sua rejeição.

– Deve achar que me importo – resmungou em voz alta.

Afastou-se do ecrã e fez alguns alongamentos de costas. Mal-humorada, aproximou-se da mesa onde mantinha o *puzzle* meio montado e, depois de algumas tentativas, colocou duas peças. Bebeu um gole de vinho branco. Era meia-noite e estava a acabar o seu terceiro copo com o estômago ainda vazio. Telefonou mais uma vez para o seu memorista, que continuava a não estar localizável, de modo que voltou a sentar-se diante do ecrã. Ligou-se aos satélites da Terra Visão e comprou duas pesquisas de meio minuto; eram as sessões mais curtas e baratas mas, mesmo assim, custaram-lhe a quantia exorbitante de quatrocentas gaias cada, de modo que gastou num instante um quarto do seu magro capital. Infelizmente, Loperena não chegara a pagar-lhe, atitude compreensível tendo em conta que não era a verdadeira.

Vista da estratosfera, a mina de Ongalo continuava a

ser o que fora: uma ruína ambiental considerável, uma montanha arrasada, uma cratera digna da superfície lunar. De qualquer maneira, meio minuto não dava para nada. Guardou a fotografia a que tinha direito e solicitou a imagem de Onkalo. Surpreendida, descobriu que aquela zona da antiga Finlândia era um ponto cego. «Não podemos aceder ao teu pedido. Problemas técnicos, administrativos ou legais impedem-nos a obtenção de imagens de ONKALO. O teu pagamento foi automaticamente reembolsado. Obrigado por usares a Terra Visão, os olhos do mundo», cintilaram as letras tridimensionais sobre um fundo negro. Era evidente que muitas zonas do planeta eram opacas, a começar pelas Terras Flutuantes, os dois mundos artificiais que orbitavam a Terra. Tanto a totalitária Cosmos como o tirânico e teocrático Reino de Labari eram sociedades antidemocráticas e impenetráveis que usavam «guarda-chuvas» tecnológicos para evitar a espionagem. Mas, além desses, havia muitos outros enclaves no planeta que, por razões políticas, económicas ou estratégicas, protegiam com zelo a sua privacidade. Tudo considerado, os «olhos do mundo» da Terra Visão eram bastante míopes. No entanto, Bruna surpreendeu-se por Onkalo não estar visível. Qual o interesse em esconder um pedaço de terra longínquo, sulfuroso, deserto e miserável?

Teria gostado de partilhar aquela dúvida com Lizard.

Levantou-se e serviu-se de outro copo. Três anos, dez meses e oito dias. Não, sete dias, porque já passava da meia-noite. Já era quinta-feira.

Porra.

Telefonou a Lizard e o rosto do homem apareceu,

carrancudo, no ecrã.

– Quero encontrar-me contigo – indicou Bruna.

– Quando?

– Agora. No bar da Oli. Vens?

O polícia pareceu hesitar um pouco. Uma nuvem passageira escureceu-lhe a cara.

– Vou – respondeu, desligando em seguida.

O álcool do corpo da androide transformou-se em fogo e um fervilhar sanguíneo percorreu-lhe as veias, subindo como uma onda até ao cérebro. Pôs-se de pé e verificou que estava um pouco ébria. A noite estava tórrida e o apartamento parecia um forno; Husky só podia pagar quatro horas de ar condicionado por dia (as taxas sobre as atividades poluentes estavam pela hora da morte nos últimos anos) e já consumira essa quota ao entardecer, quando o sol castigava as janelas. Estava toda suada, de modo que tomou um duche de vapor rápido. Ainda despida e desfrutando dos vestígios efémeros de humidade na pele, alimentou o comilão e postou-se diante do armário, com as mãos nas ancas, as pernas fortes abertas, a ponderar o que vestir.

Não queria pensar no corpo de Lizard.

Não sabia bem porque lhe pedira que se encontrassem. Para falar do caso, claro. Para discutir o caso.

O inspetor respondera logo que iria. Nem sequer perguntara para quê.

Lembrou-se de si própria nos braços do polícia, aninhada no peito macio, ansiosa e entregue, penetrada por ele. Luz de velas e o olhar esverdeado do homem a acariciar o seu. Não era possível estarem mais juntos. Não era possível estarem mais próximos. Carne cravada na carne e o coração esfomeado.

Afastou a imagem com dificuldade. Bruna sabia perfeitamente o que fazer com as suas necessidades sexuais, mas as sentimentais deixavam-na desconcertada e reduziam-na a uma criatura carente e patética. Uma androide ridícula.

Resfolegou. Esforçando-se por manter a mente em branco, vestiu uma blusa sem mangas azul néon com aberturas nas costas e uma minissaia de gaze metalizada, leve e volátil. Coçou a cabeça do bubi e saiu. A noite era uma boca quente disposta a devorá-la. Do passeio calcinado subia um hálito fétido, um calor pegajoso que se enredava nas pernas e lhe acariciava o sexo nu. Husky não vestira cuecas. Noutra altura correria a bom correr até ao bar de Oli, mas nesse momento preferiu andar tranquilamente, desfrutando do roçar do púbis pela saia metalizada, da liberdade sensual dessa cavidade acessível e aberta. Uma flor, um vulcão. O furor cego do corpo a querer fundir-se com outro. Aquele impulso brutal de vida parecia-se muito com um impulso de morte.

Ongalo. Ongallow. Onkalo. Para se preservar, Husky esforçou-se por pensar no caso. O relatório preliminar do médico-legista que Lizard lhe enviara continha dois dados chocantes. Primeiro, que faltava o braço esquerdo a Gand. O membro fora amputado recentemente desde a articulação do ombro, e substituído por um braço biónico. O mais provável era o braço em falta ter servido como fonte de recolha de ADN no acidente do *minijet*. Embora a violência da explosão não permitisse encontrar o cadáver, os vestígios do braço estavam inteiros o bastante para certificar a morte de Alejandro Gand. Sem dificuldade, a rep imaginou alguém, antes do embate, a deixar no

minijet o braço acabado de cortar, protegido provavelmente dentro de um recipiente especial para que a explosão não degradasse o ADN. Fosse como fosse, alguém queria que acreditassem que o antigo diretor da Texaco-Repsol estava morto. Tê-lo-iam sequestrado, forçado, mutilado? Ou fora o próprio Gand a orquestrar aquela mentira? A prótese era de primeiríssima qualidade e a amputação, cirurgicamente perfeita; Bruna não acreditava que um sequestrador se desse a tanto trabalho e gastasse tanto dinheiro com a sua vítima. Fora com certeza Gand que organizara o falso acidente. Mas porquê? Que motivo seria tão poderoso ao ponto de autossacrificar um membro?

A outra descoberta do médico-legista era ainda mais admirável e inquietante: tanto Gand como Yárnoz tinham recebido doses consideráveis de radioatividade. Não tanta como a da criança russa, evidentemente, mas a suficiente para constituir um risco para a saúde de ambos. A androide estremeceu. De repente, o mundo inteiro parecia ter-se tornado radioativo; daí a antiga mina de urânio lhe parecer tão interessante. Um diamante roubado, uma falsa viúva, uma mulher morta, um acidente fingido, dois cadáveres reais, um braço amputado, um relatório de alerta sanitário escamoteado e radioatividade por toda a parte. Tentou pensar no enigma, ligar entre si os múltiplos fios da mesma forma que, diante dos seus *puzzles* gigantescos, tentava adivinhar o desenho fragmentado e disperso, mas tinha a cabeça demasiado turva de vinho e as ideias, como que besuntadas de melaço, pareciam colar-se preguiçosamente umas às outras. Abanou a cabeça para se livrar dos maus pressentimentos. Entretanto, chegara ao bar de Oli.

Estava à pinha. Umas trinta pessoas enchiam por completo o pequeno local retangular. Dez bancos altos alinhavam-se diante do enorme balcão que percorria o espaço de um lado a outro, e outros tantos estavam encostados à parede da frente, junto de uma estreita prateleira de apoio. A disposição, estreita e comprida, fazia lembrar a de um vagão-restaurante. Uma carruagem acolhedora para atravessar a noite. A rep parou à entrada. Não via o inspetor.

– Tudo bem, Husky? Se procuras o Lizard, está lá ao fundo.

Enfiada atrás do balcão sobre o qual se espalhavam os seus seios fartos, Oli Oliar completou tais palavras com um gesto de cabeça. A androide abriu caminho entre os fregueses; alguns humanos, outros tecnos e pelo menos um mutante, um tipo com metade do rosto repleto de pelos, que pela certa fora vítima das alterações biológicas causadas pelo teletransporte. A mistura apazível de seres sencientes de todo o tipo (Bruna já encontrara um ou outro alienígena no bar, embora houvesse poucos *bichos* na Terra e fossem difíceis de divisar) era a marca da casa, um efeito colateral da amplitude de Oli, que, tão grande de corpo como de espírito, repartia de forma imparcial a sua magnanimidade entre todas as criaturas.

O inspetor estava de pé mesmo na extremidade do balcão. Encostou-se à parede para dar lugar à androide.

– Demoraste bastante – mencionou, à laia de cumprimento, e dando um gole num copo largo e com gelo.

– Estou a ver que a minha ausência te pareceu eterna – respondeu Husky com ironia, arrependendo-se de imediato. A sua própria falta de jeito deixou-a de

mau humor.

– Porque querias ver-me? – perguntou Paul num tom cortante, picado com o comentário.

Bruna sentiu que a garganta se lhe secava. Pensou no seu sexo nu debaixo da saia curta e sentiu-se ridícula e frágil.

– Obrigada por me enviases os dados preliminares do médico-legista – murmurou.

– Bem podes agradecer. Se sabem que partilhei a informação contigo, arranjo um problema bem grande – respondeu Paul, com raiva.

– Sim, eu sei, obrigada, muito obrigada. E desculpa-me pelo comentário anterior. Estou um pouco bêbada – acrescentou Husky humildemente.

– Que estranho...

Nesse momento, Oli Oliar, qual baleia majestosa a sulcar o estreito canal do balcão, aproximou-se e pousou diante deles um copo de vinho branco, um copo de *whisky* e um prato de *tapas* variadas. Deu a volta numa manobra assombrosa e difícil com a bandeja ao alto, porque se baixasse os braços não cabia, e afastou-se sem dizer uma palavra.

– Por falar em vinho... – ironizou Lizard.

A seguir, porém, agarrou no *whisky* e bebeu-o quase todo de uma só vez. Talvez também estivesse nervoso, consolou-se a rep. Olhou para o copo de vinho branco e decidiu não lhe tocar. Ao invés, pegou numa tosta de salmão e deu-lhe uma dentada; estava muito boa, como sempre. Agradeceu mentalmente a Oli o seu carinho discreto e protetor. Lá estava ela, na outra ponta do balcão, a atender um cliente, com o sorriso brilhante, a pele negra polida como um cabedal fino bem lustroso. Rainha da noite, fada paquidérmica. Às vezes, Husky

desconfiava de que toda aquela gordura inusitada era uma desordem TP, uma mutação provocada por um teletransporte. Talvez fosse esse o motivo daquela enorme empatia, aquela sintonia com os seres mais estranhos, que acabara por atrair ao bar a freguesia mais peculiar de Madrid. «Os anões têm uma espécie de sexto sentido que lhes permite reconhecer-se à primeira vista», costumava dizer Oli, citando um escritor antigo de cujo nome a rep não se lembrava, para se referir à atração que o seu bar exercia nos seres pouco convencionais. No entanto, eram todos monstros amáveis e decentes; todos, exceto ela. Bruna não se considerava a si própria uma criatura amável. Deu uma vista de olhos em redor. Quantas daquelas pessoas haviam matado alguém? Como não se via nenhum outro tecno de combate, era provável que «nenhuma» fosse a resposta certa. As mãos de Husky tremeram. Às vezes, muito ocasionalmente, os seus mortos caíam-lhe em cima como uma torrente inesperada de fantasmas, como uma sapatada de angústia que lhe rasgava o peito. Olhou para Lizard, que pegara noutra das tostas. Também ele carregava a sua quota-parte de cadáveres.

– Gand organizou o seu próprio desaparecimento – disse o inspetor com a boca cheia.

– Sim, esse foi também o meu palpite. Por isso cortou o braço.

– No meu caso, é mais do que um palpite. Yárnaz tinha um papel no bolso, julgo que aquilo que o viste guardar no parque. Dizia o seguinte: «Creio que a tua mulher está em perigo. Acabo de receber a visita de uma rep de combate, a detetive privada Bruna Husky, que afirma ter sido contratada pela tua mulher para investigar o roubo do diamante!!!» Depois da palavra

diamante pôs uma data de pontos de exclamação. «Telefonei a Rosario, mas o telemóvel está desligado. Temo o pior. Aguardo instruções» – terminou Paul, lendo o texto no ecrã do pulso.

– Parece que a esposa de Gand estava a par da falsa morte. Daí a surpresa do secretário. No entanto, talvez não soubesse onde era o esconderijo do marido. Torturaram-na para nada. Por isso é que precisaram de me contratar, para que os levasse até ele. No parque senti-me observada; a certa altura a sensação desapareceu, mas... Que estúpida!

– Se de facto te seguiam, como chegaram antes de ti, e com tempo suficiente para matar Gand?

Husky ficou pensativa. Tinha a cabeça enevoada e estava bastante atordoada. Não percebia nada.

– É estranho, sim, é tudo muito esquisito neste caso. Vocês não encontraram o diamante, pois não? Suponho que quem matou Gand o terá. E o secretário talvez corra perigo...

– Já não. Assassinaram-no esta tarde, quando entrava em casa. Um tiro de plasma negro, tal como Yárnoz.

Aquela cara de coelho assustado. E com razão.

– Muito obrigada por partilhares as tuas informações comigo, Lizard. Eu também preciso de te contar algumas coisas.

A rep explicou ao inspetor a história de Ongalo, Ongallow, Onkalo, e o estranho ponto cego transmitido da Terra Visão. Contou-lhe também que Yárnoz aparecia nas suas falsas lembranças infantis e que telefonara a Nopal, o memorista, embora não tivesse conseguido falar com ele. Depois acabou de um trago o resto do vinho que tinha no copo, já que Oli

voltava com as garrafas para os tornar a servir. (No calor da conversa esquecer-se da sua decisão de não beber.) Paul levantou o copo.

– Formamos uma boa equipa – brindou, com um sorriso a bailar-lhe nos olhos.

– Uma boa equipa – repetiu Bruna, erguendo também o seu copo e olhando, não para os olhos, mas para a boca de Lizard.

De forma totalmente involuntária.

Aqueles lábios. Lembrava-se bem do seu sabor. Aquela língua musculosa e líquida que nesse momento estaria perfumada com o *whisky*. Como da primeira vez em que fizeram amor. A androide sentiu o sexo tenso e a sua própria nudez sob a saia.

Acabou a bebida e pousou o copo com demasiada força no balcão. Sentia-se um pouco enjoada. Baloçou-se de trás para a frente, como uma vareta de ferro atraída por um íman.

– De qualquer forma, espanta-me que Gand cortasse um braço. Devia ter um motivo de força maior – sugeriu, tentando voltar ao terreno mais seguro da investigação.

– A mim não me espanta assim tanto – respondeu Lizard. – Como é óbvio, mutilou-se para salvar o pescoço. Na realidade é bastante comum; as lagartixas deixam a cauda para trás quando fogem, há lobos e javalis que cortam à dentada a pata que ficou presa numa armadilha... A vida insiste obstinadamente em continuar a viver, custe o que custar.

A vida insiste em continuar a viver, sim, é verdade, pensou Bruna, atordoada pelos vapores do álcool; sabia-o bem. Ela sentia essa urgência, essa fúria, essa raiva, essa angústia, essa ânsia, esse medo; mas seria

capaz de se mutilar de forma voluntária, tendo em conta que só lhe restavam três anos de vida, três anos, dez meses e sete dias? A quanto lhe sairia cada dia ganho: a quantos gramas de carne, a quantos milímetros de pele, a quantas lascas de osso, a quantos farrapos de tendões rasgados? Não seria um preço excessivo pela sua existência pequena e miserável de condenada à morte? O bar estava cada vez mais cheio e alguém deu um empurrão à rep. Husky perdeu um pouco a estabilidade, talvez devido à embriaguez, ou quem sabe por fingir estar mais bêbada do que estava; bebera o bastante para já não conseguir discernir com agudeza pormenores como aqueles. A fim de recuperar o equilíbrio pousou as duas mãos no peito de Lizard, um muro forte e elástico. Estava tão perto do inspetor que pôde cheirar o seu áspero, enervante cheiro a fumo de lenha, a couro, a bosque. Ficou assim, apoiada naquela carne abrasadora, e levantou a cara. Que maravilha ter de levantar a cara para olhar para um homem.

– Porque querias ver-me? – perguntou-lhe Lizard com voz rouca.

– Para falar do caso.

– Porque querias ver-me? – repetiu ele, com uma insistência tal que parecia enervado.

Husky esticou o pescoço e mordeu a boca do polícia. Uma dentada moderada, no limite da dor, sem causar sangue. Uma dentada rápida, mas suficiente para sentir os lábios quentes e um pouco gretados de Lizard, para se aperceber da contração do homem, para que um incêndio lhe devastasse o sexo, ávido e aberto sob a saia. Com um empurrão, afastou-se do inspetor e, cambaleando um pouco, dirigiu-se para a casa de

banho, que estava perto deles. Atravessou rapidamente a pequena entrada dos lavabos, entrou num dos dois compartimentos e reclinou-se, sem fôlego, contra a parede do fundo, ao pé da retrete, enquanto a porta batia ao fechar-se. O coração chocava contra as costelas e todo o seu corpo latejava dolorosamente de desejo. Com a cabeça em branco, ouviu os passos de alguém que entrava. A porta do compartimento abriu-se e Lizard atirou-se para cima dela com uma violência de soldado inimigo. Grandes como eram, contorceram-se para caberem naquele cubículo; comeram as bocas, morderam os pescoços, agarraram-se e puxaram-se e arranharam-se, e, sem se despirem, conseguiram enfiar-se um no outro, fundir-se num animal de duas cabeças, gemente e enlouquecido, até explodirem numa pequena morte rápida e aguda, num orgasmo que parecia uma punhalada.

Bruna voltou a si de um lugar longínquo e inumano. Estava encaixada no espaço estreito junto à retrete, de pé, com as costas coladas à parede, ainda unida a Lizard e suportando parte do seu peso. O inspetor tinha a cabeça enterrada no pescoço da rep e esmagava-a contra a parede, tão imóvel quanto ela. Um instante de imobilidade total depois da agonia e da fúria. No silêncio ouvia-se-lhe a respiração, ainda agitada. As mãos do polícia estavam apoiadas na parede. Na realidade, embora ainda estivesse dentro dela, não lhe tocava. Nem sequer parecia ter consciência da presença dela. De repente, Bruna desejou ardentemente uma prova de que significava alguma coisa para Paul. Precisava de um beijo, de um sussurro, de uma carícia. De um olhar. Porém, o corpanzil do homem só transmitia concentração, indiferença, frieza. Que longe

estava Lizard! Continuavam unidos como cães, mas quão distante o sentia e como lhe doía aquela ausência dele. Era uma ferida que se lhe abria no ventre, um rasgão cada vez mais fundo, mais perturbador. A impossibilidade de ser amada. Husky tinha os braços a rodear as costas largas do inspetor e, de chofre, achou insuportável a intimidade afetuosa desse gesto. Deu um empurrão a Paul, que se endireitou e se separou dela. Olhou-a.

– Pronto. Já fodemos. De facto não foi uma grande queca – rosnou Husky.

O rosto de Lizard ensombrou-se. As pálpebras pesadas caíram-lhe sobre os olhos como uma cortina. Começou a arranjar a roupa com parcimónia.

– Não exageres, Bruna. Sempre tão radical. Vês tudo a preto e branco. Não foi assim tão mau. E foste tu quem me telefonou. Foste tu quem começou.

Mais alguma coisa, mais alguma coisa. A androide queria desesperadamente mais do que aquela humidade pegajosa, do que aquele vazio. Pelo grande Morlay, queria sentimentos. Queria que Lizard não se fosse embora. Que a abraçasse. Que a amasse. Mas não conseguia dizer-lhe, não conseguia pedir-lhe. Husky nunca se rendera às exigências, às armadilhas da afetividade. Nem sequer com Merlín, o seu amado Merlín, o tecno-humano com quem vivera dois anos e que acompanhara na dolorosa travessia final do TTT. De súbito, Bruna pressentiu que dentro dela havia um mundo belo de emoções intactas. Foi uma visão deslumbrante e efémera, como a Terra vista da estratosfera através de um buraco nas nuvens. Todo aquele carinho e necessidade formavam um lago profundo e melancólico no interior do seu peito.

– Eu estava disposta a mais. No início. Há seis meses. Quando começámos – sussurrou a androide.

Lizard olhou para ela. Sólido, vazio de expressão, impenetrável.

– Não, não é verdade. Não sabes dar mais. Não consegues. E, quem sabe, eu também não – acabou por declarar. Depois empurrou a porta e saiu.

Que desperdício.

Bruna dormia, atravessada na cama. Sonhava que Merlín lhe batia na cabeça com um maço de borracha. O maço era denso e pesado, Merlín batia com força e as pancadas doíam. A rep sabia que o amante lhe batia porque queria transformar a cabeça dela num diamante funerário, coisa que conseguiria, ao que parece, se lhe esmagasse o crânio. «Mas se és tu que estás morto, porque queres fazer de mim um diamante?», perguntava-lhe. «Porque me sinto sozinho e preciso que me faças companhia», respondia Merlín. A rep compreendia-o; a morte devia ser um lugar desolado e ventoso. Bruna também sabia que tudo aquilo era um sonho e, embora gostasse da presença de Merlín, começou a procurar formas de acordar porque as pancadas eram cada vez mais insuportáveis, mais lesivas. Primeiro pensou em telefonar para si própria, mas o amante agarrara-a de tal maneira que ela não conseguia aceder ao telemóvel. As marteladas continuavam e o sofrimento aumentava. Nessa altura, começou a gritar, na esperança de que o barulho a resgatasse; chicotadas de fogo trespassavam-lhe as fontes enquanto o maço caía, pesado e insistente. Aumentou a gritaria e assim, aos gritos, abriu os olhos. Já estava fora do sonho, mas não das pancadas e da dor. Atordoada, precisou de alguns segundos para aterrar na realidade. Estava deitada de costas, a enxaqueca torturava-a com bicadas de abutre e alguém batia incessantemente à porta. Endireitou-se a muito custo e reparou que ainda tinha a roupa da véspera. Ah,

sim, a noite anterior. O bar de Oli. Lizard. Conteve uma náusea. Alguém continuava a tentar deitar a porta abaixo.

– Já vai!

Ouviu o retumbar da sua própria voz no interior dos ouvidos como badaladas ensurdecedoras. A cambalear, aproximou-se do ecrã central e viu que o visitante era o tátil. Claro. Evidentemente. O apalpador. No primeiro e, até agora, único encontro dos dois, Daniel Deuil decidira que Bruna estava muito tensa. Que a sentia na defensiva, ensimesmada, entrincheirada. E portanto, que a partir desse momento as sessões seriam em casa da rep para que o tratamento fosse mais eficaz, porque no seu próprio ambiente sentir-se-ia mais protegida e ser-lhe-ia mais fácil descontraír. O apalpador nada lhe sugeriu nem quis saber a sua opinião; limitou-se a apresentar a decisão como um facto consumado. Husky detestava visitas. Abominava qualquer intrusão na sua intimidade, nessa guarida de urso solitário, nesse covil reservado e sagrado de fera, mas não se sentira com forças para recusar. Primeiro, porque, se o apalpador não assinasse a sua carta de aptidão psicológica, não poderia continuar a trabalhar; depois, porque Deuil tinha uma enorme capacidade de convicção, ou melhor, de imposição. Tudo o que dizia parecia ter sido gravado em pedra por um raio de fogo. Uma lei desconhecida dava força às suas palavras.

Husky abriu a porta com um fatalismo de condenada à morte. O tátil estreitou ainda mais os seus olhos rasgados ao observá-la.

– Estavas a gritar, Husky.

A rep encolheu os ombros, deu meia-volta e dirigiu-se, sem dizer uma palavra, para a zona da cozinha. O

apalpador fechou a porta e foi atrás dela.

– Também estás com um aspeto horrível.

Bruna voltou a encolher os ombros. Procurava desesperadamente algum analgésico nas gavetas; não se lembrava onde os deixara. Na realidade, não se recordava de quase nada, nem sequer do encontro com Lizard na noite anterior. No entanto, sabia que fora mau. Péssimo. Tinha a memória enevoada, mas a dor continuava ali, intacta, cravada no coração. Nem sequer o tormento da enxaqueca conseguia diminuí-la.

Finalmente! Um *blister* de *Algicid*. Sujo, fora de prazo. Tirou dois comprimidos meio esmagados e pôlos debaixo da língua. Voltou-se. O apalpador fitava-a como se lhe fizesse uma sonografia. Como se fosse capaz de a ver até à medula.

– O que se passa? – rugiu a rep.

– Isso pergunto eu – respondeu o tátil. – O que se passa? Não é o álcool, não é uma simples ressaca.

Sob o olhar demolidor de Deuil, Husky apercebeu-se da sua camisola suada e malcheirosa, da saia enxovalhada. E da ausência de roupa interior. Deixou-se cair no sofá, aborrecida. *Bartolo* saiu do seu canto como um raio e trepou-lhe para os braços. Gostava sempre de se aninhar ali. O cheiro acre do bubi e o seu calor peludo provocaram uma reação inesperada e violenta na androide. Alguma coisa se lhe remexeu por dentro, decompondo-se. Sentiu a garganta fechar-se e uma dor líquida subir-lhe como uma onda até aos olhos. Bruna levantou-se de chofre, atirando o comilão para o chão, e correu para a casa de banho, onde se fechou. Como não sabia o que fazer com as emoções, vomitou. Vomitar era bom. Punha todas as mágoas no estômago e depois expelia-as.

Husky lavou a boca e molhou a cara com um bocadinho da sua preciosa água. O espelho devolveu-lhe uma imagem desfigurada e olheirenta; parecia uma rep à beira do TTT. Odiou-se. Depois teve pena de si própria, o que fez com que se odiasse ainda mais.

Meteu-se vestida no duche de vapor e aí, envolta na bruma desodorizante, húmida e fresca, despiu-se lentamente e com dificuldade, como se arrancasse uma pele velha de cobra. Deu a volta ao cesto da roupa suja e tirou umas cuecas, umas calças de licra e uma camisola ainda reutilizáveis ou, pelo menos, em melhores condições do que a roupa malcheirosa e enxovalhada que despira. Saiu da casa de banho como um furacão e ficou especada diante do tátil, que continuava de pé, com os braços cruzados, no meio da sala.

– E agora?

Quis fazer a pergunta num tom neutro, até amável, mas voltou a sair-lhe uma espécie de latido. O apalpador sorriu.

– Agora senta-te no sofá. Tenta relaxar. Porque tens medo de mim?

Husky indignou-se:

– Medo? Não achas que és um pouco prepotente?

O apalpador aumentou o sorriso. Aquele pequeno-gesto-desarmante.

– Senta-te.

Husky obedeceu de má vontade. O bubi voltou a saltar-lhe para o colo e a rep agarrou-o para o tirar de cima de si.

– Não, podes deixá-lo. O comilão humaniza-te – disse Daniel.

Mais uma razão, pensou a androide, atirando o

animal para o chão com excessivo ímpeto. *Bartolo* ganiu e foi enroscar-se a um canto, com o pelo eriçado e despenteado e olhos sofredores sobre o narigão.

Deuil deu a volta ao sofá e pôs-se por trás da androide. Devia estar a fazer outra vez o truque das mãos, pondo as palmas a poucos centímetros da cabeça dela, pensou Bruna; por instantes, quase julgou sentir nas orelhas o calor emitido pelo apalpador. Tentou não pensar nisso e relaxar. Estava sentada de forma muito rígida, apoiada nas costas do sofá, ainda que bastante confortável devido ao duche e à dor de cabeça que desaparecia; as pastilhas, apesar de estarem fora de prazo, haviam funcionado, e ainda bem. Não queria perder muito tempo com os disparates do tátil; precisava de localizar o seu memorista, de obter mais informações sobre Ongalo e Onkalo, de investigar quem intercetara e apagara o alerta ativado pelo hospital. Pressentia que todos os casos de radioatividade estavam de alguma forma relacionados. Suspirou profundamente. Um cansaço agradável espalhava-se-lhe pouco a pouco pelos membros. Parecia-se com a agradável rendição muscular antes do sono, com essa feliz derrota do corpo.

Nessa altura sentiu os dedos de Deuil, primeiro na nuca e depois no crânio, rapado e sensível, descendo em seguida delicadamente pelo pescoço. Dedos que eletrizavam. Todo o corpo da androide se concentrou nesse toque levíssimo, nesse roçar que às vezes parecia imaginário de tão ténue, nesse contacto descontínuo, incandescente, que imprimia na pele uma fome de mais.

– Bruna, Bruna... – murmurou o apalpador muito perto do seu ouvido.

A rep arrepiou-se com a irrupção da voz. Deuil passara à intimidade do nome próprio.

– Vou contar-te uma coisa que, julgo eu, te irá interessar... – prosseguiu o homem. – Há cinco anos, quando tinha vinte e seis, sofri uma embolia cerebral. Consequência, talvez, da desordem TP, já que acabara de fazer um salto de teletransporte. A questão é que me trataram a tempo e não fiquei com sequelas... exceto uma. Esqueci-me da minha infância. De toda a minha infância. Não me lembrava de nada anterior aos meus oito ou nove anos. Pus-me a reconstituir o tempo perdido com vídeos e com o que a minha família me contava; e depois, passado pouco tempo, começaram a chegar-me aos magotes as recordações, que preencheram as lacunas do meu cérebro. Todavia, nessa altura descobri que essas reminiscências eram falsas; provas documentais demonstraram-me repetidamente que as minhas supostas recordações eram, na realidade, construções imaginárias, histórias que o meu cérebro ferido inventara com afã para fechar o buraco, para preencher aquele vazio insuportável. Porque o cérebro humano é um mágico, um prestidigitador, um narrador incontinente que reescreve constantemente a realidade, que a traduz e a reinventa. No meu caso, esse traço foi levado ao paroxismo. Continua aqui, sólida e bem assente na minha cabeça, essa memória irreal, essa infância fingida, rica em pormenores intrincados e cheia de cor e de emoção. Sou como tu, Bruna.

As mãos do apalpador fechavam-se agora em torno da garganta da rep. Poderiam ser as mãos de um assassino, poderiam apertar e estrangulá-la, mas Husky sentiu que os dedos do tátil a protegiam, que as mãos dele eram uma barreira, uma couraça. Não, Deuil não

era como ela, e, no entanto...

Um estrondo colossal retumbou nos ouvidos de Bruna e uma chuva de lascas de madeira e de plástico fumegante caiu em cima deles. Encolhida sobre si própria para se proteger, Bruna levantou-se de um salto e voltou-se. A porta do apartamento desaparecera, destruída, sem dúvida, por plasma negro. Na moldura deixada pela sua ausência estava uma mulher. Humana, pequena, musculosa; calma e perigosa. E com uma espingarda ilegal e mortal nas mãos, uma *K40*. Husky apreendeu tudo aquilo numa fração de segundo. Também percebeu que o apalpador estava ao seu lado, tão pronto para a ação como ela, igualmente rápido. No entanto, se se mexessem, a mulher dispararia com certeza. A cena congelou.

– Bom – disse a intrusa a sorrir. – Tenho pouco tempo. Onde está o diamante? Dou-vos meio minuto para responderem. Darei o primeiro tiro no pé esquerdo dele. Já viram alguma vez um pé evaporado por um tiro de plasma negro?

A percepção extraordinária da androide reconheceu um ligeiríssimo tremor, uma contração mínima nas mãos da mulher. Ela ia disparar naquele instante; a história do meio minuto era mentira. Fá-lo-ia para os aterrorizar e para os obrigar a falar. Mas Bruna não sabia do diamante. Empurrou Deuil e atirou-o ao chão; o raio roçou a pele do homem e abriu um buraco no soalho sintético. O tiro seguinte mataria um dos dois, pensou a rep à velocidade vertiginosa de que era capaz em momentos de ação, e, sem dúvida, seria ela a escolhida, por ser a mais perigosa. Voltou-se para a agressora, certa de que morreria, quando uma espécie de trapo avermelhado, peludo e berrão, caiu na cabeça

da mulher e a cegou por um momento. Husky aproveitou o instante e deu um pontapé na *K40*, que saltou das mãos da assaltante e aterrou numa esquina do quarto. Depois atirou-se sobre a intrusa, que já se desembaraçara do trapo vermelho, e imobilizou-a com uma chave de pescoço rápida e eficaz. Bruna julgava que a luta terminara quando, de repente, sentiu uma descarga, uma dor difusa, um entumecimento. Largou a sua presa e caiu de joelhos, momentaneamente confusa, enquanto a mulher fugia através da porta destruída. A androide levantou-se. A coxa ardia-lhe. Baixou as calças e viu a queimadura de uma pistola elétrica, uma meia-lua arroxeadada e sorridente. Três anos, dez meses e sete dias. O seu tempo ainda não terminara.

– Ai, ai, ai, *Bartolo* pobre, ai, ai, ai, pobre *Bartolo*!!!
– gemia o bubi a um canto.

Bruna deu uma olhadela a Deuil. Estava sentado no chão, branco como a cal, agarrado a um pé. Mas, pelo menos, parecia ter ainda um pé ao qual se agarrar. A rep pegou na *K40* e aproximou-se do choroso comilão, que se abraçou a ela.

– Espera, espera, deixa-me ver como estás... – pediu Husky suavemente. Tocava no corpo do bubi, apertava-lhe os bracinhos e as perninhas magras e tentava ver entre o pelo hirsuto se teria alguma ferida. Além de um golpe no narigão, que, com o inchaço, duplicara de tamanho, o bubi parecia estar ótimo. Admirada, Bruna deu-se conta de que aquela absurda criatura alienígena acabara de lhes salvar a vida ao atirar-se sobre a cabeça da agressora.

– Foste muito valente, *Bartolo*. Muito valente. Muito obrigada.

O bubi resplandeceu:

– *Bartolo* bom, *Bartolo* bonito.

– Sim, muito bom e muito bonito.

Com o comilão nos braços e sem largar a *K40*, ajoelhou-se junto de Deuil.

– Como estás?

– Sobreviverei, se é isso que te preocupa – respondeu o tático, rangendo os dentes.

– Deixa ver.

Daniel tirou as mãos; o mindinho do pé direito desaparecera. O que o plasma negro tinha de bom era o facto de dissecar a carne, selar os tecidos e cauterizar os rebordos da ferida como um ferro em brasa, de modo que esta não sangrava. Devia doer-lhe bastante, mas era uma lesão sem importância.

– Não é nada – assegurou a androide enquanto o ajudava a sentar-se melhor no chão e lhe colocava uma almofada nas costas.

– Eu sei – replicou o apalpador, ofegante.

– Vou participar.

Husky telefonou a Lizard e contou-lhe o que acontecera. Mostrou-lhe, através do telemóvel, a porta rebentada e o pé de Deuil.

– Não saiam daí – ordenou o inspetor.

Não pretendiam fazê-lo. A androide sentou-se diante da porta com a *K40* nas mãos, disposta a repelir outro possível ataque. O bubi agarrava-se-lhe ao pescoço, trémulo. Alertados pelo ruído, alguns vizinhos e um dos porteiros espreitaram com cautela o patamar mas, ao verem a porta destruída e uma rep de combate armada com uma enorme espingarda, desapareceram a toda a pressa. Husky calculou que a polícia estaria a receber umas quantas chamadas de alarme. A androide estava preocupada; a mulher que os atacara era uma

profissional, não havia dúvida. E das boas. Não receara vir sozinha, os tecnos de combate não a amedrontavam, sabia manejar o plasma negro. Uma mercenária contratada por alguém. Nesse momento e com vagar, resgatou a figura da agressora da sua memória fotográfica e dispôs-se a analisá-la. Magra e pequena, mas muito dura. Tinha qualquer coisa de inseto, a economia fria e perfeita de uma configuração física orgânica tão letal como a de um aracnídeo; por exemplo, uma viúva negra. A Viúva Negra, repetiu Husky para si própria, sentindo que roçava alguma coisa submersa, importante. Rememorou as mãos da mulher, a sua largura de ombros, a posição do pescoço, a forma do crânio. Sim, sim! A intrusa era a mesma mulher que a contratara fazendo-se passar por Rosario Loperena, a viúva de Gand. Por conseguinte, era a mesma assassina que torturara Loperena até à morte. Bruna não teve dificuldades em colocar mentalmente, sobre os traços da assaltante, a máscara grosseira de silicone com que ela se fizera passar pela verdadeira viúva. A qual, por sua vez, nessa altura também não era mesmo viúva, já que o marido ainda estava vivo.

– O que é esse diamante de que ela falava? – perguntou o apalpador com a voz a sair-lhe pelos dentes cerrados devido à dor.

– É uma longa história.

O diamante. Se a Viúva Negra estava disposta a continuar com as mutilações e assassinatos para o encontrar, era evidente que nem ela nem aqueles para quem trabalhava o tinham. Nesse caso, quem o teria roubado e quantos bandos estariam em luta? E porque seria tão importante aquele diamante funerário barato?

O apalpador mudou de posição e resfolegou, incomodado.

– Na realidade, é extraordinário. Esse teu bicho tonto salvou-nos a vida – mencionou.

Bruna irritou-se:

– Não é um bicho tonto. É *Bartolo* – disse, para seu próprio espanto, porque, de facto, sempre considerara o bubi um animal imbecil.

– Bruna boa, Bruna bonita – ronronou o comilão, abraçando-se com mais força ao pescoço da androide, tão emocionado que começou a mastigar a toda a velocidade a alça da camisola dela.

Husky deixou-o. Afinal, era o seu bubi.

– Ficámos na parte em que os gigantes e os anões não se recordavam de nada e isso ter sido o início da catástrofe – repetiu aplicadamente a vizinha da pequena russa, vinda de baixo da cama.

Não saíra do seu esconderijo desde a última vez que falara com ela ou, pelo menos, Yiannis não a vira; embora, com certeza, a dada altura tivesse ido à casa de banho, aparentemente Gabi estava há dois dias, quase três, entrincheirada no seu refúgio improvisado. Ao menos agora já comia.

– Sim, os anões e os gigantes – repetiu Husky, hesitante.

Fez um esforço para voltar à história. Há dois dias, quando interrompera o conto, já definira mais ou menos como continuar, mas agora não se lembrava. Muitas coisas se tinham passado desde então e sentia ainda o corpo eletrizado pela adrenalina do ataque da Viúva Negra, ocorrido horas antes. A polícia levava o apalpador para o hospital e Bruna teve de encomendar com urgência uma porta nova que lhe custara mil e duzentas gaias. Além disso, tivera uma discussão violenta com Lizard, que estava decidido a pô-la sob proteção policial. Husky recusou terminantemente. Uma detetive e androide de combate a precisar de escolta humana era má publicidade ao seu trabalho. No entanto, a verdade é que temia pela segurança de Yiannis, da criança e até mesmo de *Bartolo*. E também pela de Deuil. Husky lamentava ter envolvido o tátil em semelhante imbróglio.

– E os gigantes andavam com os anões às cavalitas e amavam-se muito, tanto que nem sequer falavam, porque não precisavam... – continuou a menina perante o silêncio da rep, para a animar.

– É isso. Hum... Entendiam-se sem necessidade de falar. De facto, naquele lugar não havia palavras, nem recordações, nem existia o tempo. Vivia-se um presente perfeito e contínuo. E silencioso, exceto pelos pássaros, pelo ruído da água e pelo som do vento entre as árvores – recordou-se Husky ao mergulhar de novo na história.

Soube de imediato como queria continuar.

– Nesse paraíso viviam muitos gigantes com os seus anões, mas uma daquelas criaturas duplas amava-se com mais ternura ou, pelo menos, assim achava. O anão desse par sentia-se tão feliz e estava tão próximo do seu grandalhão que na sua felicidade se instalou uma pequena sombra, a melancolia de não recordar o que viviam. *Ah, se eu pudesse guardar todos os momentos tão doces que passo com o meu gigante*, começou a pensar o pequeno ser de si para si; e convenceu-se de que, se esses instantes não desaparecessem no nada, mas, pelo contrário, os conseguisse guardar como um fio de contas de luz, a sua alegria multiplicar-se-ia infinitamente. E por isso o anão começou a tentar agarrar e fixar os momentos felizes. Fechava os olhos com força, apertava os punhos, pressionava o cérebro, tentando gravar aquelas cenas tão ternas, as tardes gloriosas que passavam junto ao rio rumoroso, os passeios pelos bosques perfumados, a beleza indescritível de se saber amado. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar-se. Até que um dia, finalmente, lhe ocorreu um estratagema; espremeu para uma folha grande o sumo de algumas bagas vermelhas

e, com um pauzinho, começou a pintar no próprio corpo os seus momentos de amor. O truque deu resultado. Quando pintava uma sesta nos braços do seu gigante, por exemplo, essa sesta ficava-lhe na memória para sempre. De modo que o anão começou a decorar os braços, depois as pernas, a barriga, o peito, e, quando já não tinha qualquer superfície livre no seu corpo, passou a utilizar como suporte os ombros largos e as costas do grandalhão. E cada vez desenhava melhor e com pormenores mais subtis.

– Isso de pintar a pele foi uma boa ideia... – murmurou a menina de baixo da cama.

A androide teve o pressentimento repentino e inquietante de que, daí em diante, Gabi começaria a tatuar no corpo todos aqueles objetos que atava com cordéis e que receava perder. Abanou a cabeça para afastar a imagem e continuou.

– Ao princípio, a própria alegria de desenhar e de conseguir recordar-se junto do seu amado prevaleceu sobre tudo o resto. Um dia, porém, o anão pôs-se a comparar umas cenas com outras, umas memórias com outras, e achou que o seu companheiro nem sempre estava igualmente carinhoso, e que talvez o presente não fosse tão belo como o passado. A dúvida sobre o amor que o gigante lhe professava cravou-se-lhe no coração como uma farpa de gelo e, no seu íntimo, começou a crescer uma inquietação estranha, uma angústia obscura que lhe apertava o peito e batia as asas lá dentro como um pássaro preso. A vida ensombrou-se, e aos momentos de doçura foi-se juntando uma pequena mágoa, como a lagarta que cresce dentro da fruta. Todo esse desconsolo aumentou sem parar até inundar o presente, até o encher de

amargura, até a angústia se tornar insuportável e um hálito negro subir pelo pescoço do liliputiano, arranhar a sua garganta e se amontoar na língua. Nessa altura o anão sentiu que não podia conter-se, que as entranhas iam sair-lhe disparadas pela boca transformadas numa torrente de sons furiosos; então, agarrando-se ao cabelo do gigante para não cair, o liliputiano gritou as primeiras palavras da Terra: «Quero que me digas que me amas!» Nesse instante preciso, os céus abriram-se, a Morte desceu sobre a vida e uma chuva de raios retumbantes incendiou os campos à volta deles. Os ratos arderam com guinchos atrozes, a pantera devorou o cabrito que dormia ao seu lado, os anões caíram ao chão dos ombros dos seus gigantes e, uma vez separados, os seres duplos, que já não o eram, começaram a lutar uns contra os outros. As fontes secaram, as serpentes tornaram-se venenosas e a água dos rios ficou vermelha de sangue. E não havia maneira de conseguirem esquecer todas aquelas desgraças pavorosas, porque no mundo já tinham aparecido o tempo e a memória.

Bruna calou-se, assombrada com a história que acabara de contar. De onde saíra? Assemelhar-se-ia de alguma forma à história do anão e do gigante que a sua falsa mãe nunca chegara a contar-lhe?

– Não gosto da tua história – sussurrou Gabi do seu esconderijo. – É horrível.

Sim, claro que era horrenda. A mãe da sua lembrança implantada com certeza nunca teria contado ao filho uma coisa tão pavorosa, pensou Bruna, envergonhada. De onde saíra uma história assim? E aquela fluidez? E as palavras?

– Mas isto não é o fim. Hoje vamos parar por aqui,

mas depois melhora – mentiu Husky, porque não fazia ideia de como iria continuar.

– És tonta. Nada melhora. Nunca – afirmou a pequena russa.

Husky sentiu-se, de facto, muito tonta, mais ignorante do que aquela menina humana que, de qualquer forma, talvez morresse antes dela. Três anos, dez meses e sete dias.

A androide levantou-se e saiu do quarto de Gabi, aborrecida consigo. Quando aquela raiva seca a invadia era como se estivesse possuída por outra pessoa; como se, dentro dela, tivesse crescido aquele filho que nunca poderia gerar (nem sequer tinha menstruação; era uma complicação orgânica desnecessária numa tecno) e se tratasse de um embrião envenenado. Então, com a fúria, o corpo crispava-se, os traços endureciam-se-lhe e os pulmões pareciam perder metade da sua capacidade. A pedra da raiva pesava-lhe no peito.

Foi até à sala e viu Yiannis instalado diante do ecrã principal.

– Encontrei alguma coisa interessante? – perguntou a androide, embora não esperasse grande coisa do velho arquivista.

A pergunta saiu-lhe com uma estridência irónica ou censória. Aquela era outra das consequências da raiva; procurar sempre alguém com quem discutir.

– De facto, encontrei – respondeu o homem. Voltou-se para ela, exibindo uma expressão tão entusiasmada e um sorriso tão afetuoso que desarmou grande parte do engenho explosivo em que Husky se transformara. – Vem aqui, senta-te ao meu lado.

A androide obedeceu.

– Sobre a mina de Ongalo há toneladas de

informação. Burocrática, geológica, industrial, administrativa, estratégica, militar. De tudo! Tudo chatíssimo e não muito prometedor. Onkalo, pelo contrário, é uma verdadeira mina, se me permites o jogo de palavras!

Estava excitado, até de mais. Husky olhou para ele com desconfiança. Será que acabara de receber um chute de endorfinas na amígdala cerebral? A androide já sabia que, na sua fase mais maníaca, o arquivista era muito pouco fiável.

– Para começar, na Rede pouco mais há acerca de Onkalo além da definição padrão do Arquivo Central, que já conheces: «1) Em finlandês, “perigo de morte”. 2) Mítico lugar maldito no oeste da antiga Finlândia»...

– Sim – resmungou a rep.

– Bom, isso já de si é estranho. Mas que existia tamanha escassez de informação é anormal. Antes de o nível do mar subir e de uma parte do território ficar inundado, houve lá perto uma central nuclear e também algumas povoações; embora fossem pequenas, e a zona remota e pouco habitada, a verdade é que também não há quase nada sobre esse passado. É como se alguém tivesse apagado de propósito as entradas do Arquivo. E tu sabes que eu sou especialista nisso.

Era verdade. Há seis meses, quando ainda trabalhava no Arquivo Central, Yiannis descobrira uma vasta conspiração para alterar os dados de múltiplos artigos.

– Apesar de ter perdido a minha autorização quando me expulsaram, conheço as palavras-passe para aceder a níveis de informação mais restritos. É evidente que o sistema deteta imediatamente a intrusão, mas disporia

de trinta segundos para dar uma olhadela ao conteúdo da primeira página antes de o alarme disparar. No entanto, olha o que acontece quando procuro Onkalo no nível sub1, que é o dos estudiosos.

Enquanto falava, Yiannis teclou os seus dados e a palavra *Onkalo*. De súbito, o ecrã encheu-se com a imagem de uma caveira tridimensional a flutuar sobre um fundo preto, um crânio azulado, arrepiante, ainda mais assustador porque, na escuridão das suas órbitas vazias, parecia espreitar de vez em quando um brilho turvo e gelatinoso, como um olho a querer materializar-se. Nem Bruna conseguiu evitar um ligeiro sobressalto. No ecrã apareceram também os avisos da praxe:

**Arquivo Central dos Estados Unidos da
Terra**

Versão de consulta para investigadores

ACESSO ESTRITAMENTE LIMITADO
SÓ INVESTIGADORES AUTORIZADOS

Madrid, 25 de julho de 2109, 18h37

ACESSO RECUSADO
YIANNIS LIBEROPOULOS NÃO É UM
INVESTIGADOR AUTORIZADO
SE NÃO POSSUIS UM CÓDIGO VÁLIDO
SAI IMEDIATAMENTE DESTAS PÁGINAS

ACESSO ESTRITAMENTE LIMITADO
SÓ INVESTIGADORES AUTORIZADOS

A INTRUSÃO NÃO AUTORIZADA É UM

DELITO

PENAL CUJA PUNIÇÃO PODE CHEGAR AOS
VINTE ANOS DE CADEIA.

**YIANNIS LIBEROPOULOS, INTIMAMOS-TE A
ABANDONAR IMEDIATAMENTE ESTAS PÁGINAS**

**A PERSISTÊNCIA NA TENTATIVA DE FORÇAR O
SISTEMA PROVOCARÁ UM AVISO A ENVIAR À
POLÍCIA DENTRO DE TRINTA SEGUNDOS**

A CONTAR ATÉ AO AVISO POLICIAL

29

28

27

26

25

24

23

O arquivista saiu do registro.

– O mesmo acontece no nível sub2, que é o dos controladores de repetições, e no sub3, que era o meu nível, a versão retificável.

Enquanto falava, foi entrando nas respectivas páginas onde aparecia sempre a mesma caveira baloiçante, ameaçadora, que parecia fixá-los.

– Existem mais três níveis de segurança, mas nunca tive acesso a esses. Enfim, o que achas? – perguntou, com um sorriso tão feliz que parecia ter luz nos olhos.

– Estranho. Acho muito estranho – respondeu Bruna.
– Foi feito para impressionar. Ou melhor, para amedrontar.

– Exatamente. Mas não é tudo... Além da definição

padrão, só existem mais vinte e sete referências a Onkalo. Oito são lendas e contos tradicionais finlandeses, nos quais Onkalo é uma espécie de inferno, um lugar de perdição, a guarida dos monstros. Dezoito são citações de jornalistas ou de romancistas nórdicos que utilizam a palavra *onkalo* como sinónimo de morte, segundo me parece. Por fim, a remanescente é a entrada no dicionário de finlandês moderno.

Yiannis calou-se e olhou para ela, feliz, expectante, com um grande sorriso a bailar-lhe nos lábios.

– E então? – perguntou Bruna, desconcertada.

– Consultei as grandes compilações de lendas nórdicas e os arquivos de folclore finlandês e aqueles oito contos tradicionais não aparecem em lado nenhum. A minha teoria é que foram escritos em 2097 ou 2098, logo a seguir à Unificação, há apenas dez ou doze anos. São, de certa forma, uma falsificação, porque, embora nunca se diga claramente que são antigas, pretende-se fazer crer que são lendas ancestrais. Os autores desta manipulação foram tão incompetentes que se esqueceram de incluir os contos nas compilações primitivas.

– Curioso...

– Mas há mais. Todas as referências feitas por jornalistas e romancistas datam também da última década. Encontrei um dicionário finlandês-inglês do início do século passado *online* e comprei-o; aí, a palavra *onkalo* significa «caverna». Ou seja, este significado de «perigo de morte» também é mais ou menos recente. Por fim, e ainda mais extraordinário, procurei na Geotrack as coordenadas GPS de Onkalo e... não existem! Oficialmente, o local não existe!

Era de facto espantoso. A geolocalização de todos e

cada um dos pontos geográficos da Terra fizera-se há mais de um século. Yiannis, que tinha gostos arcaicos (se não fazia parte dos Novos Antigos ou de qualquer outro grupo de retrógrados, era simplesmente pela sua índole demasiado individualista), costumava lamentar a perda das «terras incógnitas», as manchas em branco nos velhos mapas que indicavam territórios desconhecidos. O arquivista achava tal ignorância romântica, o que era curioso, uma vez que detestava qualquer outro tipo de desinformação.

– Estás a ver? Há uma zona de uns quarenta quilómetros quadrados, situada perto de onde Onkalo deveria estar, que carece de coordenadas. É um buraco negro no mapa – concluiu Yiannis.

– Sim, dir-se-ia que alguma coisa muito grave, algo que querem manter oculto, aconteceu aí há menos de quinze anos. Justamente em Onkalo, numa caverna – aventou Husky, pensativa.

Um pressentimento obscuro de dor e de mal apertou-lhe a garganta. Não era possível esquecer todas as desgraças que existiam no mundo porque o tempo e a memória já tinham aparecido. Teve de esforçar-se para continuar:

– Quem sabe, Yiannis... Talvez seja mesmo a entrada do inferno.

Como ainda não tinham acabado de consertar a porta do seu apartamento, Bruna e o comilão pernoitaram nessa noite em casa do arquivista. Embora, a bem da verdade, a androide não tenha dormido. Limitou-se a dar voltas no sofá, com as longas pernas a ultrapassar os braços do móvel. Em casa de Yiannis não havia álcool e a rep sentiu falta de um copo apaziguador de vinho branco. De um e depois de outro, e talvez de outro ainda. Abençoada brancura brumosa e nublada, nebulosa cegueira mental do vinho branco! No entanto, a sobriedade também teve aspetos positivos; durante a longa vigília, enquanto via como a crescente luz do dia entrava pela frincha da cortina como um fio de água, Husky decidiu que passos daria a seguir. Levantou-se às oito da manhã com um programa claro de atuação e agitada devido àquele excesso de excitação que o cansaço lhe costumava provocar quando fazia um esforço para o dominar.

A primeira coisa que fez foi telefonar ao seu memorista. E devia haver um deus dos tecno-humanos diligentes porque, depois de dois dias sem dar notícias, Pablo Nopal atendeu. Quis desculpar-se com a justificação óbvia de que estivera incontactável, como se isso explicasse alguma coisa, mas Bruna já sabia que o memorista era uma pessoa bastante reservada. Perante a urgência que a androide manifestara, marcara encontro para as catorze horas numa sala virtual da rua de Alcalá. Uma sala virtual! Os locais que Nopal propunha eram sempre estrambólicos e absurdos. A sua

obsessão pela privacidade era tanta que Bruna nem sequer sabia onde ele vivia.

A segunda coisa que fez foi avisar Yiannis do perigo que a Viúva Negra representava. «Não abras a porta a nenhum desconhecido e, se for possível, não saias de casa nem te aproximes muito das janelas», pediu-lhe, repetindo-se tanto na fase de depressão como na maníaca, para que o cérebro atormentado e drogado do arquivista retivesse as instruções com clareza.

Por fim, a rep vestiu-se e decidiu ir à cremação de Rosario Loperena.

Uma vez que o elétrico aéreo se encontrava de novo em greve, ainda por cima numa sexta-feira, tanto o metro como os tapetes rolantes estavam caóticos. Bruna saltou para um dos tapetes e encaixou-se entre a multidão; os tapetes circulavam com uma lentidão exasperante, porque o peso dos passageiros afrouxava a marcha, e estavam tão cheios que era impossível caminhar. A tecno, envolta pelo fedor confuso dos perfumes das pessoas, resignou-se à imobilidade. O seu olfato geneticamente potenciado enlouquecia quando estava muito perto de um grupo de humanos. Desodorizantes, loções, águas-de-colónia, roupa aromatizada. Cedro. Lizard cheirava a cedro, a bosque antigo e sombrio. Um aroma delicioso. Mas também não queria pensar nisso. Precisava de se manter concentrada e alerta, não fosse a Viúva Negra atacar novamente. Estar presa entre uma multidão não era uma situação ideal de segurança. Pensou no apalpador. Coitado, oxalá estivesse bem. Telefonar-lhe-ia depois, à tarde.

Deslocou o seu peso de um pé para o outro e conteve um grunhido de impaciência. Na realidade não

tinha pressa; faltavam quase duas horas para o início da cerimónia. A androide dirigia-se para o cemitério de Almudena, onde se efetuariam a cremação da mulher de Gand; a autópsia fizera-se a uma velocidade inusitada, como se alguém proeminente estivesse interessado em pôr um ponto final no assunto – Gand e Yárnaz não haviam sido despachados com a mesma rapidez apenas devido ao estado de contaminação radioativa que apresentavam. Os protocolos de emergência tinham sido acionados e os corpos iriam ser examinados *a posteriori* por especialistas.

Fora o que Lizard lhe contara.

O Caimão, o Lagarto com aroma de árvore. O estranho displicente e sem amor que a possuía naquela casa de banho.

Tornou a olhar em redor, atenta à mais pequena mudança. Parecia estar tudo sob controlo. Entreteve-se então a observar os ecrãs públicos e os terminais das cadeias noticiosas que ribombavam sobre as suas cabeças. Por norma nunca o fazia; como tantos outros cidadãos, desenvolvera a capacidade de ignorar a catarata de estímulos ininterruptos. Agora via as mesmas imagens, repetidas vezes sem conta, de um Ins a explodir na rua. Antes de se transformar numa miríade de frangalhos orgânicos, o Terrorista Instantâneo parecia ser um jovem de ascendência asiática. Viam-no parar a meio de uma praça, abrir os braços como se fosse começar a voar e um segundo depois, o rebentamento. Regra geral, os Ins matavam-se sozinhos, sem causar mais vítimas, e os meios de comunicação não lhes davam muita importância. Desta vez, no entanto, os ecrãs insistiam em passar e tornar a passar a mesma imagem cruel. Não deviam ter mais

nada sobre o que falar, pensou Bruna; ou então, quem sabe, tivessem até de mais e quisessem distrair a atenção das pessoas com o Ins. A rep, que às vezes se deixava arrastar por suspeitas obscuras, ficava inquieta com aquelas enxurradas súbitas de informação repetitiva. Havia dezenas de cadeias noticiosas e, além disso, os ecrãs públicos estavam supostamente abertos a todos os cidadãos, mas, apesar dessa enorme diversidade, havia alturas em que tudo o que se via e sabia era igual, como se os estratos mais poderosos da sociedade cerrassem fileiras para manipular a informação e reduzi-la a uma única mensagem. Os Ins foram sempre terroristas obscuros e marginais, pensou Husky; aquela aluvião repentina e inesperada de imagens acerca deles não estaria a entreter, a atordoar, a ocultar outras notícias? Embora a paranoia talvez fosse um defeito profissional dos detetives.

Chegou ao cemitério ainda com muito tempo pela frente. Instalou-se no local mais discreto que encontrou na grande sala circular do crematório, de pé, junto à parede, à direita de uma das entradas, meio escondida pela porta. Daí podia observar as pessoas sem que estas a vissem e controlar todos os acessos; além disso, tinha as costas cobertas e estava perto de uma saída, caso fosse necessária uma fuga rápida. Não esperava grande coisa da cerimónia e, embora a experiência lhe demonstrasse que os assassinos costumavam manifestar uma estranha atração pelas exéquias das suas vítimas, a Viúva Negra parecia demasiado profissional para incorrer em semelhante estupidez. Mesmo assim, havia a questão do diamante roubado. E era sempre bom ver com quem se relacionavam Loperena e Gand.

Almudena era o cemitério mais antigo e mais caro

de Madrid. O crematório era um belíssimo exemplo da *arquitetura invisível*, tão na moda há algumas décadas. Fora totalmente construído com vidro de ilusão ótica, um material que, através de projeções e hologramas, podia adotar a aparência de qualquer forma e cor. Agora o crematório mostrava filas de colunas neobarrocas de malaquite, com o fuste retorcido e escamoso como a pele de um dragão, e anjos de mármore que abriam e fechavam lentamente as asas. A grande abóbada de vidro projetava um céu azul, nuvens vaporosas que se desfiavam e aves a voar.

– Estou a ver que o local te impressiona, Husky.

A androide sobressaltou-se, baixou os olhos e viu Carnal, a ativista do Movimento Radical Replicante, aquela pequena tecno de cálculo tão metediza. Mantinha-se a um cauteloso metro de distância, mas, mesmo assim, Husky praguejou contra a sua distração; se fosse a Viúva Negra, um metro de distância não teria sido suficiente.

– Nem por isso. O *design* moderno parece-me excessivo e pretensioso – retorquiu Bruna, irritada. – Porque andas atrás de mim?

– Apaixonei-me – respondeu Carnal, aproximando-se.

– Não é recíproco.

– Que se há de fazer? Tentarei viver com esse desgosto.

– Estou a falar a sério; começo a estar farta de te encontrar.

– Sossega, calmeirona. Já me vou embora. Uma pergunta: manténs algum contacto com as novas vagas de reps de combate?

– Não.

– Claro que não. Nem com reps de qualquer tipo. Não gostas dos reps. Muitas vezes, os escravos são os primeiros a desprezar os seus semelhantes.

– Carnal... – grunhiu Husky, ameaçadora.

A pequena androide levantou uma mão num gesto de paz.

– Está bem, está bem. Só queria contar-te uma coisa que, creio, te vai interessar. Sabes onde os reps de combate cumprem agora os dois anos de serviço obrigatório para o fabricante? Alguns ainda são teletransportados para o planeta mineiro, como tu. Sim, não ponhas essa cara, li o teu historial. No entanto, a maior parte é enviada para Norte, para Leste, para Sul... para os confins do mundo. Há uma guerra estranha e obscura a urdir-se lá longe. Procura nas notícias. Chamam-lhes «pequenos incidentes isolados de violência». Mas eu creio que há mais qualquer coisa. Muito mais.

– De que guerra falas? Estamos em paz desde a Unificação.

– Ah! Vê lá tu, que bom! Então, se estamos em paz, faz de conta que eu não te contei nada – troçou Carnal.

Veloz como um ratinho, pôs-se em bicos de pés, beijou Bruna no pescoço e conseguiu fugir da palmada que a detetive lhe tentou dar.

– Até à próxima, calmeirona! – despediu-se a sorrir, antes de desaparecer pela porta.

Husky esfregou o pescoço com desgosto. Não fora um mero beijo; a cretina dera-lhe um chupão. O crematório já estava quase cheio; as longas filas de elegantes cadeiras douradas estavam ocupadas por dezenas de humanos bem vestidos, tão semelhantes uns aos outros nas suas roupas caras e nas suas atitudes de

altiva autocomplacência que, apesar de terem a pele de todas as cores, pareciam pertencer a uma única família. Claro que as operações estéticas, que deviam ser realizadas pelo mesmo grupo restrito de cirurgiões, figuras cimeiras da profissão, contribuía bastante para essa mimetização. Nenhum dos presentes lhe pareceu familiar e, evidentemente, não viu a Viúva Negra. No outro lado da sala, avistou Lizard, também de pé e ao pé de uma porta, tal como ela. Não parecia ter dado por Bruna. Ou talvez estivesse apenas a ignorá-la.

Não se via um único rep no interior do crematório. Levada por um pressentimento, Bruna esticou o pescoço e olhou para o exterior através da porta. Aí, no vestíbulo, em pequenos grupos ou apoiados indolentemente à parede, viam-se duas dezenas de tecnos de combate. Os guarda-costas privados dos poderosos. Cães bem treinados que eram deixados lá fora, para não depreciar a cerimónia.

Uma cerimónia que, aliás, já começara. Ouviu-se uma música belíssima, notas de piano a cair sobre o público como cristais partidos. O caixão de Loperena emergiu de um alçapão do subsolo e uma imagem tridimensional da defunta começou a flutuar sobre ele. Houve discursos, evidentemente; familiares a desfiar lembranças, amigos a contar episódios. Lágrimas. Passaram filmes tridimensionais de Loperena e de Gand, imagens comoventes de tempos passados, uma Rosario muito nova e com dois bebés (Loperena tivera filhos do primeiro casamento); os órfãos, em carne e osso, presidiam à cremação e também lá se encontravam os seus próprios filhos, os netos da defunta. Na grande sala circular encontravam-se humanos de todas as idades, incluindo crianças bem-

educadas, tensas e aborrecidas, trajando roupas tão sérias que pareciam anões adultos. No fim, essas crianças depositaram rosas naturais no caixão. Mais música. Mais prantos. Husky invejou aquela capacidade dos humanos em fazer crer que se amavam. Assistira a mais de uma cremação, a mais de um funeral e era preciso reconhecer que dominavam o ritual das despedidas, a húmida exibição de afetos e emoções. Eram uns verdadeiros artistas da beleza lacrimosa. E mostravam-se sempre tão unidos! A família humana era o raio de uma força da natureza, uma alcateia de lobos, uma tribo. Os reps, pelo contrário, estavam sós. Uma solidão cósmica e monumental, sem outra família além do enredo de mentiras das suas memórias falsas. O caixão de Loperena começou a descer novamente até ao subsolo a meio de uma apoteose musical e Bruna saiu a correr do crematório. Tinha um nó na garganta e não era pela morte da viúva.

Faltava muito pouco tempo para o encontro com Nopal e ela tentou apanhar um táxi. Como passavam todos cheios devido à greve dos elétricos, acabou por se resignar a apanhar o metro. Com uma técnica prudente e rotineira, entrou numa carruagem e saiu no último momento para evitar ser seguida. Depois entrou num comboio que ia no sentido contrário e, instalada na última carruagem, telefonou a Mirari. Além de ser uma boa violinista, ou, pelo menos, de o ter sido antes de perder um braço, Mirari era uma belíssima falsificadora de documentos, distintivos civis e biografias, e mexia-se muito bem nos diversos submundos existentes fora da lei. Pobre Mirari; envolvera-se com delinquentes por precisar de juntar dinheiro suficiente para comprar uma prótese que lhe permitisse regressar à música, a sua

única paixão. O rosto intenso e pálido da humana, corado por um matagal de cabelos brancos e eriçados, encheu o ecrã.

– Que bom ver-te, Husky.

Vindo dela, aquele cumprimento era quase uma declaração de amor. A androide sorriu.

– Mirari, preciso da tua ajuda.

– Devo mudar para um telemóvel encriptado?

– Não é preciso. O que te vou pedir não é assim tão secreto. Estou à procura de uma assassina, provavelmente mercenária. Muito competente. Pequena, talvez com um metro e sessenta; maciça, com músculos como bolas de arame. Nem na cara tem carne. Parece feita de pedra. Idade indefinida. Está neste momento em Madrid. Se conseguires saber alguma coisa acerca dela...

– Não te preocupes. Telefono-te – assegurou Mirari antes de desligar.

Embora tenha feito o percurso entre o metro e a sala virtual a correr, Husky chegou atrasada ao encontro com o memorista. Por qualquer enigmática razão, sempre que se ia encontrar com ele, atrasava-se.

Passou o telemóvel pelo visor de pagamento da bilheteira e entrou na sala; ainda sob a ação da lei da inércia provocada pela pressa, quando se deu conta já estava a meio do salão. Parou e olhou em redor; à sua volta abriam-se uma dúzia de cubículos com três paredes, organizados como as capelas de uma catedral gótica. Alguns deles tinham uma poltrona; outro, duas; nos maiores, quatro. Nas paredes dos cubículos passavam filmagens que anunciavam algumas das visitas virtuais à venda; o ambiente geral era escuro e silencioso. Só quatro das capelas estavam ocupadas e a

androide examinou cautelosamente os jogadores; embora o capacete não permitisse ver-lhes os rostos, pela estrutura do corpo era impossível algum deles ser a Viúva Negra. Nopal estava sentado num sofá de dois lugares, com os braços cruzados e a fitá-la com ar aborrecido. Bruna aproximou-se.

– Desculpa o atraso.

– Não tens emenda – resmungou Pablo. – Não sei a quem saís.

Por vezes o seu memorista soava como um progenitor humano. No fim de contas, dera-lhe vida ou, pelo menos, criara-lhe uma biografia; fora até um pouco mais longe, entregando a Bruna a sua própria existência ao reproduzir nela as suas recordações. No entanto, Pablo Nopal não era seu pai. Era excessivamente atraente e sensual, demasiado jovem e malévolo para isso. Bruna suspirou.

– Se calhar o meu engenheiro genético estragou alguma conexão. Queres que viajemos para algum lado?

– Sim – indicou Nopal, rodando o sofá na direção da parede e pegando no capacete dependurado na consola.

– Programa vinte e três.

– Espera um pouco...

A androide foi até à porta, único acesso ao local, e deixou no chão, junto ao umbral, um pequeno alarme luminoso. O dispositivo avisá-la-ia se alguém entrasse, dando-lhe tempo a Bruna para sair da viagem virtual. Depois regressou ao cubículo, sentou-se e colocou o capacete integral, que cobria o rosto por inteiro, adaptando-se suavemente ao contorno da cabeça, de modo a instalar os elétrodos no lugar adequado. Carregou na ativação, reclinou-se no sofá e enfiou as

mãos nas luvas dinâmicas.

– Vinte e três – declarou em voz alta.

Mergulhou de imediato no cenário virtual, onde Nopal já a esperava. Era uma antiga selva tropical; já não existiam locais daqueles a não ser nas propriedades exclusivas dos hotéis de luxo. Perto do memorista estava um enorme gorila prateado a comer um fruto redondo com a delicadeza de um *gourmet*. Husky observou-o, fascinada; há quase um século que os grandes símios – os chimpanzés, os gorilas, os orangotangos, os chimpanzés-pigmeus – estavam extintos. Restavam poucas centenas em reservas, mas, como tinham sido incluídos na nova categoria taxonômica de seres sencientes, que abarcava os reps, os humanos, os alienígenas, os grandes símios e os cetáceos, as reservas concediam muito poucas autorizações de visita; os símios viviam isolados e protegidos, mas também, de alguma forma, aprisionados. Pelo menos ainda restavam alguns cetáceos em liberdade, embora a sua sobrevivência fosse dificultada devido à proliferação de alforrecas, que destruíam o *krill* e uma boa parte das criaturas marinhas.

– Bruna! – gritou o memorista.

A rep sobressaltou-se e o salto fê-la dar uma cambalhota no ar. Caiu de pé, endireitou-se com dificuldade e voltou-se; Pablo estava sentado numas rochas cobertas de folhas e batia com a mão num espaço ao seu lado, chamando-a para junto dele. Husky começou a caminhar de forma desajeitada; não era hábito frequentar as salas virtuais e controlar as deslocamentos com movimentos da cabeça, das sobrancelhas e dos olhos era bastante complicado. Além

disso, a tecnologia dos salões recreativos era um tanto ou quanto rudimentar, e até o melhor jogador se movia de forma pouco natural. Demorou uma eternidade a chegar ao pé de Nopal e ainda mais a sentar-se convenientemente junto do memorista, que se ria a bom rir diante dos esforços dela. No entanto, uma vez sentada sentiu-se bem. Estava bastante calor (um calor húmido, mas não a ponto de se tornar desagradável – afinal, era uma selva domesticada) e o espaço era belíssimo; o sol trespassava pontualmente a folhagem espessa, a luz era esverdeada e brilhante, as rochas onde se sentavam faziam parte de uma pequena nascente, nos troncos das árvores cresciam orquídeas, o ar era sulcado por pequenos pássaros e tinham também a companhia dos gorilas, que Bruna percebeu serem uma família que comia placidamente entre a folhagem.

– Bom, o que tinha tanta urgência? – perguntou Nopal.

Na realidade, pensou a androide, o local não fora mal escolhido; ninguém os ouvia, ninguém podia ver-lhes a cara, falavam através dos capacetes e, depois do famoso julgamento do cantor David Peña sobre o direito à intimidade, as conversas já não ficavam gravadas. De modo que Husky se instalou comodamente, tentou não se distrair com a nuvem iridescente de borboletas que os rodeava e contou ao seu memorista o que tinha acontecido e como reconheceu Yárnoz.

– Sim, Carlos Yárnoz. Claro que nos lembramos dele – disse Nopal, falando da memória de ambos no plural, um tique que a irritava imenso. – Era amigo dos nossos pais.

– Dos teus, queres dizer – resmungou a rep.

Também a agastava a imperturbabilidade de Pablo Nopal; o que quer que se lhe contasse parecia-lhe sempre normalíssimo.

– O homem era engenheiro, creio... ou talvez físico. Não tenho a certeza. Quando eu era pequeno, ele e os meus pais eram muito amigos. Estava sempre lá em casa. Eu chamava-lhe tio Carlos. Disso também te deves lembrar.

– Não menciones a minha memória, por favor – pediu a androide com segura.

– Bom, a verdade é que ele desapareceu de repente. Eu ainda era pequeno. Depois deu-se o assassinato do meu pai, a morte da minha mãe...

Bruna não disse nada; isso sabia ela, até bem de mais. Tinha gravada toda essa dor em cada uma das suas células, embora a versão que Pablo Nopal partilhara com ela tivesse sido suavizada; a vida real do memorista fora bem pior, com os maus-tratos no orfanato, e sobretudo, os abusos posteriores do irmão do pai que o adotara. Um tio que, passados anos, Nopal muito provavelmente assassinara. Fora julgado por esse crime, embora uma questão duvidosa de contaminação de provas tivesse evitado a sua condenação. No entanto, quase toda a gente o achava culpado. Depois do escândalo, o governo prescindira dos seus serviços como memorista e, desde essa altura, Pablo dedicava-se a escrever romances e peças de teatro. Era um autor bastante famoso, se bem que não precisasse de trabalhar para viver. O tio, além de perverso, era também riquíssimo, e todo o seu dinheiro acabara nas mãos, porventura ensanguentadas, de Nopal.

– Perdi-o de vista e esqueci-me dele até ter sabido, passado muito tempo e quando já trabalhava como

memorista, que esteve envolvido num caso obscuro de espionagem.

– Era espião? Trabalhava para quem? O que espiava?

– Tinha um cargo importante no Ministério da Indústria e estava ao serviço de Labari.

Labari! Uma das duas Terras Flutuantes, as gigantescas plataformas artificiais que orbitavam a Terra.

– De facto, quando foi descoberto conseguiu fugir antes de o prenderem e, ao que parece, exilou-se em Labari. Não sabia que tinha voltado à Terra.

– Claro. Por isso usava aquele rabo de cavalo grisalho a cair-lhe pelas costas... – notou Bruna; em Labari, as classes altas distinguiam-se por usarem cabelo comprido e o seu fanatismo retrógrado impedia-os de usar tintas ou indutores de cor para o cabelo.

Um grande gorila macho aproximou-se para os observar. Pôs-se diante deles, muito direito, um animal enorme com um peito fortíssimo, e lançou-lhes um olhar hostil e inteligente, um olhar ardente cor de mel.

– Baixa a cabeça, Bruna. Não o fites diretamente nos olhos. É o líder do clã. É educado demonstrar-lhe respeito – indicou o memorista, encostando o queixo ao peito.

– Pelo grande Morlay! É um gorila virtual! A que se deve este disparate?

– Faz o que te digo. Caso contrário, o programa chateia-nos durante meia hora e não conseguiremos continuar a falar – insistiu Pablo.

Os bonitos olhos do símio estreitaram-se momentaneamente, enraivecidos. Duplamente desgostosa, Bruna baixou a cabeça; se por um lado a

irritava não poder continuar a fixar aqueles olhos tão humanos e perturbadores, por outro sentia-se uma completa idiota ao ter de inclinar a cabeça diante de um monte de *pixels*. O primata deu um grunhido, baloiçou-se sobre as pernas curtas, deu meia-volta e afastou-se. A androide ficou a olhar para as costas largas e prateadas enquanto ele desaparecia entre a folhagem. O extermínio dos grandes símios fora um verdadeiro genocídio.

– Nopal, está a acontecer-me uma coisa muito estranha – saiu-lhe de repente; e calou-se, surpreendida com o que se preparava para partilhar.

– Ah, sim? O quê?

– Estou... Estou a contar uma história. A Gabi, sabes, a menina russa. É uma história que eu não conhecia; estou a inventá-la.

– Estás portanto a contar-lhe uma mentira?

– Não, uma história! A do gigante e do anão. A minha mãe contava-ma. Isto é, a tua mãe! Como só me deste o título, e não a recordação do enredo, estou a imaginar o seu conteúdo. As palavras vêm-me à boca e... E as coisas que invento! Não sei de onde vêm.

Pablo Nopal desatou a rir.

– A mim acontece-me o mesmo quando escrevo os meus romances.

– Mas eu não sou memorista; eu sou só a porcaria de uma androide de combate!

– Não. Tu não és só isso. Eu dei-te muito mais.

Bruna rangeu os dentes. Três anos, dez meses e seis dias.

– O medo da morte – balbuciou, com a voz sufocada.

– Que é o dom dos artistas. Sem medo não há

criação.

– Mas... mas que raio criei eu?

– Acalma-te. Por exemplo, agora estás a criar uma história para Gabi, certo? É interessante. Confirma as minhas teorias. Sempre achei que nos tornamos escritores a partir da perda, sobretudo se tal perda aconteceu na infância. Da dor da privação nasce a obra. Acabei de ler um autor obscuro de há duzentos anos, um tal Scott Fitzgerald, que sugere algo parecido: «Três meses antes de eu nascer, a minha mãe perdeu as suas outras duas filhas. Creio que comecei a ser escritor nesse momento.» É bom, não é? Eu dei-te todas essas recordações penosas, Bruna. As minhas memórias. Portanto, o que fez de mim um escritor talvez também funcione contigo.

Husky olhou para Nopal, desconcertada e confusa.

– Mas estou a usar palavras que me são desconhecidas.

– Isso não é estranho; ao contrário do que acontece com os outros tecnos de combate, também te dei a memória de um dicionário inteiro. Aquilo que te diferencia é precisares de o utilizar. Se não houvesse necessidade, não haveria uso.

Ao longe, um gorila com uma cria ao colo aninhou-se ao pé do grande macho, compondo a imagem da família perfeita.

– Conta-me a história do anão e do gigante, por favor – suplicou a rep. – Tu tens de a conhecer. Tu sim, tu ouviste-a da tua mãe.

Nopal franziu o sobrolho.

– Hum... Não a sei. Não me lembro. A sério. Se me lembrasse dir-te-ia. Acho que vais ter que ser tu a contar-ma.

Bruna baixou a cabeça, angustiada. Nesse caso, nunca ouviria aquelas palavras maternas que lhe pareciam tão doces?

– A minha história não te agradaria, Nopal. Tenho a certeza.

Quando saiu da sala virtual, Husky decidiu voltar para casa a pé. Ainda era cedo, umas quatro da tarde, e o sol abrasava. Mas a rep tinha muito em que pensar e a cabeça funcionava-lhe sempre melhor quando punha o seu corpo forte em movimento. Com que então, Yárnoz fora um alto funcionário do Ministério da Indústria, Desenvolvimento Sustentável e Energia, o mesmo ministério em cujos interstícios administrativos desaparecera misteriosamente o registo nuclear sobre Gabi que o hospital ativara. Como música de fundo, a contaminação radioativa continuava a surgir a espaços. Os incidentes nos confins da Terra, a guerra oculta a que se referira aquela chanfrada de Carnal também estariam relacionados com a radioatividade? Dzerzhinsk, a cidade natal de Gabi, podia ser considerada um desses confins? Husky interrogara discretamente a criança sem lhe revelar o seu estado crítico, para tentar conhecer as suas atividades recentes e assim detetar a origem da contaminação, mas a pequena russa era um monstrinho mudo e relutante.

Subiu pela Gran Vía à procura de sombras que a protegessem do sol abrasador e, quando chegou à praça de Potosí, avistou o pescoço comprido de uma chaminé por trás das casas baratas e feias de reinserção social. Husky passara por ali muitas vezes, mas nunca reparara na chaminé que, sem dúvida, fazia parte de um *moyano*. Sem as palavras insidiosas da ativista rep

teria com certeza voltado a ignorar tal presença, mas Carnal, como uma melga, parecia ter a capacidade inconveniente de se intrometer nos pensamentos de Bruna.

Atravessou a praça levada pela curiosidade e disposta a encontrar o crematório rep. Aquela zona de Madrid, central há um século, sofrera muito durante as Guerras Robóticas. Sobre as ruínas construíram-se prédios à pressa e sem qualidade a fim de acolher, ao que se suponha então provisoriamente, as populações deslocadas pela violência dos conflitos; tais casas, de uma fealdade arrepiante, acabaram superlotadas e foram eventualmente transformadas nos lares permanentes das pessoas mais pobres da cidade. Aquele era o último nível dos que podiam permitir-se pagar os direitos do ar; a queda seguinte no escalão social era a emigração para uma zona contaminada. Bruna penetrou nas ruelas estreitas que se agrupavam atrás da praça e, dado que no interior daquele labirinto de casinhas já não se avistava a chaminé, teve que andar às voltas até encontrar o edifício, um mamarracho retangular forrado a pedra artificial e com uma porta dupla enorme de ferro. Parecia um armazém, sem janelas e nada que identificasse a sua função; em cima da entrada apenas existia um letreiro em néon onde se podia ler *Moyano S.A.*

A detetive empurrou a porta metálica e espreitou, cautelosa. Um sopro de ar fresco saiu do interior; o recinto tinha, com certeza, ar condicionado, mas aquela brisa parecia ser especial, lúgubre e húmida, uma frieza de tumba. Husky entrou e a porta fechou-se atrás de si, tapando a luz do sol. Estava numa sala retangular, muito grande, com dois balcões compridos de ambos os

lados. O interior também estava revestido de pedra artificial e o chão, de um polipropileno feio e esverdeado. A luz artificial, esbranquiçada e fria, acentuava a austeridade do local. Atrás dos balcões viam-se meia dúzia de indivíduos a trabalhar; além dos empregados, Husky era a única pessoa presente. Hesitou um pouco e acabou por se aproximar de um humano que se encontrava à direita, com os cotovelos apoiados ao balcão de fibra de vidro e um olhar perdido.

– Venda de peças em frente – declarou enfadado quando a viu aproximar-se.

– Venda de peças? Não, eu... eu venho... venho à procura de uma informação.

– Informações em frente – declarou o homem no mesmo tom monocórdico.

Husky deu meia-volta. Nesse momento entrou no edifício uma mulher apoiada numa muleta que, determinada, se dirigiu a coxear para o balcão oposto. Husky atravessou o vestíbulo, sentindo que os sapatos se colavam ao chão sujo, e parou atrás da recém-chegada. Era uma humana de uns sessenta anos, com uma cara redonda e simpática, apesar da enorme cicatriz que lhe deformava o lado direito. Tinha um braço artificial metálico, antigo e barato, e os seus movimentos deviam ser, sem dúvida, muito limitados.

– Boa tarde! – exclamou resolutamente a mulher.

Um dos empregados, um humano jovem, levantou-se e aproximou-se do balcão:

– Boa tarde, Irene! Arranjei o que querias. Já o trago.

O rapaz afastou-se até uma zona de caixas e arquivadores que se via ao fundo. A mulher voltou-se

para a rep e dedicou-lhe um sorriso emocionado e luminoso com uma boca cheia de dentes metálicos.

– Também vens buscar uma prótese?

– Uma prótese? Não, não, eu... Venho pedir uma informação.

– Só to pergunto porque as tecno de combate costumam precisar de muitas. A mim dão-me cá um jeito! Fui arrastada pelo metro: danos de cima a baixo, como podes ver. Como não tinha seguro médico, aconselharam-me a eutanásia. Mas, olha, ainda cá estou. Como sabes, a carne e os ossos ardem a novecentos graus, mas o titânio e o *tirix* aguentam até aos mil e quatrocentos ou mesmo mil e seiscentos graus, de modo que reciclam as próteses e as vendem mais barato. Leva tempo e esforço mas, pouco a pouco, estou a ficar melhor... – explicou a mulher, orgulhosa. – E vê lá como são as coisas: este rapaz ajudou-me muito. Procura as partes de que preciso e guarda-mas.

Ouviu-se um ruído metálico no fundo da sala e tanto a humana como Husky olharam para lá. Na parede traseira havia uma entrada em que a androide não reparara; acabavam de a transpor duas humanas com fatos-macaco cor de vinho e as palavras *Moyano S.A.* gravadas no peito. À sua frente avançava um carrinho motorizado que transportava uma caixa retangular cinzenta de cartão endurecido. Fora numa caixa como aquela que haviam levado o corpo de Merlín. Do seu Merlín. As operárias dirigiram-se ao balcão da frente e trocaram algumas palavras com o homem de olhar perdido. Depois pousaram as mãos num leitor digital, colocando o carro em cima de um alçapão que havia no chão e prendendo-o. Ouviu-se uma campainha de aviso e a plataforma começou a descer, levando a caixa para

o subsolo. Era a única parecença entre o crematório da Almudena e aquele sórdido *moyano*: a descida dos cadáveres até sabe Deus que mundo subterrâneo.

– Aqui estão, Irene.

O empregado regressou com um saquinho de pano na mão. Despejou o conteúdo sobre o balcão e meia dúzia de parafusos grossos com uns cinco centímetros tilintaram sobre o vidro.

– Julgo que te servirão porque a rep..., bom, a tecno-humana era mais ou menos do teu tamanho – disse o rapaz com um olhar de soslaio para Husky, depois de corrigir a palavra *rep*, depreciativa e coloquial.

– Que maravilha, Pascal! Que maravilha! – entusiasmou-se a mulher, atirando-se às peças como uma criança a um brinquedo.

Com um ruído de máquina antiga, o alçapão do chão fechou-se atrás delas, já vazio. Bruna observou as operárias que se dirigiam para a porta por onde tinham entrado. No silêncio momentâneo podia ouvir-se o ranger das solas dos seus sapatos sobre o plástico pegajoso. Apenas aquele *nhac-nhac* e o entrechocar dos parafusos de alguma infeliz androide cujo fim ninguém acompanhara e por quem ninguém chorava. Pantomimas de vidas, mortes miseráveis.

Do *moyano* a casa distavam menos de quatro quilómetros que Husky percorreu aceleradamente em quinze minutos. Diminuiu o ritmo a cem metros da entrada e percebeu que um carro se punha em movimento assim que ela passou. Pelo cantinho do olho, viu que era escuro e grande. Uma descarga de adrenalina instantânea eletrizou-lhe o corpo: perigo, perigo! O plasma negro. Iam disparar contra ela e matá-la como haviam feito a Yárnoz e ao secretário. Atirou-se de cabeça para o chão, deu uma cambalhota sobre si própria e ficou encolhida atrás de um banco. O material do banco, um betão leve, não serviria de proteção diante do raio letal, mas pelo menos assim o assassino não conseguia vê-la, o que prejudicaria a sua pontaria. Examinou o pedaço de passeio que acabara de atravessar e não viu nenhum impacto do silencioso e devastador feixe de energia. Portanto, ainda não tinham disparado. Husky aguçou o ouvido mas, além do latejar do seu próprio coração, não se ouvia mais nada. As poucas pessoas que então passavam pela rua correram espavoridas assim que a viram saltar e o carro devia ter parado. Se saíssem do veículo para a matarem, ia dificultar-lhes a vida.

– Bruna Husky? És a Bruna Husky, não és? Estás aí? Estás a ouvir-me?

Uma voz de homem, educada, ligeiramente melíflua. Se era o assassino, usava métodos muito estranhos.

– Hum, sou do ministério. Envio-te o meu cartão de visita para o telemóvel.

O aparelho vibrou no pulso da androide: *Ministério da Indústria, Desenvolvimento Sustentável e Energia. Sede Regional. Antonio Preciado Marlagorka*. Que raio de nome! Só os imbecis usavam dois apelidos. Ou os humanos supremacistas, para se diferenciarem dos tecno-humanos que, como é natural, só tinham um. *Diretor-Geral de Segurança Energética*. Um peixe graúdo. Tinha a imagem dele e o documento parecia autêntico. Husky arrastou-se ao longo do banco e espreitou com cautela pela extremidade. A porta do carro estava aberta e lá dentro, expectante e um pouco confuso, estava o mesmo imbecil da fotografia. A tecno-humana levantou-se lentamente, sentindo-se um pouco ridícula. Para quê aquela cambalhota espetacular? O tipo exibiu um sorriso tão forçado e artificial que a sua expressão mais parecia revelar asco. Não, aquele humano de dois apelidos não gostava de reps, isso era certo. Bruna esticou-se para parecer mais alta e ameaçadora e aproximou-se, exibindo uma expressão mal-humorada.

– O que queres?

– Uma coisa que, julgo, te pode interessar. Entra, por favor.

A androide entrou e sentou-se diante do tipo.

– Concordas que demos umas quantas voltas ao quarteirão enquanto conversamos?

– É tão demorado o que me queres dizer?

– Círculos de cinco minutos até novo aviso – ordenou Preciado ao painel de controlo automático.

A porta fechou-se e o carro pôs-se em andamento. O homem reclinou-se no assento e olhou para ela. A cabeça dele tinha a forma extraordinária de uma pera, com a testa estreita e as bochechas redondas e

pendentes. O cabelo era amarelado e os olhos de um azul tão claro que quase pareciam transparentes. Preciado Marlagorka suspirou.

– Estou muito preocupado.

Bruna teve vontade de rir. Ele dissera-o num tom íntimo, doméstico, pessoal, como se pretendesse confiar-lhe as suas dúvidas sobre a fidelidade do cônjuge.

– Ah, sim?

– Sei que a criança que tutelas sofre de uma severa contaminação radioativa e que apresentaste a denúncia correspondente ao ministério.

– Eu não. O hospital.

– Como deve ser. É protocolo obrigatório. Para segurança de todos.

– Pois.

– Sei que essa participação se perdeu. Desapareceu. Nunca chegou à minha direção-geral, que era o seu destino. Estamos a investigar onde se volatilizou e como isso pôde acontecer sem deixar rasto. Porque não deixou nenhum vestígio, estás a perceber? E sou eu o encarregado da segurança!

Disse a última frase a gritar, súbita e inesperadamente fora de si. Inspirou profundamente, alisou o cabelo de ratazana e recuperou os seus modos suaves e untuosos.

– Isto, por si só, já é preocupante. Mas, como bem sabes, há mais.

Bruna olhou para ele, cautelosa.

– E o que é que eu sei?

O homem agitou a mão no ar num gesto fatigado.

– Não percamos tempo com joguinhos, por favor. Estou a par do teu envolvimento no caso; da entrevista

com a falsa Rosario Loperena e da tua presença no local do crime de Gand e Yárnoz. Como deves compreender, o meu posto dá-me acesso a todos os relatórios policiais.

Um peso repentino oprimiu o peito da rep e a sua saliva amargou-se. Com que então, aquele desgraçado do Lizard escrevera no relatório que ela estava presente quando Gand morrera? Ela contara-lhe, claro, mas só a ele. Era um segredo, uma confiança, e ele traía-a. Tentou que o seu rosto não refletisse a sua perturbação.

– E...? – perguntou com uma soberba e um descaramento exagerados.

– E... há mais um facto que ignoras. Carlos Yárnoz teve um cargo importante no nosso ministério. Eu conheci-o; trabalhámos juntos, era meu chefe. Para ser ainda mais exato, fui o seu sucessor. Descobriu-se que espiava para os labáricos que, nessa altura, acabavam de fundar a sua Terra Flutuante. Horas antes de o deterem, fugiu e exilou-se no Reino de Labari. Estás a perceber? Horas. Como é que ele soube? Alguém o avisou. Creio que temos uma «toupeira» no ministério, um agente infiltrado há mais de vinte anos. Isso explicaria o desaparecimento do relatório da criança que tutelas.

Felizmente, Husky não tivera tempo de contar a Lizard a conversa travada com o memorista. E agora, com certeza, nunca o faria.

– Suponho que deve haver poucas pessoas a trabalhar no ministério há tanto tempo...

– Estás enganada. Existem exatamente duzentas e quarenta e sete, das quais setenta e seis no setor da Energia. Somos como uma grande família. E, além disso, também não nos podemos limitar aos veteranos.

A «toupeira» pode ter recrutado e treinado outra pessoa para o substituir. É o que se costuma fazer.

– Muito bem, tinhas razão. Tudo isso me interessa. No entanto, gostaria de saber porque decidiste partilhá-lo comigo.

– Quero que sigas o rasto de Yárnoz e que vás a Labari investigar.

Bruna achou a proposta tão ridícula que não conteve uma gargalhada.

– Eu? A Labari? Pois se a entrada dos reps nas Terras Flutuantes é proibida!

– O que não te impediu de lá teres estado clandestinamente.

Husky parou de rir.

– Vejo que estás bem informado.

– Dedico-me a isso, Husky. À segurança. A minha especialidade é a informação. E sou bom; embora, dadas estas infelizes circunstâncias, não o pareça.

A androide remexeu-se, inquieta, no assento.

– É verdade. É possível. Posso disfarçar-me e entrar em Labari. Mas é um risco acrescido, uma dificuldade a mais. E, além disso, porquê eu? Não tens um esquadrão de agentes a trabalhar para ti?

– Imaginemos o pior; por exemplo, que te descubrem. O ministério não pode dar-se ao luxo de enviar um dos seus funcionários; não quero provocar um grave incidente diplomático. Tu és detetive, estás interessada, até já estás a investigar o caso... Ofereço-te ajuda e colaboração.

– Ah, sim? E qual seria a tua contribuição?

– Documentos falsos cem por cento garantidos, um disfarce credível para a viagem e dinheiro para os gastos.

– Só para gastos? Tenho os meus honorários e receio que, neste caso, sejam elevados.

– E eu tenho um gabinete de tesouraria a que prestar contas e não posso pagar-te oficialmente. Esta será uma viagem clandestina, pelo que pagarei as despesas do meu próprio bolso. No entanto, quero propor-te uma contrapartida que, creio, é generosa. Mostrar-me-ás o mesmo tipo de cortesia, analisando-a?

Mau grado seu, Husky olhou para ele, intrigada.

– Proponho incluir a criança russa no meu seguro médico. Posso fazê-lo. E ela pode ser curada.

A proposta surpreendeu e chocou a detetive. Formou-se-lhe um nó no interior da cabeça: desconfiança em relação a Preciado, angústia pela criança, raiva por sentir essa angústia, sensação de ter caído numa armadilha, curiosidade, excitação, inquietação profunda. Um torvelinho desagradável de emoções.

– Vou pensar nisso.

– Tens vinte e quatro horas. Depois de amanhã procuro outra saída. Para junto do passeio, deixa sair um passageiro – ordenou Preciado ao painel de controlo.

O carro parou e a porta abriu-se.

– No meu cartão de visita tens os meus números de telefone privados. Fico à espera da tua resposta, Bruna Husky.

A androide ficou parada no passeio vendo o carro afastar-se. Em que momento de loucura lhe ocorrera encarregar-se de Gabi? Três anos, dez meses e seis dias.

– Ui, ui, ui, uma tecno de combateee! – exclamou alguém junto dela.

Um grupo de jovens humanos, rapazes e raparigas,

cuidadosamente arranjados para parecerem desleixados, eles com o cabelo em crista, elas com trancinhas às cores ou metade da cabeça rapada, passaram-lhe ao lado ocupando todo o passeio, alegres e em magote, turbulentos como uma pequena tempestade de verão. A noite de sexta-feira estava a começar e saíam à caça de vida e de aventura. À procura de intensidade. Pelo aspeto, tinham acabado de atingir a maioridade e, por isso, já não dependiam do recolher obrigatório imposto aos adolescentes. Provavelmente teriam consumido alguma pastilha estimulante de empatia, um pouco de oxitocina, a droga do amor, roubada aos pais, ou mesmo algum *caramelo*, oxitocina em doses massivas e ilegais misturada com outros neuropeptídeos sintéticos, um *cocktail* explosivo que fazia disparar instantaneamente a cabeça e o coração. A rapariga que chamara a atenção para a tecno de combate ia ao pé dos amigos, mas voltava-se para observar a detetive a cada dois passos, sedutora, alterada e desafiante. Husky sabia que os reps podiam parecer muito atraentes aos olhos dos humanos, sobretudo quando eram jovens e se armavam em transgressores, ou quando os andróides eram militares. A falsa épica da guerra, da suja, cobarde e miserável guerra. A rapariga não teria mais do que os dezasseis anos regulamentares, (uma fedelha, portanto), mas, mesmo assim, tinha já mais seis anos do que Husky viveria. Um dos adolescentes que iam com ela deu-lhe um carolo amistoso para que ela deixasse de se voltar e de fitar Bruna, e todos os outros miúdos humanos se riram de forma alarve, felizes por estarem vivos. Deslocavam-se em uníssono, cheios de cor e de energia, como um cardume de peixes tropicais. Gabi

nunca atingiria a idade deles; nunca, a menos que Bruna fosse a Labari.

Subiu até ao seu apartamento com o desconsolo da vida a doer-lhe no corpo. Pesava-lhe no estômago, na carga dos ombros, no próprio esforço para respirar. A noite caía a toda a velocidade e, quando entrou no apartamento, teve de acender a luz. A cidade se preparava para o fim de semana e ela voltava a esconder-se no seu cubículo, no seu buraco, na rotina dos dias e das noites até consumir o seu pequeno prazo e alcançar o nada. Serviu-se de um copo de vinho e verificou, mal-humorada, que só lhe restava meia garrafa. Aproximou-se do *puzzle* e tentou concentrar-se nos perfis recortados, na exatidão necessária, na ordem da desordem. Ao menos aquilo acalmava-a. Fazia-a esquecer. Era um ruído branco que cobria a gritaria do mundo.

– Estás em casa? Podemos falar?

Era Yiannis. A androide conteve um gesto de irritação.

– Sim.

O holograma do velho arquivista apareceu a flutuar por cima do *puzzle*.

– Gabi está a sangrar do nariz e das gengivas – informou, com o rosto desfigurado.

– Saiu de baixo da cama?

– Nãaaao! Mas havia manchas de sangue no chão e eu perguntei-lhe.

– Bom... Li nalgum lado que as crianças humanas costumam ter hemorragias nasais.

– Mas as gengivas também lhe estão a sangrar! Não, não, não! É a radioatividade. Está a piorar. É inumano não a tratarem só por não termos dinheiro.

Yiannis contorcia as mãos num desespero nervoso. Através do holograma translúcido dos dedos dele, Bruna localizou uma nova peça para encaixar no *puzzle*. Era admirável até que ponto podia compartimentar a mente. Suspirou.

– Não te preocupes, Yiannis. Ela ficará boa.

Contou as novidades ao arquivista. A notícia do acordo com Preciado Marlagorka deixou o velho exultante. Embora a alegria dele fosse, na sua essência, contagiosa, Bruna continuava a sentir-se inundada de escuridão. Pressentia que a viagem seria uma armadilha na qual caíra sozinha.

– O que tens, Bruna? Pareces estranha.

A androide encolheu os ombros.

– Não sei. Acho que nada tem sentido.

– Salvar uma criança parece-te pouca coisa?

– Não, não é isso; suponho que essa parte é positiva, mesmo que eu já cá não esteja para verificar se o tratamento funcionou.

O arquivista franziu o sobrolho.

– Ai, Bruna... Lembras-te de quem era Sócrates?

– Claro. Um dos teus sábios da Antiguidade. O que teve de se suicidar.

– Esse mesmo. Condenaram-no à morte e levaram-no para a prisão, sob a condição de beber, na manhã seguinte, uma dose letal de cicuta. Os amigos subornaram os guardas para que ele pudesse fugir, mas Sócrates não quis fazê-lo.

– Porquê?

– Acreditava que fugir o faria parecer culpado. Além disso, não desejava viver longe de Atenas. Mas não era sobre isso que te queria falar. O que interessa é que, naquela que sabia ser a sua derradeira noite, optou por

dedicar a maior parte das suas últimas horas, não aos amigos que o rodeavam, mas a aprender a tocar uma melodia difícilíssima na flauta. Os companheiros, exasperados, perguntaram-lhe para que perdia tempo com aquilo, para que lhe ia servir se a vida dele acabaria ao amanhecer. Nessa altura, Sócrates respondeu-lhes: «Para que há de ser? Para aprender a canção antes de morrer.»

O arquivista calou-se, à espera, e Bruna baloiçou-se, desconfortável, apoiando-se ora num pé, ora noutro. A história interessou-lhe e teve a vaga impressão de que continha algum ensinamento importante, mas não conseguiu decifrá-lo. Franziu a testa.

– Pois eu acho uma tontice.

– Como és bruta às vezes, Bruna! Não percebes? A única coisa que dá sentido à vida é o conhecimento, a arte, a beleza. Acima de tudo, é indiferente aprender uma canção dez anos ou dez minutos antes de se morrer, porque será sempre uma aprendizagem face ao nada, uma construção frágil e efémera. Somos seres fugazes, todos nós, minha querida. Os tecnos, os humanos, os alienígenas.

Agora sim. Agora percebera. Mas continuava a não ser a mesma coisa. Três anos, dez meses e seis dias.

Nesse momento bateram à porta. Bruna olhou para a hora projetada na parede: 21h27. No ecrã principal apareceu a cara do apalpador. Deuil! Esquecera-se dele. Não estava no hospital? À pressa, despediu-se de Yiannis e abriu a porta.

– O que fazes aqui?

– Tínhamos sessão. Não te lembraste? Vim mais cedo, mas não estavas.

– Mas tu estás ferido! Pensei que...

O apalpador sorriu e entrou no apartamento a coxear ligeiramente.

– Não é nada. Nem sequer fui ao hospital. Um médico amigo tratou-me. Puseram-me um pequeno implante de tecido artificial.

Estava pálido. E bonito. A tensão da dor, que era evidente, aguçava-lhe os traços.

– Olha, tenho uma subcutânea de morfina, se quiseres – ofereceu a androide, maravilhada com a sua própria generosidade, porque por norma guardava com zelo extremo o seu pequeno contrabando de analgésicos.

O apalpador sorriu, mostrando os dentes brancos e afiados de jovem vampiro.

– Não. Não gosto de perder a consciência do corpo. O meu corpo é o que sei e o que sou. Respeito-o e tento receber todas as mensagens que me envia.

Bruna olhou para ele, incrédula, mas calou-se. Sentia-se demasiado culpada pela situação em que o tátil se encontrava.

– Lamento ter-te posto em perigo, Daniel...

– Não te preocupes. Começamos?

– Conseguirás?

– Claro.

Bruna voltou a sentar-se no sofá, tal como no dia anterior antes da irrupção da Viúva Negra. Deu-lhe colocou-se de novo atrás dela, mas, desta vez, pôs as mãos logo na base do pescoço de Bruna, com as pontas dos dedos a roçar apenas as clavículas. A androide sentiu uma levíssima e inquietante descarga elétrica.

– Daniel, só mais uma coisa. Tens de ter cuidado. Aquela mulher pode voltar. E é perigosa.

– Conta-me. Explica-me porque perdi um centímetro

quadrado de pele – sussurrou o apalpador de trás da cabeça dela.

E a androide elucidou-o. Falou lenta e abertamente, como se o fizesse para si própria, como se estivesse sozinha. Só que não estava. Os dedos do apalpador roçavam-lhe o pescoço como gotas de chuva e o mundo ia desaparecendo pouco a pouco. Bruna fechou os olhos e concentrou-se naqueles dedos, naquelas mãos que, agora abertas, encostavam a palma à sua pele e lhe cobriam de calor a garganta. A androide deixou de falar a meio de uma frase. Caiu no interior de si mesma, dentro desse corpo cada vez mais presente, mais leve, mais eloquente. O sangue zumbia-lhe nos ouvidos; lá no fundo, outro coração começou a latejar, um latejar que se harmonizava com o seu. A carne acendeu-se-lhe como uma estrela e, mesmo com os olhos fechados, a rep tinha a certeza de que brilhava. Ela era imensa, ilimitada, era invulnerável porque já não era só ela. Eram dois. Na plenitude desse tempo sem tempo recordou-se de si simultaneamente em todos os minutos do seu passado, e amou a vida como nunca antes. Sem sombras, sem violência e sem morte. Quis desatar a rir de pura, perfeita felicidade, e surpreendeu-se quando começou a chorar. O apalpador afastou suavemente as mãos do pescoço dela e as luzes da carne apagaram-se.

Husky abriu os olhos, comovida. As lágrimas rolavam-lhe pelas faces.

– O que me fizeste? – perguntou, com a voz embargada.

– Gostaste?

A rep tentou conter o choro, mas não conseguiu. Estava perplexa; sentia-se frágil e desfeita, mas, ao mesmo tempo, alguma coisa na sua cabeça parecia ter-

se desatado. Ali dentro crescia a pequeníssima semente de uma esperança de serenidade.

– Não sei.

Deuil deu a volta e sentou-se na poltrona em frente dela.

– Calma. Deixa que a vida aconteça. Que as emoções assentem.

A rep olhou para ele. Sombras escuras marcavam os olhos do apalpador. A expressão dele era impenetrável. Parecia a escultura de um deus oriental.

– Senti um vislumbre da dor da ferida do teu pé. E senti as tuas palpitações. O teu coração também batia por mim – comentou a rep, impressionada.

Seria aquilo que sentiam os omaás quando faziam amor? O seu amigo Maio falara-lhe da união entre os espíritos quando, conforme dizia, os kuammiles se roçavam. Ficavam tão enredados uns nos outros que depois desse ato de compenetração eram até capazes de partilhar os pensamentos. De facto, o seu amigo Maio conseguia ler-lhe o pensamento... A rep estremeceu. Ainda bem que quando fizera amor com o alienígena estava tão bêbada que não se lembrava de nada. Gostava de Maio, mas a intimidade física com ele continuava a parecer-lhe um tanto ou quanto repugnante.

– Sentir-se-ão assim os omaás quando tocam os kuammiles? – perguntou em voz alta.

O tátil sorriu.

– Acho que a história dos kuammiles é mais sexual. Mas sim, há uma relação física especial. Apliquei uma técnica que sintoniza as correntes fasciais, os biorritmos e as ondas cerebrais. De certa forma, estivemos organicamente unidos. Quase como uma mãe com o seu

feto.

Ou como um anão com o seu gigante, pensou Husky.

– Na realidade, os seres humanos sintonizam-se de muitas maneiras, e não apenas através da vista ou do ouvido, da comunicação pautada verbal ou visual, do tato mais básico, de uma pancada ou de uma carícia... É sabido desde sempre que, se pusermos vários humanos a conviver estreita e continuamente num espaço restrito, se cria uma atmosfera comum, uma espécie de organismo coletivo que sincroniza factos físicos. Por exemplo, as adolescentes dos internatos ou das casas de correção, ou as reclusas em prisões, costumam ficar menstruadas ao mesmo tempo. Não sabemos quase nada sobre nós próprios, Husky, e, como completos ignorantes que somos, nem sequer respeitamos o que não conhecemos.

Quando ele fala de humanos, estará a incluir também os tecnos?, interrogou-se Bruna, subitamente irritada, receosa, desconfortável.

– «Sou um simples instrumento por onde a vida surge. A minha voz conjuga-se com o outro que ouve, que partilha. Coração aberto disposto à prece. Vida, como és bela» – declamou Deuil. – Não é meu. É de Tanawa. Estás a ver? Por isso, não é preciso tomar morfina, álcool ou outras drogas. O corpo tem a sua própria linguagem e é poderoso. Não o amordaces.

A rep franziu o sobrolho ao sentir-se repreendida como uma miúda pequena. Havia qualquer coisa demasiado esotérica e mística no apalpador. A mística humana, com as suas pretensões viciosas e mentirosas de transcendência, aborrecia-a. Um tecno-humano, produto de laboratório puro, não podia ser místico.

Bastava ver a diferença entre o sórdido *moyano* e o crematório da Almudena. A espiritualidade era um luxo a que nem toda a gente se podia permitir. Por outro lado, também era verdade que o tátil a fizera experimentar alguma coisa incrível, como se o núcleo de gelo do seu coração tivesse começado a derreter-se.

– És crente? Pergunto-te por causa dessa história da prece – resmungou Husky.

– Crente em quê? Acredito em muitas coisas.

– Eu não creio em deuses, nem em almas, nem em magias, nem em... em nada disso – esclareceu a androide com alguma rudeza porque, de certa forma, sentira a necessidade de fazer uma declaração de princípios.

– Acho muito bem – respondeu Deuil com um sorriso aberto. – Mas agora queria falar-te de outra coisa. Tu sentiste a dor do meu pé, e eu também experimentei a tua angústia, a tua confusão. Disseste-me que a oferta de Preciado Marlagorka te inquieta, que te sentes presa devido às necessidades da menina e que tens um mau pressentimento a respeito desta viagem. Vou fazer-te uma proposta que talvez te surpreenda: deixa-me ir contigo ao Reino de Labari.

– O quê?

– Sim, deixa-me ir contigo. Passarás mais despercebida se fores com um humano e, além disso, posso ser-te útil em caso de aflição. Sou um bom judoca.

Bruna observou-o com desconfiança:

– E porque queres fazê-lo?

– Podia argumentar que me chateia ficar aqui como um cordeiro preso a uma estaca, à espera que a assassine volte e me destrua o resto do pé. Ou que, já

que estou metido nisto sem querer, fui picado pelo bichinho da curiosidade e gostaria de resolver o mistério. Mas a verdade, e o fundamental, é que, além do meu trabalho como tátil, sou também neoantropólogo. Acabei a licenciatura há muito tempo, mas agora estou a fazer o doutoramento. Especializei-me nas Terras Flutuantes e o tema da minha tese é «O dogma como fator de homogeneização e de coesão em comunidades geograficamente limitadas: utopia *versus* fé».

A androide olhou para ele, pasmada.

– Nunca estive no Reino de Labari e preciso de conhecê-lo. Pedi-lhes várias vezes uma autorização de visita, mas nunca ma concederam. Preciso de lá ir. Esta oportunidade é perfeita para mim.

Também poderia dizer que gosta de estar comigo, pensou Bruna sem conseguir conter-se, mas apressou-se a tirar aquela ideia da cabeça. Neoantropólogo. Judoca. Aquele humano era estranho. No fim de contas, talvez fosse uma boa ideia que ele a acompanhasse. Tornaria o seu disfarce mais credível.

– Hum... Direi ao tipo do ministério que levo o meu assistente. Suponho que não haverá problema. Mas é só isso que vais ser, um ajudante. Durante esta viagem mando eu.

– Evidentemente! – exclamou Deuil, sorrindo. Com alguma ironia, julgou perceber a androide. Os caninos brancos do apalpador brilharam. Nesse momento pareceram-lhe ainda mais aguçados.

Os três dias seguintes foram uma correria. Bruna foi buscar os documentos falsos, estudou a sua nova identidade, ensaiou o seu disfarce, abasteceu-se da dermossilicone que levaria para qualquer aflição, preparou um fundo duplo na mala, verificou novamente a arma e compilou todo o material que conseguiu encontrar sobre Labari e Yárnoz. Ela e o apalpador seriam uma delegação de pretensos atletas enviados pela AATT, a Associação de Amizade de Todas as Terras, uma organização privada que fomentava o degelo diplomático entre o planeta e as plataformas flutuantes. A AATT promovia os poucos intercâmbios culturais, sociais, tecnológicos e científicos que se efetuavam entre Cosmos, Labari e a Terra. Era por demais evidente que a organização estava amplamente infiltrada e que era manipulada pelos serviços secretos das três potências, de modo que funcionava como uma espécie de tabuleiro de xadrez onde se encenavam jogos clandestinos que, de outra forma, seriam difíceis de justificar. Contudo, muitos dos seus membros eram almas inocentes, bem-intencionadas e crédulas. Era esse tipo de perfil um pouco ingênuo que Deuil e Husky teriam, aliás, de representar, agora que se haviam tornado Fred Town e Reyes Mallo, respetivamente treinador desportivo e basquetebolista de elite. Husky

gostava de desporto em geral e assistira a jogos de basquete, mas nunca jogara. No entanto, achava que a sua excecional forma física lhe permitiria sair do aperto, caso tivesse que fingir. Além disso, a personalidade fictícia justificava a sua altura e a sua constituição flexível e atlética, de seios pouco desenvolvidos. Todas as androides de combate tinham o peito pequeno, já que o contrário demonstrara ser um estorvo nas lutas.

Na terça-feira, 30 de junho, tinham lugares reservados no elevador espacial de Labari. Na Terra existiam dois ascensores do género, um para cada Terra Flutuante, que saíam da linha do Equador: o de Cosmos, da antiga Indonésia; o de Labari, da região brasileira. Husky e Deuil voaram na segunda-feira à noite para o ascensoporto de Manaus. Em 2067, a companhia japonesa Obayashi construíra o primeiro elevador, que subia até aos trinta e seis mil quilómetros de altura através de um cabo de nanotubos de carbono, duzentas vezes mais resistente do que o aço. Esse primeiro aparelho fora utilizado pelo Estado Democrático do Cosmos para construir a sua plataforma. Nessa altura, o sistema só podia transportar um máximo de trinta pessoas e subia a duzentos quilómetros por hora, o que transformava a viagem num pesadelo de sete dias e meio de duração. Agora, no entanto, só demorava dois dias. E já era mais do que o suficiente. A última vez que Bruna o utilizara enjoara, o que, para um rep de combate, representava uma verdadeira desonra.

Na segunda-feira de manhã combinou encontrar-se com Lizard no bar de Oli. O inspetor insistira em vê-la e Bruna aceitara. Não lhe disse ter descoberto a sua

traição, limitando-se a redobrar as precauções e a odiá-lo em silêncio. Chegou ao local com alguma antecedência e estava a beber o segundo café quando Paul entrou. O seu corpanzil enorme escureceu a luz do sol que penetrava pela porta.

– Contaram-me que vais a Labari – disse em voz baixa, em jeito de cumprimento.

– Ah, sim, claro. O teu bom amigo Preciado Marlagorka. Estou a ver que partilham tudo.

Lizard olhou para ela, admirado.

– Não somos amigos. Nunca falei com ele.

– Claro.

– Além disso, no teu lugar eu teria cuidado com ele, Bruna. É um tipo misterioso e muito esquivo.

– Tu lá deves saber.

– Estou a falar a sério.

– Pelo grande Morlay! E como raio soubeste que vou a Labari a não ser por ele? – explodiu a androide.

– Chiu! Baixa a voz. Soube através do Yiannis.

Malditas fossem todas as espécies! A rep ficou atónita. Yiannis devia ter cometido aquela indiscrição sob a influência da sua bomba de endorfinas. O velho arquivista era um perigo.

– Deixas-me sem palavras – agastou-se Husky.

– Nesse caso, é Preciado Marlagorka quem te envia a Labari?

Bruna olhou-o, incrédula.

– Não te vou contar mais nada.

– Está bem, está bem. Faz como quiseres. Preciado estava na cremação da viúva de Gand.

– Ai, sim?

– Sim, tal como tu. Embora não me tenhas cumprimentado, eu dei por ti. Não o viste? Estás a

perder qualidades, Bruna.

– Bom... E mesmo que estivesse, o que é que isso prova?

– Nada, claro. No entanto, quando o Marlagorka se aproximou dos filhos de Rosario Loperena para lhes dar os pêsames, eles ignoraram-no... Recusaram apertar-lhe a mão. Deixaram-no plantado. Ora, isso já me parece interessante.

Husky mordeu os lábios, frustrada. Como deixara passar uma coisa daquelas? Lembrou-se de si própria em Almudena, demasiado perturbada com a cerimónia, demasiado magoada e obcecada com o seu próprio destino.

– Vais a Labari investigar Yárnoz? – perguntou o polícia.

– Não te vou dizer.

– Estás a quebrar o acordo comigo, Bruna? Já não estamos do mesmo lado?

A rep franziu a boca.

– É pelo que aconteceu na outra noite? Magoou-te assim tanto? – questionou, desdenhoso, indicando as casas de banho com um movimento da cabeça.

A androide sentiu a fúria subir-lhe pelo peito como uma língua de lava. Ficou pior do que uma fera.

– És um imbecil – rosnou, levantando-se para se ir embora. Lizard agarrou-a por um braço e a androide teve de se conter para não lhe pregar um estalo.

– Espera... Desculpa. Espera. Por favor.

O tom de voz do polícia mudara completamente. Agora suplicava. Com humildade. Bruna voltou a sentar-se no banco.

– Sei que, para entrares em Labari, tens de te disfarçar. Assumirás outra personalidade e não poderás

levar o teu telemóvel. Assim sendo, uma vez lá ficas isolada. Toma – disse o polícia, estendendo-lhe uma caixinha branca semelhante a um estojo das lentes de contacto. Husky pegou-lhe e abriu-a; lá dentro via-se uma espécie de tecido áspero e um pouco enrugado, um bocadinho de pele irregular.

– O que é isto?

– Uma boia de salvação. É tecido epidérmico sintético. Contém um *nanochip*. Usa-se assim.

Lizard tirou o filamento da caixa e, com um movimento rápido e preciso, colou-o no braço direito da rep. O tecido aderiu logo à pele da androide, parecendo uma cicatriz pequena e antiga com menos de um centímetro.

– O que estás a fazer? – protestou a androide.

Tentou tirá-lo. Impossível. Era como se fizesse parte do seu corpo.

– Nem te dês ao trabalho. Só se pode descolar com um aparelho que temos no laboratório.

– Enlouqueceste?! Não vou deixar que me rastreies!

– Não te preocupes. Não tem essa capacidade. Como te disse, é só para usar em casos extremos, se estiveres aflita a sério. Para a ativares, reproduzes a palavra SOS no antigo Código Morse batendo na cicatriz. Sabes como é? Três toques breves, três longos, três breves. Repetes três vezes; podes usar a unha para bater na boia, no caso dos toques breves, e arrasta-la ao longo da cicatriz para os longos. Como só se pode ativar uma vez, reserva-a para uma situação mesmo grave. Nessa altura, a boia envia um sinal detetável da estratosfera, com as tuas coordenadas, durante mais ou menos uma hora. Eu recebo-as e vou buscar-te.

Expressara-se com uma segurança e uma serenidade

arrepiantes, com uma naturalidade que fez a rep sentir-se despida, pequena, frágil. Tão perdida que quase sentiu o impulso de carregar na boia naquele instante, Husky engoliu em seco.

– Está bem. Sim... Não sei... De acordo. Suponho que devo agradecer-te.

– Não te ficaria mal.

– Nesse caso, obrigada, mas não vou utilizá-la. Oli, põe os cafés na minha conta; o do Lizard também – pediu Bruna, levantando-se e saindo do bar sem voltar a olhar para Paul.

Passou pelo seu apartamento para ir buscar *Bartolo*, que teria de ficar em casa de Yiannis. Do imprudente Yiannis, do arquivista louco. Ruminou a sua raiva durante o trajeto porque não queria descarregá-la sobre o velho, mas sentia-se indignada. Ia iniciar uma operação disfarçada para se infiltrar num meio hostil e o idiota punha-se a falar disso a toda a gente. Bom, a toda a gente também não... A Lizard. O arquivista era um intrometido do caraças, um casamenteiro que andava a tentar juntá-la novamente com o polícia. Talvez fosse isso que mais a irritava.

A miúda continuava debaixo da cama. Na sanduíche meio comida que estava no prato viam-se pequenos vestígios de sangue. Enquanto eu não terminar de contar a história, ela não vai morrer, pensou Bruna a despropósito. Sentou-se no chão. Por instantes, a cara suja de Gabi assomou de baixo da cama, com um olhar agudo e inquisitivo de roedor. Depois voltou a recolher-se sob as entranhas do móvel.

– Estásnojenta. Há quanto tempo não te lavas? – grunhiu a androide.

– Há muito tempo que não apareces – rezingou a

criança.

– Estive bastante ocupada.

– Então não percas mais tempo e continua a contar a história – ordenou a vizinha.

– Primeiro fazemos um acordo: quando acabar a história, saís daí.

Silêncio.

– Se não houver acordo, não há história – reforçou Bruna, fazendo menção de se levantar.

– Está bem! Quando acabar, saio. Mas só se gostar do fim.

– Vais gostar – garantiu Husky, com uma serenidade que estava longe de sentir.

Onde tinha ficado? Voltara a perder o fio à meada.

– Ficaste na parte em que os rios se tinham tingido de vermelho, do sangue, e em que a pantera comeu o cabrito. Não sei porque teve de o devorar, para dizer a verdade. Acho muito mal. O cabrito podia ter acordado antes e fugido a correr. Há cabritos muito espertos – resmungou a pequena russa.

– Pois na minha história a pantera comeu-o e pronto. Sou eu quem está a contar.

– Está bem; mas, se não gostar do fim, não saio.

– Já te disse que vais gostar...

Bruna suspirou e tentou penetrar mentalmente nesse mundo que ela própria inventara. Que pensamento extraordinário, ter inventado um mundo! Ela, que era uma invenção de outros. Dos engenheiros genéticos. Da vontade do seu memorista.

– Começas ou não?

– A vida era tenebrosa. Quando o tempo, a memória e a Morte se introduziram na Terra, o mundo transformou-se num lugar triste e terrível. Como é

evidente, o nosso anão também caíra dos ombros do seu gigante. Lembro-te de que o culpado por tudo aquilo fora ele ao gritar «Quero que me digas que me amas». Estas palavras retumbaram no ar, rodaram pelo céu e criaram a primeira tempestade, os primeiros trovões. Os trovões são as palavras malditas do anão, que ainda andam aos tombos lá em cima sem obter resposta, porque é um pedido impossível de cumprir. Um pedido que emudeceu o gigante. No entanto, apesar de terem perdido a intimidade maravilhosa que partilhavam, o anão e o seu grandalhão continuavam a amar-se. Não se tinham zangado, como acontecera aos outros seres duplos. Pelo contrário, se antes os unia a felicidade, agora uni-os a mágoa de a terem perdido. Essa dolorosa harmonia que ainda mantinham chamou a atenção da Morte. A Velha Dama irritava-se com a tenacidade amorosa daquele ser duplo, que já não o era, e sentiu a continuação daquela união como uma ofensa pessoal. Deixou que as restantes criaturas se matassem umas às outras, mas decidiu encarregar-se em pessoa daquele anão e daquele gigante tão importunos. Numa tarde em que ambos vagueavam pelos montes como almas penadas à procura de raízes para comer, a Morte veio de norte a voar, com as asas negras abertas atrás dela; à medida que ia avançando, a noite caía.

– Não vai comê-los. Não vai comê-los como a pantera comeu o cabrito. Desta vez, não. Fá-los correr – protestou a pequena russa.

– Cala-te e ouve. De facto, assim fizeram. Conseguiram escapar porque o anão encontrou uma raiz particularmente grossa, sumarenta e boa, e, em vez de a comer, deu-a ao gigante. O gigante agachou-se

para a apanhar e, ao endireitar-se, olhou para a linha do horizonte e viu que a Morte vinha na direção deles, a toda a velocidade. Nessa altura pôs o anão debaixo do braço e, em quatro passadas, conseguiu chegar a umas grutas próximas e esconder-se. Ou seja, foi graças ao pequeno ato de amor da oferta da raiz que, naquele momento, ambos se conseguiram salvar.

– Naquele momento?

– Bom, depois ainda se aguentaram bastante, embora a sua vida tenha piorado ainda mais. Tu sabes o que é ser constantemente perseguido pela Morte?

Três anos, dez meses e três dias.

– Não mais puderam voltar a dormir juntos porque um deles tinha de ficar sempre de guarda. Procuravam comida à noite e escondiam-se de dia. Estavam cada vez mais pálidos, magros e fracos; alimentavam-se mal, não descansavam e nunca paravam; estavam sempre em andamento, a fugir, a caminho. A tensão nervosa desgastava-os, sempre a olharem por cima do ombro, sempre a aguçarem o ouvido para identificar o rumor rasteiro do avanço da Morte. E as outras criaturas não os ajudavam, não gostavam deles; afinal, fora o grito daquele anão que acabara com tudo. Sentiam-se muito sós. Eram proscritos. E assim decorreram três anos, dez meses e três dias. Até que uma manhã, uma bonita manhã, com céu azul e sol, como as antigas, num vale pequeno e plácido entre montanhas, o anão acordou de repente e viu diante dele, mesmo diante dos olhos, como a Morte subia de um salto para os ombros do seu companheiro, como lhe rodeava amorosamente o pescoço com os braços e lhe beijava os lábios. E como o gigante empalidecia, cambaleava e caía como uma árvore abatida, com uma golfada de sangue a sair-lhe

da boca.

– Não!

– Sim. E fico por aqui. Tenho de viajar para fora – disse Bruna.

– Então espero que a viagem te corra muito mal! – guinchou o monstinho, irado.

De facto, Husky tinha de se preparar para o voo até Manaus, mas a verdade é que não sabia como raio sair do imbróglio em que se metera com a história. Levantou-se e reparou que o arquivista estava apoiado à ombreira da porta.

– Estás aí há muito tempo?

– O suficiente. Uma história muito otimista. Perfeita para uma criança tão... tão... normal, digamos.

Bruna olhou com atenção para Yiannis, tentando decifrar se as suas palavras indicavam aborrecimento ou uma simples ironia jocosa. Dadas as oscilações da sua amígdala, ultimamente era muito difícil interpretar o seu estado emocional. O arquivista saiu do quarto com a rep.

– Ainda bem que fizeste o acordo com o ministério, Bruna – sussurrou o velho, feliz e emocionado. – Acabam de telefonar-me do seguro para que a leve amanhã de manhã à consulta.

Efetivamente, Husky exigira a Preciado Marlagorka que o tratamento da menina começasse de imediato, não se desse o caso de não regressar de Labari.

– E como vais conseguir tirá-la de baixo da cama?

O arquivista mostrou uma cara assustada.

– Ah! Sim, claro. Hei de arranjar-me...

– Yiannis! Estás a mentir. A miúda já saiu?

– Sim... Na verdade, há uns dias. Sinto muito, desculpa, mas prometi-lhe que não te contaria. Ela

disse que, se soubesses, não acabavas a história – explicou, contrito.

Nesse momento entrou uma chamada no telemóvel. Era Mirari.

– Tenho o que me pediste. Julgo que é ela – informou a violinista assim que a sua cara apareceu no ecrã, com a secura que a caracterizava.

Mirari começou a passar um vídeo da Viúva Negra. A qualidade era má e, além disso, a assassina era filmada a partir de um ângulo inferior, e só ocupava uma esquina da imagem. Deviam tê-la gravado por mero acaso. De pé, junto de uma árvore, via-se uma mulher que se deslocava para fora do plano mas que voltava a aparecer e, com a maior das limpezas, cortava o pescoço de um homem, que caía como um fardo diante da visada. Era no momento em que acabava de o degolar e o soltava que melhor se via a cara da assassina. Embora apenas por um segundo e mesmo tendo outro penteado, era ela, sem dúvida. Bruna estremeceu.

– É ela, não é? – perguntou Mirari.

– É.

– Uma tipa esperta. Além destas, não há mais imagens dela. Foram gravadas pelo telemóvel de um vagabundo que se ausentou por instantes do seu posto e deixou a câmara ligada, não lhe roubassem a meia dúzia de trastes que possuía.

Bruna lembrou-se de que, quando descobrira a pequena russa a pedir no parque-pulmão, outro mendigo também deixara o telemóvel a marcar o seu «local de trabalho». Devia ser uma prática habitual do grémio.

– Annia Cuore, também conhecida como Nichu

Nichu, Albertina Dai, Macu Croix, Ingrid Ming, Xime Gayo e mais meia dúzia de outros nomes. Terá entre quarenta e cinco e cinquenta e cinco anos, de acordo com várias fontes. De origem italiana, franco-canadiana, japonesa, alemã ou sul-africana, também conforme com quem se fala. Como vês, é tudo bastante nebuloso. Assassina profissional. Independente. Diz a lenda que trabalhou para a Trinity. Mas já sabes que a própria existência da Trinity é duvidosa.

Supostamente, Trinity era a maior organização clandestina do mundo, a máfia por excelência, um clube reservadíssimo de magnatas só com trinta e três membros, que dominavam os três setores comerciais mais poderosos do planeta: as armas, as drogas (também, e sobretudo, as legais; ou seja, toda a indústria farmacêutica) e a energia. Dizia-se que só se podia entrar para o grupo por morte de um dos trinitários e apenas por convite dos restantes trinta e dois. Também se dizia que eram implacáveis, impiedosos e leais apenas aos seus próprios interesses, ferozes e indiferentes às dores humanas.

– Canhota, melómana, heterossexual, poliglota e psicopata cruel – continuava Mirari. – Parece que já não está em Madrid. Alguém chamado Nichu Nichu, e que coincide com a descrição dela, embarcou há dois dias para São Paulo.

São Paulo! No antigo Brasil. A região onde se situava o ascensoporto de Manaus. A Viúva Negra iria também para o Reino de Labari?

– Mirari, por favor, tenta saber se apanhou o elevador em Manaus ou se tem alguma reserva em algum dos nomes pelos quais é conhecida.

– Considera-o feito – respondeu a violinista,

desligando abruptamente.

Husky ficou pensativa. Alguma coisa não batia certo, não sabia o quê. Alguma coisa estridente. Um zumbido de ameaça no ar. E ela tornara-se bastante ineficaz nos últimos meses. Estava a descuidar-se.

– O que aconteceu, Bruna? Percebo que estás preocupada – questionou-a o arquivista.

– Estou a perder capacidades. Há dias, na cremação de Loperena, não reparei que os filhos dela não cumprimentaram Preciado Marlagorka. Parece que recusaram apertar-lhe a mão. E eu estava lá e não vi.

Yiannis suspirou:

– Querida, é porque estás muito tensa, demasiado obcecada. És como aquele tigre da frase, que a única coisa que vê são os barrotes da sua jaula, para onde olha com tanta fixação que nem pestaneja. No teu lugar, eu tentaria olhar também para outros lados, Bruna. E, nesta viagem em concreto, aconselho que o faças literalmente! Vai ser perigoso. Tem muito cuidado. Acabei de enviar para o teu telemóvel uns arquivos de documentação que preparei sobre Labari, Yárnoz e Onkalo. Espero que sirvam. Volta inteira.

O arquivista abraçou-a e Husky permitiu que o fizesse sem conseguir evitar o rígido desconforto habitual. Não sabia aceitar as carícias com naturalidade, nem sequer as de *Bartolo* que, nesse momento, lhe saltara para o pescoço e a babava com amoroso mimo, pressentindo a sua partida. As idas e vindas ininterruptas do tigre à espera do instante da sua salvação... A frase de Yiannis parecia abrir, novamente, uma luz no interior do seu cérebro, como se lhe fosse possível entender alguma coisa essencial.

Mas depois voltava tudo a diluir-se, a escapar-se. A confundir-se. Não, ela não era um tigre, ela não era nada, não era ninguém. Humana demais para ser tecno, dececionantemente tecno para os humanos.

A solidão do monstro era absoluta.

A dermossilicone, já liquefeita, revelava matizes oleosos à superfície. Completamente despida e com a caçarola quente na mão, Husky viu-se ao espelho. Às vezes consolava-a a contemplação daquele corpo ágil e esbelto, daquele organismo poderoso. A mente torturada, o animal perfeito. Com mão rápida e experiente, começou a aplicar a goma fina e rosada da dermossilicone por cima da linha da tatuagem e recorreu a um pincel comprido para as costas. Uma vez tapada, pôs-se debaixo de uma luz ultravioleta com os braços e as pernas abertos, como o *Homem de Vitruvius* de Da Vinci, cuja reprodução decorava uma das paredes do seu apartamento. Um presente de Yiannis. A luz secou a substância, fixou-a em dois minutos e apagou por completo, de forma segura e natural, a linha de tinta que lhe dividia o corpo. Agora só conseguiria retirar a película invisível com dermodissolvente. Com os restos que ficaram na caçarola, e que já começavam a endurecer, fez uma bolinha e modelou-a sobre o nariz para alterar a forma do arco. Mais dois minutos de luz ultravioleta. Não podia esquecer-se de guardar um bocadinho de dermossilicone, a lâmpada portátil e um pouco de dissolvente no compartimento secreto, só por precaução.

A seguir meteu duas almofadinhas de goma anatómica na boca para engordar a cara e suavizar as maçãs do rosto, pôs lentes de contacto castanhas com pupila redonda e humana, umas sobrancelhas retas e fartas e uma peruca autoaderente, também castanha, de

cabelo curto e natural. A maquilhagem suave, em tons claros, disfarçou-lhe um pouco os traços. Vestiu um macacão de ganga elástica e uma camisola branca, roupas cómodas e simples. Nos pés, botas desportivas. Examinou-se ao espelho e parecia mais nova e, evidentemente, inocente; uma autêntica jogadora de basquete, uma boa rapariga de hábitos saudáveis e ajuizados. Por fim, pôs ao pescoço a falsa chapa de identidade que pendia de uma fina corrente de prata enfeitada com pequenos corações e flores. Já reparara que, muitas vezes, as atletas mais masculinas, mais altas e mais duronas costumavam usar enfeites pirosos de uma feminilidade quase pueril.

Tirou o seu telemóvel do pulso e substituiu-o pelo da sua nova personalidade. Os telemóveis eram muito fáceis de piratear, de modo que não podia correr o risco de levar o seu. Com pena, pousou-o em cima da cama. Justamente nesse momento entrou uma mensagem de Mirari: «Quase a certeza de que não apanhou o elevador ontem ou hoje. Verifiquei todos os passageiros. Nenhuma reserva em nenhum dos nomes nos próximos dias, mas esta informação não é cem por cento fiável. Boa sorte.»

Bruna suspirou, um pouco mais aliviada. Não era grande coisa, mas ainda assim pareceu-lhe ser um prenúncio de boa sorte. Pegou na mala e preparou o compartimento secreto, uma verdadeira joia da engenharia clandestina. Era uma caixa que se colocava no eixo das rodas, mas que ficava completamente invisível graças a um sistema de hologramas, um artifício sofisticado. A caixa era de *tirix*, impenetrável a qualquer tipo de *scanner* e, vista através dos raios de deteção, parecia fazer parte da estrutura rolante da

mala. O único inconveniente era ter pouco espaço. Guardou a sua pequena pistola de plasma, uma *Beretta Light* regulamentar igual às usadas pela polícia secreta por serem fáceis de esconder e, depois de lhe juntar quatro carregadores de laser, os seus opiáceos, dois pares de lentes de contacto de substituição, um boião de dermossilicone e um tubo de dissolvente, já não cabia mais nada. Não podia levar a lâmpada de luz ultravioleta; se precisasse de usar a dermossilicone, teria de secar-se ao ar, um processo muito mais lento, mas exequível.

Acabou de fazer a mala, levando sempre em conta o gosto insípido e saudável de Reyes Mallo, e depois instalou os documentos que Yiannis lhe dera no novo telemóvel, encriptando-os. Era um risco levar consigo dados sobre Onkalo e Yárnoz mas, se chegassem ao ponto de descriptar o seu telemóvel, as coisas já estariam más o suficiente para que esse facto não tivesse grande importância. Faltavam dez minutos para que o tátil viesse buscá-la, a caminho do aeroporto, de modo que aproveitou o tempo para aquecer uma sopa de frango sintético no autochefe, a qual era, na realidade, feita de alforreca, como quase todos os alimentos processados. Desde que uma praga de alforrecas quase acabara com a vida marinha, a humanidade alimentava-se basicamente desses bichos asquerosos. Claro que em nenhuma embalagem de comida preparada se lia tal palavra. Quando muito, escreviam *cnidário* em letras minúsculas e numa área microscópica do rótulo.

Bruna estava a soprar e a comer a sopa, que, verdade seja dita, sabia a frango, quando o apalpador chegou. A androide recebeu-o com um certo mal-estar;

naquela relação Deuil assumira sempre a posição de poder, um domínio sobre ela que aumentara, e de que maneira, depois daquela última e perturbadora sessão. Todavia, naquela viagem era ela quem comandava; uma vez que conhecia Labari e tinha experiência de camuflagem e de ação, queria deixar bem claro quem mandava desde o primeiro instante.

– Olá, Fred. De agora em diante, é importante que nos tratemos pelos nomes das nossas novas identidades. Tens de a encarnar, tens de acreditar que és Fred Town para que o plano funcione.

– Não te preocupes, Bruna, não sou assim tão idiota... Ah!

Deuil desatou a rir com o seu próprio engano e Bruna esteve quase a imitá-lo, mas a preocupação com a fiabilidade do seu companheiro foi mais forte do que o bom humor.

– Fred, por todos os sencientes...

O apalpador parou de rir.

– A sério, Reyes, calma. Fá-lo-ei como deve ser. Saberei fazer-me passar por quem não sou.

Daniel não alterara o seu aspeto físico, claro, porque não era necessário, mas apresentava-se de uma forma bastante diferente da habitual. Também vestira roupa desportiva: calças de fato de treino, ténis e o pormenor acertado de um gorro a tapar-lhe o rabicho de samurai, penteado demasiado sofisticado e pouco apropriado a um treinador convencional.

– Gosto do gorro. O teu rabicho dava muito nas vistas. Talvez pudesses cortar o cabelo para a viagem.

– Nem pensar! – rejeitou Deuil, de novo a rir. – Além disso, os labáricos gostam de cabelos compridos.

– Lá isso é verdade. Nos homens é sinal de pertença

à classe alta. Mas é um rabo de cavalo, não um coque.

– Se estivermos em apuros, solto o cabelo.

– Se estivermos em apuros, espero que essa história de seres judoca seja verdadeira.

Deuil inclinou graciosa e gravemente a cabeça.

– É verdade.

– Que nível é o teu?

– Alto.

– Mas qual é a cor do cinturão?

– Vermelho.

Bruna olhou para ele, incrédula.

– Vermelho? Não é possível... Vermelho? Nono ou décimo *dan*?

– Nono.

A androide ficou espantada. E impressionada. Estaria a mentir? Achou que não. Que motivo teria? Aos olhos de Bruna, a figura do tátil tornou-se um pouco mais complexa, um pouco mais imponente. De uma maneira ou de outra, Deuil conseguia que Husky se sentisse insegura e ignorante. Não era uma posição confortável, mas também não lhe desagradava de todo.

– Nunca concedem esse grau antes dos sessenta ou setenta anos. Como o conseguiste?

Deuil sorriu e os seus olhos rasgados transformaram-se em duas fendas escuras.

– Há muitas coisas a meu respeito que ainda não sabes.

O elevador era um cilindro de três andares atravessado no seu eixo por um cabo. Em cada andar havia vinte lugares disponíveis. Husky-Mallo e Deuil-Town encontravam-se no nível mais baixo relativamente à marcha. Pouca sorte, porque era o que mais vibrava com o movimento e onde era mais provável enjoar. Os três andares estavam cheios; para um meio de transporte entre dois Estados sem relações diplomáticas, era surpreendentemente popular. Claro que só havia uma ligação por dia, ou melhor, duas (uma de ida e outra de volta). Como o trajeto durava dois dias, no total havia quatro cabinas a fazer o percurso em simultâneo. Além disso, dez lugares em cada elevador eram reservados para uso oficial. Os lugares eram vendidos com muita antecedência e a androide calculou que teriam conseguido os seus recorrendo à zona reservada.

Na sala de embarque, Bruna verificou que a Viúva Negra não viajava com eles, o que era um alívio. A rep deu uma olhadela ao apalpador, que transformara o assento em cama e dormitava placidamente junto dela, com uma máscara sobre os olhos. Invejou aquela tranquilidade e a forma como o companheiro parecia assentar sobre o mundo bem equilibrado nos dois pés, vertical, sólido e estável. Aproveitou o seu sono para observar com minúcia. A testa alta e larga, mais ampla devido ao cabelo apanhado no cimo da cabeça; as têmporas rapadas acima das orelhas; o nariz fino e reto; as maçãs do rosto asiáticas; as mãos angulosas e muito

grandes; o corpo magríssimo, longilíneo, de músculos suaves; as ancas muito estreitas; as nádegas pequenas e redondas, como as de uma criança.

– E então? O que achas?

As palavras do apalpador sobressaltaram Husky. Deuil tirou a máscara. Apanhara-a justamente quando ela lhe avaliava o rabo.

– Como? – disse Bruna.

– Em que pensas? Há algum tempo que me estás aí a observar de cima a baixo com toda a atenção. Um exame a preceito. Passei?

– Como sabes? Estavas a dormir! Pelo menos, estavas com os olhos tapados com essa coisa.

– Sinto-te. Já te expliquei que os seres vivos emitem sinais de muitos tipos: magnéticos, térmicos, hormonais... Quando desenvolves a empatia, como fazem os... treinadores, torna-se muito mais fácil decifrar ou apreender o outro. Sobretudo se estiver tão perto como tu. A proximidade física é essencial, bem como a proximidade emocional. Também a desenvolvemos, não achas?

Husky desviou os olhos.

– Acho estranho, Fred. Eu não costumo partilhar as minhas emoções com muita facilidade – resmungou com uma ironia defensiva.

– Bem observado. Como é evidente, esse é um dos teus problemas. Quando fores capaz de revelar a tua necessidade de afeto, serás muito mais livre. Vou continuar a dormir, Reyes Mallo. Tu podes continuar a olhar para mim, se o desejares.

Irritada com aquelas palavras, a rep voltou-se para ele, mas o apalpador limitou-se a sorrir-lhe. Malandro e sedutor, piscou-lhe o olho, colocou de novo a máscara e

deitou-se de lado, voltando-lhe as costas. Husky descontraíu; Deuil-Town era um homem surpreendente. Não sabia se se sentia atraída ou intimidada por ele. Talvez ambas as coisas.

Levantou-se para esticar as pernas e, quando o fez, teve consciência da oscilação ligeira, mas constante, da cabina e sentiu-se enjoada. De chofre, a realidade pareceu-lhe uma cortina pintada que podia rasgar-se a qualquer momento. O mundo perdera as coordenadas espaciais e amolecia, deformava-se, derretia. Bruna agarrou-se às costas da cadeira e respirou fundo, com o coração a palpar-lhe nas têmporas, até as coisas adquirirem de novo o seu peso específico. A sua solidez tranquilizadora. Subiam pelo cabo de nanotubos a uma velocidade média de setecentos quilómetros por hora. Tentou visualizar o mecanismo de uma corda bamba, fina e muitíssimo comprida, a ondular e a desaparecer na escuridão interplanetária. O elevador *pendia* do contrapeso situado a noventa e seis mil quilómetros da Terra, quase a terça parte da distância até à Lua, como um fio que pende da aranha. Pensar naquilo fê-la sentir ainda mais a insignificância da pequena caixa onde viajava, a leveza etérea da sua subida meteórica. A vertigem voltou e a rep decidiu sentar-se e aproveitar o tempo revendo a documentação de Yiannis.

Construídas com fundos privados e povoadas no fim dos anos 2080 por humanos que fugiam da desolação das Pragas e das Guerras Robóticas, as Terras Flutuantes eram gigantescas estruturas artificiais que mantinham órbitas fixas relativamente à Terra. Embora os seus regimes ditatoriais (um sistema totalitário ultratecnológico, no Estado Democrático do Cosmos; uma tirania religiosa arcaizante, no Reino de Labari)

cultivassem o isolamento político e a mais completa opacidade sobre a realidade dos seus mundos, calculava-se que em cada plataforma habitavam entre quinhentos a setecentos milhões de indivíduos, todos eles humanos, porque tanto Cosmos como Labari proibiam a entrada a tecnos e alienígenas. Bruna abriu o documento do Arquivo Central sobre Labari:

O Reino de Labari recebe o seu nome do fundador da **Igreja do Único Credo**, o argentino **Heriberto Labari** (2001-2071). Podologista de profissão, Labari nasceu a 11 de setembro de 2001, data em que se deu o famoso atentado às Torres Gêmeas de Nova Iorque, coincidência que mais tarde consideraria prova da sua predestinação. Quando fez trinta anos, Labari disse ter recebido uma mensagem divina. Abandonou o emprego, fundou a Igreja do Único Credo e dedicou-se a pregar o **Culto Labárico** que, segundo o próprio, era a religião original e primigénia, trazida para a Terra pelos extraterrestres em tempos remotos e depois deformada e fragmentada, por ignorância e cobiça, nas mais diversas crenças do planeta. O Culto oferece uma mistura sincrética das religiões mais conhecidas, particularmente do cristianismo e do islamismo, bem como ingredientes dos jogos de RPG e de fantasia, com a evocação de um mundo medievalista, hierárquico, sexista, escravagista e

muito ritualizado. Para divulgar os seus ensinamentos, Heriberto Labari escreveu uma vintena de romances de ficção científica que rapidamente se tornaram bastante populares: «Os meus contos fantásticos são as parábolas cristãs do século XXI.» É preciso ter em conta que a fundação da Igreja do Único Credo coincidiu com os anos terríveis das Pragas, uma das épocas mais violentas e trágicas da história da Humanidade, e a mensagem de Labari parecia oferecer segurança e uma possibilidade de salvação. Quando o profeta morreu, em 2071, assassinado por um fanático xiita, os **únicos** já eram centenas de milhões em toda a Terra e entre eles havia grandes fortunas, desde xeques árabes do Golfo a importantes empresários ocidentais.

Poucos anos antes da sua morte, Labari tinha começado a falar da construção de um mundo estratosférico, não só para fugirem de uma Terra cada vez mais convulsa, mas também para criarem aí a sociedade perfeita, de acordo com os parâmetros rígidos do Culto Labárico. O seu romance póstumo, ***O Reino dos Puros***, especificava pormenorizadamente como seria esse lugar. Labari tem a forma de um grosso anel, ou melhor, de um enorme pneu. Segundo todos os indícios, foi gerado por bactérias semiartificiais capazes de se reproduzirem no espaço a

uma velocidade vertiginosa, formando uma matéria semiorgânica porosa, leve, não deformável e praticamente indestrutível. As fórmulas desta técnica extremamente inovadora continuam a ser um segredo. É espantoso que uma sociedade oficialmente antitecnológica tenha sido capaz de uma descoberta científica deste calibre, ainda que seja verdade que todos os processos utilizados sejam naturais ou pareçam mimetizar a natureza de alguma forma. Os habitantes do Reino vivem dentro das paredes do anel; no orifício interior, um imenso reservatório de água e algas libertadoras de hidrogénio proporcionam a energia necessária.

A androide já tinha ido uma vez a Labari, num dos seus primeiros casos depois de terminar a milícia obrigatória. A visita durara dois dias e Bruna tivera que sair às pressas, prestes a ser descoberta, porque levava o seu próprio telemóvel, um erro de principiante que já não cometia. Felizmente, a gestão dos elevadores era independente e pertencia a um consórcio terrestre; quando a tinham vindo deter, já ela estava dentro do cilindro e o elevador desligara-se do ascensoporto. Legalmente encontrava-se em território internacional e a comandante do trajeto recusou-se a entregá-la. Salvou-lhe a vida porque, sem dúvida, teria sido torturada e depois executada como espia. Era possível que o facto de, nesse dia, a responsável pelo elevador ser uma mulher tivesse favorecido Bruna – as mulheres terrenas costumavam encarar muito mal o machismo

extremo de Labari. A rep lembrou-se que a comandante não pudera dirigir-se diretamente ao funcionário labárico do ascensoporto e tivera de comunicar com ele através de um subordinado, um homem. Aliás, o atual Rei de Labari era um sobrinho-neto de Heriberto, Javierundo, em vez da sua própria filha, que continuava viva e devia andar pelos setenta anos. Mas as mulheres não herdavam em Labari. Não eram ninguém, não eram nada, ainda menores do que os reps na Terra. Que forma atormentada e patológica tinha o homem labárico de se relacionar com o ventre que o criara, que o gerara. Que medo tinha do seu gigante.

Os magníficos documentos falsos fornecidos por Preciado Marlagorka passaram pelo controlo do ascensoporto sem nenhum problema. À saída do edifício esperava-os um homem que erguia sobre a cabeça um cartaz arcaico com os seus nomes escritos à mão: «Fred Town, Reyes Mallo». O apalpador e a rep aproximaram-se dele e identificaram-se.

– Que o Princípio Sagrado seja a vossa Lei – apressou-se a dizer o tipo, enquanto inclinava a cabeça ritualmente. – Os senhores tiveram uma subida agradável?

Pois claro, lembrou-se Bruna a tempo; no Reino de Labari ainda se utiliza o «você» e as antigas fórmulas de cortesia.

– Sim, correu tudo bem – respondeu a androide.

O homem nem olhou para ela.

– Foi aborrecida, mas cómoda – esclareceu Daniel-Fred.

– Alegro-me, senhor. Estou aqui para vos conduzir aos vossos aposentos. O meu nome é Tin.

Era um dos homens mais feios que Bruna vira na sua vida, embora na Terra o recurso habitual às cirurgias estéticas tivesse reduzido radicalmente o leque de variedades fisionómicas e, por conseguinte, a tolerância à desarmonia. Devia ser jovem ainda, mas tinha um aspeto bastante desgastado, com os olhos fugidios e esbugalhados, o nariz comprido e mole, a pele pálida pontuada de eczemas e de manchas rosadas. Vestia um saio disforme de cor indefinida, algures entre o roxo e o

castanho. Usava o cabelo curto e uma longa barbicha dividida a meio, com dois cordelinhos a prender as pontas.

Saíram do ascensoporto e tanto Bruna como o tátil pararam para olhar em volta. Sabiam que estavam dentro de um enorme anel, um gigantesco pneu que girava sobre si próprio para criar gravidade artificial, mas não se sentia o movimento e o espaço era tão amplo que mimetizava bastante bem uma paisagem terrestre. A superfície que podia ser pisada percorria o interior do pneu na zona mais distante do eixo; o céu ficava em cima, com uma luz solar fingida à qual não faltavam os amanheceres, entardeceres e noites – a rep recordava-se bem disso da visita anterior –, e rodeava-os um cenário semirrural e arcaizante, com árvores, casinhotos, povoações pseudomedievais e castelos. Claro que, se olhassem com atenção, reparavam que o horizonte estava mais perto do que seria normal na Terra e que se curvava para cima, e não para baixo; e, quando olhavam ao longo e não ao largo do anel, o chão e o céu uniam-se de uma forma estranha.

– Formidável – elogiou Deuil. – É bonito.

– Achas?

A paisagem recordava a Bruna um cenário antigo de ópera, como os das três ou quatro representações às quais assistira com Yiannis; todavia, absteve-se de o comentar em voz alta, porque uma basquetebolista como Reyes nunca compareceria a um espetáculo tão decadente.

A temperatura era fresca, dezoito graus constantes. Para o olfato apurado de Bruna, o pior era o cheiro, um odor leve, mas penetrante, a podridão, resultado de todo aquele ar hermético e reciclado infinitamente.

Resfolegou. Daí a algumas horas estaria habituada.

– Por aqui, por favor. Este é o nosso veículo.

Tratava-se de uma carroça de madeira com quatro assentos e quatro rodas, duas grandes e duas pequenas. O varal tinha seis varas transversais às quais estavam jungidos seis rapazes robustos vestidos apenas com uma tanga. Tinham a cabeça rapada e umas correntes finas de ferro que lhes uniam as orelhas às asas do nariz e que caíam, lassas, sobre o peito.

– O ascensoporto fica na capital, Oscaria, por isso o nosso trajeto será curto. Para irmos a cidades mais distantes utilizamos o Dedo de Heriberto – explicou Tin, apontando para uma espécie de tubagem escura que atravessava a paisagem e desaparecia ao longe.

Bruna sabia, pelos documentos de Yiannis, que dentro desse túnel circulava um comboio de alta velocidade que percorria todo o anel. Também sabia que não havia qualquer interrupção entre as cidades, que todo o Reino estava igualmente habitado e que a densidade populacional era muito elevada, pelo que enfiar e manter entre quinhentos a setecentos milhões de pessoas numa plataforma artificial não deixava de ser uma proeza.

Puseram as malas no assento sobranete e subiram para a carroça. Tin deu uma palmada e os Escravos começaram a andar, entrando na estrada bastante movimentada, onde, pouco depois, adquiriram uma passada curta e regular. Viam-se outros veículos, puxados por um, dois, quatro ou seis Escravos, alguns transportando mercadorias e outros, pessoas; porém, a maior parte dos habitantes andava a pé. Todos usavam as mesmas roupas feias e disformes, que variavam apenas na cor. As vestes chegavam-lhes à altura da tíbia

e eram ajustadas na cintura com um cordão.

– A cor indica a casta – explicou Deuil. – O nosso Tin, por exemplo, é um Servo. Aquele saio azul é dos Artesãos. Os verdes, dos Comerciantes. Os pretos, dos soldados. Vais também perceber que as suas túnicas são as mais curtas. E há umas roupas de melhor qualidade, às riscas amarelas e castanhas, que não abundam... Olha, ali ao fundo está uma. São os Burocratas, os secretários do Reino. Bom, pelo menos de acordo com o que li. Estive a estudar os arquivos antes de vir – acrescentou, para disfarçar diante de Tin a origem dos seus conhecimentos.

– Sim, senhor. O senhor aprendeu muito bem – elogiou o homem.

Graças aos seus estudos de antropologia, o apalpador sabia muito mais sobre Labari do que ela, reconheceu Bruna, inquieta. Mortificava-a a superioridade que isso dava ao tátil, mas não conseguiu conter a curiosidade:

– E de que cor se vestem os médicos, por exemplo? Os intelectuais? E os atletas, Fred?

– Os médicos, se não me engano, pertencem à casta dos Comerciantes. Os atletas são interclassistas, ou seja, podem ter origem em qualquer estrato social. As pessoas que, por uma razão ou por outra, deixam de pertencer à classe social de que provêm tornam-se Alvas e passam a usar túnicas brancas. Quanto aos intelectuais, depende do que entendes por isso. A sabedoria, o conhecimento, a verdadeira arte, o refinamento, tudo isso está nas mãos da aristocracia, que se divide em dois ramos: Amos e Sacerdotes. A única exceção é o Rei, que é também o Sacerdote Máximo. Olha... Julgo que vai ali um Amo.

Era inconfundível, evidentemente. Primeiro, porque ia a cavalo, ladeado por dois grandes cães, os únicos animais que a rep vira até esse momento. Era um homem de uns cinquenta ou sessenta anos, intocado pela cirurgia estética, com o rosto enrugado e orgulhoso, e exibindo uma expressão tão primitiva e feroz que Bruna se lembrou do gorila que vira no salão virtual. Usava o cabelo grisalho muito comprido, preso na nuca num rabo de cavalo caído que lhe chegava ao rabo. O seu traje era de um colorido e de uma riqueza indescritíveis: casaco ajustado verde, tão bordado a ouro que quase não se via o veludo; camisa de seda pregueada cor de laranja a espreitar através do peitilho e das mangas; colete vermelho-escuro que só mostrava as pontas e calças, também verdes, com passamanes de seda cor de laranja e ouro. Parecia um zangão furta-cor por entre as monocórdicas vestes da plebe. As pessoas afastavam-se respeitosamente à sua passagem e a carroça onde iam não foi exceção. O Amo olhou para eles com uma curiosidade não isenta de desprezo e seguiu em frente. Nessa altura Bruna reparou que atrás do cavalo não só iam os dois grandes mastins como também uma rapariga quase nua, com o peito de fora e um saiote curto de pele, com o consabido crânio rapado e as correntezinhas, desta vez de ouro, a unir orelhas e narinas. Além disso, a rapariga levava no pescoço um colar de couro com rebites dourados e uma longa trela que a prendia à garupa do cavalo.

– A Escrava favorita do Amo, sem dúvida – indicou Tin com terna admiração. – Tem sorte.

O apalpador olhou para Bruna com uma expressão repleta de advertências e a rep conseguiu conter-se e não dizer uma palavra. A maior parte das mulheres

cobria totalmente a cabeça e o rosto com véus semitransparentes da mesma cor das roupas e algumas tinham os tornozelos unidos por uma peia de tecido entrançado que só lhes permitia separar as pernas uns quarenta centímetros, de modo que eram obrigadas a andar com passinhos curtos.

– E aquilo? – perguntou Husky, apontando para elas; já lhe tinham chamado a atenção na sua curta e calamitosa viagem anterior.

– Aquilo indica que são mulheres casadas – respondeu o seu acompanhante.

– Todas as mulheres casadas andam com os tornozelos amarrados?

– Oh, não, não. É uma prerrogativa do marido. Como é natural, se a mulher tem de efetuar alguma atividade laboral, o marido costuma tirar-lhe a peia.

Bruna observou-o, perplexa. Quando Tin se lhe dirigia, respondia com os olhos baixos, sem olhar para ela. Entre as pontas abertas da sua barbicha via-se claramente a tatuagem que tinha no espaço supraesternal, uma letra S muito pintada, pesada, retorcida, com as bordas voltadas para dentro. A grafia labárica de poder, reconheceu Husky com um calafrio. Uma tatuagem maligna de humilhação e posse. Observou as outras pessoas, todas com a letra correspondente na base da garganta, bem à vista. Os homens ou andavam barbeados ou prendiam as barbas como Tin, para expor bem a garganta, e até os véus das mulheres eram mais curtos sob o queixo para deixarem o pescoço destapado. *E* de Escravo, *A* de Artesão, *C* de Comerciante, *M* de Milícia, *B* de Burocrata...

– A tua tatuagem é o S de Servo, não é? É uma tatuagem de poder.

O homem inclinou mais a cabeça:

– Esta letra é a minha essência. Graças a ela, sei o lugar que ocupo no mundo. Esta letra purifica-me e protege-me. Abençoado seja o Princípio Único.

– Abençoado seja – respondeu o apalpador, fazendo um sinal de advertência a Bruna.

A rep olhou para ele com alguma irritação. Provavelmente Deuil queria recordar-lhe como era inadequado em Labari uma mulher dirigir-se a um homem, mas ela decidiu continuar a interrogar o Servo, e para o diabo com os preconceitos!

– Está bem, abençoado seja; foi um Sacerdote que te fez essa tatuagem?

Tin curvou-se mais ainda, com a testa quase a tocar nos joelhos.

– Ao atingirem a puberdade, os rapazes passam três dias de jejum e isolamento nas Casas da Idade. Durante esse tempo, bebem apenas água e leem os Livros Sagrados do Fundador. Na terceira noite, à meia-noite em ponto, são conduzidos perante o Sacerdote da sua diocese e ele marca-os com a sua sabedoria e o seu poder, tornando-os homens plenos.

– E as mulheres?

– É igual; só que nessa mesma noite, depois de serem tatuadas, são desfloradas pelo seu Amo... Ah, já chegámos! – exclamou o Servo com um alívio evidente, saltando da carroça mesmo antes de esta ter parado completamente.

– És muito imprudente, Reyes Mallo – sussurrou-lhe Deuil. – Aqui as mulheres não falam com os homens a não ser que estes permitam. O nosso pobre Servo sentiu-se obrigado a responder-te, uma vez que és convidada do Reino. E ainda por cima teve de partilhar

contigo os pormenores dos seus rituais mais respeitados! Acho que o desgraçado estava à beira de uma apoplexia! – comentou, rindo.

Bruna encolheu os ombros, mal-humorada. Descarregaram as malas e, com a bagagem a rolar atrás deles como cães dóceis (facto que maravilhou os labáricos que por ali passavam), entraram numa casa de pedra com janelas góticas em vitral.

– É a Pousada do Repouso Devido. Um dos melhores estabelecimentos da cidade – indicou Tin, orgulhoso.

Estavam numa sala de dimensões medianas, com uma grande lareira de pedra acesa e duas longas mesas de madeira, com bancos corridos. Tudo limpo e sombrio. Numa das mesas um casal almoçava; Artesãos, a avaliar pelos saios azuis. Um lintel baixo abria-se para o que parecia ser a cozinha, de onde um tipo vestido de verde, ruivo, barrigudo e com um olho meio fechado, espreitava. Mais um feio espetacular, pensou Bruna. Tinha um C tatuado na garganta.

– Burguês Chemón, trago-te uns convidados do Reino. Fred Town, treinador desportivo, e Reyes Mallo, atleta.

– Ótimo, ótimo, excelente. Sim, estava à vossa espera. Os quartos ficam no andar de cima. Malas! – ordenou Chemón a duas Servas, sem véu nem peias, que apareceram vindas do interior.

As mulheres agarraram nas malas e apressaram-se a levá-las para cima por uma escada de pedra que havia ao fundo da sala. Tin despediu-se deles; tinham o resto do dia livre, para poderem descansar depois da viagem. O Servo viria buscá-los às oito da manhã para os levar a uma reunião com o Burocrata do Desporto de Oscaria, e, à tarde, iriam a um encontro de Jogo Menor, num

local chamado Campo Real. O Jogo Maior e o Jogo Menor, explicou o Servo, eram os desportos pátrios.

Quando Tin saiu, o estalajadeiro ofereceu-lhes uma refeição ligeira:

– Se quiserem sentar-se, posso servir alguma coisa. Estão estoirados, com certeza.

– Sim, é verdade. Muito obrigada – agradeceu Bruna.

O apalpador olhou para ela.

– Muito obrigado, burguês Chemón. Aceitamos com agrado – agradeceu por seu turno, inclinando a cabeça.

Sentaram-se na mesa vazia, o mais longe possível do casal de Artesãos.

– Doravante, deixa-me ser eu a falar. Recordo-te que os labáricos não estão habituados a que as mulheres se lhes dirijam diretamente. Vindo de ti, aceitá-lo-ão, porque és estrangeira, mas tal frontalidade deixa-os numa situação desconfortável – insistiu o tátil em voz baixa.

– Está bem. Está bem! Vou tentar lembrar-me – resmungou a androide.

As Servas trouxeram-lhes pão, queijo, cebolas doces partidas, batatas cozidas, uma taça de arroz com nacos de origem indecifrável, um jarro de água e outro de vinho tinto. Bruna perguntou se havia vinho branco; mas não, não havia. Toda a comida era servida em simples pratos de loiça e parecia verdadeira; tinha bom aspeto, mas o gosto era forte, monótono e desagradável, pior do que os pratos terrestres confeccionados com alforrecas. Tratavam-se, obviamente, de alimentos sintéticos; aliás, onde iriam buscá-los numa Terra Flutuante de recursos limitados? Aquela fantasia de autenticidade medieval era puro

artifício.

– Receio que amanhã estejamos ocupados durante todo o dia com as atividades oficiais da viagem. Deveríamos aproveitar esta tarde para tentar encontrar alguma informação acerca de Yárnoz. Nem sequer sabemos se vivia em Oscaria – sugeriu a androide, desanimada.

– Não é assim tão difícil. Pelo que me contaste, Yárnoz usava rabo de cavalo, o que significa que era Amo. Desses existem poucos e são orgulhosos; não se escondem, pelo contrário. Deve haver pistas, vais ver.

Nesse momento, o casal de Artesãos levantou-se para sair. O homem entrou na cozinha, provavelmente para pagar, e a mulher ficou à espera, de pé, paciente e discreta. Encontrava-se muito perto do canto da mesa onde Deuil e Husky se haviam sentado e a androide pôde observá-la em pormenor; não usava véu, mas os tornozelos estavam presos. Tinha um rosto inteligente e agradável, o cabelo curto com pequenos caracóis a caírem para a cara e talvez uns cinquenta anos. Os olhos da rep e da mulher cruzaram-se e a Artesã sorriu com modéstia e amabilidade.

– Desculpa, hum... desculpe-me a pergunta, senhora. Sou estrangeira e não conheço os vossos costumes, mas... Não se sente mal por ter os pés presos?

O tátil teve um sobressalto e a mulher olhou para Husky, atónita. Depois levantou a cabeça com arrogância.

– Nada disso, cara senhora; pelo contrário. A peia revela que o meu marido me mantém, pelo que não preciso de trabalhar. Muitas mulheres gostariam de a

usar. É um orgulho.

O Artesão regressou e a mulher seguiu-o até à rua, caminhando toda ufana com passinhos de pomba. Deu-lhe um olhar para a androide e suspirou.

- Não entendes nada, Reyes.
- Não creio que haja muito que perceber, Fred.
- Esse, justamente, é o teu primeiro problema.

Depois de terminarem aquela refeição insípida, subiram ao primeiro andar para arrumar rapidamente a bagagem nos quartos, que eram pequenos e geminados, com chão de tábuas, uma cama pequena e alta, um baú de arrumação, uma prateleira, uma mesa com uma bacia e o jarro correspondente. Aqueles utensílios pseudomedievais revelaram-se tão artificiais como tudo o resto, porque os quartos partilhavam uma casa de banho completa e moderna, com duche de vapor e sistema de reciclagem automático incluídos. Uma Terra Flutuante hiperpovoada não podia permitir-se uma má gestão da água e dos resíduos orgânicos.

Saíram da pousada dispostos a aproveitar o que restava da tarde. Não sabiam para onde dirigir-se e o estalajadeiro aconselhou-os a irem até à Praça Maior:

– Hoje é Pertença, portanto, dia do Grande Mercado. É um bom lugar para observarem como é o nosso Reino.

– Pertença?

– Sim. No nosso mundo os dias agrupam-se em dezenas, não em semanas. O primeiro dia do decenário é Obediência, depois vêm Pertença, Certeza, Humildade, Aceitação, Devoção, Pureza, Reverência, Sacrifício e, finalmente, o Dia da Grande Fé, que é dia de festa. São os fundamentos do nosso Credo Único. As grandes verdades – explicou Chemón, com uma certa solenidade.

Era uma contagem de tempo um tanto ou quanto assustadora. A ida ao mercado parecia ser um plano tão

bom como qualquer outro, de modo que se dirigiram para lá. Assim que saíram do edifício, Bruna reparou que estavam a ser seguidos por um Escravo enorme com uma pele tão negra que parecia azul. Indicando-o ao tátil, comentou:

– Que desajeitado! O tipo não faz nada para esconder que nos está a seguir e, além disso, o seu aspeto é tão imponente que não o ajuda a camuflar-se...

– É porque ele não pretende passar despercebido. Os labáricos querem que saibamos que estão a vigiar-nos.

Será mais difícil seguir o rasto de Yárnoz, pensou a detetive. Embora, quando aceitara o acordo já soubesse que aquela seria uma tarefa perigosa, Husky não foi capaz de evitar reprimir um calafrio; a sociedade labárica inquietava-a profundamente e a sua má experiência anterior não fazia senão aumentar essa inquietação. No entanto, não partilhou as suas opiniões com o tátil; tinha a sensação de que os *únicos* não desagradavam tanto a Daniel-Fred como a si. Claro que, depois de investir tantas horas da sua vida a estudar um tema, talvez fosse inevitável sentir alguma proximidade.

A Praça Maior era enorme e quadrada e o mercado, uma construção circular fixa que ocupava o centro da praça. Filas sucessivas de colunas de madeira falsa criavam circunferências concêntricas cada vez mais pequenas; tapetes bordados pendurados entre elas serviam de paredes e dividiam o mercado numa série de anéis cujo tamanho também diminuía progressivamente, como as camadas de uma cebola. O telhado era um toldo de musselina cor de areia que filtrava a luz. Os setores comunicavam entre si através

de espaços estreitos, sem as divisórias, e em cada uma dessas passagens havia dois soldados. Os que estavam a guardar a porta exterior olharam perplexos para eles quando tentaram entrar.

– De que casta são? – perguntou o mais velho, confuso, depois de uma olhadela dos pés à cabeça.

Deuil pousou uma mão no antebraço de Bruna, instando-a a calar-se.

– Não pertencemos a nenhuma casta. Somos da Terra, convidados do Reino de Labari – respondeu o apalpador.

– E como hei de confirmar isso? Aqui não entram se não puderem provar até onde vai o vosso direito de passagem – resmungou o tipo, agarrando no cabo da lança com ambas as mãos para a colocar na horizontal, a barrar-lhes a passagem.

O seu companheiro de armas apressou-se a secundá-lo. Bruna lançou-lhes uma olhadela rápida e profissional. O mais velho teria uns cinquenta anos; o mais novo, uns trinta. Eram ambos mais baixos do que ela, mas robustos; além da lança, pendia-lhes do cinto uma espada curta e um machado de dois gumes. O mais perigoso era, sem dúvida, o mais velho, cheio de cicatrizes que demonstravam uma boa capacidade de sobrevivência. A rep achou que poderia com eles, embora o exotismo da Terra Flutuante pudesse fazer com que ela ignorasse dados relevantes para o combate. Mas se a basquetebolista Reyes Mallo se envolvesse numa luta com os soldados, o seu disfarce iria imediatamente ao ar. Suspirou e tentou acalmar-se. Assim que surgiu o mais pequeno indício de confronto físico, a adrenalina de Bruna disparava.

– Somos Fred Town e Reyes Mallo, treinador e

basquetebolista. Estamos hospedados no Repouso Devido. Podes confirmar com o burguês Chemón, o estalajadeiro – esclareceu o apalpador, persuasivo e amável.

– Confirmar? Como? Aos gritos? – troçou o soldado.

– Sim, claro. Desculpa. Esqueci-me de que aqui não têm telemóveis. Podes enviar alguém à pousada...

Nesse momento, o enorme Escravo negro aproximou-se da porta e, unindo as mãos diante do peito de titã, fez uma reverência profunda, mostrando a nuca nua ao militar.

– Que o Princípio Sagrado seja a vossa Lei. Senhor, peço humildemente licença para falar.

– Concedida.

– Sou Lobaño, Escravo de Gumersindo. O meu Amo ordenou-me que seja a sombra destes estrangeiros. Sei que se chamam como vos informaram e que são convidados do Reino. Este é o meu anel de livre circulação – indicou, ainda a olhar para o chão, mas mostrando um peculiar aro de ferro entrançado que trazia numa das suas manápuas.

O soldado franziu o sobrolho.

– Está bem. Podes ir.

O negro endireitou-se e retirou-se às arrecuas, com a cabeça um pouco inclinada. O homem das cicatrizes olhou para Husky e Deuil com o rancor evidente de quem se sentia desautorizado.

– Ponham isto ao pescoço – indicou, atirando-lhes dois aros de feltro alaranjados que foi buscar a uma pilha de aros de diversas cores que estava no chão com maus modos. – E devolvam-mos à saída!

Afastou-se para o lado, furioso, e Bruna e Daniel entraram no recinto. Pequenas bancas de vendedores

enchiam o primeiro anel com frutas, queijos, peças de qualquer coisa que parecia carne (embora a androide duvidasse muito de que o fosse), ramos de ervas, sandálias, grandes conchas da mesma madeira artificial omnipresente, tamboretos toscos, chávenas de latão e uma infinidade de outros artigos, muitos deles difíceis de reconhecer à primeira vista. Todos os vendedores eram Servos e, além disso, homens. Um mar de gente circulava incessantemente de uma banca para outra e a multidão parecia composta por indivíduos de todas as castas, incluindo alguns Escravos que faziam as compras com grandes cestos de vime.

– Vem, vamos ao círculo seguinte para ver o que lá há – sugeriu Deuil.

Os soldados que vigiavam a passagem olharam para os colares deles e nem se mexeram. Os dois terrícolas entraram no anel adjacente, onde a cor azul dominava tanto nos tapetes que faziam as vezes de paredes como nas túnicas dos vendedores Artesãos. Ali voltavam a ver-se utensílios domésticos, claramente de melhor qualidade; garfos de madeira polida com finos entalhes, chávenas de cerâmica vidrada e pintada. A não ser pelos alimentos, que não se viam, pareciam vender as mesmas coisas que no setor anterior, só que numa versão mais refinada. Por exemplo, vendiam botas e botins, enquanto no primeiro recinto só havia sandálias rústicas e socos pesados.

– Aqui não vejo Servos... Nem Escravos – comentou Bruna.

– Olha, por acaso está ali um Servo. Mas percebo onde queres chegar. Usa um aro de feltro ao pescoço como nós, só que azul – respondeu Daniel.

– Vossas mercês são a delegação desportiva da

Terra?

Estavam junto de uma pequena banca de cintos. O Artesão que os vendia, um tipo compridão de uns cinquenta anos, sorria-lhes, obsequioso, revelando uns dentes cavallares e amarelos.

– Como sabe? – perguntou Deuil.

– O meu filho é um Alvo. É atleta e participa no Jogo Menor. Falou-me da vossa visita e que amanhã iriam vê-lo jogar no Campo Real. Eu também irei – explicou com orgulho.

– É verdade; está bem informado.

O Artesão sorriu ainda mais. Tinha uns incisivos enormes. O que fazia para meter todos aqueles dentes na boca quando a fechava, interrogou-se Bruna.

– Ouvi os senhores e achei que talvez lhes interessasse saber algumas coisas sobre o mercado...

– Sim, por favor.

– Bom, o mercado não pode ser percorrido na sua totalidade por todos os habitantes de Labari, uma vez que cada indivíduo ocupa o seu lugar. Como ordena harmoniosamente o Princípio Único, o primeiro anel é o único que está aberto a toda a gente; no segundo, que é este, já não podem entrar nem Servos, nem Escravos, a não ser que o seu acesso seja especialmente autorizado; nesse caso, é-lhes fornecido um colar de feltro. Consoante a cor do feltro, podem chegar até determinado anel.

Enquanto falava, o Artesão limitava-se a olhar para Daniel, e Bruna, sumida na típica invisibilidade feminina labárica, dedicou-se a bisbilhotar a banca do homem. Havia cintos de cabedal pintados, gravados ou lavrados; cintos artisticamente tecidos com tiras de esparto; faixas largas de linho bordado. Também se

viam peias; algumas eram de cabedal fino e flexível e outras, de tela entrançada, como a que usava a mulher da pousada. Bruna pegou numa com as correias forradas de um tecido suave e esponjoso, para proteger os tornozelos.

– Vejo que os senhores delegados têm o feltro laranja, que indica acesso total. Podem chegar ao coração do mercado, que é o círculo dos Amos e dos Sacerdotes. Nunca lá estive. Eu não posso passar deste anel, mas já acedi umas duas vezes ao anel seguinte por causa de uma encomenda. Minha senhora, deseja uma peia? A que tem na mão é a melhor. Muito boa escolha, se me permite o comentário.

– Não, não, não – apressou-se a rejeitar Bruna, pousando a mercadoria no lugar. – Muito obrigada.

– É uma pena. É muito boa. Elegante, confortável e leve. Fi-la eu próprio.

E mostrou de novo o seu sorriso manchado e cavalhar.

Deuil e Husky agradeceram ao Artesão e despediram-se. A rep notou que o Escravo negro estava parado a uns metros de distância, com o seu correspondente salvo-conduto cor de laranja ao pescoço, disposto a segui-los até ao anel seguinte, e pensou com alguma satisfação que, graças a eles, Lobaño talvez tivesse a oportunidade de, pela primeira vez, chegar até ao círculo interior e visitar assim o reduto privilegiado dos Amos.

O recinto vizinho ostentava a cor verde dos Comerciantes. Ali os objetos à venda não se exibiam sobre mantas ou panos estendidos no chão, mas em cima de mesas e balcões. Viam-se belíssimos tapetes bem esticados em bastidores a fim de mostrar o seu

desenho com clareza, joias de prata e ouro com pormenores estranhos e intrincados, gibões de veludo com aberturas forradas a cetim, véus tão diáfanos como um pensamento. Havia pinturas de paisagens, alaúdes incrustados de madrepérola, pratos de porcelana translúcida que, diante de uma vela, deixavam entrever a silhueta fantasmagórica de Heriberto Labari, o fundador da seita. Os vendedores eram todos Comerciantes e, entre os compradores, havia Burocratas, Amos e também alguns Sacerdotes, perfeitamente reconhecíveis pelos seus saios violeta, semelhantes na forma aos saios dos plebeus, mas de melhor corte, ajustados com cingulos de fio de ouro e confeccionados em lã fina e seda. Uma mulher nobre, com um véu de musselina cor de pêssego que lhe caía como uma sombra de verão sobre o rosto, parou para examinar umas pulseiras de bronze que pareciam argolas. No mercado avistavam-se poucas mulheres e quase todas eram Servas, forçadas portanto a permanecer no primeiro anel.

– Que estranho, Fred. Todos estes objetos são, sem dúvida, obra de grandes Artesãos. Por que razão são os Comerciantes que os vendem? Por que motivo os poucos Artesãos que aqui estão usam um colar de feltro no pescoço?

Deuil refletiu uns segundos.

– Julgo que se trata dessa obsessão dos labáricos com a aceitação do seu próprio lugar no mundo. A forma que têm de ver o mundo não é como a nossa; eles veem-se como uma pirâmide, e são os poucos indivíduos que ocupam o vértice quem dá forma à sociedade e garante a harmonia e a ordem perpétuas. Assim sendo, suponho que o que interessa aqui é quem

vai adquirir estes bens, ou seja, a quem pertencerão em definitivo, as pessoas que, com a sua mera existência, permitem e proporcionam um tal grau de refinamento; em suma, os nobres. Por outro lado, os Comerciantes desempenham um papel essencial porque são os encarregados de trazer de todos os confins do mundo, inclusive da Terra, as matérias-primas requintadas com que se confeccionam estes produtos. Estas obras de arte existem, em primeiro lugar, porque há um nobre que as merece; depois, porque há um Comerciante que as procura; o Artesão que as executa está, como é óbvio, num escalão mais abaixo.

– Fred, às vezes eu acho que os entendes bem demais.

O tátil olhou para ela, arqueando as sobrancelhas e arredondando os seus olhos orientais.

– Minha querida Reyes, que comentário é esse?

Daniel agarrou no antebraço de Bruna, esticou-se um pouco, deu um beijo na face da rep e depois encostou a boca à orelha dela. O sussurro chegou envolto pelo seu hálito quente.

– Recordo-te de que sou antropólogo... e é isso que fazemos... esforçamo-nos por compreender a comunidade que estudamos.

Deu um passo atrás e ficou a olhar para ela, sério.

– No entanto, compreender não implica justificar. Embora, neste caso, o que é que te incomoda? Repugna-te o sistema de castas? De acordo; a mim também. E o que acontece na Terra? Não temos castas, claro; somos muito mais democratas, mais civilizados. Mas existem cidadãos de primeira e de segunda, e até infra-humanos que se limitam a sobreviver em territórios contaminados e que estão a morrer devido às

toxinas ambientais só porque não podem pagar os impostos das zonas de ar puro, isto sem mencionar a marginalização dos tecno-humanos e dos alienígenas. Pensei que tu, amiga Reyes, te mostrarias mais empática.

Bruna apertou os punhos.

– Está bem. Não quero discutir contigo. Passemos ao próximo setor – cortou com brusquidão.

A fração seguinte do mercado evidenciava o colorido castanho e amarelo dos Burocratas. Depois de darem a volta completa ao circuito, Deuil e Husky verificaram, com algum espanto, que ali só se vendiam dois produtos: armas e livros. Por um lado, lanças, chuços, machados de dois gumes, maçãs de puas de aspeto aterrador, espadas tão finas e tão decoradas de arabescos e filigranas que mais pareciam joias do que utensílios de combate; diante dessas ferragens hirtas, incisivas e ameaçadoras, longas mesas cheias de livros impressos e, sem dúvida, recentes, mas que simulavam ser antigos, com capas de pergaminho ou de cartão e capitulares primorosamente ornamentadas. Husky aproximou-se para ver e lá estavam, evidentemente, as obras completas de Heriberto Labari, bem como textos que, pelos títulos, pareciam ter conteúdo religioso: *O Caminho da Perfeição*, *A Única Verdade e a Verdade do Único*, *Razão e Revelação*... Mas havia também livros de história, científicos e filosóficos. Atrás dos balcões, quer das armarias, quer das livrarias, um punhado de Burocratas em trajes riscados afadigavam-se como zangãos laboriosos.

– Curiosa combinação de mercadorias, Fred – insinuou a androide, pensando no que diria Yiannis ao ver os seus preciosos livros ao pé dos machados.

– Na realidade, nem tanto... Se reparares, são todos utensílios de poder. Não te esqueças de que no Reino de Labari a maior parte dos cidadãos é analfabeta. Além dos Amos e dos Sacerdotes, só os Burocratas sabem ler e escrever. Um livro pode ser tão perigoso como uma espada e suponho que é por isso que estão sob a custódia destes secretários com roupas às riscas.

Bruna olhou para ele com desconfiança, sem saber muito bem como interpretar as palavras do táctil.

– Anda. Vamos ver como é a zona dos Amos – sugeriu Deuil.

O acesso ao último recinto estava fechado por tapeçarias. De ambos os lados postavam-se os consabidos guardas, parecendo entediados, que, uma vez mais, permaneceram impávidos quando o apalpador abriu as cortinas para entrarem. O som ténue de um alaúde chegava-lhes de algum lado e o ar estava perfumado. O círculo interior era bastante grande; da entrada partia um caminho reto atapetado a vermelho que constituía o diâmetro da circunferência; de ambos os lados, e em primeiro lugar, dois quadrados também atapetados, no interior dos quais alguns Comerciantes com aros cor de laranja ao pescoço vendiam as suas mercadorias. Depois, em perfeita simetria à direita e à esquerda do caminho, erguiam-se alguns estrados retangulares dispostos em anfiteatro, de modo que os segundos eram mais altos do que os primeiros e os terceiros eram os mais elevados, permitindo-lhes abarcar a geometria de todo o conjunto desde a entrada. Nos estrados havia Escravos. Homens, mulheres, crianças. Centenas deles.

– É um Mercado de Escravos – sussurrou Husky.

Os objetos expostos à venda nas zonas atapetadas

tinham, todos eles, alguma relação com a prática de sujeição. Correntezinhas para orelhas e nariz em diversos materiais e medidas, algumas de ouro, com gemas vistosas; saíotes, tangas, correame diverso; e também chicotes, torniquetes de polegares e ferros para marcar. Bruna estremeceu.

– Claro! Isto é uma mandala – transmitiu Deuil, excitado.

– Uma quê?

– Uma mandala. Acabei de me dar conta. Toda esta circunferência dentro do quadrado da Praça Maior onde se situa o mercado é uma mandala, ou uma representação geométrica do macrocosmos e do microcosmos, comum no hinduísmo e no budismo. Cada parte do mundo, da minúscula à imensa, está aqui representada ritual e simbolicamente. Tudo tem o seu lugar exato e preciso. E é fascinante que justamente no *sanctum sanctorum*, no coração deste mercado, se unam os senhores e os escravos, a mais elevada e a mais baixa das castas. Não é acidental, até porque no Reino de Labari só os Amos e os Sacerdotes podem ter Escravos.

A androide olhou fixamente para Daniel.

– É terrível, Fred.

– É verdade, é atroz, mas também muito interessante – respondeu o tátil com um sorriso feliz. Pôs-se a andar corredor adiante e, após uns instantes de hesitação, a rep seguiu-o.

Os primeiros estrados estavam ocupados por meninos e meninas com cerca de dez anos; todos traziam já as suas pequenas correntes de ferro e permaneciam de cócoras, com a cabeça baixa, educados e calados. Quando algum comprador mostrava interesse, o Comerciante fazia o visado levantar-se,

erguer o rosto e dar uma volta sobre si próprio. No estrado seguinte estavam as mulheres, filas e filas delas, todas jovens e bonitas, tal como os cativos varões que se vendiam no estrado mais alto. Tanto as raparigas como os rapazes permaneciam de joelhos, sentados sobre os calcanhares e com as pernas muito abertas, como se oferecessem os seus sexos, cobertos apenas com as tangas e os saíotes, numa postura de evidente conteúdo erótico. A androide sentiu o estômago às voltas.

– Olha para isto, Reyes.

O táctil estava a observar uma coluna de pedra, grossa e truncada, que parecia marcar ou decorar o próprio centro do mercado. A rep aproximou-se; as faces da coluna estavam cobertas de inscrições feitas na pesada e retorcida caligrafia de poder labárica: Hermógenes, Constantino, Cunderiano, Belarmino...

– São os nobres do Reino. Amos e Sacerdotes. Como te expliquei, não há muitos, só cerca de dois mil. Este é o registo de todos eles. Os que têm uma cruz já morreram. Em honra do fundador, Heriberto Labari, todos os nobres têm o seu mesmo apelido, Labari, de modo que a única coisa que os distingue é o nome próprio, que é sempre um nome grande e pouco comum que nunca pode repetir-se. E vê quem aparece aqui.

Bruna agachou-se para ver o que Deuil assinalava: «Carloyarnoz», um nome com uma cruz. Levantou-se.

– Bom. Já é alguma coisa, Fred – resfolegou.

A poucos metros, o gigantesco Escravo negro esperava pacientemente. E ela que acreditara que lhe mostrariam pela primeira vez o círculo interior quando, na realidade, a vida cativa desse homem, a sua existência miserável e acorrentada, começara

justamente naquele sítio, talvez quando ainda criança.
Pobre Lobaño.

O Burocrata do Desporto de Oscaria era um homem de uns quarenta anos, tão gordo que, debaixo do queixo inexistente, possuía uma pequena catarata de papadas, as quais tremelicavam como gelatina a cada movimento. A última prega de carne, que devia pender-lhe sobre o peito, estava comprimida por uma musselina que, atada com um nó no alto da cabeça, permitia a visão da tatuagem labárica, o B rechonchudo indicativo da sua casta. Nem a maior imaginação do mundo poderia relacioná-lo com qualquer atividade desportiva.

O seu gabinete era um cubo insípido e vazio de paredes cinzentas. Uma mesa de madeira, grande e pesada, atrás da qual se esparramava o secretário, e quatro cadeiras feias e incómodas colocadas em fila diante dela eram os únicos móveis do local. Depois de aguardarem bastante tempo na sala de espera, Tin fê-los entrar e indicou-lhes que ocupassem duas das cadeiras enquanto o Burocrata mexia em papéis como se não os tivesse visto. Por fim, o homem levantou a cabeça acima da sua aba de carne e olhou para eles.

– Que o Princípio Sagrado seja a vossa Lei – disse, ritualmente.

Depois calou-se, abrindo a boca uns segundos antes de prosseguir. Ao que parece, a enormidade corporal asfixiava-o se proferisse mais do que uma frase seguida, de modo que intercalava as suas intervenções com pausas fatigantes.

– Bem, bem, Fred Town e Reyes Mallo, treinador...

desportivo e jogadora de basquetebol... – leu num documento, resfolegando. – Da Associação de Amizade de Todas as Terras... Amigos queridos... que demonstram que o Reino de Labari está sempre aberto aos homens de boa vontade... Não somos nós, humildes servidores do... Princípio Único quem impede... as proveitosas, frutuosas e ho... nestas relações entre as nossas terras.

O homem calou-se.

– Muito obrigado, senhor Burocrata do Desporto de Oscaria, por... – começou a dizer Deuil, preparado para outra fiada de lugares-comuns.

Todavia, o baleote não aparentava ter terminado; estava só a fazer uma pausa porque, ignorando o apalpador, voltou à carga com o seu discurso estereotipado.

– Que esta visita sirva para alar...gar o entendimento entre os nossos mundos e... para demonstrar a nossa... boa-fé. Esperamos que no regresso à Ter...ra sejam embaixadores da nossa amizade. O... Servo Tin encarregar-se-á de que não... se percam no nosso humilde e belo mundo. Isto é... tudo.

Dito isto, o Burocrata mergulhou a cara numa resma de papéis que tinha em cima da mesa. Tin, que permanecera de pé atrás dele, fez-lhes sinal para que se levantassem e, com algum nervosismo, conduziu-os até à saída.

– Que sorte, não é verdade, senhores? Terem sido recebidos pelo próprio Burocrata do Desporto! É um privilégio... – comentou o Servo, já na sala de espera, transido de uma emoção que parecia genuína, para consternação da rep.

– Sim, sim, sim, foi um momento inesquecível – respondeu o apalpador, risonho.

O Servo elaborara um programa apertado, de modo que os fez sair com alguma pressa daquela espécie de colmeia de pequenas celas cinzentas que era a sede dos secretariados burocráticos de Oscaria. Primeiro deram uma volta rápida pela cidade e depois deixaram Bruna num edifício cujo interior era ocupado por um grande quadrado de areia, como os tradicionais picadeiros. Aí foram recebidos por uma dúzia de raparigas, todas vestidas com túnicas curtas e brancas, que, tal como Deuil mencionara, tinham mudado de casta.

– São jogadoras de Rancor, o único jogo de mulheres do nosso mundo. Atuarão esta tarde, antes do Jogo Menor. Eu não devo estar aqui. Deixo-a com elas para que aproveite um treino e o senhor Fred e eu viremos buscá-la dentro de algumas horas – explicou Tin.

E a rep ali ficou, rodeada por uma dúzia de mulheres de aparência vigorosa que a olhavam para cara de poucos amigos.

– Vamos para a areia – ordenou a mais alta, uma loura quase albina de olhos muito claros, um pouco vesgos, e a pele de uma palidez irreal. No espaço do pescoço tinha tatuado o A dos Artesãos.

Entraram todas no quadrilátero e as raparigas dispuseram-se em círculo em redor de ambas.

– Tu és basquetebolista. Não sei o que é isso. Nasci no Reino de Labari – mencionou a loura com orgulho.

Devido ao total isolamento dos *únicos*, todo aquele que não tivesse uma vida anterior à formação da Terra Flutuante ignorava completamente tudo quanto dizia respeito ao mundo exterior.

– No entanto, supõe-se que és uma boa desportista...
– acrescentou a rapariga que era, sem dúvida, a líder, andando em círculos em volta da rep. – És alta e forte. Estás em forma. Pelo menos, a tua carne parece estar. Quanto ao teu espírito, veremos. Sabemos que os terrícolas são todos débeis, corruptos e ignorantes. Estão perdidos porque recusam aceitar a Verdade por orgulho e teimosia.

Bruna suspirou e tentou que o seu rosto não refletisse o aborrecimento que sentia.

Enquanto falava, a loura continuava a dar voltas lentas em redor da androide, o que deixava a rep numa situação incómoda; teria de rodar sobre si própria para não perder a adversária de vista. Aquela era uma velhíssima demonstração de poder, uma pequena fanfarronice de quartel; uma insignificância, se comparada com os seus dois anos de milícia obrigatória. Husky cruzou os braços sobre o peito e permaneceu imóvel a olhar em frente, com enfado.

– O Rancor é um jogo espiritual. Eu represento o Amo. Esta tarde haverá um Amo real, possivelmente um Sacerdote. Mas isto é um treino. Tens de obedecer a tudo o que te mandar. Tens de conseguir fazer o que te é pedido, aconteça o que acontecer. Estás preparada?

Husky encolheu os ombros.

– Muito bem. Olha para mim.

A loura respirou fundo, fechou os olhos e expirou lentamente. Deixou cair os braços para os lados e o corpo pareceu contrair-se e relaxar ao mesmo tempo, um estado de alerta sereno que Bruna conhecia bem e que atingia sem dificuldade antes do combate. A rapariga abriu as pálpebras, embora o olhar continuasse nalgum sítio do seu íntimo; balançou o corpo e, fácil e

elegantemente, fez o pino na areia, embora aquele não fosse o pavimento mais adequado. A túnica curta deixou entrever as cuecas, também alvas, e as coxas compridas e lívidas, mais pálidas do que a roupa que vestia. Uma vez reta, levantou o braço esquerdo e ficou em equilíbrio sobre o direito. Os movimentos eram pausados, suaves, naturais, aparentemente livres de qualquer esforço. Nessa altura o punho direito fechou-se na areia e a loura segurou-se sobre os nós dos dedos. Uma vibração do corpo, uma tensão subtil e a rapariga elevou-se de uma forma espantosa sobre as segundas falanges. Passados instantes, e diante do olhar impressionado de Husky, aquele monstro do controlo físico estendeu a mão e susteve-se sobre um triângulo formado pela ponta do indicador, do dedo médio e do anelar. Manteve-se assim uns segundos eternos e depois deixou cair graciosamente as pernas e pôs-se de pé. Um ligeiro rubor afogueava-lhe as faces espetrais, mas de resto parecia fresca e sem fadiga aparente.

– Quero que faças isto – disse a rapariga.

– Sinceramente, não creio que o consiga.

– Tenta.

Ficar sobre uma mão foi muito simples, evidentemente. Bruna inspirou duas vezes, concentrou-se, tateou a areia debaixo dos dedos, procurou visualizar passo a passo o movimento que teria de executar. Concentrando nisso todos os seus sentidos, fechou a mão na areia, conseguiu apoiar o punho, oscilou até recuperar o equilíbrio, recolocou os dedos e, para seu espanto, viu-se a fazer o pino sobre os nós dos dedos. Um prazer semelhante ao riso começou a aquecer-lhe o peito mas, nesse momento, antes de conseguir desfrutar do seu pequeno triunfo, recebeu um

empurrão nas pernas e caiu a todo o comprimento sobre a areia.

Deu a volta, furiosa, e levantou-se de um salto:

– Porque fizeste isso? – censurou, dirigindo-se à loura.

– Porque o exercício é assim. Repete-o – ordenou a rapariga.

A androide sentiu o sangue a ferver, mas tentou acalmar-se. Inspirou algumas vezes e voltou a fazer o pino. Desta vez foi empurrada assim que ficou em equilíbrio sobre um só braço. Caiu com estrépito e ficou a olhar para a rapariga, do chão, furiosa demais para falar.

– Repete-o.

Husky estava tão cheia de adrenalina que fez o exercício depressa demais e, quando tentou fechar a mão para permanecer sobre os nós dos dedos, caiu sozinha sem necessidade de ajuda. Pôs-se de novo em pé e caminhou pelo quadrilátero tentando descarregar a sua irritação, perante o olhar silencioso e impávido das outras jogadoras.

– Repete-o.

Tê-la-ia espancado, mas conteve-se. Voltou a fazer um esforço árduo de concentração e conseguiu repetir o seu resultado anterior, equilibrando-se sobre os nós dos dedos. Desta vez, a loura arrastou-lhe o braço com o canto da mão e a androide caiu de bruços na areia. Levantou-se de um salto, mas os grãos de areia tinham-lhe raspado a testa e a face, e Bruna receou que a dermossilicone que cobria a tatuagem se tivesse levantado. Ébria de raiva, atirou-se à albina e agarrou-a pelo pescoço. A rapariga nem se mexeu. Olhava para ela, trocista, com os olhos pálidos gelados. Husky

conteve-se com dificuldade; sentia subir e descer pelas veias vagas sucessivas de agressividade e de autocontrole, um espasmo de fogo e um calafrio. Soltou o pescoço da rapariga.

– Malena – chamou a loura sem desfitar Bruna.

Uma das raparigas mais novas, com uns dezasseis anos, deu um passo em frente e repetiu com enorme facilidade o exercício que a líder fizera anteriormente. Quando estava equilibrada sobre os nós dos dedos, a albina apoiou um pé no estômago da outra e deu-lhe um empurrão tal que a miúda voou alguns metros. Imperturbável, levantou-se e recomeçou o exercício, precisa, calma e exata, sempre com os mesmos movimentos. Tentou fazê-lo quatro, cinco, seis vezes; em cada uma das vezes, a líder fazia-a perder o equilíbrio com maior ou menor violência. Por fim, lá permitiu que a miúda completasse o exercício e ficasse naquele milagroso e impossível equilíbrio sobre os três dedos.

– O Rancor ganha-se quando prescindimos da nossa fúria individualista e ignorante; quando obedecemos ao que nos mandam com total pureza, com a mente limpa de dúvidas e de ira; quando aceitamos plenamente que a Verdade não pode ser entendida através da razão e que a nossa força reside na nossa total docilidade.

Enquanto assim falava, a loura fora-se aproximando de Malena, que mantinha a posição. Nessa altura tirou do cinto uma varinha metálica com uns trinta centímetros, agachou-se e desferiu uma pancada rápida e brutal no dedo médio da miúda. Ouviu-se um estalido arrepiante, o ruído de osso a partir. Malena gemeu, oscilou e, por um momento, pareceu prestes a cair. Mas depois recuperou e conseguiu estabilizar-se durante um

segundo sobre os dedos anelar e indicador. A seguir deixou-se cair de pé, quase tão pálida como a albina, mas com o rosto calmo, e agarrou na mão como quem segura um passarinho junto ao peito. Um sucesso assombroso, uma gesta impossível.

– Estás a ver? – disse a líder, exibindo um sorriso cruel e vitorioso. – Esta é a força do espírito. O poder da Verdade Única é invencível. E agora explica-me o que fazem as basquetebolistas.

O Campo Real era uma versão aumentada do local de treino das raparigas, com um enorme quadrado de areia, neste caso sem telhado, sob o céu curvado e artificial. O espaço do jogo estava rodeado de bancadas que, em três dos seus lados, eram despidas e sem costas, e, no quarto, a zona da nobreza, tinham cadeirões e almofadas. Husky e Deuil ficaram instalados entre os plebeus; a aristocracia nunca teria condescendido a misturar-se com eles, e até o Burocrata do Desporto deixara bem claro que os considerava seres muito inferiores, quase no limite escorregadio do desprezível.

O local estava a abarrotar e as bancadas mostravam uma divisão disciplinada de cores segundo a categoria das castas. As filas de baixo, que eram as melhores, ostentavam o riscado dos Burocratas; depois vinha uma franja verde, a seguir uma azul, posteriormente o pardo indefinido dos Servos. Os terrícolas estavam justamente aí, junto da servidão, ou seja, no topo e com o terreno do jogo a uma distância considerável. Aliás, acima deles só havia uma passarela sem assentos para onde trepavam os poucos Escravos autorizados a assistir ao evento. Quanto aos soldados, distribuíam-se regularmente pelo recinto formando riscas negras. Todos eles se encontravam de serviço; podiam ver o jogo, mas a sua prioridade era manter a ordem.

No centro da zona nobre ficava o camarote real. O evento só começou quando o monarca, Javierundo, fez a sua entrada. Apesar da vista reforçada, Bruna teve

dificuldades em apreciar o aspeto do Rei de tão longe. Parecia magro e alto, mais alto ainda por usar o rabo de cavalo elevado sobre a nuca, como se estivesse enrolado num longo tubo metálico. Talvez fosse um postiço ou uma peruca. Pela cor, também parecia vestir uma túnica de Sacerdote, mas cintilava quando se mexia, de modo que o traje devia estar coberto de ouro ou pedras preciosas. À chegada de Javierundo todo o campo se pôs de pé e fez-se silêncio absoluto. Ouviu-se um toque agudo e, a esse sinal, as centenas de Sacerdotes presentes entoaram:

– Que o Princípio Sagrado seja a nossa Lei.

Ao que todo o campo respondeu:

– Obediência.

Parecia que todas as palavras saíam de uma só garganta, tão ritmadas e claras soavam. Os Sacerdotes repetiram:

– Que o Princípio Sagrado seja a nossa Lei.

E o povo cantou:

– Pertença.

E assim foram entoando, um após outro, os nove primeiros pontos do decenário. A unanimidade impressionou Bruna; era, ao mesmo tempo, aterradora e bela. O perigoso e embriagador atrativo da massa humana, ogre de mil cabeças, feroz e protetor.

Quando o ritual terminou e todos se sentaram, apareceram as jogadoras de Rancor, que abriam o evento. Malena não se avistava, mas a líder brilhava de brancura; um grito de luz, uma chama translúcida. O Amo que comandava o jogo fez as raparigas rastejar pelo campo, enlameando as roupas impolutas, pôr-se de gatas e servir de cadeiras à primeira fila de nobres. Comparado com o treino, Bruna achou a exibição

bastante branda. No intervalo, observou lenta e superficialmente a multidão apinhada e perguntou a si própria se a Viúva Negra ali estaria. O ascensor a seguir ao deles devia ter chegado há várias horas. A ideia de que aquela mulher perigosa pudesse estar em Labari pesava um pouco na mente de Bruna, como um alerta ligeiro mas constante, uma inquietação surda. Na realidade, pensou, era como na história que estava a contar à menina russa; a Morte, caçadora invisível, sempre a rastejar atrás de si.

Finalmente começou o Jogo Menor. Duas equipas de trinta homens cada, vestidos de vermelho e amarelo, entraram na arena e dispuseram-se em lados opostos do quadrilátero. Cada equipa levava cinco bandeirolas com as suas cores e, conforme explicou Tin, o jogo consistia essencialmente em cravar os cinco estandartes na área inimiga, que ficavam em cada uma das extremidades do campo, delimitadas pelas respetivas cores. Parecia simples, mas o confronto devia reger-se ou por regras muito complexas, ou muito básicas; a simples observação do terreno não dava qualquer indicação acerca delas e apenas fazia o jogo parecer uma contenda bárbara carente de sentido.

– É fácil, é fácil – garantiu-lhes Tin com entusiasmo febril. – Desde que permaneçam dentro da sua área, os jogadores não podem ser agredidos pelos Espancadores; no entanto, se saírem são obrigatoriamente atacados e não podem deixar de apanhar pancada enquanto continuarem em movimento. As equipas fazem sair os seus Sacrificiais um a um; enquanto os Espancadores se entretêm a esmagá-los, os Velozes tentam chegar à linha inimiga e cravar a bandeira. Mas se os Espancadores acabarem com o Sacrificial, nesse caso é-

lhes permitido bater no Veloz. Os Velozes são muito importantes porque apenas eles podem levar as bandeiras. Em cada equipa há cinco Velozes, cinco Espancadores e vinte Sacrificiais. Reparem; aquele Veloz vermelho está a tentar regressar à sua zona porque não teve tempo de cravar a bandeira. Está a chegar, está a chegar... Uiii!!! Foi por pouco...

Atónitos, Husky e Deuil viram cinco energúmenos, fortes como touros, desfazer a pontapé um rapaz magrinho, que se enroscara no chão em posição fetal. Tinham acabado de aniquilar outro jogador vermelho, que estava a ser retirado do campo por uns ajudantes, desmaiado e ensanguentado. Bruna recordou-se do Artesão da banca de cintos do mercado e esperou que nenhum dos dois fosse o filho dele.

Agora era a vez dos amarelos, e um jogador dessa equipa saiu disparado como uma flecha pela areia, perseguido por cinco gorilas vermelhos. O Sacrificial fazia fintas, acrobacias e saltos incríveis, um deles por cima do seu perseguidor. Uma cacetada derrubou-o, mas ele levantou-se e conseguiu escapar; no entanto, a pancada atordoara-o e fizera-o perder grande parte da sua agilidade. Apanharam-no mais uma vez, bateram-lhe. Ele levantou-se de novo, cambaleante. Conseguiu permanecer de pé apenas uns segundos; logo de imediato, foi reduzido a pó. Um rugido ensurdecador explodiu no ar; o Veloz amarelo aproveitara e conseguira cravar a bandeira. O Sacrificial aguentara o suficiente.

– Que bela jogada! – extasiou-se Tin, com os olhos toldados pela emoção. – Quanto mais resistem, mais lhes batem. É admirável. Aquele Sacrificial é Servo de origem.

Já o levavam do campo, abatido como um boneco partido.

– Com linchamentos a este ritmo o jogo vai acabar em cinco minutos – comentou Deuil, sombrio.

– Sim, esta tarde o jogo começou em força... Mas nem sempre é assim. Às vezes os Sacrificiais conseguem voltar à sua zona sem que os apanhem e o mesmo acontece com os Velozes.

– Calculo que morrerão muitos jogadores... – sugeriu Bruna.

– Bom, sim; às vezes há um ou outro percalço fatal, algum dos rapazes fica aleijado ou perde um olho... Mas este jogo rege-se pelo que nos ensina o Princípio Único: o indivíduo deve sacrificar-se pelo grupo. Não há honra maior do que ser um Sacrificial. São os heróis do Reino, os mais queridos, os mais famosos.

E era aquilo o Jogo Menor! Quase a medo, a androide perguntou:

– Como é o Jogo Maior?

– É muito semelhante; a única diferença é que no Jogo Maior o capitão da equipa derrotada é decapitado no final da partida e o capitão da equipa vencedora ascende à casta imediatamente superior. Se excetuarmos as concessões magnânimas do nosso Rei, esta é a única forma possível de ascensão social em Labari. O Jogo Maior é considerado um Julgamento Sagrado, uma prova litúrgica, e o resultado é prescrito pelo Princípio Único. Só há quatro Jogos Maiores por ano e vêm equipas de todo o Reino. Os adversários são as duas melhores equipas de cada temporada.

A androide recordou-se de uma antiga Serva de Labari que conhecera na Terra. Fora expulsa do Reino porque era mutante; trabalhava nas minas de Potosí e,

de tanto se teletransportar, aparecera-lhe numa têmpora um terceiro olho, cego. Sabia-se com toda a certeza que, a partir do décimo primeiro salto, a desordem TP atacava todos os seres vivos, razão pela qual os acordos de Cassiopeia proibiam mais do que seis teletransportes. Mas os * nicos* não assinaram os acordos e, além disso, conforme então explicara a Bruna a Serva do olho nebuloso, achavam que o Princípio  nico os defendia de todo o mal. Se uma pessoa fosse pura o bastante, nunca sofreria mutações. Os * nicos* chegavam a utilizar a desordem TP nos Julgamentos Sagrados como forma de solucionar as querelas graves entre os nobres. Os litigantes teletransportavam-se até um deles se transformar num mutante, e tal facto era considerado uma sentença divina inapelável. Tendo em conta que, em Labari, até a aristocracia era ignorante e fanática àquele ponto de cegueira, Husky não se espantou pelo facto de os jogadores se submeterem com tanta docilidade ao ord lio.

O jogo prosseguiu com a mesma brutalidade, com a mesma sanha, numa repetição monótona de Espancadores a agredir e de Sacrificiais e Velozes a regar, com o seu sangue, a areia que, de quando em quando, era substituída pelos ajudantes para esconder as manchas.  s vezes, como referira Tin, os jogadores esquivavam-se, escapando ilesos  s garras dos seus perseguidores, mas isso costumava sujeitá-los a uma enorme assobiadela da multidão. O jogo acabou quando a equipa amarela perdeu todos os seus Velozes, de modo que a resistência heroica do Sacrificial que tanto comovera Tin não servira para nada. Embora só tendo cravado quatro bandeiras, ganharam os vermelhos.

Farta de violência, a rep levantou-se, sentindo um torpor semelhante ao que costumava experimentar na milícia quando tentava desligar-se para se defender dos riscos da empatia. Definitivamente, Labari não era um dos seus locais preferidos do Universo. Sentia-se frustrada e abatida; só tinham mais dois dias no Reino e, além de não terem descoberto nada, nem sabia bem onde procurar. Seguiram a multidão em direção aos vomitórios e Tin atrasou-se um pouco. Era a primeira vez que Daniel e ela tinham alguma privacidade desde que ele e o Servo a tinham ido buscar ao campo de treinos de Rancor. O tátil segredou-lhe:

– Já descobri onde Yárnoz vivia. Felizmente, era em Oscaria; tenho a morada.

Bruna sobressaltou-se e olhou para o rosto sorridente e satisfeito de Deuil com um misto de admiração e rancor. Maldito tátil, capaz de triunfar onde ela fracassava! No entanto, sentiu de imediato a excitação, a alegria, a voracidade do perseguidor diante da sua presa, e a cabeça lançou-se na elaboração de um plano.

– Durante o dia será mais difícil escapulir – sussurrou sem fôlego. – Iremos procurá-lo esta noite.

Jantaram a mesma comida abominável na pousada, enquanto Deuil lhe explicava como conseguira a direção de Yárnoz.

– Passámos à frente da Assembleia de Nobres, que é onde todos os Amos se reúnem uma vez por mês para debater os problemas governativos que depois despacham para o Rei assinar. Os Sacerdotes fazem a mesma coisa no palácio que fica em frente, o Colégio Sacro. Disse a Tin que o edifício era bonito e que adoraria poder visitá-lo; já sabia que era um espaço público e que, quando não há assembleia, permitem a entrada de plebeus de todas as castas para os fazerem sentir diminuídos face a todo aquele luxo. Efetivamente é um palácio, ou melhor, um castelo imponente, uma fantasia medievalista, construída para impressionar... Com tetos altíssimos, esculturas gigantescas e pinturas murais escuras, iluminadas aqui e ali por um toque de ouro. Um pouco lúgubre, mas bonito. A simples dimensão do local deve deixar os plebeus sem fôlego, habituados como estão à estreiteza deste mundo hiperpovoado. A sala onde a Assembleia se junta é enorme e está cheia de cadeirões colocados em círculo; no centro desse círculo, há uma mesa redonda – enfim, já sabes que é uma sociedade muito ritualizada e que dá uma importância simbólica às formas geométricas – e no centro dessa mesa há um livro gigantesco de falso pergaminho, que é o registo de todos os Amos, com as suas árvores genealógicas, os seus títulos e as suas terras, que, na realidade, é onde

moram. Fingi folheá-lo e procurei Carloyarnoz. Era o Senhor da Colina Azul, local onde vivia.

– Pelo grande Morlay! Como raio encontraremos isso? E como sabes que fica em Oscaria?

O apalpador desatou a rir.

– Porque isto é uma Terra Flutuante, não a Europa remota e despovoada pela Peste Negra de 1348, o que significa que uma plataforma artificial como esta está no limite da sustentabilidade e a gestão do espaço tem de ser rígida e precisa, não resultado do acaso, como na velha Terra.

– Continuo sem perceber.

– Todo o Reino de Labari está dividido em setores! Estes, por sua vez, em subsetores, em segmentos estreitos do anel que são ordenados numericamente, encaminhando-se depois em três direções: Norte, Centro e Sul. Não deste conta dos números que se veem em toda a parte? Oscaria abarca os Setores 1 a 3. E no livro de registo genealógico traduziam as direções para a malha geográfica real. Por baixo de «Colina Azul» via-se «3, 127, N». Ou seja, Setor 3, Subsetor 127, Norte.

Assim sim. Agora Bruna lembrava-se de ter visto inscrições como aquelas, com números e letras, nas paredes de adobe, nos troncos das escassas árvores, em postes de madeira ou em marcos de pedra. Chamaram-lhe vagamente a atenção, mas em Labari havia tantas coisas que o faziam que acabou por não se interessar muito por isso.

– E nós agora estamos no...?

– Setor 2, Subsetor 12, Centro. O sinal está lá fora, na fachada da pousada. Receio que o nosso destino fique muito longe.

– Nesse caso teremos de correr. Que tal é a tua

passada, Fred? – perguntou a rep, um pouco trocista.

– Acho que não me desenrasco mal.

– E a ferida do pé?

– Está quase curada. A propósito, há pouco usaste uma exclamação um pouco estranha... Lançaste um «pelo grande Morlay» o que, se não me engano, é uma expressão tecno-humana. Morlay não foi o líder venerado da revolta tecno? E não é chocante que uma humana como tu, querida Reyes, uma boa rapariga basquetebolista, use tal rase?

Os olhos cintilavam-lhe de malícia, aqueles olhos rasgados azul-noite que agora, à luz das lanternas, pareciam negros e brilhantes como escaravelhos. Husky sentiu-se mortificada por aquele erro crasso, embora soubesse que não o teria cometido se compromettesse verdadeiramente a sua segurança. Pelo menos, era o que esperava. O brilho vacilante das lanternas fazia bailar as sombras no rosto do apalpador, no seu coque alto de samurai e nas suas faces rapadas. Era evidente que Labari, apesar das suas veleidades arcaizantes, dominava uma tecnologia avançada; de facto, alteravam o seu mundo artificial para simular o amanhecer, os dias soalheiros e as noites de luar, mas, ao mesmo tempo que impunham aquela escuridão fictícia, só utilizavam métodos de iluminação tradicionais como lanternas, velas e lamparinas. Era tudo um teatro, um cenário. Aquele mundo era a apoteose da mentira.

Embora fosse de reconhecer que as lanternas criavam um ambiente suave e íntimo. Os dentes afiados de Deuil eram tão brancos que não pareciam ser de osso, mas de um vidro duro e opalino. Tinha as mãos pousadas na mesa. Grandes e magras, fortes. Umas

mãos muito belas de tátil. Ter mãos tão extraordinárias tê-lo-ia predisposto à profissão de apalpador? Ou o trabalho teria afinado e fortalecido os seus dedos longos? Recordou que aquelas mãos lhe tinham rodeado o pescoço e sentiu a pele afogueada. Uma ânsia urgente de que aqueles dedos se metessem por todos os recantos do seu corpo explodiu-lhe na carne. Foi uma necessidade repentina, uma espécie de fome inadiável, e a violência que com se manifestou surpreendeu-a.

– Em que estás a pensar? – perguntou Daniel.

– Eu?

– Observas-me e pensas. Em quê?

Bruna olhou para ele, ainda a arder. E sorriu.

– Estou a tentar calcular até que ponto serás realmente um bom corredor. Subamos ao quarto. Temos de ir.

Já no quarto, Bruna vestiu uma camisola e umas calças de fato de treino pretas e, após um minuto de hesitação, tirou a pistola de plasma do esconderijo e guardou-a na pequena carteira que levava a tiracolo. Foi buscar o apalpador e encontrou-o ainda a trocar de roupa, em tronco nu. Era um homem de uma magreza extrema, estreito e filiforme; mas não tinha o corpo ossudo, e sim suave e delicado, quase pueril. Lembrava o físico de um adolescente imediatamente depois de ter dado o salto, com os braços e as pernas ainda desproporcionados, demasiado longos, quase extensíveis. Não se via um só pelo no peito, mas havia uma tatuagem de dois grandes olhos nos mamilos. Uns olhos inquietantes, cheios de pestanas e com as pupilas de um azul profundo, como as dele.

– Então? Continuas a tentar deduzir se saberei

correr bem? – troçou Daniel, atento ao olhar dela.

Porém, a sua voz, ansiosa e um pouco rouca, traía a ligeireza do comentário.

Bruna não lhe respondeu; dirigiu-se à janelinha de vitral e abriu-a. No dia anterior reparara que a janela do quarto de Deuil dava para as traseiras da pousada, enquanto a dela dava para a fachada.

– Saímos por aqui – decidiu.

Voltou-se. O tátil vestira uma camisa desportiva de elastano violeta escuro. Aproximou-se da janela e olhou para baixo.

– É um pouco alto mas acho que conseguirei descer.

– O problema não é a descida agora, mas a subida mais tarde. Temos de voltar a entrar por aqui. Achas que podes comigo? Que podes dar-me um impulso, levantar o meu peso? – perguntou a rep.

O tátil inclinou a cabeça para um dos lados e observou-a, trocista, estreitando ainda mais os olhos rasgados.

– Ou seja, achas que fisicamente não sou grande coisa...

– Podes ou não?

– Não conheces a força do espírito... – disse, rindo.

Bruna suspirou:

– Vejam lá, foi isso mesmo que me garantiu esta manhã uma jogadora de Rancor. A demonstração que fez a seguir foi arrepiante. Se tiveres metade da sua força já será suficiente. Eu desço primeiro.

Com calma e facilidade, a rep encavalitou-se no parapeito e, após passar a outra perna, pendurou-se pelas mãos no caixilho. Depois soltou-se e, flexível, rolou pelo chão até se levantar. Enquanto se erguia viu o apalpador cair, quase tão ágil como ela, facto que lhe

provocou uma estranha satisfação.

À noite, Oscaria tinha muito menos movimento, facto compreensível por Labari ser um mundo de escuridão. Depois de se orientarem e estabelecerem mentalmente uma rota, os dois terrícolas começaram a correr com uma passada curta e constante. Os olhos felinos de Husky eram capazes de ver no escuro e o táctil mantinha-se perto dela, mas, às vezes, quando as trevas se adensavam ou o caminho era mais difícil, acendia por instantes a lanterna do telemóvel. Tinham combinado que, se tivessem de dar explicações a alguém, diriam que estavam a treinar. No fim de contas eram atletas. Todavia, as poucas pessoas com quem se cruzaram na cidade sombria olharam-nos de soslaio, quase a medo, com a mansidão e a passividade habitual dos povos habituados à tirania. De vez em quando, verificavam se avançavam na direcção correcta, através da consulta dos números indicativos da posição geográfica. As zonas iam passando com uma lentidão exasperante e Husky estugou o passo; pelo canto do olho viu que Daniel a seguia, imperturbável e sem a respiração agitada. Sim, era um bom corredor. Também não era assim tão surpreendente; o seu corpo filiforme era a estrutura mais adequada à longa distância.

Demoraram uma hora e meia a chegar. A Colina Azul devia ser uma zona limítrofe de Oscaria, porque se tratava de um lugar feio e miserável antecedido por vários subsectores compostos por fileiras e fileiras de cabanas de Servos. Para lá das construções pobres de adobe, via-se apenas uma pequena casa quadrangular de pedra com um pátio. Era, sem dúvida, o seu destino, embora não houvesse de facto uma colina. Labari inteira era plana, ou melhor, curva, seguindo o perfil

daquela espécie de roda gigante que era a Terra Flutuante. De novo, a circunferência: naquele mundo, tudo era circular.

Lentamente, aproximaram-se e espreitaram com cautela pelas janelas estreitas, na realidade simples seteiras sem vidros que perfuravam a parede espessa. Surpreendentemente, lá dentro havia luz, não das velas, mas com um brilho artificial. Husky continuou a dar a volta à casa e acabou por encontrar uma seteira que lhe permitiu ver alguma coisa, ou melhor, alguém. Tratava-se de um velho com umas guedelhas brancas e despenteadas que lhe rodeavam a cara. Vestia roupas terrícolas bastante gastas e estava sentado numa cadeira, ao pé de uma mesa, a escrever num papel à luz da lanterna de um telemóvel. Pousou o lápis sobre o papel, levantou-se e desapareceu da área de visão. Regressou imediatamente com alguma coisa na mão, um velho magitonal, o pequeno teclado capaz de imitar os sons de uma centena de instrumentos.

– Eu conheço-o – sussurrou Bruna. – Eu conheço-o!

Só agora o identificara; afinal, homem estava bastante mais gordo e ela conhecera-o jovem e bonito. Porém, lembrava-se do fascínio que sentira na infância – na sua falsa infância, nas suas falsas lembranças – quando aquele músico tocava magitonal, provavelmente o mesmo que segurava agora nas mãos, porque era evidente que se tratava de um modelo muito antigo.

– É... era amante de Yárnoz. O seu marido.

– Como sabes? – admirou-se Deuil.

– Sei. Está nas minhas lembranças. Na minha memória artificial. É uma longa história. Como se chamava, raios partam?

Fora um músico bastante famoso. Bruna inseriu no seu telemóvel várias combinações de busca: *músico, compositor, Madrid, século XXI, Carlos Yárnoz, Pablo Nopal*. Apareceram inúmeros artigos, dezenas de nomes diferentes. Quando o viu, lembrou-se: *Frank Nuyts*.

Levada por um impulso, a rep desatou a correr, deu a volta à casa e bateu à porta com a aldrava pesada da entrada. O táctil seguiu-a, perplexo:

– Mas o que estás a fazer?

– Calma, deixa-me ser eu a falar.

Ouviram-se passos, ruídos. Abriu-se uma frincha da porta e por ela espreitou meia cabeça do homem. Um olho desconfiado que os fitava. Mais em baixo, uma vela acesa. Parecia ter apagado a lanterna do telemóvel.

– Frank... Frank Nuyts – indicou Bruna.

O homem passou a vela pela frincha e levantou-a um pouco para lhes ver a cara. Não deve ter gostado do que viu, pois continuou em silêncio.

– Frank, viemos da Terra. Queríamos falar contigo sobre Carlos Yárnoz.

A vela tremeu.

– Está bem? Onde está? E como podem provar-me que vêm da parte dele? – inquiriu o homem com a voz sufocada pela emoção.

A rep ficou atónita.

– Frank... Frank, Yárnoz morreu. Assassinararam-no em Madrid a 24 de julho. Há nove dias.

A porta fechou-se com estrépito. Husky correu até à seteira mais próxima e encostou a cara ao buraco:

– Frank, por favor, ouve-me, deixa-nos entrar... Tenho coisas muito importantes a contar-te, mas não posso estar aqui aos gritos. Conheço-te, conheci-vos na

infância... Há mais de vinte anos tu ias com Yárnoz visitar um homem chamado Nopal, eram amigos... Lembro-me de que uma noite, antes do jantar, ofereceste a Nopal uma sonata, que tocaste nesse magitonal que seguras... Nopal ficou muito emocionado com esse presente de aniversário.

O último aniversário do pai antes de o assassinarem, pensou Husky com angústia. Como doía a morte daquele maldito pai de mentira. Três anos, nove meses e trinta dias.

A voz do homem ouviu-se, vinda de casa:

– Como sabes tudo isso?

– Eu... era a filha de Nopal.

A cara do músico reapareceu na seteira.

– Nopal só tinha um filho. Um rapaz.

– Posso explicar-te. Deixa-nos entrar, por favor.

O rosto desapareceu da abertura e fez-se silêncio. Passados segundos, a porta abriu-se. Bruna e Daniel aproximaram-se e empurraram a porta encostada. Nuyts voltara a sentar-se no cadeirão e olhava para eles à luz incerta de algumas velas. Entraram, fecharam a porta e aproximaram-se dele. A dor desfigurava-lhe as feições. Estava com uma expressão enlouquecida e o queixo mexia-se sozinho. Não devia ser tão velho como aparentava, pensou Bruna; ela lembrava-se dele jovem, bonito, louro, com uma grossa trança de cabelo dourado a descer-lhe até meio das costas. Agora devia ter pouco mais de cinquenta anos e parecia um farrapo humano. Aquele era o rosto de alguém que sofrera bastante.

– Vieram matar-me também? – perguntou Nuyts com uma voz trémula, mas serena. – Não faz mal. Já não tenho nenhum apego a esta vida miserável.

– Não! Não! – exclamou a androide, comovida. – Não viemos matar-te. Pelo contrário. Queremos descobrir quem matou Yárnoz e porquê. Vê.

Husky inclinou um pouco a cabeça, tirou as lentes de contacto e revelou os seus olhos de pupila vertical, a marca distintiva dos androides.

– Estás a ver? Sou tecno-humana. Lembro-me de ti porque o meu memorista, o verdadeiro filho de Nopal, implantou na minha memória artificial as suas próprias lembranças. Ao revelar-te quem sou, estou a pôr-me nas tuas mãos, Frank. Já sabes que os reps são proibidos em Labari. Se me descobrem, matam-me. Tens de confiar em mim, como eu estou a confiar em ti agora.

Nuyts olhou para ela com interesse, assentindo com um leve movimento da cabeça.

– Fala.

Então Husky explicou-lhe como Yárnoz morreria e contou-lhe tudo o que sabiam. Lágrimas grossas e pesadas começaram a rolar pelas faces de Nuyts.

– A culpa é minha. A culpa é minha – gemeu. – Quando descobriram, na Terra, que Carlos era um espião, refugiámo-nos aqui. Como paga pelos seus serviços fizeram-no nobre. No entanto, este é um mundo repugnante, primitivo e fanático, tremendamente machista e patriarcal. Odeiam as mulheres e o amor homoerótico, embora os Amos e mesmo alguns Sacerdotes, apesar dos votos, abusem dos seus Escravos varões quando lhes apetece. Porém, não consideram isso homoerótico porque para eles os Escravos não são homens; são objetos.

Calou-se, com os olhos humedecidos, mergulhado sabe-se lá em que pensamentos.

– Dizias que tornaram Yárnoz nobre... – mencionou

a rep suavemente, para o trazer de novo à realidade.

– Sim. No entanto, a mim desprezaram-me. Classificaram-me como Servo. Tatuaram-me!

Nuyts arrancou o lenço que trazia ao pescoço e mostrou o S sinistro, gravado na carne com a grafia de poder.

– Carlos não pôde fazer nada. Ele não estava cá. Vieram buscar-me à força. Marcaram-me com aquela escrita asquerosa e cortaram-me a trança. Neste mundo só os nobres podem usar o cabelo comprido.

– Sinto muito.

Frank limpou os olhos com a manga.

– Carlos era labárico de alma e coração. Foi espião na Terra por ideologia, por princípio, porque acredita neste mundo. No entanto, depois do que me fizeram, foi perdendo a fé. Como Servo, não me era permitido tocar música. Não me deixavam compor. Tentei continuar às escondidas. Continuo a tentar, todos os dias! Mas perdi o talento. A minha fonte de inspiração secou. Estou mudo.

– É a dor por tudo o que te aconteceu, Frank, mas conseguirás superá-la – garantiu a rep.

– Nãããooo! É esta maldita letra... É esta tatuagem! Possui-me... O seu poder é real! Prende-me... Constrange-me!

Dizendo isto, o homem arranhou com fúria a base do pescoço, onde estava a marca. A pele rasgou-se, o sangue começou a correr. Desanimado, Nuyts deixou cair as mãos sobre os joelhos. As suas unhas estavam vermelhas.

– Carlos trabalhava no núcleo dos reatores. Era o responsável pela obtenção de material radioativo na Terra mas, nos últimos anos...

– Um momento, um momento – interrompeu-o a detetive, excitada. – O que é isso do núcleo dos reatores?

– É a fonte de energia de Labari.

– O quê? Isso não é possível! A energia atômica é proibida na Terra e também não permitiríamos que fosse utilizada numa plataforma orbital. Supõe-se que a energia desta Terra Flutuante vem de um reservatório de água que ocupa o centro do anel e que está cheio de algas libertadoras de hidrogénio.

– Essa é a versão oficial. Mas não é a verdade. No coração deste mundo há uma gigantesca central nuclear.

– E o que é essa história do material radioativo da Terra? – perguntou o apalpador.

– O combustível nuclear é comprado na Terra. Ilegalmente, suponho.

Calaram-se por alguns instantes para tentarem digerir a enormidade da informação. Depois, Nuyts retomou a palavra.

– Nos últimos anos, Carlos viu-me a enfraquecer de tal maneira que já não sabia o que fazer para me ajudar. Foi então que o seu contacto na Terra, Alejandro Gand...

– Gand?

– Sim, ele e o Carlos eram ambos intermediários: Carlos era o agente de Labari e Gand, o do vendedor terrícola. Um dia, Gand propôs-lhe passarem a ser fornecedores independentes, com lucros fabulosos; Gand sairia da organização para a qual trabalhava e Carlos deixaria Labari. Ao que parece, a clandestinidade extrema de todo o negócio fazia com que, por segurança, muito poucas pessoas o

conhecessem. Aliás, só Carlos e Gand sabiam todos os pormenores do processo. Quando se tornaram autónomos, levaram esse conhecimento consigo, obrigando assim Labari a negociar diretamente com eles.

– Mas não percebo. Yárnoz deixou-te aqui? Podiam ter-te torturado, executado...

– Nãããooo! Carlos fê-lo por mim! Pensou em tudo; levou com ele provas suficientes para demonstrar que o Reino de Labari usa energia nuclear e ameaçou torná-las públicas na Terra caso me acontecesse alguma coisa. Eu ia juntar-me a ele mais tarde. Carlos foi antes para que eu não ficasse em perigo. Conhecia uma organização que podia arranjar-nos os melhores documentos falsos da Terra; caríssimos, sim, mas permanentes e não rastreáveis. Duas identidades novinhas em folha, para começarmos uma nova vida juntos.

As lágrimas voltaram a rolar-lhe pela cara imóvel e inexpressiva.

– Mas quando ele morreu ficaste desprotegido... – insistiu a rep.

– Eu não sabia disso. Ninguém me contou que ele morreu, embora ande há dias com um pressentimento aterrador. Percebi que alguma coisa não estava nada bem quando na passada Aceitação apareceram aqui dois Amos com soldados para revistar a casa e interrogar-me. Reviraram tudo à procura não sei de quê e perguntaram-me se Carlos me contara ou se deixara alguma coisa cá.

– E o que lhes respondeste?

– A verdade. Esta maldita letra obriga-me a isso e eles sabem-no. Não consigo mentir a um Amo. Não sei

de nada, exceto aquilo que vos contei.

Baixou a cabeça e soluçou durante algum tempo. Depois fungou e voltou a olhar para eles.

– No entanto, Carlos deixou-me uma coisa. Um rolo embrulhado em pano. Avisou-me: «Se morrer, isto será teu. Abre-o nessa altura, mas só nessa altura. Cuida dele porque é muito importante. Está aqui tudo.» Foi o que me disse. Lembro-me muito bem. «Está aqui tudo.»

– E não o comunicaste aos Amos?

– Eu não sabia que Carlos estava morto, pelo que, na verdade, ele ainda não me deixara nada! Para mim, o rolo era dele e só dele. Só assim consegui evitar a armadilha da tatuagem – explicou Frank com um pequeno sorriso triste e vitorioso. – Como é óbvio, na revista à casa encontraram o rolo, que não estava escondido, mas em cima da mesa, num lugar bastante visível, onde Carlos o deixara. Abriram-no, mas não lhe deram grande importância, porque não o compreenderam. Para dizer a verdade, eu também não.

Nuyts levantou-se da cadeira, dirigiu-se até uma mesa grande que se via ao fundo e voltou com um pacote tubular de uns sessenta centímetros envolto em tecido preto e amarrado com um cordel. Estendeu-o a Husky. A androide desatou o nó com nervosismo e abriu o pacote; de dentro dele retirou uma cartolina que servia de suporte a uma pintura. Uma obra estranhíssima. Representava uma figura humanoide fantasmagórica e meio deformada, com as mãos de ambos os lados da cabeça, os olhos vazios e a boca aberta, como que paralisada num grito. Parecia uma caveira. Parecia estar numa ponte de madeira ou num molhe; ao fundo, via-se o mar. As formas eram imprecisas, furiosas e as cores, violentas, em particular

o céu vermelho, denso e asfíxiante. Era um quadro aterrador, horrível.

– Isto é-me familiar – comentou o apalpador.

– Frank, podes emprestar-mo? Tentaremos decodificar a mensagem que encerra e depois devolver-te-ei, prometo.

– Leva-o. Se servir para apanhar o assassino de Carlos... E farei mais uma coisa. Posso levar-vos até ao núcleo dos reatores. Não poderemos entrar na central, naturalmente, nem aproximarmo-nos muito, mas há uma zona do anel de onde se vê o núcleo. Carlos levou-me lá um dia. As pessoas não sabem o que é e o ponto de observação não é o mais favorável, mas, se o filmarem, talvez os especialistas da Terra possam comprovar que é uma central nuclear. Poderia ser uma prova contra Labari.

– Parece-me uma boa ideia. Regressamos à Terra depois de amanhã. Podemos lá ir agora? – perguntou a rep.

– Fica muito longe; temos de apanhar o Dedo de Heriberto e a viagem dura quase duas horas... E das duas às seis da manhã o Dedo não funciona.

– Está bem. E amanhã à noite? Podemos aparecer por cá mais cedo.

– Espero-vos às oito – combinou Frank, acariciando suavemente a pintura com a ponta dos dedos antes de a embrulhar no pano para a entregar a Bruna.

O regresso foi muito mais rápido do que a ida; era tarde e ter a pintura consigo deixava Bruna insegura. Para sua satisfação, o tátil era, de facto, um corredor admirável e aguentou o ritmo acelerado com facilidade. Subir até ao quarto dele também foi simples; Deuil empurrou Bruna, que entrou pela janela sem problemas. Depois, a rep tirou as calças de fato de treino, confeccionadas num poliéster transpirável e resistente e, do peitoril, pendurou-as no vazio. O apalpador saltou, agarrou nas pernas das calças e a androide içou-o.

Fecharam a janela e acenderam duas velas com o isqueiro que estava em cima do baú. Não tinham falado durante todo o caminho.

– O que achas? – perguntou Husky.

O apalpador encolheu os ombros.

– Suponho que o que ele nos contou acerca da central nuclear será verdade. Pelo menos, esclareceria muitas dúvidas, entre as quais a radioatividade presente Gand e de Yárnoz. Mas não me agrada. Nem ele, nem o seu famoso Carlos. Esse Carlos que tanto o amava – troçou com acidez.

A rep fitou-o, intrigada.

– Porquê?

– Yárnoz é o protótipo perfeito do traidor. Primeiro, traiu a Terra; depois o Reino de Labari, que o acolheu de boa-fé. Por dinheiro, ainda por cima! Nuyts pode até tentar defendê-lo, mas a mim parece-me evidente que Yárnoz voltou a ser desleal por simples cobiça. Era

um delinquente, um tipo sem escrúpulos. Quanto a Nuyts, não consigo decidir se é um cínico ou um imbecil. Afirmou que Carlos espiava na Terra por ideologia. E ele? Foi cúmplice porquê?

– Por amor – respondeu a rep, admirando-se com a sua própria réplica.

– Amor? Acreditas nesse afeto de que nos falou? Yárnoz trá-lo para cá, permite que façam dele um Servo sem protestar, vivem nessa situação anos e anos a fio, e depois Yárnoz regressa à Terra e deixa-o aqui, entregue à sua sorte; e, mesmo assim, continuam enamorados? Eu sou da opinião que Nuyts é doido. Vê o que disse sobre a tatuagem. Que o possui! Que tem poder! É um idiota.

Naquele aspeto a androide teve de lhe dar razão.

– E quanto à pintura?

– Acho que já a vi antes em qualquer lado – mencionou o apalpador. – É inquietante.

– Será preciso analisá-la com extremo cuidado. Talvez tenha um *nanochip* incorporado.

Bruna calou-se. Já tudo fora discutido; era muito tarde e estava na hora de voltar para o seu quarto. No entanto, nenhum dos dois fez menção de se mexer.

– Bom...

Estavam de pé a olhar-se em silêncio. Os lábios do apalpador. As maçãs do rosto. Aqueles olhos intensos e implacáveis. O calor do corpo dele, tão próximo. A rep apercebeu-se de que estava sem calças, só com umas pequenas cuecas azuis. Um desejo repentino apertou-lhe o estômago e depois desceu, líquido e quente, até ao sexo. Sem querer, sem pensar, por instinto, abriu alguns centímetros as pernas.

– Nesse caso, tu não acreditas no amor? – perguntou

com voz grave. Foi a primeira coisa que lhe veio à cabeça para quebrar aquele silêncio tenso e sentiu-se uma idiota.

– Claro que acredito. Para mim é essencial. E tu?

– Não sei.

– Não sabes se acreditas?

– Não sei se acredito, se sei amar e também não sei se quero aprender – esclareceu a rep, ofegante.

Deuil fechou os olhos por um instante, parecendo aborrecido. Depois abriu-os; estavam duros e negros. Esticou os braços e, agarrando as nádegas da androide com ambas as mãos, puxou-a para si com um gesto seco.

– Vamos experimentar – sussurrou.

A boca dele foi uma surpresa para Bruna; os lábios macios e ardentes, a língua forte, capaz de preencher a boca da rep. Aquele era um homem que sabia beijar. Quando se soltaram, uma eternidade depois, entreolharam-se com a incredulidade maravilhada de terem podido sentir-se tão próximos. Ardendo pela urgência de mais, separaram-se e despiram-se, agitados e desajeitados. Bruna atirou Daniel para cima da cama quando este ainda tinha uma perna das calças e um tênis por tirar. O tátil riu-se e beliscou-a, defendendo-se; acabou por se levantar para acabar de se despir. Husky observou-o da cama com aquele prazer guloso provocado pela descoberta de um novo corpo: o tronco tatuado, longo e pueril que já conhecia, com o bônus de umas pernas fortes e um rabo perfeito em forma de pêssago. Deuil voltou-se para ela; sorriu, ou talvez se tenha limitado a mostrar os dentes afiados, os seus incisivos de vampiro, disposto a mordê-la e a sugá-la inteira. Depois deitou-se sobre a androide, pele com

pele, intrincadamente juntos, e o corpo dele era de uma suavidade extraordinária. Excitada, a androide tentou fazer cair o tátil, subir para cima dele e acelerar o clímax, mas Daniel resistiu. Com firmeza, agarrou no pescoço de Bruna com uma das suas mãos grandes e sábias e, com a outra, cobriu-lhe a cara e voltou-a para o lado, empurrando-a com gentileza contra a almofada:

– Quieta... quieta... Calma... Agora o caçador sou eu... e tu és a minha presa. Deixa-te levar... Vais gostar...

E sim, gostou.

Em sobressalto, Bruna acordou sozinha na cama de Deuil. Deu uma olhadela ao telemóvel: 11h10. Ao meio-dia, Tin vinha buscá-los para os levar a almoçar com jogadores do Jogo Menor. Levantou-se de um salto, tomou um duche de vapor rápido e foi para o seu quarto que, evidentemente, também estava vazio. Tinha a cabeça num torvelinho: a conversa com Nuyts na noite anterior; o gosto do apalpador; a pintura aterradora do fantasma gritante; a voz rouca de Daniel a sussurrar-lhe ao ouvido; a necessidade de encontrar uma forma de esconder a pintura para a tirar de Labari; o corpo do apalpador a entrar nela. A garganta fechou-se-lhe. Onde estaria Deuil? Vestiu um macacão desportivo limpo e mudou as lentes de contacto. Desde que as voltara a colocar em casa do músico que a incomodavam um pouco. Acendeu uma vela e, com cuidado, queimou as lentes usadas. A seguir envolveu o rolo da pintura na roupa suja e colocou-o no fundo do baú. Não era um esconderijo muito engenhoso, mas o tempo urgia e ainda tinha de encontrar o tátil. Desceu ao rés do chão. Distribuídos pelas duas grandes mesas, uma dúzia de Comerciantes e Artesãos conversava e comia. Espreitou a cozinha.

– Viram Fred Town, o outro convidado da Terra, o homem que viaja comigo? – perguntou às Servas que se afadigavam nos fogões.

Uma delas apontou para o exterior sem dizer nada. A rep foi até à porta e olhou em volta; o tátil estava sentado em posição de lótus diante da pousada, num

pedacinho de terra, sob uma árvore raquítica, com as mãos nos joelhos e os olhos fechados. Husky observou-o durante uns instantes, tão silencioso e descontraído, como que a oferecer-se a ela, e sentiu que o desejo voltava a despertar. Reprimiu-o rapidamente e aproximou-se.

– Fred...

O tátil não se mexeu.

– Fred!

Como continuava sem lhe responder, Husky inclinou-se para ele e sussurrou:

– Daniel... Daniel!

Abanou-lhe o ombro com delicadeza. De súbito, Deuil abriu os olhos, agora muito azuis, ardendo num fogo frio. O seu olhar era tão distante e insondável que, de repente, Bruna sentiu uma inexplicável pontada de medo. No instante seguinte, porém, Daniel já sorria e na expressão que lhe dirigia havia mesmo ternura. A rep resfolegou e envergonhou-se do seu sobressalto, do seu receio irracional em relação aos homens.

– Olá, Reyes.

– Olá, Fred.

– Meditava um pouco.

– Estou a ver. O Tin vem buscar-nos agora.

– Já sei. Estou pronto.

O tátil levantou-se e pegou na mochila, que estava no chão.

– A propósito, olha o que tenho aqui.

Tirou do saco um bocado de feltro dobrado em quatro e abriu-o. Tinha um desenho geométrico às cores bordado.

– É uma mandala. Um Artesão vende-as aqui perto.

Sem grande interesse, Bruna olhou de relance para o

desenho.

– Muito bonita.

– Está muito bem feita. Até tem forro, para que não se vejam os nós do bordado.

Dizendo isto, o apalpador mostrou-lhe a parte de trás, protegida por um tecido grosso e áspero, e apontou para um canto descosido. Bruna arregalou os olhos; aquilo era perfeito, admirável. Podiam meter ali a cartolina que Nuyts lhes entregara.

– Muito bonita! – repetiu, soando mais entusiasmada.

O tátil riu-se e encaminhou-se para a pousada.

– Vou deixá-la no quarto. Olha, aí vem Tin.

– Fred, estás a coxear.

– Sim. Afinal, parece que o pé não estava curado o bastante para a nossa sessão de treino.

Desta vez foram até ao campo da equipa de Jogo Menor de Oscaria, que era semelhante ao das raparigas, embora maior. Ficava nos limites da cidade, de modo que viajaram no Dedo de Heriberto, que englobava comboios de alta velocidade de longa distância, quase sem paragens, e também composições suburbanas. O Dedo era um meio de transporte eficaz e limpo; não dispunha dos últimos avanços tecnológicos, mas era moderno o bastante para não parecer completamente anacrónico, como acontecia ao resto do Reino. Mais uma contradição entre as inúmeras incongruências daquele mundo.

A reunião com os jogadores poderia ter sido interessante, mas tanto o almoço como o treino foram de uma completa falta de naturalidade. Os jogadores repetiam as mesmas frases em uníssono, elogiando de forma unânime a harmonia suprema do Princípio

Único, sempre justo e magnânimo, ainda que os humanos, na sua pequenez, não compreendessem os seus vastos e enigmáticos desígnios. O fanatismo diminuía-lhes as mentes. Mais tarde, quando se reuniram com os Servos do Burocrata do Desporto encarregados de recrutar principiantes para os Jogos, o cenário repetiu-se; todos os presentes garantiam, com fervor, que era o Princípio Único que lhes indicava que criança escolher. Por fim, visitaram as escolas de principiantes e foi desolador ver dezenas de miúdos, com as suas túnicas alvas, a responder em coro às perguntas e a debitar patranhas do dogma que lhes perfurava a mente.

Foi um dia muito longo. Depois da intensidade da noite anterior, Daniel e Bruna estavam esgotados e a preocupação com o encontro seguinte com Nuyts mantinha-os tensos. O tátil manteve-se amável e distante, como se nada tivesse acontecido entre eles, atitude que era conforme à de Bruna. Às dezanove horas regressaram à pousada, trocaram de roupa e voltaram a sair logo, desta vez pela porta, porque era ainda cedo; a luz violácea do falso entardecer iluminava o mundo e teria dado muito nas vistas saírem pela janela. Correram o mais depressa que puderam até à Colina Azul, mas Deuil coxeava cada vez mais. Chegaram por volta das 21h00, com cerca de uma hora de atraso. Já era noite cerrada e, pelas seteiras, notava-se o ondular da luz das velas.

– O Frank deve estar preocupado. Deve pensar que nos baldámos – comentou Bruna enquanto davam a volta a casa para chegarem à entrada.

Assim que a rep viu a porta entreaberta, presumiu o pior.

– Fred, põe-te atrás de mim – ciciou, tirando a sua pequena *Beretta* de plasma.

Empurrou a porta e lá estava o músico, caído no chão, no meio da sala. Entraram com cautela e em silêncio. Não era preciso aproximarem-se muito para concluir que Nuyts estava morto. O corte no pescoço era tão profundo que quase o decapitara e a cabeça estava numa posição forçada e impossível. Estendido sobre um grande charco de sangue coagulado, uma camada gelatinosa que tentaram não pisar, tinha um aspeto artificial e grotesco, o exemplo perfeito da derrota do corpo. Sem deixar de empunhar a pistola, Husky pediu ao apalpador que não se movesse e inspecionou a casa com rapidez e eficiência. Não estava ninguém. Regressou para junto do cadáver e agachou-se para lhe tocar.

– Frio e rígido. Há horas que está morto. Olha para as velas... São as mesmas de ontem.

De facto, os grandes círios da noite anterior estavam quase consumidos. Pobre Nuyts. Três anos, nove meses e vinte e nove dias. A androide levantou-se e guardou a *Beretta*.

– Mataram-no logo depois de sairmos – disse Deuil.

– Seguiram-nos, Daniel. Seguiram-nos. – Perante a gravidade da situação, a rep deixou escapar o verdadeiro nome do tátil.

– Mas, nesse caso, porque é que não nos detiveram? Porque é que não nos confiscaram a pintura?

Bruna franziu o sobrolho.

– Não sei. Talvez queiram que fiquemos com ela por enquanto, por alguma razão. Talvez precisem de mais informações. Ou talvez estejam à nossa espera na pousada e nos prendam quando voltarmos. De qualquer

maneira, vamo-nos embora daqui quanto antes.

Saíram pela calada, tendo o cuidado de deixar tudo como estava, e puseram-se a caminho, com Deuil a coxear cada vez mais. A pousada parecia calma e adormecida, a porta estava fechada e a rua, vazia. Subiram pela janela das traseiras, que tinham deixado previamente aberta. Com um resmungo, o apalpador deixou-se cair na cama enquanto a detetive acendia as velas.

– Espera. Vou ver se a pintura não foi roubada – disse a rep.

Voltou passados instantes, trazendo na mão a cartolina enrolada e um saquinho.

– Continuava tudo no sítio. Agora, mostra-me o pé, Fred.

– Não. Não te preocupes. Não é nada.

– Mostra-mo!

O apalpador abriu os fechos dos ténis e descalçou-se. O pequeno implante sintético abriu-se de um dos lados e sangrava um pouco.

– Sim, suponho que correr com um implante recente não é o mais indicado. Mas não tem mau aspeto... exceto pela rutura e pelo inchaço – comentou a rep.

Tirou do saco um desinfetante em aerossol, fechou a ferida com um ponto adesivo e tapou-a com um penso anti-inflamatório.

– Já está – anunciou.

Levantou a cara e sorriu para o tátil. Deuil olhava para ela concentrado, calado e pensativo, com uma expressão inescrutável. Husky sentiu-se insegura e pouco à vontade.

– Se quiseres dou-te um opiáceo. Isto é, se te dói muito.

O apalpador recusou com um movimento lento da cabeça.

– Não. Não quero drogas. O meu corpo é o meu templo. Vamos dormir. Estou rebentado – disse, deixando-se cair na cama.

O seu corpo era o seu templo? O apalpador às vezes largava umas patacoadas que deixavam Bruna de mau humor.

– Não tens de quê, Town – resmungou, agarrando nas suas coisas e saindo do quarto.

Quando veio buscá-los na manhã seguinte, Tin informou-os de que, antes de os levar ao ascensoporto para descerem à Terra, estava prevista uma pequena cerimónia pública onde se esperava que fizessem um discurso breve sobre os momentos agradáveis passados no Reino de Labari. Uma cerimónia informal e amistosa, explicou o Servo. Bruna não achou grande graça à ideia, mas compreendeu que não tinham outro remédio senão aceitar.

– É melhor seres tu a fazê-lo, Town. – Sentia-o distante, de modo que só conseguia tratá-lo pelo apelido. Mais cedo ou mais tarde, todos os humanos pareciam rejeitá-la. Iam para a cama com ela e depois afastavam-se.

– Sim, claro. Eu encarrego-me disso. Não te preocupes.

Entraram no carro puxado pelos Escravos e, depois de uma meia hora de trajeto, começaram a ouvir um rumor crescente, um fragor de multidão; ao contornarem uma esquina chegaram a um grande largo cheio de gente. Indivíduos de todas as castas e de todas as idades falavam, cantavam, brincavam e riam, como se estivessem numa grande festa.

– Uma pequena cerimónia pública, pois sim... – resfolegou Deuil.

Numa das extremidades do largo via-se um palco montado a uns três metros de altura, para onde se dirigiram os Escravos que os transportavam.

– Por aqui, senhores – indicou Tin quando saíram do

carro, levando-os até às escadas.

O estrado era retangular e largo; ao fundo via-se uma longa fileira de assentos vazios. Numa esquina, sentado numa liteira pousada no chão, estava o Burocrata do Desporto. O corpanzil do homem transbordava de ambos os lados da cadeirinha e as pregas de carne confundiam-se com os cortinados de veludo que decoravam o veículo. Quando os viu aparecer, o Burocrata bateu palmas e quatro Escravos hercúleos levantaram o palanquim com enorme esforço, aproximando-se.

– Acabemos quanto antes – lançou o Burocrata sem se dignar olhar para eles. – Ao meu lado.

A liteira foi direcionada até ao centro do palco, onde estacou; Husky e Deuil juntaram-se-lhe. Nesse momento, doze arautos de túnicas alvas, que se encontravam de ambos os lados do estrado, levantaram em simultâneo umas trombetas compridíssimas, com as quais produziram um som desafinado e ensurdecador que teve o efeito de calar instantaneamente a multidão. Todo o largo ficou quieto e silencioso como se de súbito se tivesse esvaziado.

– Povo do... Reino de... Labari! – tentou gritar o Burocrata; o esforço que fazia por elevar a voz asfixiava-o ainda mais. – Estes... convidados... terrícolas... desportistas... querem agra...decer... a... generosidade... de... Labari!

Calou-se, de boca aberta como um peixe em terra, e, enquanto tentava respirar, fez-lhes um sinal com a mão para que passassem para a frente e falassem. Mesmo diante deles havia um pequeno estrado quadrangular a que se acedia por meio de dois degraus; Bruna subiu-os. De repente, toda a praça soltou um suspiro profundo,

seguido de uma gargalhada coletiva, cochichando e apontando para ela. A rep estava perplexa.

– Acho que não devíamos ter subido a este estrado – sussurrou Daniel ao seu lado.

As trombetas voltaram a perfurar os ouvidos com aquele som que parecia de ferro e o gentio emudeceu novamente. Tanta quietude era perturbante.

– Povo de Labari, povo do Reino de Labari! – começou o apalpador. – Somos atletas da Terra e viemos a Labari em representação da Associação de Amizade de Todas as Terras, a fim de demonstrar que os nossos povos podem viver em paz. Fomos recebidos com toda a generosidade e grandeza dos *únicos*; e, se antes o intuíamos, agora sabemos-lo por experiência própria: esta sociedade é bela, é equilibrada, é justa, é verdadeira. Voltaremos à Terra com esta aprendizagem e tentaremos difundir o respeito pela Palavra Sagrada. Muito obrigado.

A multidão explodiu em aclamações e aplausos enquanto Husky olhava para ele, assombrada. Daniel piscou-lhe um olho.

– Era o que se esperava de nós. Vamo-nos embora quanto antes – sussurrou, agarrando-a por um braço para descerem do estrado.

O Burocrata estava também a descer do palco na sua liteira, sem sequer se ter despedido e, junto às escadas, Tin apressava-os por meio de gestos para que saíssem depressa.

– Esta multidão não se juntou só por nossa causa, pois não? – perguntou a rep enquanto desciam.

– Oh, não, claro que não! Limitámo-nos a aproveitar a oportunidade. Vejam; o verdadeiro espetáculo vai começar agora. Não podemos sair até acabar, para não

fazermos barulho – explicou o Servo.

O som estridente das trombetas cortou de novo o ar e, quando o silêncio se impôs, pelo fundo do palco apareceu uma fila solene de Amos e de Sacerdotes que se foram instalando nas cadeiras. A seguir entrou uma dezena de soldados. Dois deles traziam um jovem praticamente arrastado, vestido com uma túnica cinzenta e suja. A comitiva parou diante do pequeno estrado. Um Sacerdote levantou-se da cadeira e, em passos lentos e majestosos, aproximou-se deles.

– Que o Princípio Sagrado seja a vossa Lei – troou com voz de barítono. – Irmãos *únicos*, este homem que aqui vedes esqueceu-se precisamente do Princípio Sagrado, da Lei, esqueceu-se da beleza de viver em comunhão com os seus irmãos, servindo a Verdade e aceitando, com modéstia, a ordem imutável das coisas. Irmãos! Façamos com que oiça a nossa voz! Irmãos! Foi rebelde!

Todo o largo gritou a uma só voz: «Obediência!»

– Foi individualista!

– Pertença!

– Foi incrédulo!

– Certeza!

– Foi arrogante!

– Humildade!

O jovem tinha as pernas e os braços ensanguentados e os tornozelos tão atrozmente torcidos que com certeza estavam partidos; não conseguia sequer manter-se de pé, pendendo dos braços dos guardas como um boneco de trapos meio desmaiado, mais morto que vivo. Era evidente que fora torturado.

– Foi curioso!

– Aceitação!

- Foi ímpio!
- Devoção!
- Foi impuro!
- Pureza!
- Faltou ao respeito!
- Reverência!
- Foi egoísta!
- Sacrifício!

Ao chegarem à nona invocação pararam, como acontecera no Campo Real.

– Irmãos, este homem foi condenado a ser crucificado pelos seus grandes pecados – continuou o Sacerdote. – Mas a Verdade Única iluminou-o nos seus últimos momentos e compreendeu a gravidade da sua falta. Arrependeu-se e, graças a isso e à magnanimidade do Princípio Único, será decapitado antes de ser cravado na cruz. Fala, desgraçado.

Um guarda agarrou no jovem pelos cabelos e levantou-lhe a cabeça. O réu deu um guincho arrepiante e agudo, um ganido de cão espancado, e começou depois a balbuciar:

– Errei! Enganei-me! Fui cego e arrogante! Perdão por todos os meus pecados! Perdão! Por favor, por favor, perdão!

– Assim seja – garantiu o Sacerdote.

O condenado parecia ter desmaiado de novo depois do esforço da confissão. Os guardas levaram-no de rastos até ao estrado e tentaram pô-lo de joelhos, mas, devido ao seu estado, foi impossível. Optaram por deixá-lo de bruços no chão. Nessa altura apareceu um homenzinho magro que, trajando a túnica branca dos Alvos, arrastava com dificuldade um machado enorme de dois gumes. O verdugo saudou a fila de nobres com

uma profunda inclinação das costas e depois fez outra reverência, menos pronunciada, na direção da assistência. As trombetas soaram. O homenzinho teve problemas evidentes em erguer o machado; acabou por conseguir levantá-lo acima da cabeça mas cambaleou, quase se desequilibrando; o gume caiu mal, oblíquo, e feriu a omoplata do réu. Toda a assistência entoou um uivo sentido. O Alvo voltou a erguer a pesada ferramenta de morte, mas já não foi capaz de a levantar acima dos ombros; o gume decepou uma orelha da vítima. Novo gemido do público. Desesperado, o verdugo agarrou na arma mais perto do gume e, com um grito de esforço, conseguiu erguê-la mais uma vez e deixá-la cair sobre o condenado. Desta vez acertou porque, no silêncio ansioso do largo, pôde ouvir-se o ruído das vértebras ao partirem. De faca na mão, o Alvo inclinou-se e cortou o que faltava e depois, com a cabeça segura pelos cabelos, levantou-a no ar. Uma explosão de gritos percorreu a praça como um vento quente. De repente, toda a gente parecia ter alguma coisa que dizer. Os nobres levantaram-se, dispostos a sair, enquanto o verdugo caía de joelhos no palco e desatava a chorar.

– Agora já podemos ir – indicou Tin. – É melhor apressarmo-nos; o elevador sai dentro de pouco tempo.

Bruna olhou para Daniel que estava lívido, grave, com a boca fechada numa linha fina.

– Mas que delito cometeu aquele desgraçado? – perguntou a rep.

– Apaixonou-se por uma Escrava. Dela encarregaram-se sem problemas, pois, como se sabe, são propriedade privada; mas o jovem era um irmão labárico, um Artesão, e era mester fazer uma cerimónia

pública – esclareceu Tin.

– E o verdugo? Um Alvo pode ser verdugo?

– Claro. Afinal, são indivíduos que deixam de pertencer temporariamente à classe de que proveem para exercer uma determinada função social. Em Labari, a Lei é sagrada. Regemo-nos por normas prescritas pelo Princípio Único. Por conseguinte, considera-se que o cumprimento das leis é tanto uma honra como um teste. Todos os varões do Reino, às exceção dos nobres, claro, podem ser verdugos por sorteio. Se desempenharem mal a sua função, como aconteceu hoje, tal fracasso é encarado como uma demonstração de impureza; o Princípio Único não lhe terá guiado a mão. A falta de jeito daquele verdugo indica que não é um bom *único*.

– E o que lhe acontecerá?

– Nada; não será castigado, se é isso que pretendem saber. No entanto, a sua ineficácia foi vista por toda a Oscaria. De agora em diante ficou corrompido e é mesmo possível que seja repudiado pela mulher. As esposas podem fazê-lo, caso os maridos não revelem pureza suficiente. Por isso chorava.

Não disseram mais nada durante todo o caminho até ao ascensoporto e, por estarem atrasados, despediram-se com uma pressa seca de Tin. Passaram pelos controlos sem problemas e ninguém detetou a pintura camuflada sob o forro da mandala. Deixaram-se cair nos seus lugares no segundo nível do elevador, emocionalmente esgotados.

– Tenho de te contar uma coisa. Quando estava a discursar lá em cima, vi a Viúva Negra entre a multidão – anunciou Daniel com uma expressão taciturna.

– O quê? A Viúva Negra? Tens a certeza?

– Não sei... Pareceu-me. Ou melhor; sim, julgo ter a certeza. Estava perto do palco. Era ela.

A androide ficou a pensar.

– Então foi a Viúva Negra quem matou Nuyts. Seguiu-nos e degolou-o. Aliás, é bem o seu estilo.

– Suponho que estás certa.

O apalpador suspirou e reclinou-se no assento. Tinha o rosto tenso e grandes olheiras em remanso sob os olhos, como uma água negra.

– Fred, quanto à execução...

– Não quero falar disso.

A brusquidão da voz dele irritou a androide, que se sentiu a destinatária de uma raiva dificilmente contida.

– Porquê? O que queres dizer com não queres falar?

Deuil olhou para ela.

– Muito bem. Sim, foi terrível; mas não te sintas tão satisfeita contigo própria, tão superior. Na Terra também se mata, e por razões menos simbólicas, menos rituais, menos espirituais: por dinheiro, puro e simples, ou por puro e simples poder. Na Terra mata-se todos os dias nas fronteiras das Zonas Zero, por exemplo.

Bruna sentiu que lhe tinham dado um pontapé no estômago. Quão certas as palavras do apalpador! E que golpe baixo, utilizar o que lhe contara acerca do resgate de Gabi! Mas não. Nem assim havia comparação.

– É verdade o que dizes, mas não é a mesma coisa. Aqui o inferno faz parte da estrutura do mundo. Não há como nos livrarmos dele. Esse simbolismo, essa espiritualidade de que falas, é puro fanatismo. Aqui não se limitam a oprimir; prendem e torturam física e psicologicamente. Nem sequer és livre de pensar!

Lembra-te dos gritos rituais antes da execução, que condenavam a curiosidade! Se fôssemos *únicos* não poderíamos estar a ter esta conversa. Se fôssemos *únicos*, torturavam-nos e matavam-nos como àquele desgraçado pelo simples facto de termos ido para a cama... Porque eu sou impura, eu sou um monstro. Lembras-te, Fred Town? Quanto às tuas considerações acerca do poder, o que achas? Que o Reino de Labari não se move pelo poder? Muitíssimo, muitíssimo mais, e de uma forma mais excludente, humilhante e brutal. A nobreza que esmaga e tiraniza toda a gente... Na Terra, é verdade, há um sistema injusto e feroz para com os fracos, sou a primeira a admiti-lo; mas, pelo menos, é um sistema que permite a crítica, a luta, a denúncia, a melhoria. É um sistema onde cabe o melhor e o pior dos seres sencientes. É nessa batalha que nos inspiramos. Nessa esperança.

Logo ela, a falar de esperança! Por vezes receava que os discursos humanistas de Yiannis a influenciavam mais do que julgava.

– Muito bem. De acordo – anuiu Daniel; embora, a bem da verdade, parecesse mais querer evitar a discussão do que dar-lhe razão a ela.

O elevador tremeu e desenganchou-se do ascensoporto por entre uma cacofonia de ruídos metálicos. O cilindro já estava livre; tecnicamente, tinham saído incólumes do Reino de Labari. A androide suspirou, aliviada.

– Mas ouve o que te digo, Bruna Husky. Tu também mataste. Sei-o. Senti-o. Pensa nos teus mortos; espero que descubras motivos suficientes para os justificares – disse o tátil com brusquidão. Depois, voltou as costas à rep e adormeceu, enquanto a cabina caía em direção à

Terra a uma velocidade vertiginosa.

– Esta pintura que trouxeste é uma cópia de *O Grito*, um quadro famoso de Edvard Munch, um pintor norueguês de finais do século XIX e início do século XX – explicou Yiannis com a sua minúcia habitual. – Bom, seria melhor dizer dos quadros, porque Munch fez quatro versões quase iguais. A primeira, considerada a melhor, foi pintada a óleo e pastel sobre cartão e, se bem me lembro, data de 1893. Depois há outras duas, de têmpera sobre cartão e sobre madeira, e um desenho a lápis sobre cartão. Esta vossa é óleo e pastel sobre cartolina. Uma reprodução muito boa, julgo. Tenho de compará-la com os originais, mas creio que se inspira no primeiro quadro.

Com a ajuda de Lizard e dos moderníssimos aparelhos da Brigada Judicial, Bruna analisara a pintura exaustivamente à procura de *nanochips*, microinscrições, desenhos prévios escondidos sob a camada exterior, perfurações ou qualquer outro sistema de mensagens cifradas, sem obter qualquer resultado. Desanimada, entregara a cartolina a Yiannis para ver se o arquivista era capaz de encontrar alguma coisa.

– E o significado da cena?

– Bom, o próprio Munch explicou-a; passeava com uns amigos ao entardecer e... Descreveu-a no seu diário. Espera que já procuro.

Consultou o telemóvel e encontrou o diário rapidamente.

– Cá está: «Estava a passear cá fora com dois amigos e o sol começava a pôr-se – de repente o céu ficou

vermelho, cor de sangue. – Parei, sentia-me exausto e apoiei-me a uma cerca – havia sangue e línguas de fogo por cima do fiorde azul-escuro da cidade – os meus amigos continuaram a andar e eu ali fiquei, de pé, a tremer de medo – e senti um grito infundável a atravessar a natureza.» Munch escreveu isto em 1892.

Então, não era uma ponte nem um molhe, pensou Bruna. Um grito que atravessava a natureza. O que podia atravessar fosse o que fosse de uma forma tão pavorosa?

A rep olhou para Yiannis com desalento; um cansaço infinito abateu-se sobre ela. Chegara da Terra Flutuante na noite anterior e, depois de dormir só quatro horas, mergulhara numa atividade frenética. Primeiro, encontrara-se com Lizard e analisaram a pintura durante muito tempo e depois, antes de entregar o quadro ao velho arquivista, fora ter com Preciado Marlagorka. A reunião efetuou-se no gabinete oficial e Husky achou o diretor-geral da Segurança Energética bastante desanimado. As suas bochechas em pera pendiam, mais flácidas do que nunca, como um fruto maduro quase a cair da árvore, e o diretor esfregava constantemente as mãos, num tique que revelava o seu nervosismo. Quando Bruna lhe contou que Nuyts fora assassinado, o homem ficou possesso.

– Assassinado? Como?

– Tenho quase a certeza de que foi a Viúva Negra, a assassina de Rosario Loperena e que me atacou a mim e a Daniel Deuil...

– A Viúva Negra? Isso é impossível! É revoltante ter enviado à Terra Flutuante duas pessoas que nem conseguiram defender a única testemunha! Sabes quanto me custaram os vossos documentos? E

conseguir os voos? E tive de pagar tudo do meu bolso, raios partam!

– Pois. Sinto muito. Devem ter-nos seguido. O erro foi nosso – murmurou a rep.

– E onde está esse famoso Deuil, o teu assistente? Devia ter vindo contigo! Quero conhecer esse inútil!

– Informá-lo-ei.

Chegados àquele ponto, Marlagorka engoliu em seco várias vezes e pareceu esforçar-se por se acalmar.

– Bom, de qualquer forma a informação que recolheram é importante. Importantíssima. Não pode sair deste gabinete. Lembra-te de que temos um espião infiltrado de identidade desconhecida. Quem mais está a par da existência do núcleo de reatores de Labari?

– Só Deuil e eu – mentiu Bruna, impávida, apagando Yiannis da memória. Não contara nada a Lizard porque ainda não recuperara a confiança nele.

– Pois deve continuar assim. E quero que me mandes essa pintura imediatamente.

Bruna trazia-a consigo na mochila, mas queria que Yiannis a visse antes de a entregar a Preciado.

– Ainda tenho de fazer alguns testes.

– Quero-a aqui amanhã de manhã! Eu sou o teu cliente! Fui eu quem custeou e conseguiu a viagem até Labari e portanto esse quadro é meu. Eu cumpri a minha parte do acordo, Husky; cumpre a tua.

Com estas palavras secas, deu por concluída a conversa e pô-la na rua. Marlagorka, de facto, cumprira a sua parte; ao voltar de Labari, Bruna soube que Gabi fora internada no melhor hospital de Madrid, ou, pelo menos, no mais caro, para ser submetida a uma terapia antirradiação. A pequena russa fora isolada porque o seu sistema imunitário estava muito debilitado mas,

pelos vistos, o tratamento estava a correr bastante bem. Pelo menos assim lho garantira o arquivista, cheio de esperança. Bruna observou o seu velho amigo, tão entusiasmado com a análise da pintura, e suspirou. Seria como tirar um brinquedo a uma criança.

– Yiannis, só poderás ficar com o quadro durante mais umas horas. Amanhã de manhã tenho de entregá-lo a Preciado Marlagorka.

O homem franziu o sobrolho, com uma expressão bastante dececionada.

– Oh! Está bem. Assim vai ser difícil. Hum... Sabes o que vou fazer? Vou até à loja de cópias da esquina para que me façam a melhor cópia holográfica possível. Ou uma cópia hiper-realista, se puderem. Ou até ambas!

Nervoso e excitado, colocou a pintura entre dois bocados de cartão e saiu a correr e sem se despedir. Nesse momento entrou uma chamada de Deuil.

– Quero ver-te.

Não sabia nada de Deuil desde que se haviam separado no aeroporto à chegada de Manaus.

– Estou em casa de Yiannis.

– Estou aí perto – anunciou o apalpador com segura, desligando.

De facto, estava mesmo nas redondezas; passados cinco minutos batia-lhe à porta. Assim que Bruna o viu soube que o tátil não estava bem; vinha mudo, desafiante, endurecido. Às vezes, Deuil era um homem afetuoso e extraordinariamente empático, mas em certas ocasiões revelava uma altivez gelada de príncipe nipónico. Agora, e a avaliar pela forma como deixava deslizar o olhar por entre as longas pestanas negras, parecia possuído por essa segunda personalidade.

– E então? – perguntou Bruna, com palavras talhadas com gume de aço e levantando também o peito e o queixo.

Porém, não teve tempo de acrescentar mais nada. O telemóvel tocou; era uma chamada do hospital onde estava Gabi.

– Sim?

Uma mulher madura com bata branca apareceu no ecrã.

– Sou Carmen Francis, diretora da equipa médica que está a tratar Gabi Orlov, a menina que tutelas. Suponho que sejas Bruna Husky; no entanto, antes de prosseguir gostaria que nos sujeitássemos a um protocolo de autenticação. A informação que tenho a comunicar é reservada.

Intrigada, a rep pôs o telemóvel em modo de reconhecimento digital e pousou a palma da sua mão direita no ecrã para verificação. De imediato, recebeu a autenticação da sua interlocutora; estava a falar realmente com a doutora Carmen Julia Francis Carlavilla, hematologista, regeneradora e especialista em Reconstrução Celular.

– Como está a menina? – perguntou a rep.

– Não te preocupes, Husky. Gabi Orlov está a responder muito bem ao tratamento e creio poder garantir-te que ficará curada das sequelas da radiação. Mas há outros problemas que não consigo tratar...

A doutora Francis tinha as sobrancelhas rapadas, a última moda dos mestiços de classe alta, e isso deixava-lhe o rosto estranhamente desprovido de expressão.

– O que se passa? – inquietou-se Bruna.

– Gabi não é virgem. Há sinais de que foi forçada com violência e existem provas de cortes que

cicatrizaram sem cuidados médicos.

A androide ficou sem ar.

– Por todos os malditos sencientes! Como é possível? Ela acabou de fazer dez anos!

– As feridas são antigas. Têm, pelo menos, um ano, talvez dois. Interrogámos a menina, mas ela não nos responde. Não diz absolutamente nada. É como se não ouvisse. Enfim, achei que devias ficar a saber.

Husky desligou, atordoada. Gabi. A menina. O monstinho. Não era de admirar que às vezes fosse tão violenta, tão incompreensível, tão impossível. Que inferno privado carregaria? Olhou para o braço; ainda se notavam as marcas dos dentes dela. Das dentadas de Gabi. Uma cicatriz recente, sem dúvida muito menos dolorosa do que as da criança. A androide tentou engolir saliva, mas tinha a boca completamente seca. Não sabia o que pensar. Não sabia o que sentir. O seu íntimo era um vazio cheio de ar.

– Bruna... – disse Daniel.

A rep deu um salto. Esquecera-se da presença do tátil.

– O que queres? – perguntou com raiva, dando um passo atrás.

Deuil cerrou os punhos.

– Estás a ver... Era ao que me referia no outro dia, no elevador. Também há muita escuridão nesta Terra.

– Juro-te pelo grande Morlay que alguém vai pagar pelo que lhe fizeram.

Enquanto proferia a ameaça, a androide deu-se conta de que era uma bravata sem sentido, um juramento provavelmente impossível de cumprir. Ela era uma androide de combate e lutar era a única coisa que sabia fazer, a única coisa em que era realmente

boa. Mas nem sequer lutando até à morte conseguiria apagar, conseguiria vingar toda a dor do mundo. Levou as mãos ao peito e fez força, porque lhe pareceu que o seu coração se quebrava.

– Bruna... – repetiu Daniel, agora num sussurro.

O tátil avançou, lento e suave, com a mesma cautela com que se aproximaria de um animal assustado. Quando ficou perto dela, na realidade perto demais, Bruna olhou-o nos olhos. Para sua surpresa, pareceu-lhe que estava comovido.

– Bruna...

Deuil levantou os braços e agarrou-a pelos ombros. Aquelas mãos grandes e quentes, aquelas mãos maravilhosas de apalpador. Ou de amante. Estaria a tentar proporcionar-lhe apoio terapêutico? Ou, pelo contrário, procurava apoiar-se nela? Estavam agora tão juntos que Husky podia cheirar-lhe o hálito. Ouvi-o ofegar de ansiedade. As mãos do tátil puxaram-na e a rep mergulhou na boca de Deuil. Entrechocaram-se os dentes e enredaram-se as línguas. Acabadas as palavras, tudo era carne. Não eram mais do que um homem e uma mulher. Embora fossem uma androide e um humano.

Bruna acordou com o martelar da ressaca, uma velha amiga que não encontrara enquanto estivera em Labari; lá em cima quase não bebera. Depois de mais quatro pontadas agudas da enxaqueca estava acordada o bastante para sentir um corpo quente que se abraçava às suas costas nuas. Voltou-se entre os lençóis enrodilhados e deu de caras com os olhinhos felizes, o narigão e o hálito um pouco fétido de *Bartolo*. É verdade, lembrava-se agora; o apalpador partira de madrugada. Husky afastou o bubi com um empurrão e sentou-se na beira da cama à espera que o quarto deixasse de se mover, o que aconteceu quase de imediato, inundando a rep de uma esperança louca; afinal, não bebera assim tanto. Pensou um pouco em Deuil e não conseguiu concluir se estava decepcionada ou aliviada por ser o comilão e não ele quem a abraçava ao acordar. Levantou-se. A enxaqueca parecia diminuir a cada passo. Abriu o armário da cozinha, tirou um copo de café, agitou-o para o aquecer, retirou a tampa e bebeu-o de uma vez. A bebida amarga atingiu-lhe o estômago como uma perfuradora. Encheu a tigela de *Bartolo* de comida (era preciso evitar que, cheio de fome, devorasse alguma parte da casa) e meteu-se na casa de banho. Quando saía do duche de vapor, ouviu o tilintar de uma mensagem holográfica.

Provinha do ecrã principal e, com certeza, pedia autorização de transferência; Yiannis era o único que estava autorizado a enviá-las. Enquanto se secava, olhou para o telemóvel e viu que o pedido era de Carnal, a aborrecida ativista do Movimento Radical Replicante. Esteve quase a recusar, mas nessa altura reparou que a mensagem estava a ser reenviada por uma central; enquanto estivera em Labari tinham tentado entregar-lhe o holograma três vezes. Husky achou estranho a rep usar um serviço de envio de mensagens e sentiu alguma curiosidade. Embrulhou-se numa toalha e saiu da casa de banho.

– Ecrã, abre a mensagem – ordenou, agitando outro copo de café.

O ar vibrou, escureceu, pareceu condensar-se e, em décimas de segundo, uma imagem de Carnal em tamanho natural apareceu diante dela.

– Merda! – exclamou Husky, dando um passo atrás. O copo escorregou-lhe das mãos e, como já estava meio destapado, o café caiu ao chão, salpicando-a e queimando-lhe a perna.

A androide estava quase irreconhecível. Era uma criatura em agonia, um ser destroçado. Quando a ativista do MRR gravara a mensagem holográfica, o TTT estava em plena eclosão. Carnal vivia as suas horas finais.

– Assustei-te, minha Bruna? Tens-me medo? Repugno-te? – perguntou Carnal com uma voz sibilante e fatigada.

A imagem holográfica abarcava pouco mais do que a sua silhueta; parecia estar deitada numa cama, reclinada sobre uma montanha de almofadas. Estava descalça e quase nua; uns calções curtos e uma

camisola sem mangas revelavam o seu organismo emaciado, pavorosamente descarnado, devorado pelo cruel incêndio tumoral. A pele macilenta estava coberta de pústulas e as gengivas sangravam-lhe, manchando-lhe os lábios pálidos de estrias escuras. Os olhos brilhavam, febris, no fundo da cova das suas órbitas. O abdómen, inchadíssimo, parecia um acrescento grotesco, uma piada cruel no seu corpo esquelético.

– Quando receberes esta mensagem suponho que já terei morrido... Bem, que frase famosa... Parece retirada de um filme de espões – sussurrou, sarcástica.

Um ataque convulsivo de tosse cortou-lhe as palavras. Pequenas gotas de sangue saíram disparadas pelo ar. Husky inclinou-se para trás num gesto instintivo, embora as gotas não fossem reais.

– Morrer é obsceno... Indecente... Perdoa-me este espetáculo... – pediu Carnal, ofegante, com o queixo e o peito pintalgados de vermelho.

Três anos, nove meses e vinte e cinco dias, repetiu Bruna mentalmente, hipnotizada, como quem repete uma jaculatória ou um esconjuro protetor.

– Mas acho que o choque de me veres neste estado fará com que obedeças à minha petição... Não, não, expressei-me mal... O que quero dizer é que fará com que cumpras o meu desejo. Por favor.

Voltou a tossir durante um período de tempo que pareceu eternizar-se. Depois sorriu com esforço. Um sorriso sujo, desmaiado. Um esgar de louca.

– Tens de ir à rua Doctora Amalia Gayo... Número 27... Apartamento 930... Vai lá... e fala com a inquilina. Apresenta-te. Ela saberá. Fá-lo, por favor. É a minha última vontade.

Carnal calou-se e ficou a olhar fixamente para a

câmara. Ou seja, para os olhos de Husky. O peito ossudo da doente subia e descia com um esforço doloroso.

– Eu disse-te, Bruna... Avisei-te. Eu também não consegui suicidar-me.

Um soluço seco percorreu a cara da ativista, contraindo os seus traços num relâmpago de dor que durou um instante. Depois a impassibilidade voltou. Aquele corpo torturado pela morte.

– Nunca acredistaste, mas quando te disse que me agradavas era verdade. Que pena, minha Bruna... não ter tido mais tempo...

Alguma coisa se enteneceu no rosto afilado da rep e, sob os traços duros e já cadavéricos, espreitou a lembrança maliciosa e trocista da pequena androide de cálculo que dera um chupão no pescoço de Husky. Uma sombra fugidia do que ela fora.

– Não te esqueças: rua Doctora Amalia Gayo, número 27, apartamento 930... Não deixes de lá ir... Mudará a tua vida. Essa vida breve que te resta.

Dito isto, Carnal estendeu o braço e desligou o holograma. A imagem dela desfez-se em fiapos de nada, como uma nuvem que se evapora num céu azul. A verdadeira Carnal também já devia ter desaparecido, dentro de uma caixa de cartão endurecido, no forno crepitante de um sinistro *moyano*. Já não haveria rasto da sua passagem pela Terra. Cinzas e energia.

Três anos, nove meses e vinte e cinco dias. Cinco horas mais tarde, Bruna estava parada diante do número 27 da rua Doctora Amalia Gayo. A rua pertencia ao bairro da Colunata, uma das novas zonas comerciais da cidade; o número 27 era um edifício em colmeia, com microapartamentos de doze metros

quadrados, semelhantes aos habitáculos dos foguetes espaciais. Com a ajuda de uma engenhosa tecnologia, cabia tudo lá dentro, embora se parecesse mais com um dos *puzzles* de Husky do que com uma casa verdadeira. Regra geral, os edifícios em colmeia eram habitados por gente mais ou menos marginal, empobrecida e sem recursos. No entanto, aquele prédio específico estava numa zona nobre da cidade e era de construção sólida e recente, com uma certa pretensão de qualidade. Os inquilinos pareciam ser uma mistura heterogênea de estudantes, viajantes profissionais, jovens empreendedores à espera de dar o salto e até amantes adúlteros desejosos de ter um canto discreto onde encontrar-se; pelo menos, essa era a convicção de Husky depois de várias horas a observar o movimento da entrada, que era quase ininterrupto. Afinal, sempre eram mil e duzentos microapartamentos; cem por andar, doze andares. Obviamente, as pessoas não paravam de entrar e sair. Na realidade, a androide não sabia muito bem o que estava ali a fazer, nem o que devia procurar. A sua prudência profissional levava-a a examinar previamente o terreno, e era tudo. Porém, sabia que chegaria o momento em que teria de abandonar o seu posto de observação, atravessar a rua, subir ao nono andar e bater na porta do 930. Com sorte, talvez não estivesse ninguém.

Bruna suspirou e transferiu o peso do corpo de um pé para o outro. Ao fazê-lo, sentiu o roçar da pequena pistola de plasma contra a anca. A androide andara pouco vezes armada no passado, mas mudara desde que voltara de Labari. Inquietava-a a presença fantasmagórica da Viúva Negra e o rasto de cadáveres que ia deixando. Quase conseguia ouvir o bater das

suas asas de abutre. Nichu Nichu a rondar com passos aveludados na escuridão, Nichu Nichu a aproximar-se, letal e inevitável como a própria Morte.

A rep franziu o sobrolho. Estava muito tensa, em parte pela ameaça latente da Viúva Negra, em parte pelo pedido póstumo de Carnal, que quase a amedrontava e inquietava mais do que a assassina. Na realidade, disse de si para si, posso não o cumprir. Podia voltar nesse momento para casa e apagar da memória as palavras daquela doida. Husky mexeu-se para descarregar a adrenalina que lhe endurecia as costas. Que tontice! Como conseguiria esquecer-se? Não tinha outro remédio senão ir até ao apartamento.

– Acabemos com isto de uma vez por todas – resmungou a meia-voz.

Dirigiu-se para o prédio e entrou no enorme vestíbulo onde se alinhavam uns trinta elevadores. Mesmo assim, havia gente à espera diante de quase todos eles. Correu para entrar num que estava a fechar-se; teve de arranjar lugar ao empurrão, e a dezena de humanos que ocupavam a caixa fitaram-na, furiosos. Sim, furiosos mas não assustados, registou Bruna mentalmente, com alguma surpresa. Ela foi a única pessoa que saiu no nono andar. Ficou a olhar para o longo corredor com desalento. O corredor estendia-se à direita e à esquerda da linha dos elevadores e estava cheio de portas metálicas e blindadas quase encostadas umas às outras; o barulho incessante de pessoas que entravam e saíam, e a falta de controlo à entrada tinham de ser compensados com aqueles fechos de caixa-forte. Parecia uma morgue.

– Que sítio horrível.

Um elevador abriu-se ao pé dela e saíram duas

tecno-humanas.

– Olá – cumprimentaram antes de desaparecerem pelo corredor.

Husky olhou para os números verdes que piscavam por cima das portas. Mesmo a meio do corredor coincidiam o 999 e, à direita, o 900. O corredor devia dar a volta e portanto o 30 ficaria à direita, do lado oposto ao escolhido pelas reps. Dobrou a esquina ao chegar ao 913; o 930 ficava a meio do novo troço. Husky parou diante da porta. O aço que a cobria era mate, um pouco desbotado, com alguns riscos, como um velho frigorífico. Cheguei até aqui, disse a rep de si para si. Cheguei até aqui. Carnal falara no feminino. Viveria ali uma humana ou uma androide? Respirou fundo e tocou à campainha. A porta abriu-se de pronto com um puxão furioso. Obviamente, a inquilina devia ter visto a sua imagem no olho mágico virtual.

No umbral, olhando-a com uma expressão de assombro, estava ela própria.

Bruna Husky.

– Pelo grande Morlay... – exclamaram em simultâneo, com vozes idênticas.

O efeito de espelho era engraçado, mas nenhuma delas achou piada à situação. Imóveis, observaram-se atentamente e em silêncio. A rep que abrira a porta também tinha o crânio rapado e a cabeça, como provavelmente o resto do corpo, atravessada por uma linha tatuada, embora no seu caso fosse um pouco mais grossa e simulasse o desenho de um fecho fechado. Todavia, descia precisamente pelo mesmo sítio, cortando a pálpebra esquerda. A desconhecida estendeu a mão e tentou tocar na face de Bruna, no sítio onde

passava o risco, mas a detetive reagiu automaticamente e deu-lhe uma palmada violenta; a outra androide respondeu também com rapidez, agarrando-lhe o braço com a mão esquerda. De modo que, em meio segundo, as duas tecno-humanas ficaram entrelaçadas, com Bruna a agarrar no pulso direito da rep e esta a agarrar Bruna com a mão livre, ambas a resfolegar e a tremer, cheias de adrenalina e belicosas como cães de luta. Observaram-se assim, perfil contra perfil, durante alguns segundos. Depois, a profunda identidade do que viam nos seus olhos de tigre fez a agressividade evaporar-se como uma gota de água no deserto. Soltaram-se, sacudiram os ombros, moveram os pés, limparam a garganta. Ambas a fazer a mesma coisa. Um pequeno sorriso desenhou-se nos lábios da outra e Husky imitou-a.

– É alucinante – disse.

– Sim.

– Chamo-me Bruna Husky.

– Eu sou Clara Husky.

Calaram-se uns segundos, avaliando a informação.

– Entra – convidou Clara.

Bruna acedeu. Clara carregou num botão e a cama que ocupava quase todo o espaço dobrou-se engenhosamente, transformando-se numa mesa estreita com um pequeno banco encostado à parede. Sentaram-se aí. O banco era ergonómico e muito menos incómodo do que parecia.

– Queres beber alguma coisa?

Bruna ia responder que não, mas depois teve uma ideia:

– Talvez vinho branco?

– Óbvio! – respondeu Clara, desatando a rir.

Abriu um pequeno frigorífico incrustado na parede e que parecia conter apenas garrafas de vinho, tirou uma, já meio vazia, e dividiu o conteúdo por dois copos horríveis; deviam fazer parte do recheio original do microapartamento. Bruna preferia beber em taças; porém, o vinho era bom. Clara vestia roupa de trabalho da milícia; com certeza fora dispensada há pouco tempo e por isso vivia temporariamente naquela colmeia. Quanto ao resto, eram idênticas: a mesma altura, o mesmo peso, semelhante forma física. Clara tinha uma cicatriz no pescoço que Bruna não tinha, uma ferida feia e ainda recente. Clara bebeu um grande gole do seu copo e depois olhou para Bruna, expectante.

– O que fazes aqui?

– Não tenho a certeza. Carnal, uma tecno do MRR, mandou-me um holograma pedindo que aqui viesse e que tu saberias... Ignorava que fosses como eu.

– Ah, sim, claro, aquela tipa! – respondeu Clara, aliviada, como se agora entendesse tudo. – Contactou-se há uns dez dias. Disse que ia sair da cidade e que tinha de deixar um recado para uma amiga. Mandou-me uma bola holográfica e mencionou que, mais cedo ou mais tarde, uma androide viria buscá-la. Que eu não visse a mensagem até essa altura. Pagou-me mil guês pelo incómodo.

– E não achaste uma incumbência estranha?

– Sim; só que acabei de sair da milícia e ando tesa, à procura de trabalho... Os mil guês caíram-me que nem ginjas e parecia tudo tão fácil...

– E não viste o holograma?

A rep semicerrou os olhos e sorriu.

– Claro que o teria feito, se pudesse. Mas aquilo tem

uma dupla chave digital, com a tua impressão digital e a minha.

Olharam para as mãos, pensativas.

– Não serão iguais? – perguntou-se Bruna.

– É provável – respondeu Clara, excitada. – Ainda não tinha pensado nisso.

Levantou-se, abriu outra portinha escondida na parede, que deixou a descoberto um armário com prateleiras, e tirou uma bola holográfica que pousou na mesa.

– Vamos experimentar...

Os dois polos da bola estavam marcados com círculos vermelhos. Clara colocou o polegar direito num deles e manteve-o aí até se ouvir um apito; depois deu a volta à pequena esfera e voltou a pôr o dedo no outro círculo. A bola holográfica abriu-se com um assobio e Carnal apareceu diante delas. Gente a mais para um quarto tão pequeno.

– Se tudo correu conforme o previsto, agora devem estar aí as duas: Husky B e Husky C... – disse Carnal, dando uma gargalhada maliciosa e cantante.

Bruna estremeceu. No holograma a ativista ainda estava saudável, ou, pelo menos, sem sinais aparentes do TTT.

– Ena! Não me digam que não é um bom começo de uma mensagem! Soa a série do ecrã público – continuou a ironizar a sorridente androide de cálculo. – Mas um pouco de seriedade, um pouco de seriedade, hum... Começemos de novo. Se tudo correu conforme o previsto, agora devem estar aí as duas juntinhas. Husky B e Husky C. Surpreendi-vos? De certeza. Incomodavos, talvez, não serem únicas? Hum... E se vos informasse de que há muitas mais? Fazem doze reps de

cada modelo, de Husky A a Husky L, de modo que nesse encontro ainda faltam dez.

Neste ponto, Carnal ficou muito séria.

– Como devem compreender, para os fabricantes é muito mais rentável repetir o produto... Porque é isso que somos, o raio de um produto. Pagam uma única vez aos engenheiros genéticos e aos memoristas e obtêm doze cópias. Um negócio lucrativo e legal, que aproveita uma lacuna administrativa. No entanto, como os fabricantes sabem que o que estão a fazer não é muito aceitável ou ético, escondem-no com o maior cuidado e fazem os engenheiros, os memoristas e os operários assinar cláusulas de confidencialidade. Além disso, têm a cadeia de fabricação programada de modo a que os modelos nunca se encontrem. Só pode ativar-se o seguinte quando o anterior morre; para garantir que assim acontece, inserem-nos em locais geograficamente distantes para minimizar o risco de serem reconhecidos por terceiros.

– Mas, nesse caso... – sobressaltou-se Clara que, atordoada com as notícias, parecia ter-se esquecido de que Carnal era só um holograma não interativo.

A mensagem gravada da rep sobrepôs-se às suas palavras:

– E agora vocês estarão a interrogar-se como é possível, nesse caso, estarem ambas aí.

Carnal calou-se e voltou a sorrir, ufana e alegre como uma miúda, deleitando-se com a expectativa que acreditava ter gerado.

– Eu sabotei o programa de produção da TriTon, a maior empresa de andróides do mundo. A vossa empresa. Infelizmente, não a minha; teria gostado de me encontrar comigo. Juntas, teríamos conseguido

organizar um escândalo em grande. Enfim... Que eu saiba, na TriTon não se aperceberam do que eu fiz, porque ainda não houve encontros entre tecnos iguais... Vocês são as primeiras. Foi um trabalho complicado, garanto-vos; além de mudar as datas de ativação para que coincidissem no tempo o modelo atual e o seguinte, anulei a deslocalização dos reps de combate. Teria gostado de ter continuado, mas estiveram quase a apanhar-me e tive de sair do programa às pressas. Foi por puro acaso que comecei pelos reps de combate, o que acabou por se voltar contra mim; como os reps são enviados para os mais diversos confins da Terra nos seus dois anos de milícia obrigatória, naturalmente ainda não se tinham encontrado. Até agora. Com o final do prazo de dois anos estão a começar a aparecer dezenas de reps de combate nos mesmos destinos que os seus eus anteriores. Vai ser uma catástrofe para a TriTon! – riu-se Carnal, com gargalhadas selvagens que no fim foram interrompidas por um acesso de tosse demasiado longo.

Quando recuperou o fôlego, a pequena rep de cálculo levantou a cabeça e olhou para a câmara com uma expressão ansiosa e desvalida. Com medo.

– No entanto, receio que a festa chegue tarde demais para mim. Eu já não estou convidada. Merda para os humanos! Oxalá rebentem.

E com estas palavras repletas de rancor e de dor, o holograma de Carnal apagou-se, desaparecendo para sempre.

– O que lhe aconteceu? – admirou-se Clara.

Bruna olhou para a sósia, incrédula. Claro: era mais nova do que ela e saíra há pouco da milícia, onde estivera rodeada de reps recém-nascidos. Ainda não

vira ninguém morrer de TTT.

– Quando ela tossiu deu-se conta de que já estava com o Tumor Total Tecno. Aliás, a mim mandou-me outro holograma através de uma central, gravado três ou quatro dias depois deste. Já estava a morrer. Era um farrapo androide.

Clara mostrou uma expressão de contrariedade.

– Bolas! Grande merda, o TTT. Ainda bem que me faltam muitos anos.

Bruna admirou-se. Nunca teria dito algo do género. O tempo que tinha sempre lhe parecera escasso, como uma vida roubada desde o primeiro momento.

– Quanto tempo ainda tens? – perguntou.

Clara olhou para ela como se desconfiasse que, apesar da semelhança física, Bruna talvez fosse um pouco idiota.

– Quanto tempo hei de ter? Oito anos. Acabei de deixar a milícia, lembraste?

Três anos, nove meses e vinte e cinco dias.

– Tu não contas os dias que te faltam para o TTT?

Clara fitou-a, atónita.

– Como assim?

– A mim, hoje, restam-me três anos, nove meses e vinte e cinco dias.

Até aparecer aquela tosse extemporânea, até à pontada perfuradora, até ao enjoo que a faria cair redonda no chão. Os arautos da agonia.

– Que coisa, pá! Vais contando para trás dia após dia? Pareces o raio de uma rep de cálculo.

Bruna continuou a observá-la, agora com curiosidade.

– E, no entanto, somos iguais – notou Bruna. – Porque fizeste essa tatuagem? E porque rapas a cabeça?

– Eu faço as coisas porque gosto; quanto a ti, não sei. Além do mais, a minha tatuagem é mais bonita do que a tua. A ideia do fecho foi genial.

Bruna observou a marca com atenção.

– É verdade. Fica melhor e está muito bem feito – reconheceu. – Bem pensado.

– Bom, para ser franca, a ideia não foi minha. Vi-o num tipo e copiei-o; se bem que ele só tinha um braço tatuado... Não era uma marca toda à volta do corpo, como a nossa.

Nossa. Nós. A palavra ficou a flutuar e a vibrar no ar entre elas como um ectoplasma.

– Doze – resfolegou Bruna com amargura. – Como se fôssemos cadeiras, ou carros... Meros produtos em série. Malditos sejam os humanos!

– Sim, tens razão, são uns cabrões; mas a verdade, Bruna, é que eu... eu acho divertido tu existires. És o que de mais próximo posso ter de uma verdadeira família, não é?

Bruna olhou para Clara, chocada. Era verdade.

– Além disso, não somos assim tão parecidas, acho eu – continuou Clara. – Isso da contagem decrescente e tal. Deve ser uma questão de idade. Do que tu já viveste e eu não.

– O teu pai foi assassinado?

Clara partiu-se a rir.

– Bruna, tu és bem estranha. Somos tecnos. Não temos pais.

– Eu sei, burrinha. O pai da tua memória artificial – esclareceu Husky, também a rir. O facto de a sua sósia entender tudo literalmente tinha piada.

– Ah, não, claro que não. Um pai assassinado? Onde já se viu? Inserem-nos sempre memórias felizes e

insípidas. Os meus pais falsos amavam-me muito. Deram-me um cão no meu décimo aniversário e aos fins de semana íamos todos passear ao monte: nós, a minha irmã e o cão. Pois é, é o que mais falta me faz; o raio da minha irmã falsa e o diabo do meu cão falso. Às vezes lembro-me deles e irrita-me tê-los perdido.

Furiosa, Clara ainda se parecia mais com ela. Era uma sensação um pouco arrepiante. Emocionante, mas vertiginosa.

– Disseste que estás à procura de trabalho...

– Sim. Na área da segurança; como gorila de um ricaço ou coisa do género.

– Eu sou detetive privado.

– Soa bem, mas parece ser complicado. Já tive chatices que chegassem na milícia – mencionou Clara, apontando para a cicatriz que lhe atravessava o pescoço. – Quero uma coisa tranquila, aborrecida. Divirto-me no meu tempo livre.

– Onde foste colocada?

– No Norte. Na merda do Norte. Aqui não sabem o que está a acontecer por lá. Há hordas de energúmenos, todos a agitar bandeiras. Os que têm bandeiras diferentes matam-se entre si, mas acabam sempre por se juntar para nos matarem a nós, ou seja, os dos Estados Unidos da Terra. Há grupinhos assim em toda a parte. Antes tinha estado no Leste e acontecia o mesmo. Querem criar nações independentes. Mas no Norte é pior.

– De que zona estás a falar, em particular?

– Todo o Norte é assim. No entanto, cortaram-me o pescoço na região escandinava. Levava *bioglue* e por isso não sangrei até à morte.

Bioglue, uma cola biológica capaz de fechar os

rebordos de uma ferida hemorrágica durante algumas horas. Fazia parte do equipamento básico dos reps de combate, mas era preciso estar muito desesperado para a utilizar porque queimava como o inferno e, além disso, destruía os tecidos onde era aplicada, que mais tarde tinham de ser extirpados através de cirurgia. Não era de admirar que a cicatriz de Clara tivesse aquele aspeto horroroso.

– Há um sítio lá para cima, Onkalo, na antiga Finlândia, que talvez esteja relacionado com um caso que estou a investigar.

– Pois então vasculha noutro lado, Bruna. Não sei onde fica esse tal Onkalo de que falas, mas essa parte do mundo nem para morrer é um bom lugar. E a ti ainda te restam mais de três anos.

– És um miserável.

Tinham combinado o encontro, como em tantas outras vezes, no Pavilhão do Urso, o símbolo de Madrid, e *Melba*, a ursa polar recriada geneticamente depois de todos os outros se terem afogado durante o degelo, fazia preguiçosas piruetas submarinas no seu enorme tanque de água azul.

– És um porco.

Pablo Nopal continuou a contemplar, impávido, a dança de *Melba*, sem dar sinais de se sentir minimamente atingido pelos insultos.

– És um filho da puta e nunca mais volto a falar contigo – insistiu Bruna, que tentava parecer cada vez mais indignada, embora a verdade é que a sua raiva se ia diluindo a cada grosseria proferida.

Mas não, não queria facilitar as coisas ao memorista. Já lhe perdoara demasiado.

– És um... – Calou-se, à procura de alguma coisa horrível que pudesse chamar-lhe.

– Bruna, não te podia contar. Obrigam-nos a assinar um acordo de confidencialidade terrível. Contar-te teria implicado dez anos de cadeia, porque tal infração seria considerada incitação ao ódio entre espécies.

– O quê? Mas que desfaçatez! Eles é que incitam ao ódio tratando-nos como objetos! Mercadorias! Até a identidade e a individualidade nos roubaram. Como pudeste prestar-te a uma coisa dessas? Qual contrato de confidencialidade, qual carapuça! Ninguém te obrigava a ser memorista. És tão nojento como eles.

– Está bem, é possível. Não digo que não, mas tu em particular, tu não tens razões por que te preocupares. Tu és única. Graças a mim.

Bruna olhou para ele, espantada. Nopal falava a sério e parecia radiante e muitíssimo satisfeito consigo próprio.

– E ainda tenho de te agradecer? Por me teres dado as tuas memórias? Por me teres dado um pai que foi assassinado e uma infância infelicíssima? Por fazeres de mim um monstro entre os monstros?

– Mas não falavas da perda da individualidade? Não querias ser diferente? Pois és diferente. Escolhe de que te queres queixar; de seres diferente ou de seres igual aos outros. Não podes queixar-te das duas coisas – ironizou Nopal.

– Nem sequer posso ter a certeza. Não sei se sou mesmo única. Como posso acreditar em ti, depois de me teres mentido tanto? Além da Clara, há mais dez Huskys por aí. Alguma pode ter as minhas memórias, isto é, as tuas. Pode nem sequer ser uma Husky. Se calhar partilhaste as tuas memórias com outra tecno qualquer.

Agora com o rosto muito sério, Pablo encarou-a, cravando os seus olhos negros nos olhos de tigre da rep.

– Bruna, juro-te que só fiz essa loucura uma vez na vida. Era perigoso repetir porque a TriTon podia ficar a saber. Além do mais, seria baratear as minhas próprias recordações; não te dás conta disso? Por favor, acredita em mim. Só existes tu.

Husky acreditou; com certeza não era possível falar com maior sinceridade. Mantiveram-se em silêncio durante alguns minutos enquanto observavam as brincadeiras de *Melba*. Foi então que o mofo pertinaz

da desconfiança começou de novo a crescer no íntimo da rep. Havia gente capaz de fazer da mentira uma obra de arte, como aquele ex-ministro que roubara novecentos milhões de gaías e que, meses antes de ser descoberto, dera uma entrevista na televisão a fazer alarde da sua ética e a jurar, com irresistível encanto, que nunca haviam tentado comprá-lo porque sabiam que era incorruptível. Tão modesto, tão sincero, tão verosímil como Nopal há instantes! E o seu memorista, não seria também um monumento vivo à falsidade? Ainda hoje Bruna não sabia com toda a certeza se Nopal era ou não um assassino. Franziu o sobrolho e optou por não acreditar. Nunca mais gostaria dele.

– Como é ela? – perguntou Nopal.

– Clara? – disse Bruna.

Sentiu uma pontada de ciúme.

– Igual a mim. E também diferente. É curioso: rapa o crânio, tem uma tatuagem que lhe dá a volta ao corpo exatamente como a minha e no mesmo sítio, embora a dela seja um fecho... Fica muito bonita. Também é apreciadora de vinho branco, e bebe demais. Mas depois é... como explicar-te? Muito mais simples. Não é idiota, pelo contrário, mas fala de uma forma que me surpreende, e é... mais sã, menos angustiada, menos obsessiva.

– E mais aborrecida, menos imaginativa, menos requintada... – acrescentou Pablo.

A androide recordou-se de um comentário de Clara. Para Bruna era ponto assente a sua sósia estar apenas de passagem, dado o microapartamento no qual vivia, mas a rep respondera-lhe que não: adorava o sítio, não precisava de uma casa maior e imaginava-se a viver ali toda a sua vida. Num sarcófago industrial sem janelas.

Bruna ficara impressionada.

– É interessante. Na realidade, vocês seriam um tesouro para os cientistas. Clones perfeitos que só se diferenciam na memória... ou seja, genética contra ambiente, a velha dualidade. Aquilo de que falávamos há dias. De onde sai essa história que contas à miúda russa? Achas Clara capaz de inventar algo assim?

Com aquela percepção direta e literal da vida que a outra rep parecia ter? Não, provavelmente não, pensou Bruna.

– Não creio.

– Mencionaste que é mais sã do que tu. Trocarias de lugar com ela?

Bruna refletiu um pouco.

– Não.

Nopal sorriu.

– Já calculava. Embora também isso não tenha grande significado; existe um princípio psicológico de equilíbrio mental que faz com que, apesar de tudo, prefiramos ser como somos.

– Eu não quero ser como sou – discordou Bruna, rancorosa.

– Sim, eu também não... muitas vezes – comentou Nopal com ligeireza. – Essa Clara Husky agrada-me. Tens de ma apresentar.

– Estás a pensar ir para a cama com ela? – perguntou Bruna com mais agressividade do que pretendia.

Nopal riu-se.

– Nãooo... Mesmo que Clara não sejas tu, evidentemente. Connosco seria muito pior... Seria incestuoso. Com Clara o tabu não é tão forte mas, no fim de contas, e ainda que tenha sido uma vulgar tarefa

profissional, também escrevi a memória dela. Além do mais, parece-se demasiado contigo. Sentir-me-ia pouco à vontade.

A androide franziu os lábios para tentar não revelar a satisfação que as palavras de Nopal lhe provocavam. Era a coisa mais carinhosa que o memorista lhe dissera alguma vez. A mais amorosa.

– Já pensaste que Merlín pode andar por aí? Claro que já não se deve chamar assim, mas terá um nome começado por uma letra próxima – acrescentou Nopal.

Husky ficou sem fôlego. Não pensara naquela possibilidade. Para ser franca, não quisera encará-la. Merlín, o seu amado Merlín, com quem convivera dois anos e que vira morrer de TTT. Sim, Merlín também era da TriTon. Nalgum lugar do mundo tinha de existir um tecno de cálculo com dois anos de ativação exatamente igual a Merlín. Um confuso incêndio emocional arrasou a cabeça de Husky. Pensou: vou dedicar o resto da minha vida a procurá-lo. Pensou: tenho de me esquecer que existe. Pensou: não quero morrer.

Três anos, nove meses e vinte e quatro dias.

Ela era um lobo sem alcateia. Mais, ela era um urso, como a apelidara há meses aquele tatuador essencialista; um urso rezingão e solitário, uma criatura que evita o contacto com os outros; ela era como *Melba*, única da sua espécie, a nadar no vazio imenso do seu tanque de água, pensou Bruna Husky enquanto assistia ao amanhecer da janela do seu apartamento. Eram quase seis da manhã e, sobre o perfil negro dos edifícios, surgia uma refulgente linha violeta. A rep bebeu um gole do seu enésimo copo de vinho branco. Se de facto era assim tão arisca, se tinha o desapego fugidio de um cometa errante, como era possível que a sua vida estivesse agora tão cheia de gente? O que fizera de errado? Yiannis e a sua bomba de endorfinas, aquele pobre animalzinho ferido que era Gabi, o cínico Nopal, o arisco Lizard e, sobretudo, Daniel, de quem gostava mas que a inquietava na mesma medida. Que irrompera na vida dela, cheio de paixão, e depois desaparecera, misteriosa e abruptamente, como se quisesse fazê-la pagar a sua proximidade. Como se desejasse demonstrar-lhe que a intensidade dos encontros nada significava. E agora, por acréscimo, Clara, Clara Husky, o seu outro eu resvaladiço, o seu duplo desdobrado, a outra maneira de ser ela própria. A rep sentia-se presa.

– Brunitaaa! – guinchou uma vozinha irritante.

Uma bola de pelo áspero saltou para os braços da rep e aterrou-lhe no colo, atirando, sem querer, a taça de vinho ao chão. O vidro escaqueirou-se. O bubi olhou

para ela com uma expressão amedrontada e culpada:

– *Bartolo* bonito, *Bartolo* bom... – balbuciou.

Era o que me faltava, pensou a androide, desesperada. Não sabia quem tivera a ideia travessa de ensinar o comilão a chamar-lhe «Brunita», mas, cada vez que ouvia o diminutivo na boca do bubi, tinha vontade de o atirar pela janela. O animal abraçava-se a ela como uma lapa e o seu pelo duro arranhava o pescoço da rep. Sim, além de todos os outros, ainda havia o comilão.

Apanhou os cacos de vidro com uma mão, sem soltar *Bartolo*; só faltava que aquele bicho imbecil cortasse uma pata. Assim que o chão ficou limpo, atirou o bubi sem contemplações para cima do colchãozinho onde ele dormia. Ou melhor, onde devia dormir, porque metade das vezes acordava na cama da rep. *Bartolo* deu um guinchinho de protesto e, nervoso, pôs-se a morder um pé. A androide serviu-se de um novo copo de vinho branco e retomou o seu lugar diante da janela, embora a serenidade daquele momento mágico do amanhecer já estivesse perdida. O céu estava agora de um cinzento sujo e a luz aumentava progressivamente. Em algum lugar daquela cidade comprimida que via no outro lado da janela estava a Viúva Negra, pensou; imaginou-a a voar do Norte em direção a eles, com uma capa de escuridão atrás de si. Como era possível uma profissional como ela não ter tentado repetir o ataque? Talvez tivesse encontrado outra forma de chegar ao diamante; ou, porventura, tivesse morrido. Afinal, os assassinos revelavam uma tendência fatal para serem mortos. Claro que também existia a possibilidade de a Viúva Negra já não estar interessada em atacá-la, preferindo segui-la e assim

roubar as informações que Bruna obtinha. Fora com certeza dessa maneira que chegara até Nuyts. Bruna estremeceu. Não conseguia evitar sentir-se culpada.

Um raio de sol madrugador iluminou as janelas do prédio da frente com um clarão. Nalgum lugar daquele vasto mundo vivia um androide como Merlín.

– Não, não, não! – exclamou em voz alta, sobressaltando o bubi.

Felizmente, nesse momento aconteceu uma coisa que a ajudou a esquecer-se de Merlín: a imagem do arquivista apareceu a flutuar a meio da sala.

– Yiannis, são seis e meia da manhã! Vou cancelar a tua autorização para chamadas holográficas... – começou a resmungar a rep, parando de imediato ao reparar que o velho olhava para ela com uma cara estranhíssima. – O que aconteceu?

– Acho que destripei... desfrisei... a mensagem. Decifrei! Estou muito nervoso.

– Que mensagem?

– O quadro, a pintura, *O Grito*.

Bruna deu um salto.

– Cala-te! Nem mais uma palavra. Vou até tua casa. Espera.

Desligou, deitou fora o resto de vinho, agarrou na pistola e num copo de café e saiu a toda a pressa do apartamento. Correu o mais rapidamente que pôde até à casa do arquivista. Yiannis abriu-lhe a porta com a mesma expressão que exibia no holograma; parecia ter engolido uma bola enorme de pelos de gato e estar agora prestes a vomitá-la. Bruna olhou para ele com inquietação:

– Yiannis... Não estarás enganado, pois não? Não estarás demasiado alterado por essa coisa que tens na

amígdala, pois não?

– Nãooo, nãooo! Ontem à noite desliguei a bomba. Apercebi-me de que não conseguia pensar bem com toda aquela droga na cabeça. Não, não. Entra. Anda.

O velho levou a rep até ao ecrã central, onde se viam as quatro versões de *O Grito*. Ao lado estava uma cópia hiper-realista da pintura que Nuyts lhes confiara.

– Olha... A pintura segue o modelo do primeiro quadro de Munch, pintado em 1893. Bom, na verdade são exatamente iguais, tão idênticos que a cópia foi feita sobre um molde. São iguais em cada uma das pinceladas, exceto num bocadinho da imagem. Como podes ver, a meio do quadro está pintado o mar, que é azul-escuro à direita e depois, no centro, tem esta mancha ondulada e luminosa do reflexo do sol. Pois bem, toda essa parte é diferente. O mar é diferente, não só no primeiro quadro, mas também nas outras três versões. Este mar é singular. À primeira vista não nos apercebemos mas, quando olhamos com atenção, e tendo em conta sobretudo a exatidão do resto do desenho, a diferença acaba por ser notória.

O arquivista calou-se, talvez para espicaçar a curiosidade de Bruna ou para deixar que ela apreciasse o que ele estava a dizer. Realmente, o fundo marinho apresentava umas ondulações intrincadas distintas das demais.

– Esta é uma ampliação dessa parte – mencionou o arquivista.

O ecrã central encheu-se com o fragmento do fundo marinho. Centenas de linhas de diversas cores curvavam-se e comprimiam-se como num labirinto.

– Tinha a certeza de que a mensagem estaria aqui, mas não sabia por onde começar. Levei uma

eternidade. E, de repente, reparei em qualquer coisa. Observa aqui, onde a parte azul se junta à zona luminosa. Vê-se um barquinho. Esquece o resto do quadro; concentra-te só para esta imagem, fecha um pouco os olhos, descontrai e diz-me qual a primeira coisa que te vem à cabeça.

Bruna olhou e tentou esvaziar a mente. Depois, olhou mais uma vez, tentando dizer a primeira coisa de que se lembrou, tal como nas sessões com o psicoguiã.

– É costa. A parte azul do mar não parece água, mas terra. A parte iluminada seria a água.

– Exatamente. É um mapa.

Yiannis inclinou-se para a frente, tocou no ecrã e arrastou uma carta geográfica semitransparente para cima do fragmento da pintura.

– Nessa altura tive uma intuição genial, desculpa a falta de modéstia... Lembrei-me de ir buscar o mapa da costa ocidental finlandesa, onde fica Onkalo. Como já previa, no mapa grande que descarreguei da Terra Visão há um espaço em branco, de uns quarenta quilómetros quadrados, que corresponde precisamente a Onkalo e que é, como sabes, uma zona cega. Enfim, passei um bom bocado a ampliar e a reduzir a escala da carta, a procurar indicadores geográficos que pudessem coincidir com o perfil do desenho e, finalmente, consegui. Vê...

O arquivista ajustou o tamanho do mapa e fê-lo coincidir exatamente com as linhas do quadro. No desenho de Nuyts estava cartografada a zona não recolhida na carta. Yiannis aumentou mais um pouco essa área.

– Este é o mapa de Onkalo, estás a ver? Olha para este barquinho... No quadro original existem duas

embarcações, não uma, estão mais longe e são maiores. Este barquinho faz parte do mapa. Creio que é preciso apanhar um barco para lá chegar.

– Para chegar onde?

– Não sei, mas está aqui, neste remoinho de linhas sobre a zona azul... Parece uma ilha minúscula... Podes ver que todas as linhas convergem para esse ponto, como se fosse o olho de um furacão. Esse é o destino indicado pelo mapa. Talvez seja uma mina de urânio ou... uma antiga central nuclear.

Husky ficou a olhar para aquela tempestade de linhas torturadas.

– Será preciso ir até lá.

– É perigoso, Bruna. Tu própria disseste que Onkalo talvez fosse a entrada do inferno.

– O inferno já está aqui, Yiannis – objetou Bruna, pensando no lento suplício de Loperena, no assassinio de Nuyts e, sobretudo, em Gabi, barbaramente violada. Pressentia que todos os episódios de radioatividade estavam relacionados. Deslindar aquele mistério seria a sua forma de vingar a pequena russa.

– Há mais uma coisa. Quando demarqueei o fragmento do quadro e o reduzi à zona de Onkalo e arredores, dei-me conta de que havia algumas mensagens cifradas no código da franco-maçonaria.

– No quê?

– É um código clássico usado pela sociedade secreta dos franco-mações no início do século XVIII para redigirem as suas cartas de modo a que ninguém estranho ficasse a par dos seus segredos. As letras do alfabeto passam a ser riscos, ângulos e pontos. Quando me apercebi do que era, decifrá-las não custou muito. É uma chave simples; difícil era conseguir descortiná-la

entre o bosque de linhas do desenho. Em resumo, existem duas mensagens. A primeira está mesmo ao lado do remoinho, ou seja, no ponto exato do destino do mapa e, evidentemente, são as coordenadas geográficas do local: 61.23513°N21.4821°E. A outra mensagem está aqui, na parte do mapa visível, fora da zona cega de Onkalo, mas pertíssimo. Na cidade de Pori, para ser exato. Uma vez decifrada, indica o seguinte: «Pori. A Flecha Negra. Mai Burún. Tranquilidade.»

– O que é isso de Mai Burún?

– Um nome próprio? Não sei.

– E a Flecha Negra? E Tranquilidade?

– O mar da Tranquilidade é o local na Lua onde os humanos aterraram pela primeira vez. Tirando isso, não faço ideia.

– Seja lá o que for, está em Pori. Preciso de ir até essa cidade e descobrir quem são ou o que significa Flecha Negra, Mai Burún e Tranquilidade. Agora só tenho de arranjar dinheiro suficiente para concretizar a expedição.

Bruna demorou quatro dias a organizar tudo para poder partir. Foi um período confuso e contraditório. Como a pequena Carnal previra, a questão das cópias dos tecno-humanos transformara-se num escândalo enorme. Sempre que ela e Clara andavam juntas na rua, as pessoas apontavam para elas; formavam-se grupos de uma curiosidade impudica e havia também a perseguição constante dos jornalistas, sobretudo dos que trabalhavam no programa de Enrique Ovejero, uma das estrelas do ecrã público, um tipo sensacionalista e desprezível. Felizmente, as duas Huskys eram igualmente avessas aos meios de comunicação e juntas pareciam triplamente ameaçadoras, como se a soma das duas fosse maior que o simples somatório das suas individualidades, de modo que, quando se recusavam a responder, os jornalistas tendiam a desaparecer a toda a velocidade.

A jovem androide revelava um desejo surpreendente de partilhar grande parte do seu tempo com Bruna.

«É útil encontrar-me a mim mesma numa versão mais velha. Posso aprender muito», assegurava, com aquele puro bom senso que possuía e que Bruna talvez também tivesse em estado latente, sepultado entre as suas muitas ansiedades, angústias e falhas.

Clara estava de visita em casa de Bruna quando Lizard apareceu.

– Ah... já me tinham chegado notícias de que tinhas encontrado outra Husky – comentou ao ver a Clara, a quem examinou, lenta e descaradamente, de cima a

baixo.

Os braços de Paul, o seu cheiro a cedro, o seu peso contra ela na fria, infeliz, impiedosa cópula na casa de banho do bar de Oli. Bruna sentiu uma facada de fortíssimos ciúmes a rasgar-lhe o estômago. Teria atirado Clara pela janela. Ou melhor, Lizard.

– O que queres? – perguntou com rudeza.

– Falar do caso. Como não vieste ter comigo, vim eu até ti.

– Na verdade, até já tinha pensado em encontrar-me contigo. Quero que me tires esta estúpida boia de salvação; se bem te lembras, só pode ser retirada com uma máquina que apenas a Judiciária possui – esclareceu Bruna, apontando para a falsa cicatriz.

– Fico contente por não teres precisado dela.

A androide coçou a cicatriz com indolência:

– Sabes que mais? Tenho a certeza de que é mentira. Isto é um marcador de localização e não uma boia de salvação. Tenho a certeza de que mo puseste para me controlares.

O inspetor suspirou.

– Garanto-te que não. Consulta a Wikipédia e verás. Chama-se Instantos. Porque não acreditas em mim?

Bruna olhou para ele. Parecia tão sincero... Tanto como qualquer outro mentiroso, na realidade.

– Não consigo perceber por que razão a minha segurança te preocupa tanto.

– Sempre cuidei de ti. Põe-me à prova.

– Já pus. Chumbaste.

Lizard resfolegou. Começava a chatear-se.

– Bom, deixemos isso. Soube pelo Preciado Marlagorka como vos correram as coisas, a ti e a esse táctil que levaste a Labari.

O coração de Bruna deu um saltinho de alegria maldosa:

– Estás com ciúmes?

O rosto carnudo e sólido do inspetor ficou vermelho de fúria.

– Não me provoques, Husky...

– Ei, ei, eu também sou Husky e não disse nada... – interveio Clara.

Lizard ignorou-a.

– Marlagorka deu-me o quadro que trouxeram. Não lhe contei que já o tínhamos analisado. Estamos a reexaminá-lo para ver se encontramos alguma coisa mas, até agora, não tivemos sorte.

Bruna apertou os lábios.

– Se tu soubesses alguma coisa dir-me-ias, não é verdade? – perguntou Paul.

– Claro.

– Caso contrário, seria obstrução à justiça...

– Óbvio.

O inspetor voltou a suspirar.

– Está bem. Preciado Marlagorka está a conduzir uma investigação no ministério para tentar encontrar a «toupeira». Mas é bom saberes que nem ele está livre de suspeitas. Não me parece ser de fiar.

Numa inspiração momentânea, Bruna decidiu pedir dinheiro a Marlagorka para ir à Finlândia.

– Falaremos sobre isso mais tarde. Agradavas-me mais quando colaborávamos – respondeu Lizard, taciturno. A seguir saiu, batendo com a porta.

– Está muito bem-disposto, o teu inspetor – comentou Clara, levantando as mãos em sinal de paz. – Calma, calma, não me olhes assim; se nem sequer consegues confiar num espelho de ti própria, em quem

confiarás? O que te aconteceu? Olha que, para alguém igual a mim, és bastante complicada...

Bruna acabou por ir ao ministério falar com Marlagorka e contar-lhe a história do mapa, embora sem mencionar a mensagem secreta. Por conseguinte, o diretor-geral decidiu contratar Bruna oficialmente como detetive e custear-lhe a viagem. Bruna, por sua vez, contratou Clara como guarda-costas. Afinal, a sua sócia já conhecia o Norte e as duas juntas não eram para brincadeiras. No último momento, Deuil juntou-se-lhes.

– Fizemos uma boa equipa em Labari... e tomei o gosto pela aventura. Mas também me interessei por ti e quero estar ao teu lado – explicou-se o apalpador.

Parecia bastante sincero, ou, pelo menos, tão sincero como qualquer bom mentiroso, de modo que Bruna, num impulso imprudente, concordou. Além do mais, se realmente iam até ao inferno, não seria mau contar com um terceiro aliado.

No dia seguinte, quinta-feira, 15 de agosto, iriam para Jyväskylä, a cidade mais importante da região finlandesa. Bruna sabia que a zona sofrera bastante com o degelo dos polos; por ser em grande parte baixa e plana, uma grande área da antiga Finlândia ficara coberta de água e a antiga capital, Helsínquia, deteriorara-se muito, o que motivara a mudança administrativa para Jyväskylä. Pelos vistos, não se faziam voos regulares para Pori. Uma vez em Jyväskylä teriam de encontrar o caminho até Onkalo de outra forma.

– Já te disse que aquilo é uma merda, Bruna – resmungou Clara. – É certo que não estive na zona para onde vamos, mas estive no outro lado do golfo

de Bothnia, na região sueca, e garanto-te que é tudo o mesmo. Um asco. Aquilo lá é uma zona de guerra total, onde todos estão contra todos.

Nessa noite, véspera da viagem, Bruna foi com Yiannis e Clara visitar Gabi, que já fora transferida para outra unidade no hospital e teria alta dentro de poucos dias. Era a primeira vez que a androide via a criança desde que ela fora internada, a primeira vez desde que sabia o que lhe acontecera. A menina estava como sempre: mal-humorada, impertinente e feroz. Bruna enterneceu-se tanto que teve de fazer um esforço para não a abraçar.

– Ufa, agora são duas? – perguntou Gabi com uma expressão de nojo. – Mas que horror! Ainda por cima, a segunda vai demorar muito mais a morrer.

O cabelo escuro e encaracolado de Gabi, normalmente um emaranhado sujo e impenetrável, estava limpo e bem penteado. Husky admirou a ténpera do enfermeiro ou enfermeira capaz de levar a cabo semelhante proeza.

– Olhem, vocês estão na televisão – indicou a miúda.

De facto lá estavam elas, no ecrã do quarto, filmadas há poucos minutos, à entrada do hospital. Embora mantendo uma distância prudente, as câmaras seguiam-nas por todo o lado.

– Uf! Já lhes há de passar.

Sim, de momento o alvoroço era grande, mas a memória dos meios de comunicação, tal como a dos cidadãos, era fina e inconsistente como uma crosta de gelo no deserto. Bruna sabia-o por experiência: há seis meses aparecera em todos os ecrãs públicos, primeiro como uma perigosa delinquente e depois como heroína, mas toda aquela notoriedade acabara por se evaporar

sem deixar rasto, e agora já ninguém se lembrava. A vida pública era um enredo, um dilúvio, ruído; os acontecimentos sociais escreviam-se em areia húmida e as ondas do tempo apagavam-nos.

– Acaba a história – pediu a criança. – Não me esqueci dela. Estava num ponto bastante emocionante.

Bruna, no entanto, não podia afirmar que se lembrara e, embora o lapso não fosse total, de momento também não se sentia com disposição para continuar.

– Não, hoje não. Temos de nos ir embora. Amanhã viajamos. Conto-te o resto quando voltar.

– Isso não vale! Ainda te matam e eu fico sem saber o fim – aborreceu-se a menina.

– Não, calma, isso não vai acontecer. Não posso morrer antes de acabar a história. É o meu talismã – contrapôs Bruna.

A pequena russa olhou para ela. Aqueles olhos tão sérios, tão intensos. Dois botões duros na sua cara redonda. Sem deixar de observar a rep, a menina agarrou numa pequena madeixa do seu próprio cabelo e arrancou-a com um puxão.

– Dá-me a mão direita – ordenou.

Bruna obedeceu, intrigada. Gabi rodeou o dedo médio da androide com aquela meia dúzia de cabelos e deu-lhes um nó com a facilidade veloz de quem já fez o gesto muitas vezes. Depois ficou a olhar, satisfeita, para o anel de cabelo.

– Isto, *sim*, é um talismã – sentenciou enfaticamente.

– Não faças tontices e volta depressa.

Jyväskylä era uma cidade que parecia ter vivido tempos melhores. Viam-se edifícios monumentais com dois ou três séculos, mas estavam sujos e pouco cuidados. A maior parte da superfície urbana era composta por blocos de realojamento, as típicas construções modulares, baratas e provisórias que proliferaram nos anos das Pragas, concebidas para acolher temporariamente os refugiados, mas que, depois das Guerras Robóticas, se transformaram em casas permanentes e arruinadas. Estavam numa Zona Dois, ou seja, mais contaminada do que as Zonas Verdes e com uma população bastante envelhecida, apesar de ali existir uma universidade importante. No entanto, de forma paradoxal, a cidade gabava-se de ter uma vida noturna trepidante que, na realidade, era também diurna, porque os centros de diversão, discotecas, salas virtuais, cabarés e *hedonés* funcionavam durante vinte e quatro horas. Nas grandes e danificadas avenidas do centro, os locais de prazer seguiam-se uns aos outros sem interrupção, como soldados alinhados em formatura. Na noite em que chegaram hospedaram-se num hotel modesto, mas limpo, próximo da estação. Bruna e Daniel acabaram na cama, mas discutiram e o sexo não foi grande coisa; Clara tomou um *caramelo* de oxitocina e foi explorar a cidade, quase de certeza sem cuecas, pressentiu a detetive. Era estranho saber-se tão igual. De qualquer maneira, alegrou-se com a saída da sócia porque não conseguia evitar os ciúmes que sentia em relação ao

apalpador.

Na manhã seguinte, pontualmente, uma Clara olheirenta apareceu à mesa do pequeno-almoço. Com olheiras ainda maiores, e ar taciturno, estava Deuil que, depois da discussão, fora dormir para o seu quarto. Queriam partir quanto antes para Pori. Tanto no aeroporto como no hotel, todas as pessoas a quem inquirem sobre o local mostraram-se estranhamente ambíguas. A primeira coisa que fizeram foi tentar alugar um carro no aeroporto, mas a funcionária ficou bastante nervosa, repetindo vezes sem conta que os carros de aluguer não podiam sair de Jyväskylä e recomendando que optassem pelo comboio. Como os automóveis disponíveis eram todos automáticos, não permitindo a condução humana, não tinham possibilidades de saírem sub-repticiamente da cidade.

Todavia, na estação de comboios as coisas não correram melhor. As máquinas de venda automática recusaram-se a vender bilhetes para Pori, embora o destino estivesse inserido na memória do aparelho. Consultaram as informações sobre as partidas de comboios, mas não parecia haver nenhum que parasse ali.

– É como te disse; de certeza que em Pori estão todos a matar-se – repetiu Clara.

No entanto, Bruna não conseguia acreditar que o mundo estivesse a acabar a meros duzentos quilómetros da grande cidade onde se encontravam. Além disso, lembrava-se demasiado bem de si própria enquanto jovem recém-saída da milícia; os reps de combate costumavam ter uma certa tendência para empolar as suas experiências.

Pediram para falar com um controlador e, após dez

minutos de espera, ouviram a voz de um homem, sem imagem, através de um dos ecrãs de informação.

– O meu nome é Antonio Sarabia. Em que posso ajudá-los?

– Queremos ir para Pori, mas não encontramos nenhum comboio.

Silêncio.

– Olá. Estás aí? Olá?

– Não se pode ir para Pori.

Bruna começou a irritar-se.

– Isso significa que não há comboios? Nunca? Nesse caso, como é que vão para lá?

O homem tossiu.

– Hum... Não se pode ir para Pori.

– Por todos os malditos sencientes! Que merda quer isso dizer? Que Pori já não existe? Ficou submersa? Será que no raio desta cidade ninguém sabe responder com clareza? – explodiu a detetive.

– Olha, eu estou a ser educado. Não estou disposto a aguentar grosserias – retorquiu a voz, gélida.

A luzinha verde que piscava apagou-se. O homem tinha desligado.

– Não interessa. Chegaremos a Pori, isso garanto-vos – rugiu Bruna, estudando o mapa e a rede ferroviária no telemóvel. Quando ficava furiosa, a sua capacidade de trabalho parecia multiplicar-se. Passado um minuto, anunciou:

– Iremos até Tampere. Fica a cento e cinquenta e um quilómetros daqui e a cem de Pori, e é um nó ferroviário importante. É impossível não haver comboios a partir daí.

Portanto, o passo seguinte foi a compra de bilhetes para Tampere. No entanto, assim que assinalaram o

destino na máquina de venda automática, apareceu um letreiro luminoso com a informação de que os interessados em deslocar-se até lá se deveriam dirigir ao centro de segurança da estação.

No centro havia uma pequena sala onde se encontravam dois humanos do sexo masculino, mais velhos, à espera. Só depois de ambos terem entrado, um a seguir ao outro, é que chegou a vez deles. No pequeno gabinete desconjuntado, atrás da mesa, estava um rep de combate, o que era algo extraordinário. Aquela era a primeira vez que Bruna encontrava um rep a ocupar um cargo burocrático medianamente alto; todavia, ainda mais extraordinário era o facto de só agora se dar conta disso. Aquela parte do mundo era, sem dúvida, um lugar muito especial.

O androide olhou longa e interessadamente para as duas Huskys.

– Ah... Vocês são desses, hã? – comentou, admirado.

– Suponho que sim.

– Eu não sou da TriTon. Que grandes filhos da puta! Então, querem ir para Tampere?

– Na realidade, queremos ir para Pori.

– Não se pode ir para Pori. Fica para lá da fronteira.

– Qual fronteira?

O androide suspirou.

– Hão de perceber. Supõe-se que não devemos partilhá-lo com ninguém por motivos de segurança, ou coisa do género. Bom, então vão até Tampere. Talvez daí possam passar para o outro lado. Já não temos comboios de passageiros para Tampere porque quase ninguém quer ir para lá, mas há dois comboios diários de mercadorias. O próximo sai dentro de uma hora. O bilhete custa cem gaias por pessoa, mas têm de assinar

um documento a assumir os riscos da viagem.

– Que riscos?

– Bandoleiros e coisas desse tipo. Nada que vocês as duas não tenham visto já. Não é caso para alarmismos.

– Está bem – concordou Bruna.

Pagaram pelo telemóvel e assinaram o documento no ecrã de reconhecimento digital.

– Boa sorte! Se regressarem, venham cá cumprimentar-me, miúdas... – lançou o rep com um sorriso entre o sedutor e o cínico.

Era possível que não fosse caso para alarme, mas tal não impedia que o comboio fosse blindado e estivesse protegido por uma dezena de tecnos de combate armados com espingardas de plasma. Bruna alegrou-se por ter trazido consigo a pequena e eficaz *Beretta Light*, pois nem o apalpador nem Clara tinham armas de fogo. Entraram para uma carruagem que tinha uma dúzia de assentos atarraxados ao chão e onde já estavam instalados os outros dois humanos da sala de espera. O espaço restante estava ocupado por pequenos contentores metálicos. Um rep demasiado musculoso sentou-se num dos assentos vazios, com a espingarda a apontar para o teto e devorou as duas Huskys com o olhar de forma alarve. Bruna percebeu que Clara estava mais recetiva do que ela ao soldado.

Deixaram a cidade para trás e, no início, a paisagem que se via através da janela gradeada não tinha nada de excecional: terrenos planos, lagos, edifícios. Pouco a pouco, no entanto, a terra foi ficando cada vez mais alagada, as casas mais disseminadas. Começaram a aparecer as casas abandonadas, os campos de cultivo inundados e as estradas submersas. Não era de admirar que não pudessem usar o carro para sair de Jyväskylä.

Chegaram a Tampere em pouco mais de uma hora, mas a paisagem que os rodeava era tão diferente que poderiam ter descido no elevador espacial. A estação estava rodeada de sacos de terra, como se esperassem um ataque. A cidade, patrulhada pelo exército, parecia tristíssima. Para além dos soldados, quase todos reps, viam-se muito pouquíssimas na rua e longas filas de gente com ar sombrio diante dos supermercados.

– Então? Já acredita? – perguntou Clara.

A maior parte dos hotéis próximos da estação estavam fechados e abandonados. Por fim, lá encontraram um aberto. Estava imundo e a mulher que o dirigia tinha uma terceira mãozinha a sair-lhe do pescoço, por baixo da orelha esquerda. Uma mutante. Quanto mais mutantes se viam num sítio, mais desprestigiado e marginal era o lugar; uma regra de ouro da sociologia aplicada.

– Então querem ir para Pori? – indagou a mulher, agarrando com ávida naturalidade a gorjeta de cinquenta guês que Bruna deixara sobre o balcão. – Bom, já sabem que fica do outro lado da fronteira. E que, para passar a fronteira, é preciso um salvo-conduto. E que é muuuito difícil consegui-lo.

Dito isto, a mulher calou-se, redonda e sorridente como um buda. A terceira mãozinha era tão pequena como a de um bebé e estava coberta com uma luva de croché em linha de algodão, primorosamente trabalhada. Bruna pousou outra nota de cem guês no balcão. O sorriso da mutante alargou-se ainda mais.

– Mas dá-se o caso de eu conhecer a pessoa de que necessitam. Vão ao *hedoné* da rua Maarit Verronen e perguntem por Mikael, o *Matemático*. Está sempre lá. Ele arranja-vos tudo aquilo de que precisem.

Um *hedoné*! Não era de admirar que, fosse Mikael quem fosse, estivesse sempre nesse local; a questão ali era em que estado o encontrariam, a menos que fosse o dono. A legalidade dos *hedonés* era uma prerrogativa regional; em Madrid, por exemplo, eram proibidos. Bruna já conhecia a devastação que causavam; mais do que um dos seus antigos companheiros de milícia se perdera no prazer destrutivo daqueles infernos. A sua memória bem treinada permitiu-lhe recordar o que Yiannis lhe contara sobre tais locais, cuja conceção inicial se baseava em experiências feitas por investigadores canadenses; cerca de 1950, os cientistas implantaram elétrodos numa zona determinada do cérebro de uma ratazana e fecharam-na numa caixa, com uma alavanca que a própria conseguia acionar. Cada vez que o fazia, a ratazana recebia uma descarga breve e pequena que ativava essa zona do cérebro, a zona do prazer. O animal chegava a usar a alavanca sete mil vezes por hora. Satisfeitos com os resultados, os investigadores implantaram mais elétrodos em mais ratos. As cobaias não comiam, mesmo estando esfomeadas e não bebiam, mesmo estando sedentas; as mães abandonavam as crias; os machos ignoravam as fêmeas no cio. As ratazanas limitavam-se a usar a alavanca até à morte. Daí ao desenvolvimento da tecnologia dos nanoimplantes cerebrais automáticos, que surgiram no fim do século XXI, e aos *hedonés* foi um pulo. A facilidade e segurança do método de inserção permitia que qualquer imbecil disparasse um nanoelétrodo para o cérebro através das fossas nasais. No *hedoné* forneciam a pistola adequada; uma vez inserido o elétrodo, a pessoa podia ficar no local a carregar no botão as vezes que quisesse ou que o seu

crédito permitisse. A cada vinte e quatro horas, os vigilantes desligavam-lhe o elétrodo, mudavam-lhe a fralda, davam-lhe de comer e de beber, lavavam-na sumariamente e voltavam a ligá-la. A única coisa que salvava aqueles pobres desgraçados era o facto de ser um vício muito caro. Nem toda a gente podia pagar uma semana num *hedoné*. Ao ser desligado, o implante bloqueava e não podia ser utilizado noutro sítio. No entanto, mais de um viciado havia rebentado o cérebro ao tentar ativá-lo em casa.

Encontraram facilmente a rua Maarit Verronen, uma viela pequena e escura; o *hedoné* era o único local público e com luz que se via na zona. A porta, pintada de verde, estava fechada. Acima, um foco impiedoso iluminava-a como um refletor da polícia. Bateram; a porta entreabriu-se e apareceu um miúdo mirrado, mulato, de cabelo sujo e emaranhado, vestindo calças de ganga e uma camisola de algodão que lhe ficavam enormes. O rapaz apoiou-se à ombreira e olhou-os com ar desafiante.

– Então? – perguntou com lacónica hostilidade.

Era muito novo, nem devia ter dez anos. O que fazia um miúdo num lugar como aquele? Bruna lembrou-se de Gabi e do seu passado obscuro. Crianças destruídas, infâncias violadas de maneiras infinitas.

– Viemos falar com Mikael, o *Matemático*.

– Para quê?

– Precisamos dos seus serviços.

– Deixa ver o dinheiro.

Era tão imperativo como um bandido em miniatura. Bruna resmungou e mostrou-lhe um maço de notas. O rapaz assentiu e deixou-os entrar para uma pequena salinha escura onde dois humanos de meia-idade, com

grandes espingardas de plasma pousadas nos joelhos, estavam sentados, estólidos, impávidos e enormes. O miúdo fechou a porta e indicou-lhes que o seguissem com um gesto de cabeça. Os tipos nem se voltaram; pareciam duas rochas.

Seguiram o mulato por um corredor estreito, atravessaram um pátio e entraram numa sala ampla e suavemente iluminada, com uma vintena de catres em ambos os lados. Metade das camas estava ocupada por homens e mulheres que, deitados completamente vestidos, pareciam dormir, não fosse pelo movimento espasmódico das mãos a carregar nos botões.

– É como uma casa de ópio – murmurou Deuil.

Bruna nunca tinha estado numa dessas, mas já tentara tirar um companheiro de um *hedoné*, sem sucesso. Eram lugares que a deixavam doente.

– Ei, *Matemático* – chamou o menino, aproximando-se de um dos catres e levantando uma pequena alavanca que se via na parede.

O tipo que estava deitado na enxerga em posição fetal deu um salto e pôs-se a apertar cada vez mais depressa o comando que tinha nas mãos. Gemendo, sentou-se na cama, continuando a carregar o botão, enlouquecido. Era um homem de uns sessenta anos, cujo cabelo, comprido e grisalho, estava tão sujo e emaranhado como o do rapaz.

– Espevita, pá, que tens trabalho – disse o mulato, tirando um aplicador de subcutâneas do bolso das calças e disparando uma dose no antebraço do velho.

O *Matemático* ficou rígido, respirou duas ou três vezes com muita dificuldade, como se estivesse a afogar-se, e depois começou a descontrair e a recuperar pouco a pouco o ritmo da respiração.

– Veem? Já está quase bem. Faço isto porque ele mo pede, hã? – explicou o miúdo. – Precisa do dinheiro para pagar o *hedoné*.

Ainda sentado na cama, o homem levantou a cabeça e olhou para eles com ar cansado e os olhos avermelhados, como se tivesse regressado de uma viagem extenuante.

– É um pouco de trinalina – esclareceu com voz rouca, ainda um pouco ofegante. – Um estimulante neuronal. Para acordar o resto do cérebro que fica letárgico.

O miúdo pôs-se ao seu lado e o *Matemático* apoiou-se no ombro dele, levantando-se do catre com esforço; era uma coreografia muito ensaiada, um movimento que, com certeza, tinham repetido muitas vezes. O tipo era muito magro e bastante alto, um corpo que deveria parecer-se com o de Deuil, mas que fora derrotado pela vida. De pé, as costas curvavam-se-lhe penosamente, como um girassol ao cair da tarde. Apoiando-se no miúdo como numa bengala, atravessou a sala, abriu uma porta que estava ao fundo e entrou noutra sala, mais pequena, que parecia o armazém de um supermercado, atestado como estava de garrafas de água, latas de comida em conserva, caixotes de batatas, caixas de embalagens, bidões de azeite, cobertores. No meio daquele caos via-se uma velha mesa de escritório com o seu cadeirão e mais duas cadeiras. Mikael, o *Matemático* deixou-se cair no cadeirão. Os restantes permaneceram de pé.

– Está bem. Digam-me o que querem.

– Queremos ir para Pori.

– De acordo. Três salvo-condutos.

– E precisamos de transporte até lá. Julgo saber que

fica a cento e onze quilómetros – acrescentou Bruna.

– Hum... Isso não é fácil. Ou melhor, só será fácil se tiverem dinheiro. Posso meter-vos num camião do exército.

– Eles têm – informou o miúdo.

– Três salvo-condutos e o transporte são... sete mil gaias.

Husky suspirou. Estavam a derreter o dinheiro de Marlagorka depressa demais.

– Desde que esses salvo-condutos sirvam também para voltarmos, tudo bem.

– Não te preocupes; servirão... se é que voltam.

– Muito obrigada pelo encorajamento – comentou Clara com ironia.

– Não me interessam nem um pouco os motivos pelos quais querem ir até Pori, mas não sei se sabem exatamente ao que vão. Estamos em guerra. O Governo dos EUT não o reconhece e tenta ocultá-lo, mas é um facto. É uma guerra suja, complexa, confusa, desesperada, mantida por grupos ultranacionalistas e de fanáticos religiosos que incendiam o planeta e ambicionam voltar a criar milhares de pequenas nações. É um sonho violento e excludente, porque se envolvem naqueles trapos coloridos a que chamam bandeiras e se degolam uns aos outros, como se a sua identidade assentasse justamente no facto de poderem odiar alguém. São tipos irracionais e retrógrados; porém, entendo-os, porque também partilho o desencanto por este governo planetário, por esta nação universal dos Estados Unidos da Terra, tão hipócrita, tão corrupta, tão alheia às verdadeiras necessidades das pessoas; a diferença é que não acredito que a solução seja o regresso à tribo primitiva.

– E qual seria a solução? – perguntou Bruna, presa, mau grado seu, ao discurso daquela personagem surpreendente, capaz de passar, em cinco minutos, de farrapo humano a orador de excelência.

Mikael, o *Matemático* encolheu os ombros.

– A haver uma, suponho que seria dentro dos EUT e do sistema democrático, porque é o único que permite a autocrítica, a demolição e a reconstrução. Todavia, por aqui é muito difícil acreditar em alguma coisa do género... Os EUT são uma nação jovem, frágil e assustada... Controlam o centro, mas o sistema desmorona-se nas periferias... E então mentem, fingem que não há problemas, censuram a informação, escondem a existência dos movimentos ultras... Eu era reitor da universidade. Quando a guerra começou, em 2097, mesmo a seguir à Unificação, recusei-me a aceitar o código de silêncio que nos foi imposto. Pela segurança do Estado, disseram-me! Pelo carácter extremamente contagioso do ultranacionalismo! Mas eu era um reitor, um cientista. Como poderia mentir de forma tão indecente aos meus alunos? Recusei-me a colaborar e expulsaram-me. De qualquer maneira, acabou por ser indiferente. Fecharam a universidade o ano passado. Era demasiado subversiva, pelos vistos.

– Existem outras soluções, outros caminhos – interrompeu-o Deuil de repente, quase com agressividade. – Tu mesmo o disseste; os EUT são hipócritas, cínicos, mentirosos, materialistas. É preciso regressar à pureza. É preciso voltar a recuperar a fé. É preciso acreditar no espírito.

Mikael olhou para ele, semicerrando os seus olhos avermelhados.

– Ah, um crente. Alguém a precisar de respostas.

Muito bem. Eu sempre tive medo daqueles que têm mais respostas do que perguntas, mas talvez seja deformação científica. Desculpem este discurso que vos impingi. É um velho tique de professor. E aqui, como devem compreender, tenho pouquíssimas oportunidades para conversar... Só quando aparece algum cliente.

Cara alegre, Bruna, instou-se a androide a si própria. O que te interessa? Nunca mais voltarás a vê-lo. Porém, havia algo no velho que lhe recordava Yiannis e não conseguiu evitar:

– Porque continuas no *hedoné*, *Matemático*? Tens cabeça, tens conhecimentos. Poderias viver em vez de vegetar.

– E tu, o que sabes da minha vida, androide? Não interessa o que se tem; lixado é aquilo de que se sente falta. Dá-me os sete mil. Amanhã ao meio-dia terão os salvo-condutos. O miúdo entrega-vos. Nessa altura eu já estarei refugiado no interior da minha mente. E serei feliz.

O mulato dissera-lhes que aparecessem às catorze horas no mercado central e perguntassem pelo sargento Fajardois. O trio chegou meia hora antes. Uma enorme multidão aglomerava-se diante da porta principal, guardada por tecnos de combate. Bruna perguntou-lhes pelo sargento.

– Ainda não apareceu – respondeu um, apressado; logo a seguir, gritou para a multidão. – Vamos lá ver, atenção; façam já uma fila! Quem não estiver na fila não poderá comprar nada!

Quando por fim ficou organizada, após dez minutos de empurrões e discussões, a enorme fila desaparecia depois de dar a volta à esquina. As duas Huskys e Deuil ficaram à espera ao lado da porta, discretamente afastados, mas a sentir-se visados pelos olhares desconfiados e ferozes daqueles que também aguardavam e que talvez receassem que eles lhes passassem à frente. Finalmente, por volta das 14h10 apareceu uma longa fileira de camiões do exército, grandes trastes blindados com rodas de lagarta. Eram dez. Exclamações de raiva e de desolação percorreram a fila.

– Tantos? É uma vergonha! Não vai sobrar nada!

Os camiões estacionaram em paralelo e lado a lado num dos extremos da praça e os soldados desceram, entrando no mercado. Como sempre, a maior parte dos soldados rasos eram tecnos e todos os oficiais e suboficiais, humanos. Bruna aproximou-se do humano que estava à entrada a dar ordens.

– O sargento Fajardois?

– Sou eu. Ah! Vocês devem ser os do *Matemático*. Vamos lá ver os salvo-condutos...

A androide entregou-os: eram uns antiquados cartões plastificados com um *chip* de informação incrustado, que foram lidos com o leitor do telemóvel do militar.

– Está tudo bem. Subam para a parte de trás do terceiro camião. Partiremos de imediato.

O terceiro camião, ocupado com várias filas de bancos corridos, destinava-se ao transporte de tropas. Agora não se via ninguém porque todos os soldados estavam atarefados a encher os outros veículos com caixas e mais caixas de alimentos que, pelos vistos, tinham sido empacotados no mercado. As pessoas da fila agitavam-se cada vez mais e os gritos subiam de diapasão.

– Miseráveis! Querem matar-nos à fome! Não vai sobrar nada! Estamos aqui desde as seis da manhã!

O camião começou a encher-se de soldados. O carregamento terminara. Os veículos arrancaram, velozes, enquanto os tecnos que guardavam o mercado se esforçavam para conter a fúria ondulante das pessoas. Embora o deles fosse o terceiro carro, foram os últimos a partir, sem dúvida para que a tropa pudesse defender a retaguarda do comboio. Quando se afastaram o suficiente, os soldados suspiraram e descontraíram. Só nesse momento os três forasteiros se tornaram o alvo da sua curiosidade.

– Ei, vocês são daqueles, não é verdade? – perguntou um cabo humano.

– Sim, somos – respondeu Bruna, de má vontade.

– Sim, senhor, sim, senhor! Muito parecidas.

Para alívio das andróides, não acrescentou mais nada. Após ultrapassarem os limites da cidade, os soldados voltaram a demonstrar tensão. Este trajeto não vai ser fácil, pensou a tecno.

Não tinham decorrido vinte minutos quando pararam.

– O raio da fronteira – murmurou uma andróide de belos olhos lilás, sentada ao pé de Bruna. – Cada dia está mais perto de Tampere.

Uma oficial humana subiu ao caminhão, verificou as chapas de identidade dos soldados e inspecionou os três salvo-condutos. Depois saiu e eles retomaram o percurso. Nessa altura a detetive ouviu-os pela primeira vez. Aguçou o ouvido. Sim; lembrava-se daquele retumbar da época do seu serviço militar em Potosí.

– Estás a escutá-los, não estás? – perguntou a rep de olhos bonitos. – Os tiros de canhão. Os humanos têm sorte. Como são meio surdos... Mas nós... Como deixar de os ouvir?

Bum, bum, bum! Cada vez mais alto, cada vez mais perto. Dentro de pouco tempo também os humanos os escutariam. A rep de olhos lilás tinha uma mão biónica. Estava com certeza há menos de dois anos na frente e já lhe tinham destruído uma mão. Pouca sorte. A prótese, embora parecesse boa, era inestética e o metal brilhava num tom azulado. Provavelmente cobri-la-iam com biossilicone quando fosse dispensada do serviço.

Pela traseira aberta do caminhão viam-se campos destruídos, alagados, com crateras de bombas cheias de água. De vez em quando, durante algumas centenas de metros, porções de terras verdes e plácidas, que teriam permitido sonhar com uma vida melhor não fosse o troar longínquo dos canhões. Bruna viu aparecer um

pequeno drone dos serviços noticiosos a esvoaçar por cima deles. Vejam só, talvez dessem notícias sobre o que estava a passar-se nos confins.

– Mosca! Mosca às doze menos dez! Moscaaa!

De repente, os soldados começaram a gritar como loucos, agarraram nas espingardas de plasma e puseram-se a disparar contra o drone, que caiu em voo picado sobre o camião que ia à frente deles ainda antes de lhe acertarem. A explosão deixou-os momentaneamente cegos e surdos, golpeando-os como uma bofetada de ar duro. O veículo em que iam saiu da estrada, subiu um monte de terra e ali ficou atolado. Saíram da caixa a tossir e a lacrimejar por entre o fumo negro e picante; o camião que ia à frente deles voltara-se, estripado, e ardia. Felizmente, os quatro soldados que o ocupavam estavam só um pouco chamuscados e ligeiramente feridos.

Com o esforço de todos conseguiram libertar o camião do monte de terra onde atolara, descê-lo e retomar a marcha. Os feridos subiram também. O veículo estava agora a abarrotar; afinal, levava sete pessoas a mais.

– Cuidado com essas armas; não queremos um acidente! – resmungou uma suboficial.

Os soldados mantinham as espingardas apontadas para o tejadilho. O lado esquerdo de Bruna estava encaixado na anca sólida da rep de olhos bonitos e o seu lado direito nos ossos de Deuil. Tentou não pensar que Deuil, por sua vez, estava colado à nádega de Clara.

– Aqueles filhos da puta, aqueles cobardes... – murmurava um dos feridos, um humano, enquanto segurava o braço, possivelmente partido, com cuidado.

– Sempre a matar às escondidas e de longe.

– Quem terá sido? – perguntou outro soldado.

– Vá-se lá saber. Os verdes, os vermelhos, os roxos...

São todos iguais. Oxalá rebentem.

– É uma guerra muito suja – explicou a androide da mão metálica em voz baixa. – De guerrilhas. De emboscadas. Bombas em drones e francoatiradores. Nunca aparecem abertamente. Quase nunca os vemos. Só às vezes, ao longe. Pequenos grupos a agitar as cores das suas bandeiras. As fações e os deuses enlouquecem-nos. Também se matam entre eles, mas nunca é o suficiente, até porque são mais as vezes em que se aliam para nos atacarem. E se nos agarram vivos... Se nos agarram vivos estamos lixados.

A tecno levantou a mão metálica.

– Queimaram-na com ácido – indicou, taciturna. – Se queres que te diga a verdade, não acredito que neste camião haja uma única pessoa que saiba que raio estamos aqui a fazer.

Pori era uma ruína. Mais de metade dos edifícios fora bombardeada. Viam-se ruas inteiras destruídas e amontoados de entulho tão vastos como rios de lava. O comboio militar deixou-os no que fora o centro da cidade e que agora era um monte de escombros esgaravutados por crianças e cães famélicos. Com frequência as ruínas cheiravam a podridão porque não sobravam vivos em número suficiente para resgatar os cadáveres sepultados. Era um lugar tão desolador que mais parecia não existir. Além de terem de procurar a Flecha Negra e Mai Burún, tinham também de descobrir um sítio onde dormir e comer. Nenhuma das tarefas parecia fácil. Eram dezassete horas e dentro de três horas seria noite; a avaliar pelos candeeiros destruídos, não haveria muita luz quando o sol se pusesse.

– Os canhões calaram-se. Ainda bem – comentou Deuil.

Era verdade, haviam sossegado há uns minutos. Um pequeno alívio. Diante deles estava um prédio destruído do qual só duas paredes, que formavam um ângulo, permaneciam em pé. Fora provavelmente uma biblioteca; as paredes estavam cobertas de estantes ainda cheias de livros tradicionais, de papel. Uma mulher e um homem, ambos de meia-idade, estavam empoleirados em equilíbrio precário sobre um monte de detritos deixados pelo colapso do telhado e, depois de cada um deles tirar um livro das estantes, liam com concentrada fruição, alheios ao pequeno apocalipse que

os rodeava. Bruna trepou os escombros e aproximou-se deles.

– Olá. Desculpem incomodar. Acabámos de chegar a Pori. Não sabemos onde dormir ou arranjar comida. Podem ajudar-nos?

Os humanos ergueram os olhos das páginas como se saíssem de um sonho, mas não se mostraram surpreendidos nem com a pergunta, nem com a presença insólita de duas reps idênticas e de um tipo com rabicho de samurai. Provavelmente já eram imunes a surpresas.

– Quase todos nós, sobreviventes, vivemos na Torre Aalto. Sabes, a que Sofi Aalto construiu... – explicou o homem com refinada cortesia.

Na memória de Bruna ressoou um pequeno eco.

– Não era o edifício mais alto do mundo?

– Exatamente; era e é – confirmou a mulher com um sorriso radiante de orgulho, como se estivesse a dar uma informação turística, e não no meio de um mundo em ruína; quão profunda e firme era a fixação tribal pela terra, pensou Bruna. – Tem trezentos andares e mil e quinhentos metros de altura.

– Sofi Aalto inventou um novo material, o basalto sintético, muito leve e resistente. Desenvolveu-o para poder erigir um edifício enorme, o qual acabou por ser também tão sólido que nem sequer as bombas o destroem, de modo que agora vivemos quase todos lá. É como uma cidade vertical. Lá há de tudo; ou, pelo menos, tudo do pouco que nos resta. É aquele – explicou o homem, apontado para um lugar do céu.

As Huskys e Daniel voltaram-se. Ao fundo, acima das ruínas, das colunas de fumo e do caos, uma torre escura, afiada e interminável parecia cravada nas

nuvens.

– A Flecha Negra – comentou a mulher, extasiada. – Continua bela, não é verdade?

Então aquela é que era a Flecha Negra! Agradeceram, tentando disfarçar a excitação, e puseram-se a caminho da torre. As sombras da noite caíam rapidamente. Uma patrulha de soldados mandou-os parar e, depois de verificar os salvo-condutos, deixou-os seguir. Nas ruas já não se via quase ninguém, à exceção de algumas crianças pequenas que se deslocavam por entre as ruínas como ratazanas, escondendo-se, assustadas, à passagem deles. Já estavam quase a chegar à torre quando ouviram o assobio de um tiro de plasma; Carla e Bruna atiraram-se de imediato e em simultâneo para o chão; o apalpador demorou mais algumas décimas de segundo.

– De onde veio? – sussurrou Bruna.

– Acho que dali – apontou Clara, indicando umas janelas sem vidros, totalmente destruídas. Esperaram alguns minutos, mas não parecia que o ataque fosse repetir-se.

– Um francoatirador – sugeriu Bruna. – Tinham-nos avisado. Com certeza já desapareceu.

Por precaução, aproximaram-se do edifício de onde supostamente tinham disparado para continuarem o caminho até à Torre ao abrigo da parede. Nessa altura avistaram no meio da praça o cadáver de um menino de oito ou nove anos, com metade da cabeça rebentada pelo plasma.

– Malditos sejam todos os sencientes! Porque terá aquele cabrão disparado sobre uma criança? – rugiu Clara.

– Por crueldade. Por ódio. Porque viu que alguma

coisa se movia e só tarde de mais percebeu que era uma criança. Ou para infundir terror. Há sempre milhares de razões – respondeu Bruna, a voz impávida e tranquila.

No entanto, pensava em Gabi. E na miséria de vida que a criança teria tido.

– E dizia o velho do *hedoné* que a solução teria de estar nos Estados Unidos da Terra. Pois bem, são de facto um exemplo magnífico – escarneceu Daniel com um sarcasmo ácido.

Bruna sentiu-se estranhamente irritada com as palavras dele. Uma emoção que a chocou, porque no fundo partilhava a mesma opinião.

– É verdade, e tu mencionaste que existem outras opções. Quais?

O apalpador franziu o sobrolho.

– Se queres que te diga a verdade, até as Terras Flutuantes me parecem melhor do que isto.

– O quê? Daniel, nós estivemos lá. Tu viste como é Labari.

– E será pior do que *isto*? Precisamos de acreditar na vida espiritual. Precisamos de alguma transcendência que dê sentido ao caos do mundo.

– Vamos continuar aqui a disparatar até outro francoatirador rebentar connosco? – quis saber Clara.

A pergunta acabou logo com a discussão.

De perto, notava-se que a Flecha Negra estava muito maltratada. O basalto artificial tinha uma camada de pó e sujidade, a maior parte dos vidros estava partida e muitos deles tinham sido substituídos por tábuas ou painéis duroplásticos. À entrada, um rep de combate com um crachá de segurança pediu-lhes que se identificassem.

– Onde podemos comer e encontrar alojamento? –

perguntou Bruna.

– Se tiverem dinheiro, nos centros comerciais – respondeu o androide.

– E ficam onde?

– Há um em cada bairro. A cada vinte andares, mais ou menos.

– Mai Burún diz-te alguma coisa?

– Não faço ideia. Devia dizer-me?

– E Tranquilidade?

– Por aqui, muito pouca – respondeu o tecno, trocista, e devolveu-lhes os salvo-condutos. – Passem.

Entraram no enorme vestíbulo, sujo e caótico, cheio de gente deitada em sacos-camas ou em colchões imundos, ou sentada no chão em volta de pequenas fogueiras. Pareciam vagabundos e talvez fossem. Os vagabundos da cidade vertical. Contornaram os grupos e encaminhavam-se para os elevadores da parede do fundo quando um assobio penetrante se ouviu atrás deles.

– Ei, novatos! Pelas escadas. Não há eletricidade – gritou-lhes o androide da porta, a rir como um louco.

Dirigiram-se então para as escadas. Bruna olhou para cima, pela abertura, mas os degraus desapareciam nas sombras. Trezentos andares. Nada mau.

Bum, bum, bum! Os tiros de canhão tinham recommçado. Agora ouviam-se muito perto, e por vezes o chão vibrava com as explosões. Os andares eram todos iguais e estavam tão sujos e caóticos como o vestíbulo. Algumas portas, do que deviam ter sido escritórios ou apartamentos, estavam abertas, outras, fechadas e reforçadas com cadeados ou barras de metal. As pessoas entravam e saíam, subindo e descendo pelas escadas. Ouviam-se risos, conversas, o choro de

crianças, gritos. Num dos corredores um tipo vendia água, anunciando tal propósito com uma salmodia monocórdica:

– Água potável, dez guês ao litro; água potável, dez guês ao litro...

Tinha aos pés, acesa, uma lamparina de azeite, porque já não se via quase nada. Os três acenderam as lanternas dos telemóveis e as escadas iluminaram-se com um brilho azulado. As pessoas com quem se cruzavam olhavam-nos com interesse porque, apesar da longuíssima duração das baterias, poucos se dariam ao luxo de usar os telemóveis como lanternas, com receio de não conseguirem voltar a recarregá-los. Alguns homens e mulheres pareciam servir de táxis, subindo e descendo com pessoas às costas, sentadas numa tabuinha que pendia dos ombros do carregador. Também se cruzaram com uma espécie de liteira adaptada às escadas, levada por duas pessoas. Como sempre, a necessidade aguçava o engenho.

No vigésimo primeiro andar havia um grande letreiro na parede, onde, em letras fluorescentes, se lia «Centro Comercial». Espreitaram pela primeira porta aberta e viram que era uma espécie de armazém de víveres e utensílios diversos. Havia um pequeno balcão iluminado por um foco ligado a uma bateria à manivela. Um homem pequeno lia alguma coisa no telemóvel.

– Ah, boa noite. Novos na cidade? Posso ajudar nalguma coisa? – perguntou-lhes com amabilidade.

– Queríamos comida, água e alojamento.

– Perfeito. Tenho tudo isso.

Nesse momento entraram dois humanos, um rapaz e uma rapariga, com cerca de onze anos.

– Desculpem-me por um momento – pediu o homem a Deuil e às Huskys. – Despacho-os num instante. O que me trazem?

As crianças abriram uma mochila, tiraram sete caixas de medicamentos e pousaram-nas no balcão.

– Vamos lá ver... Hum... Um antidiarreico, mais outro, vitamina C, mais vitaminas. E uma embalagem de subcutâneas de *Pandol*! Isto já é melhor. Nada mau. Não havia mais?

– Estavam nas ruínas de uma farmácia. Como entretanto caiu a noite, já não deu para procurar mais. Amanhã voltamos lá – respondeu a menina.

– Muito bem. Tomem – disse o homem, entregando-lhes duas embalagens de leite de soja e duas latas de medusa em conserva. – Cá vos espero.

As crianças sorriram e foram-se embora, felizes.

– O que me trouxeram não vale muito, mas tenho pena deles – mencionou o homem, com um suspiro. – Bom, vamos ao que nos interessa.

Uma bomba explodiu tão perto que o armazém se iluminou com clarões de chamas e tudo trepidou. As reps e o apalpador agacharam-se instintivamente. O homem continuou impávido.

– Não se preocupem. A Flecha resiste. Não há canhão que possa com ela. Às vezes entra metralha pelas janelas, mas eu cobri-as com uma rede de aço muito apertada. Depressa se habituarão. Posso vender-vos comida ou podem jantar no restaurante, que também é meu e fica a duas portas daqui. E posso alugar-vos... quantos quartos? Um, dois, três?

– Três – respondeu o apalpador.

Bruna olhou para Deuil. Era absurdo gastar dinheiro em três quartos. Claro que, por ela, teriam pedido

apenas dois, e assim podia dormir com Daniel; se o apalpador optara por outra ideia, era porque já não queria nada com ela. Ou estaria a pensar ir para a cama com Clara? Por que razão a sua sósia não intervinha, uma vez que tantos quartos eram claramente um desperdício? Mais para mais, sendo uma rep de combate habituada às casernas? Pelo grande Morlay, pois se até vivia no raio de um microapartamento! Com certeza que tinham combinado encontrar-se nas suas costas. Bruna cerrou os punhos, enojada com a sua própria paranoia, a sua obsessão, a sua estupidez.

– Jantaremos no restaurante – acrescentou.

– Muito bem; nesse caso, três quartos e três jantares são... novecentas gaías. O pagamento é feito antecipadamente.

– É caro – resmungou a detetive.

– É escasso – respondeu o homem.

A androide separou o dinheiro e deu-lho. Continuava a sentir-se uma imbecil.

– Outra pergunta; Mai Burún diz-te alguma coisa?

O homem esfregou a cara.

– Na verdade, lembra-me algo, mas não me recordo bem o quê.

– E a palavra *tranquilidade*?

– Não, essa não. No entanto, a outra é-me familiar...

– Tenta lembrar-te, por favor. É importante.

– Vou perguntar nos outros centros comerciais da torre. Temos uma rede de entreajuda.

Carregou no telemóvel e falou para o ecrã.

– Daqui é Chirousse do 21, Chirousse do 21. Mai Burún diz-vos alguma coisa? Repito: Mai Burún. Estou à escuta.

Houve um minuto de silêncio expectante e depois

ouviu-se a voz de uma mulher.

– Olá, Chirousse; daqui fala Ramírez, do 159. Mai Burún é a mulher das crianças. Vive no 163.

– Claro! Mai dedica-se a recolher crianças de rua. Bem que me fazia lembrar qualquer coisa.

Eram 20h10. Bruna lançou uma olhadela rápida aos outros e viu que pensavam o mesmo que ela.

– Até que horas podemos jantar? – perguntou.

– Não há problema. Até às duas da manhã ou mais. O restaurante também é cabaré.

Assim, decidiram subir sem perder mais tempo. Todavia, demoraram mais de meia hora, a bom passo, a galgar os cento e quarenta e dois andares que os separavam do pretendido; quando as Huskys lá chegaram, o apalpador estava cinco andares abaixo. Enquanto aguardavam Deuil, as androides foram analisando o local. Tinham notado que, à medida que subiam, as condições do edifício pareciam melhorar; viam-se menos portas partidas, menos gente deitada nos corredores. O andar estava bastante calmo, tão deserto que tiveram de bater à porta de um apartamento para poderem confirmar o seu destino com alguém.

– O que desejam? – perguntou uma voz de mulher vinda do interior.

– Procuramos Mai Burún.

– Ao fundo do corredor, diante dos elevadores. Porta 33 ou 34, creio.

Diante dos elevadores havia várias portas, embora nenhuma estivesse numerada. Tentavam decidir a qual bater quando uma se abriu e deixou entrever uma mulher, de uns sessenta e tal anos, magra e ágil, mas muito enrugada. Ou melhor, naturalmente enrugada;

era evidente que não fora operada. Os sulcos da sua pele impressionavam. O cabelo grisalho caía-lhe em madeixas lisas sobre o rosto. A mulher sobressaltou-se ao encontrá-los.

– Mai Burún? – apressou-se a perguntar Bruna, antes que fechasse a porta.

A mulher ficou a olhar para eles.

– Sou eu... – admitiu, hesitante.

– Podemos entrar?

– Não.

– Vimos da parte de Frank Nuyts.

– Não sei quem é.

– Era o marido de Carlos Yárnoz. Creio que conhecias o Carlos, não é? E talvez também Alejandro Gand. Deram-nos um mapa para que pudéssemos chegar até ti. Infelizmente, todos eles morreram.

Mai observou-os, carrancuda, cautelosa.

– Não estão a usar a forma apropriada. Não vos reconheço.

– Viemos de muito longe. Tens de confiar em nós.

– Vou repetir: não estão a usar a forma apropriada. Não posso confiar em vocês. Vou fechar a porta.

Nessa altura, a mente de Bruna iluminou-se como um céu encoberto que, de repente, deixa passar um raio de sol, e ela soube o que devia dizer.

– Tranquilidade. A senha é «tranquilidade».

A mulher suspirou e acalmou-se.

– Agora sim. Entrem.

Entraram para uma sala ampla iluminada por velas, cheia de colchonetes estendidos pelo chão e com as janelas cobertas com painéis de madeira. Umas trinta crianças, entre os cinco e os catorze anos, estavam sentadas nos colchões, em cadeiras e poltronas, a ver

filmes no telemóvel, a ler ou a conversar. Sendo tantos e tão pequenos, faziam pouquíssimo barulho, e a sala estava tão limpa e ordenada como uma caserna militar.

– Venham comigo.

Os três seguiram-na até um minúsculo quarto de dormir vazio, com certeza o da própria Mai. A mulher acendeu dois grossos círios e sentou-se na cama. Como não havia mais lugares disponíveis, foram obrigados a permanecer em pé.

– Vêm buscar o decodificador de Onkalo, não é verdade?

Bruna hesitou por instantes, mas decidiu deixar-se levar pela intuição e dizer a verdade.

– Não sabemos o que viemos buscar. Somos detetives privados. Viemos de Madrid, na região hispana. Estamos a investigar o assassinato de Carlos Yárnoz, de Alejandro Gand e de Nuyts, o marido de Yárnoz. Foi o próprio Nuyts quem nos deu o mapa que nos trouxe até aqui, antes de o matarem. Portanto, sabemos que temos de ir a Onkalo, mas mais nada; desconhecemos até o que nos espera lá. Dizem que é uma zona maldita. Não vem nos mapas... exceto, claro, no de Nuyts.

A mulher olhou para eles, atónita.

– Olha que esta... Não sei. Não era isto que esperava. Yárnoz avisou-me de que voltaria ou que mandaria alguém, creio que o seu marido, julgo que se chamava Frank; fosse quem fosse, diria a palavra-passe. Vocês cumpriram essa parte, mas não sabem mais nada; se calhar até são os assassinos... Não, não acredito. Seriam profissionais bastante estúpidos. Além disso, estou farta de guardar aquela coisa. Vivo cheia de medo. Vou buscá-la.

Pôs-se de pé, aproximou-se da mesa de cabeceira, pegou num boião de creme, meteu os dedos lá dentro e tirou uma coisa pequena e besuntada que limpou, primeiro com as mãos, conscienciosamente, aplicando o creme sobrando na cara, e, depois, com uma ponta da sua camisola azul-escura de algodão. Quando achou que estava apresentável, entregou-a a Bruna.

– É vossa.

A rep olhou para aquilo. Era um retângulo de borracha dura e preta, com uns três centímetros de altura por dois de largura e meio centímetro de espessura, um pequeno ecrã sob a borracha e quatro teclas vedadas embutidas. Um descodificador; um aparelho bastante sofisticado, calculou. Estanque, impenetrável.

Mai voltara a sentar-se na cama e continuava a massajar a cara para que o creme penetrasse bem na pele.

– Onkalo. Onkalo. Por onde começar? Vocês sabem que o problema da energia nuclear são os resíduos. São letais. Muito perigosos e destrutivos. A radioatividade não se vê, não se ouve, não se cheira, mas é capaz de acabar com a vida do planeta. Quando Becquerel e os Curies a descobriram, no início do século xx, não sabiam que estavam a abrir a porta a um monstro infinitamente maior do que nós. A perigosidade dos resíduos nucleares pode perdurar por dezenas de milhares de anos. Percebem onde quero chegar? Nós, humanos, vivemos na Terra há pouco mais do que isso. As primeiras pinturas rupestres só têm trinta mil anos e a toxicidade de alguns resíduos dura três vezes mais. E pensar que foi uma espécie tão fraca, tão ignorante e tão jovem como a nossa quem criou este demónio de

longevidade inimaginável. Como se não bastasse, a cada dia que passava o demónio tornava-se maior e enchíamos cada vez mais o mundo com esse perigo horrível e indomável. Quando o Protocolo do Átomo proibiu a energia nuclear em 2059, havia cerca de oitocentas mil toneladas de resíduos radioativos. É um monstro letal e gigantesco que ainda está connosco. Convivemos com ele. Com a criatura que nós próprios criámos.

Mai calou-se por um momento e passou o seu olhar inquisitivo de um para o outro, talvez para verificar se a seguiam, se estavam mesmo atentos.

– Regra geral, os resíduos nucleares guardavam-se em armazéns provisórios, em grandes tanques submersos, porque a água é capaz de isolar a radioatividade. Porém, tendo em conta que o lixo tóxico se mantém letal durante tantos anos, tais armazéns não eram a melhor solução. Afinal, exigiam muita manutenção e podiam ser assaltados ou destruídos, numa guerra ou por um terramoto. Além do mais, como saber se alguém vai cá estar daqui a setenta mil anos para continuar a encher os tanques de água? Então, os finlandeses, que naquela época eram uma nação independente – estou a falar de finais do século xx – tiveram a ideia grandiosa de criar o primeiro cemitério permanente de resíduos nucleares do mundo, num lugar que não precisasse de manutenção e que conseguisse, pelas suas próprias características, conservar o monstro isolado e contido. Na verdade, era uma iniciativa muito generosa, já que foram os únicos que tentaram assumir a responsabilidade quase eterna do lixo tóxico produzido. E assim nasceu Onkalo, que em finlandês significava «caverna», embora agora lhe

deem também o sentido de «perigo de morte».

– Então Onkalo é um cemitério de resíduos nucleares? – espantou-se Bruna.

– Não. Onkalo é o cemitério de resíduos nucleares da Terra. Não existe outro. É o sepulcro do ogre. Ou melhor, a sua prisão subterrânea, porque ele continua lá em baixo, bem vivo. Inicialmente a ideia era fazer um depósito só para os resíduos das centrais nucleares finlandesas; escolheu-se uma pequena ilha, Olkiluoto, que tem um leito de rocha antigo e estável, sem risco de tremores de terra ou erupções. De facto, era um terreno tão estável que na própria ilha, a uns cinco quilómetros, já existira uma central nuclear. O cemitério consiste numa rampa em espiral de quatro quilómetros de comprimento que desce aos quinhentos e trinta metros de profundidade e é aí, a esse nível, que fica o armazém. Centenas e centenas de cilindros perfurados na rocha; cada alvéolo contém material radioativo num depósito de aço bórico, selado dentro de uma cápsula de cobre, tudo envolto em bentonite. Camadas e camadas defensivas para prender o demónio. Enfim... O facto é que Onkalo começou a ser construído em 2004 e só em 2020 enterraram os primeiros cilindros radioativos. No plano inicial estava previsto que Onkalo continuasse a receber os cilindros das centrais finlandesas até 2120, ou seja, daqui a onze anos. A entrada do cemitério seria então selada com toneladas de betão e far-se-ia desaparecer a estrada e os acessos.

– Desaparecer? Porquê? – perguntou Clara.

– Os construtores de Onkalo pensaram durante muito tempo na melhor forma de avisar as gerações futuras sobre a perigosidade do local. Primeiro

lembraram-se de colocar sinais de aviso; mas quais, em que língua? Como poderiam saber que género de humanos existiriam a cinquenta mil anos de distância, por exemplo? O maior risco que ameaça Onkalo é a curiosidade e a avidez dos nossos descendentes. Se dentro de milhares de anos descobrirem uma construção impenetrável, com certeza quererão abri-la a todo o custo, quererão entrar para ver o que está lá. Será como abrir a caixa de Pandora. O mal e a morte apoderar-se-ão do mundo. Depois de uma extensa reflexão, os promotores do depósito chegaram à conclusão de que o mais seguro era tentar apagar todos os vestígios, fazer com que o mundo se esquecesse de Onkalo e criar a lenda de que é um lugar sagrado ou amaldiçoado. Afinal, os mitos podem perdurar durante milénios.

– Tu mencionaste que só daqui a onze anos se fará a selagem de Onkalo. No entanto, já apagaram os dados e já tentaram criar essa lenda de zona não transitável – lembrou Bruna.

Mai Burún suspirou.

– Oh, sim... Porque os humanos fazem planos, mas depois a realidade encarrega-se de os deitar por terra. Foi um conjunto de circunstâncias: o facto de se proibirem as centrais nucleares em 2059 e, mais tarde, todo o horror e violência do século XXI. As Pragas. As Guerras Robóticas. Não sei se se lembram de que, durante as Guerras Robóticas, assaltaram um armazém provisório de resíduos nucleares situado nos antigos Estados Unidos da América, um desses locais com tanques de água. Além de provocarem uma catástrofe radioativa na zona, só minimizada pelo facto de o armazém estar localizado no deserto do Nevada, com o

material roubado fabricaram-se várias bombas nucleares que os terroristas utilizaram depois na Índia, na China e em Itália... Foram anos atrozes. Mas, claro, vocês não os viveram. Os tecno não existiam e tu devias ser muito pequeno.

– Nasci em 2079, o ano em que começaram as Guerras Robóticas. E não, não me lembro de grande coisa – admitiu Deuil.

– Eu, pelo contrário, lembro-me de tudo muito bem. Fui engenheira nuclear em Onkalo e lá trabalhei de 2085 a 2098. Depois do ataque ao armazém do deserto do Nevada, as potências nucleares compreenderam que teriam de tomar medidas urgentes em relação aos resíduos. Embora algumas das potências estivessem em confronto duraste as Guerras Robóticas, o risco era demasiado elevado para todos; foi decidido elaborar um acordo secreto, o Tratado de Keops, e Onkalo foi declarado o único lugar seguro o suficiente para se desfazerem dos resíduos. Nessa altura, tal como depois do fecho das centrais nucleares em 2059, Onkalo já estava a aceitar resíduos de outras partes do mundo, garantindo assim lucros enormes. Porém, o Tratado de Keops desejava uma solução final, que era enterrar todo o lixo radioativo. Portanto, a ampliação do espaço de armazenamento de Onkalo, a transferência dos resíduos planetários para lá e a selagem do cemitério foram decisões tomadas e executadas num curtíssimo período de tempo. Eu participei nessa corrida megalómana e frenética, um processo que teve tanto de extenuante como de emocionante. No fim, já depois da Unificação, quando começou a surgir nesta zona o terrorismo ultranacionalista, decidiu-se antecipar a selagem ainda mais, o que foi um desastre. Onkalo foi

selado em 2098. Toneladas e toneladas de cimento fecharam a entrada do túnel. O asfalto da estrada foi levantado, a terra revolvida, o solo nivelado, as árvores transplantadas. Ao mesmo tempo, o local foi apagado dos arquivos centrais, da memória pública, das enciclopédias, dos mapas. Criou-se a lenda da sua maldição e pediu-se a jornalistas e a escritores que a difundissem...

– Mas é evidente que alguma coisa não funcionou...
– comentou Bruna, pensando em todo o material radioativo que parecia andar à solta pelo mundo.

– Não funcionou pelos motivos habituais. A debilidade, a improvisação, o desespero, a cobiça humana. O processo foi tão prematuro, tão precipitado e tão atabalhado que vários engenheiros nucleares, nos quais me incluo, consideravam que os últimos depósitos não tinham sido bem isolados e poderiam acabar por contaminar toda a zona. Após um debate acalorado, chegou-se a uma solução salomónica: Onkalo seria selado, como previsto, mas deixar-se-ia um pequeno acesso à última zona de armazenamento, um estreito túnel vertical com um elevador e escadas. E foi o que se fez. Eu não a vi terminada, mas sei que a entrada está lá. É um acesso praticamente invisível do exterior que se manteria aberto durante algumas décadas a fim de podermos verificar se a radioatividade do depósito aumentava e que, a seu tempo, seria também selado.

Mai calou-se e cobriu o rosto com as mãos. Permaneceu mais de um minuto sem se mexer, enquanto as Huskys e Deuil se entreolhavam, inquietos, sem saberem muito bem o que fazer. Por fim, Burún levantou a cara e suspirou.

– Eu não faço parte da pequena equipa que tem de descer periodicamente para efetuar as medições. Deixei de trabalhar em Onkalo em 2098, aquando da selagem, mas, ao contrário da maior parte dos meus colegas, permaneci em Pori por razões pessoais. Há oito anos Gand veio ter comigo. Queria que lhe mostrasse a entrada do túnel de verificação, ofereceu-me muito dinheiro e eu aceitei. Envergonha-me dizê-lo, mas precisava dele para as crianças. Levei-o até lá e não precisei de fazer mais nada; Gand tinha o decodificador e sabia como entrar. Depois disso, só soube novamente dele há uns meses, quando aqui apareceu na companhia de Carlos Yárnoz. Pediram-me que ficasse com o decodificador e disseram que voltariam a buscá-lo. Voltaram a pagar-me muito bem. Isto é tudo o que sei e prefiro não saber mais. Quando levarem essa coisa maldita da minha casa ficarei muito mais tranquila.

Demoraram vinte minutos a descer até ao vigésimo primeiro andar e não disseram uma palavra durante todo o trajeto. Era impressionante saberem que a trinta quilómetros de distância em linha reta estava sepultado um monstro criado pelos seres humanos. Oitocentas mil toneladas de morte invisível. Onkalo era, sem sombra de dúvida, a porta do inferno.

Também não conversaram muito durante o jantar. O restaurante acabou por ser um local heterogéneo e ruidoso, onde uma multidão excitada assistia a um espetáculo erótico, onde se apresentavam homens, mulheres, alguns reps e vários mutantes, sem dúvida para fomentar a atração mórbida. A comida era o consabido sucedâneo de filetes à base de medusa, um prato mau, mas abundante, que as Huskys devoraram até à última migalha, sabendo que teriam de acumular energia para o que as esperava no dia seguinte. O apalpador, pelo contrário, quase não lhes tocou. Deuil estava com um humor tenebroso, tenso, hermético. Parecia tão estranho que até bebeu vinho, coisa que Bruna nunca o vira fazer.

Da conversa com Chirousse, o dono do restaurante, conseguiram saber que, de facto, a zona onde se situava Onkalo era um território abandonado, inundado e insalubre onde ninguém queria ir. A única maneira de lá chegar era a pé, de modo que decidiram partir às sete da manhã. Compraram água e mantimentos no armazém e deitaram-se cedo, cada um no seu quarto. Naquele desperdício de dinheiro, como se estivessem a

fazer turismo.

Depois de fechar a porta do quarto, Bruna apoiou as costas à madeira e sentiu-a vibrar com as explosões. Os tiros de canhão tinham aumentado. A divisão era estreita e comprida, iluminada por um pequeno candeeiro de néon que, ligado a uma bateria à manivela, espalhava uma luz escassa e lívida. Numa das extremidades havia uma cama grande com o colchão cheio de altos e, aos pés, colocado na perpendicular, um pequeno catre. Duas cadeiras bastante maltratadas, uma de madeira e outra de metal, faziam as vezes de mesas de cabeceira. A janela estava tapada com uma tábua grossa duroplástica. Numa das paredes sujas e descascadas via-se um quadro. Era um daquelas estampas holográficas baratas que se compravam nos mercados, uma manada de cavalos com as crinas ao vento; se lhes tocassem na cabeça, galopavam. Era um quadro horrível e um dos quartos mais deprimentes em que Bruna já estivera. A androide amaldiçoou mentalmente o seu memorista por lhe ter dado o dom envenenado do conhecimento da beleza; Clara, por exemplo, ocupava um quarto igualmente horrível e estaria com certeza a sentir-se encantada. Encantada e talvez nos braços do apalpador. Nessa manhã, apesar de todo o cuidado que tivera, o anel de cabelos que Gabi lhe pusera no dedo partira-se, e Bruna considerou tal incidente um mau presságio.

Julgou que as duas primeiras pancadas eram abalos de bombas, mas depois apercebeu-se de que batiam à porta. Afastou-se e abriu. Era Daniel. Entrou em silêncio e foi como se o quarto escurecesse. Trazia uma garrafa de vinho branco e duas taças, e vinha possuído por alguma coisa: fúria, medo, ódio ou amor. Uma

emoção intensa que inundava tudo. Olhou para a rep e mostrou-lhe as taças.

– Vamos celebrar termo-nos conhecido – indicou com voz rouca.

– Julguei que não bebias álcool. Aquilo de o corpo ser sagrado e tudo o mais.

– Contigo traí muitos dos meus princípios – respondeu o tátil enchendo as taças.

Brindaram e beberam. Depois, Deuil agarrou a rep pela cintura com o braço livre e empurrou-a até a esmagar contra a parede, os corpos separados apenas por milímetros, as respirações enredadas.

– Quero despir-te. Quero abrir-te essas pernas de guerreira e entrar em ti – sussurrou, embriagado com algo mais do que só o álcool.

Ao ouvi-lo, um incêndio percorreu o corpo de Bruna. Separaram-se com uma ansiedade de náufragos prestes a afogar-se, pousaram o vinho com descuido e tiraram a roupa, cada um a sua, a toda a pressa. Ergueram-se já nus sobre o monte desforme das roupas de ambos e o tátil voltou a atirar-se a Husky, caindo abraçado a ela na cama. Uma das taças voltou-se e molhou o colchão e o corpo de Bruna.

– Ah! O vinho da celebração... e do sacrifício – disse Deuil.

Cavalgando a androide, começou a lamber o líquido que lhe escorrera para o peito.

– Talvez seja a última vez que fazemos amor – sussurrou, passando a língua com delicadeza pela beira da axila da rep.

– Porquê?

– Podemos morrer amanhã. Não vamos para uma zona maldita?

Bruna agarrou na cara de Deuil com ambas as mãos e forçou-o a afastar-se dela para poder vê-lo.

– O que tens, Daniel?

Os olhos do apalpador eram abismos, como se não houvesse ninguém do outro lado. No entanto, os olhos tatuados no peito pareciam arder e contemplá-la. De repente, o tátil meteu os braços por entre os da androide e abriu-os com um gesto brusco, afastando as mãos de Bruna; a seguir, concluiu habilmente o movimento com uma chave, imobilizando-a; Husky ficou com as pernas do tátil enroscadas nas suas e com as mãos do homem a prender-lhe os pulsos por cima da cabeça.

– Posso contigo – disse o apalpador, ofegante.

Bruna sentiu a firmeza inesperada das mãos dele nos seus pulsos, o sábio uso do peso do seu próprio corpo para a imobilizar. Mesmo assim, julgava conseguir libertar-se sem grandes problemas. Só que não queria.

– Não creio – respondeu.

– Posso contigo porque me amas e isso enfraquece-te – sussurrou ele.

– Não creio.

Os tiros de canhão soavam mais longe, palpitações da noite que o vento trazia. Bruna olhou para o rosto de Deuil como se fosse a primeira vez que o via. Para as suas belas e aguçadas maçãs do rosto. Para os seus olhos rasgados como duas facadas. Para as orelhas pequenas, as faces rapadas. Para os caninos translúcidos e para aqueles lábios finos e bem desenhados, lábios fortes que ela conhecia tão bem. Nunca lhe parecera tão bonito.

– Enlouqueces-me, Bruna – murmurou Daniel, afrouxando a pressão e olhando-a com uma expressão

desolada, derrotada. Nessa altura, porém, a cara dele transformou-se, ruborizando-se de fúria. Com uma palmada, arrancou o elástico que lhe prendia o rabicho e o cabelo comprido, liso e negro caiu sobre eles como uma chuva espessa. A rep nunca o vira com o cabelo solto. Voltou a prender os pulsos de Bruna contra a cama e, abrindo as pernas da androide com as suas, mergulhou nas profundezas da carne dela.

– Diz que me amas – ordenou-lhe, enquanto a possuía.

Bruna apertou os lábios.

– Diz que me amas!

O cabelo do apalpador envolvia-os como uma gruta; era uma cascata de sedosa escuridão que acariciava os ombros da rep a cada impulso. Bruna nunca dissera a um homem que o amava, nem sequer a Merlín. A pele dos dois amantes escorregava, os corpos dançavam, fundiam-se, Daniel entrava cada vez mais dentro dela e estava quase a chegar ao seu coração.

– Diz que me amas! – repetiu com uma ânsia feroz e com um desespero raiano à violência.

As bombas explodiam dentro das veias da rep. Tempestades de lágrimas, torvelinhos de sangue. Os cavalos galopavam na parede, o mundo acabava-se e um prazer tão agudo que parecia uma dor subiu pelo peito de Bruna e rasgou-lhe a garganta para chegar à boca.

– Amo-te!

Gritou.

E era verdade.

E era mentira.

Nem tudo o que o Arquivo Central indicava sobre a zona maldita estava correto. Não havia gêiseres nem emanções de enxofre, mas o terreno estava parcialmente inundado devido à subida do nível da água, apesar dos diques construídos décadas antes. À medida que se afastavam de Pori, afastavam-se também da frente de batalha, do troar dos canhões e das casas e ruínas. Dir-se-ia que o plano de apagar Onkalo da memória coletiva estava a funcionar porque, quanto mais se aproximavam do seu destino, mais vazio e desolado era o território. No início seguiram a estrada antiga, embora tivessem de fazer desvios frequentes ao encontrarem trechos submersos. No entanto, a certa altura, quando entraram na parte cega da carta oficial, na terra incógnita, o asfalto desapareceu por completo. A paisagem era triste, inóspita; um bosque ininterrupto, monótono e húmido de árvores enegrecidas e ralas, um solo de pedregulhos redondos de granito, cobertos de líquenes amarelados e, de vez em quando, charcos de água turva. Cinzentas as rochas, negras e crispadas as árvores despidas, branco-sujo o céu. A única cor era o pardo desmaiado e doentio dos líquenes.

E o silêncio. Aquele silêncio irreal. Sem pássaros. Sem vento. Só se ouviam os passos dos três e, por vezes, o ranger de alguma árvore, madeira velha que soava como um lamento. Deuil ia à frente, seguido por Bruna, e, no fim, Clara. Bruna voltava-se muitas vezes; tinha a sensação de que eram seguidos. Uma percepção absurda, talvez, mas que a inquietava. Tocou, com alívio,

na *Beretta* que levava no bolso direito das calças. Num saquinho pendurado ao pescoço trazia uma carga de plasma sobresselente, os seus preciosos opiáceos subcutâneos e um frasco de *bioglue*; o equipamento de emergência para o combate. Às vezes um opiáceo permitia que continuassem a lutar, apesar da dor, e salvava-lhes a vida.

Novos estalidos atrás deles, novo calafrio. Bruna voltou-se de novo. A mesma paisagem de troncos escuros e ramos espetados. É a Morte, pensou, a Morte que me persegue, como na minha história. Três anos, nove meses e catorze dias.

– O que tens, Bruna? – perguntou-lhe Clara, aproximando-se.

– Tenho a sensação de que nos seguem.

– Sim. Eu também estou inquieta, mas acho que é mais pelo que temos pela frente. Não sei. Tenho um mau pressentimento.

Calaram-se e percorreram juntas um bom trecho. Ainda tinham horas de marcha através da paisagem desanimadora. Um percurso monótono, aborrecido, enervante.

– Como era a história que a menina russa te pediu que lhe contasses? A que prometeste terminar no regresso?

Bruna sorriu. Desde que se haviam conhecido, acontecia com frequência ela e Clara terem as mesmas ideias ao mesmo tempo.

– Mesmo que não acredites, inventei uma história. Estava justamente a pensar nisso: em como a Morte nos persegue, tal como na minha história.

– Ah, sim? Conta-ma, vá lá...

Bruna suspirou:

– Hum, é longa.
– Não interessa.
– Faça-te um resumo: imagina um mundo feliz onde não existe memória e, portanto, também não existe tempo...

– Porquê? Porque é que não há tempo se não houver memória?

– Porque, se não recordamos o passado, só existe o presente... Se me vais interromper, não continuo.

– Está bem, está bem.

– Bom. É um mundo feliz onde também não há morte. Os lobos comem fruta e os tigres dormem com os veados. Aí vive um povo de seres duplos, formados por um gigante e um anão. Cada gigante transporta o seu anão às cavalitas. Esses seres são mudos, mas amam-se com ternura e compreendem-se na perfeição.

– E porque não falam? Desculpa, desculpa... Continua.

– Entendem-se de forma tão perfeita que entre eles não há necessidade de palavras. Um dia, porém, um dos anões convenceu-se de que era uma pena amar tanto o seu gigante e não conseguir lembrar-se dos momentos doces que passavam juntos.

– Porque se esqueciam de tudo, claro.

– Isso mesmo. Então, para registar esses momentos, o anão pôs-se a desenhar na pele do gigante o que lhes acontecia. Desenhava bem e o truque funcionou porque, de facto, passou a recordar-se; no entanto, as lembranças começaram a angustia-lo, porque se pôs a comparar os instantes felizes vividos e achou que em tempos idos se tinham amado mais, que o gigante já não o queria da mesma forma. E tão obcecado ficou que um dia não aguentou mais, agarrou os cabelos do

colosso e...

– O que é um colosso?

– Um gigante, raios te partam! Agarrou-se aos cabelos do gigante e gritou: «Quero que me digas que me amas.» E então a Terra tremeu, o céu abriu-se, o tigre comeu o veado e os pássaros caíram fulminados em pleno voo. Porque, com estas palavras, acabou o paraíso e entraram no mundo o tempo, a memória e a Morte.

– Porquê?

– Inventei a história assim. Então, os seres duplos separaram-se, gigantes para um lado e anões para o outro, e passaram a odiar-se, porque cada uma das partes entendia que a outra tinha sido a causa de o Mal inundar o mundo. No entanto, mesmo estando separados, o nosso gigante e o nosso anão continuaram a amar-se. Fugiram juntos, porque a Morte os perseguia, ciumenta por ainda se quererem. E assim se passaram mais de três anos, até que um dia a Morte acabou por alcançá-los e beijou o gigante, que caiu fulminado, afogado no seu próprio sangue.

– Não!

– Sim!

– E depois?

– Fiquei aí. Ainda não inventei o fim.

– E foi esta história que contaste à miúda? É terrível.

– Aquela criança é mais dura do que eu.

– Sim. Eu sei. Precisamente por isso é que precisa de um final feliz.

Bruna olhou para a rep, surpreendida. Eram tão parecidas e, ao mesmo tempo, tão diferentes... A literalidade de Clara, a sua falta de capacidade metafórica e, ao mesmo tempo, a enorme lucidez com

que dissecava as situações mais complexas, a simplicidade profunda e certa do seu pensamento. A clareza de Clara.

Face à obscuridade de Bruna.

– O que faremos quando chegarmos a Onkalo?

– Entramos. Conseguimos imagens. Reunimos provas que possamos levar para Madrid. É preciso descobrir quem é a «toupeira» e quem contratou a Viúva Negra – disse a detetive.

– Bom, mas tentemos não despertar o monstro porque pode acontecer como na tua história e a Morte entrar no paraíso.

Vejam lá, a Clara a usar uma metáfora, pensou Bruna. Só precisava de um pouco de treino.

– Olhem, o golfo de Bothnia – exclamou o apalpador.

De facto, por entre as árvores já se vislumbra o mar. Aproximaram-se da margem e ficaram a olhar para as águas mercuriais. Se tal observação fosse atenta, por baixo da superfície prateada via-se palpar a massa gelatinosa das alforrecas; bancos gigantescos de medusas que espessavam os oceanos e os esvaziavam de outras formas de vida.

– A ilha de Olkiluoto fica mais a sul – mencionou Deuil, consultando o mapa que Yiannis obtivera a partir da pintura de Munch e que os três tinham inserido no telemóvel.

Passaram por várias ilhas e ilhotas, muitos canais de água e alguns diques meio destruídos. Via-se que a zona fora bastante afetada pela subida do nível do mar. Passada quase uma hora, avistaram uma cabana de pedra construída na margem e uma pobre barca de quilha quase plana amarrada junto dela. Quando se

aproximaram, um cão saiu a ladrar. Era um mostrengo branco e preto que mal se erguia a dois palmos do chão e que tinha três cabeças, duas praticamente iguais em tamanho e outra mais pequena. Um animal mutante. Logo em seguida apareceu um homem velho e esfarrapado, com uma corcunda sobre a omoplata direita, talvez também resultado da desordem TP. Os dois grupos entreolharam-se, com o cão a rosnar, agora em surdina, dos seus três focinhos. Eram seis da tarde e a luz diminuía. Era irreal encontrar alguém assim naquela solidão, naquela paisagem.

– Este deve ser o barquinho desenhado no mapa – sugeriu Bruna, aproximando-se do homem. – Queremos ir à ilha de Olkiluoto. É aquela? – perguntou, apontando para a costa próxima, no outro lado da língua de água.

O corcunda assentiu com um movimento da cabeça e estendeu a mão com a palma para cima.

– Quanto custa atravessar? – perguntou a rep.

O velho levantou três dedos da outra mão.

– Trinta guês?

O homem negou.

– Trezentos?

O velho mutante assentiu.

A androide pagou-lhe e o corcunda soltou a barca, entrando nela com o cão. Daniel e as Huskys apressaram-se a fazer o mesmo. O velho pôs-se a remar com uma energia inesperada, enquanto o cão apoiava as patas dianteiras na borda, ofegava com as suas três línguas de fora e abanava a cauda, feliz. O mostrengo gostava de navegar.

– Como faremos para voltar? – perguntou Bruna à chegada, quando saíram da barca.

O homem procurou alguma coisa no bolso e entregou à rep o tubo estreito de um foguete de sinalização. Depois apontou para a cabana, bastante visível na margem contrária, e, a seguir, com um dedo para o seu próprio olho.

– Disparamos o foguete e tu voltas a buscar-nos... – interpretou a androide.

O corcunda assentiu e começou a remar de regresso a casa. Bruna viu-o afastar-se com uma expressão de dúvida. No pior dos casos voltariam a nado, visto que a margem não ficava assim tão longe. O maior problema eram as alforrecas urticantes.

Penetraram na ilha rodeados pela mesma paisagem de granito, troncos pretos e líquenes, à procura das coordenadas que Yiannis decifrara: 61.23513°N21.4821°E. O local parecia intacto desde o início da Criação e era inimaginável terem andado ali a escavar e a construir uma obra descomunal como Onkalo durante cerca de um século. Tinham com certeza existido estradas, pontes, porventura dormitórios para os operários. Todavia, não subsistiam quaisquer vestígios de tais infraestruturas. A camuflagem fora perfeita.

– É aqui – indicou Deuil.

– Aqui? Aqui onde? – admirou-se Clara.

Só se viam árvores, só se avistavam pedras, e as sombras começavam a aquietar-se.

– Procuremos com atenção. Temos de estar perto. Mai Burún disse que quase não se via – lembrou Bruna.

Começaram a andar às voltas, a examinar o solo, até Daniel dar um grito abafado.

– Acho que encontrei – exclamou, com a garganta sufocada pela emoção.

As reps correram para junto dele. Umas quantas rochas de granito disfarçavam quatro ou cinco degraus que davam para uma porta metálica, da mesma cor cinzenta, incrustada na pedra. Era, sem dúvida, a entrada. Bruna soltou a respiração. Era arrepiante pensar que estavam mesmo sobre oitocentas mil toneladas de resíduos radioativos.

– Bom. Vamos entrar – propôs.

Tirou o decodificador e colocou-o sobre a porta. O aparelho ativou-se logo com o contacto e no pequeno ecrã começaram a passar a toda a velocidade combinações de números e sinais. As quatro teclas vedadas iluminaram-se, vermelhas, e começaram a piscar. Esperaram que o aparelho decifrasse o código. Passou-se um minuto. Passaram-se dois. Aos três minutos o aparelho apagou-se. A porta continuava fechada.

– Alguma coisa não funciona – disse Bruna, examinando o decodificador.

Voltou a colocar o aparelho sobre o metal, ele reativou-se e repetiu a rotina anterior. A detetive carregou ao acaso numa das teclas; ouviu-se um som discordante que indicava erro e a tecla continuou vermelha e a piscar. Bruna carregou nas outras teclas e aconteceu a mesma coisa.

– Acho que nos falta uma chave. Uma chave que teríamos de marcar nestas teclas...

Nesse instante entrou uma chamada de Lizard no seu telemóvel, acompanhada de um pequeno indicativo de alerta. Não era o momento ideal para falar com o inspetor, mas um alerta não era algo que devesse ser ignorado.

– O que aconteceu?

O rosto do inspetor estava a sépia e nuvens disformes de píxeis passavam por cima da sua imagem como bandos de pássaros. A qualidade da comunicação era péssima.

– Tenho de falar contigo imediatamente. Em privado. Já, Bruna.

A rep franziu o sobrolho.

– Enquanto isso, deixa-me ir tentado – sugeriu o tátil, estendendo a mão.

A rep entregou-lhe o decodificador, subiu os degraus e afastou-se uns vinte metros das rochas.

– Diz.

– Apareceu o cadáver de Daniel Deuil.

– O quê?

– Do tátil!

– O pai de Daniel morreu?!

– Bruna, o tátil Daniel Deuil não tinha filhos.

– Não pode ser... Estás enganado.

– Não tinha descendentes! Por isso demoraram tanto tempo a encontrar o cadáver. Divorciado, sem filhos, sem muitos amigos... descobriram-no pelo cheiro. Está morto há três semanas e meia, Bruna. A médica-legista acha que o mataram entre o dia 22 e o dia 23 de julho. Não foi quando começaste a consultá-lo?

A 23 de julho! O coração dela deteve-se entre duas palpitações porque soube que Lizard tinha razão. Aquela fora justamente a data da primeira consulta. Ouviu um ruído ao longe, como que uma pancada metálica, e olhou para a entrada de Onkalo, mas as árvores impediam-lhe a visão. Tirou a *Beretta* do bolso.

– Onde estava o cadáver?

– No consultório.

No consultório! Por isso nunca mais voltámos a ter

sessões ali, pensou Bruna, com suores frios a inundar-lhe a testa. Quando conhecera o tátil, o verdadeiro Deuil já devia estar morto.

– Bruna, não sei quem é esse homem com quem estás, mas tem muito cuidado.

Bruna arrepiou-se. Sentira uma presença atrás de si. Desligou e voltou-se, empunhando a arma. Não se surpreendeu ao deparar com o apalpador e nem sequer ao descobrir que ele lhe apontava uma pistola de plasma, embora desconhecesse a existência da arma.

– E Clara? – perguntou.

– Está bem... para já. Fechei-a no acesso a Onkalo. Abri a porta, ela entusiasmou-se e entrou, e eu aproveitei para a prender.

– Quem és tu?

O homem levantou o queixo com altivez.

– Sou Berrocalino, filho de Burgonando, Amo e Senhor em Labari.

Bruna olhou para ele, atónita.

– Mas como é possível... Como pudeste...

– Sirvo o meu Reino e a minha Fé. Precisamos do combustível nuclear para continuarmos vivos. O sistema funcionou na perfeição durante anos. Sempre nos entendemos bem com Marlagorka e os seus parceiros, até que o miserável Carlos Yárnoz nos traiu por dinheiro. Um intermediário, a julgar que podia independentizar-se! Mereceu a morte que teve.

– Foste tu que o matou?

– Não. Yárnoz foi morto pela Viúva Negra, a mando de Marlagorka. Eu matei Nuyts.

– Nuyts!

– Não olhes assim para mim! Cumpri o meu dever. Ele ia dar-te provas de que o Reino usava energia

nuclear. Voltei a casa dele e degolei-o. Fiz bem.

– Por isso coxeavas tanto no dia seguinte...

– Valeu a pena. Era um traidor. E um sodomita, um perverso. Também matei Gand e orgulho-me de o ter feito. Segui-te e, quando reconheci Yárnoz no parque, calculei que Gand estaria no apartamento clandestino que tinha em Madrid. Eu sabia onde era. Por isso cheguei antes de vocês. Matei Gand e tirei-lhe o diamante.

– O que significa que tu tiveste o maldito diamante durante todo este tempo.

– Pertencia-nos moralmente! Era nosso. No diamante estavam encriptadas as provas de que Labari usa energia nuclear. Usá-las-iam para nos chantagearem!

– E suponho que foi o diamante que te serviu para abrir a porta. Devia também conter o código que faltava...

– Muito esperta. Com efeito, o diamante fornece um algoritmo capaz de decifrar o código, que muda diariamente.

– Mas se tu eras um aliado de Marlagorka, porque nos atacou a Viúva Negra?

– Já não somos sócios. Em Labari considerámos que era demasiado arriscado voltar a depender de alguém alheio à nossa fé e decidimos gerir diretamente o fornecimento radioativo. Calculo que Marlagorka não encarou isto muito bem e tornou a contratar a Viúva Negra. Quando Nichu Nichu nos atacou em tua casa, vinha atrás de mim e não de ti.

Bruna fitou-o. Aquele rosto bonito que ela acariciara, aqueles lábios que ela beijara.

– Porque me contas tudo isto?

Os olhos do homem flamejavam.

– Porque quero que me compreendas antes de morreres.

– Daniel, ou Berrocal, ou lá como te chamas, eu também estou a apontar-te uma pistola. Tens tantas possibilidades de morrer como eu. Se calhar, até mais. Não te esqueças de que sou uma rep de combate.

Ele sorriu. Um sorriso feroz e amargo.

– Olha bem para a tua pistola, Bruna. Olha para o indicador de rendimento.

A rep deu-lhe uma vista de olhos e ficou com a respiração suspensa: estava no vermelho.

– Tirei-lhe a bateria central. Destruí-a. A tua arma não serve para nada. Não é bom confiar tanto nas pessoas. Eu avisei-te de que podia contigo porque me amas e isso enfraquece-te.

Lentamente, a androide baixou o braço. Na noite anterior aquele homem estivera dentro dela. Sentiu a mágoa como uma dor física, localizada no peito.

– Porquê eu? Porque assassinaste o verdadeiro Deuil?

– Por causa de Gabi e dos seus problemas de saúde. Julgámos que mantinhas contactos com Gand e Yárnoz, e creio que Marlagorka também terá pensado o mesmo. Depois descobrimos que não; no entanto, acabaste por ser muito útil.

– Vais matar-me?

O homem contraiu os maxilares.

– É a minha obrigação. É a Lei. Tenho de obedecer ao Princípio Único Sagrado.

– Ontem estiveste nos meus braços. Fizeste amor comigo. Com uma rep. De acordo com a tua religião, um ser impuro.

Um tremor agitou a cara do homem. Passou depressa.

– Pequei. Tenho de fazer penitência. O meu castigo é matar-te.

– Pelo grande Morlay! Tens mesmo o cérebro assim tão condicionado pelo dogma? Não tens nem uma pequena dúvida?

– «Perturbado pelas palavras caís no abismo. Em desacordo com as palavras chegas ao beco sem saída da dúvida» – declamou com voz pretensiosa. – E assim é, Bruna. A dúvida é um beco sem saída e as tuas palavras nem ao de leve me afetam.

Nesse momento, a cara do homem desapareceu, despedaçada. Volatizada. Durante um milésimo de segundo os seus longos cabelos pretos flutuaram no ar, soltos e belos, abertos como uma anémona-do-mar. Depois, o cabelo e o corpo sem cabeça caíram pesadamente no chão. Atrás dele estava Nichu Nichu, pequena e compacta, com uma pistola de plasma negro na mão.

– Novatos. Isto acontece por se porem a falar em vez de dispararem – lançou, depreciativa.

E apertou o gatilho, um instante depois de Bruna ter iniciado um salto lateral. O feixe devastador do plasma negro passou a milímetros da anca da rep e acertou numa árvore. Bruna ainda rolava pelo chão quando viu a árvore a cair sobre ela. Primeiro ouviu um ruído pavoroso, o estalido dos ossos partidos e, imediatamente, sentiu uma onda de dor tão insuportável que esteve quase a perder os sentidos. Olhou para a esquerda e viu que estava deitada de costas no chão e que o tronco lhe esmagara o antebraço. Uivou como um animal enquanto a Viúva

Negra se aproximava.

– Hum... Bravo. Muito bem. É muito melhor assim – comentou, inspecionando os estragos.

Logo a seguir desapareceu do campo visual de Bruna. Ofegante, rangendo os dentes e tentando não perder a consciência, a rep ouviu vozes ao longe, ruídos, um grito. Pouco depois Nichu Nichu voltou a aparecer. Clara vinha à frente dela com as mãos na cabeça. A assassina levava a pistola encostada à nuca da rep.

– Vês? Está presa e sofre imenso. Se fizeres o que te mando, dou-lhe um tiro de misericórdia. Caso contrário, continuará a sofrer bastante. Olha, o peso do ramo serve de torniquete. Não está a sangrar muito. Pouca sorte para ela. Vai demorar a morrer.

– Não acredites nela... – balbuciou Bruna, cerrando os dentes.

Clara não falou. Fitava a sósia, impassível, com aquela serenidade e concentração absoluta no combate que Bruna tão bem conhecia.

Nichu Nichu empurrou a androide com a arma e as duas voltaram a desaparecer do campo visual da detetive. Bruna ficou ali, fechada na solidão absoluta que o sofrimento físico provocava. Sentiu a tentação imperiosa de usar os opiáceos que trazia ao pescoço mas, com grande esforço, decidiu não o fazer; queria permanecer o mais alerta possível, de modo que se concentrou na respiração a fim de não desmaiar. Respirar e continuar a respirar no minuto seguinte. Respirar e não enlouquecer de tanta dor.

Deve ter perdido os sentidos durante algum tempo porque, de repente, se apercebeu de que já era noite. A lua crescente inundava o bosque esquálido com um brilho lívido e gelado.

– Bruna... Bruna...

Era a voz de Clara. Provavelmente, fora isso que a arrancara do seu desfalecimento. Tentou levantar a cabeça para ver melhor, mas uma dor insuportável subiu-lhe pelo braço e cravou-se-lhe no cérebro. Ouviu um grito arrepiante e demorou alguns instantes a perceber que esse ruído lhe saía da boca.

– Bruna!

Um vulto irregular vinha na sua direção. Cambaleante. Alguém com dificuldade em andar. Era Clara. Sim, agora Bruna via-a bem sob o luar prateado; Clara aos tropeções e a avançar desajeitadamente de gatas. Chegou muito perto da detetive e deixou-se cair no chão um pouco de lado. Respirava com dificuldade.

– Bruna... – repetiu a rep, sorrindo.

Os seus dentes perfeitos brilhavam como joias ao luar.

– Bruna, ma...matei-a. Matei-a. Ven...ci-a.

– Clara, o que te aconteceu?

– Parti-lhe o pescoço... Lenta...mente...

Clara mostrou um sorriso orgulhoso e cansado, levantou a mão e mostrou-lhe um telemóvel. Pousou-o na terra, entre ambas.

– Tirei-lhe o... telemóvel. Aqui deves encontrar tudo. Eu seria uma boa... detetive, hã?

– Clara...

A androide começou a sangrar pelo nariz.

– Fez-me entrar... no compartimento... Absorver aquilo... Fui atingida pela radiação.

A dose devia ter sido altíssima, pensou Bruna. Cem mil *milisieverts*. Informara-se um pouco quando surgira o problema de Gabi. Cem mil *milisieverts* matavam uma pessoa em menos de uma hora devido ao colapso do sistema nervoso. De facto, a rep estava agora com uma convulsão. Os dentes dela rangeram. Quando as sacudidelas diminuíram, abriu muito os olhos.

– Como é rápido, isto – suspirou.

Voltou-se para Bruna e, estendendo com esforço o braço esquerdo, agarrou-lhe na mão. As mesmas mãos, a mesma cara, os mesmos olhos dourados de tigre. Clara sorriu, apertou suavemente os dedos de Bruna e olhou-a com ternura.

– Irmã... – sussurrou.

E tudo se acabou.

A Morte apanhou-nos, pensou Bruna. A Morte apanhou-nos.

Também pensou: pelo menos a Clara livrou-se do TTT.

Depois berrou e berrou, uivou de dor e de horror na solidão daquela lua indiferente.

Quando não conseguiu gritar mais soltou a mão de Clara, procurou no saco que trazia ao pescoço o opiáceo subcutâneo e enfiou-o no pescoço. Depois voltou a agarrar a mão ainda morna da rep e, antes que a droga a atordoasse demasiado, refletiu sobre a sua situação. Ainda trazia no braço direito a boia de salvação que Lizard lhe pusera dias antes, aquela pequena cicatriz falsa. No entanto, não conseguia pedir

auxílio porque não tinha mão com que marcar o código morse. A única vez que a invenção do inspetor lhe poderia servir de alguma coisa, não conseguia ativá-la. Sorriu e apercebeu-se de que a dor pavorosa da ferida diminuía. Quando um sofrimento físico agudo abrandava, surge uma sensação muito semelhante à felicidade. Bruna contemplou a Lua. Um gomo delicado de prata. O opiáceo não duraria muito. Tinha mais duas doses; mesmo que as tomasse em simultâneo, não morreria e, com a sua resistência colossal, provavelmente continuaria viva depois de a analgesia ter acabado. Precisava de descobrir uma forma de se matar. Suspirou. Por entre as árvores despidas via-se o céu, e, se olhasse para o lado contrário à Lua, eram visíveis as estrelas. Faíscas cintilantes na distância. Uma noite muito bonita.

Nessa altura deu-se conta de que a mão direita de Clara agarrava alguma coisa. Uma pistola. O plasma negro de Nichu Nichu. Fora isso que Clara tentara fazer... Matá-la. Todavia, a pistola não estava ao alcance de Bruna; teria de arrastar o corpo da rep até chegar à arma. Deu um pequeno puxão no braço da morta e a pistola baloiçou perigosamente. Era um instrumento grande e pesado e era provável que, ao mover o cadáver, se soltasse da mão de Clara. Teria de esperar pelo *rigor mortis*; teria de aguardar que os dedos da androide se fechassem em volta do metal.

Assim, esperou. Agarrada à mão de Clara, esperou.

No céu apareceu uma franja verde-maçã. Uma linha de luz que começou a curvar-se sobre si própria, a ondular, a adquirir um tom mais intenso, um verdor fabuloso de fogo, cada vez mais encaracolado e agitado, cada vez mais belo e ofuscante, até todo o céu ser uma

labareda. Uma aurora boreal, partículas do Sol a embater na atmosfera da Terra. Aquilo, sim, era poderoso. Aquilo, sim, era radioativo. Bruna estava deitada sobre o monstro criado pelos humanos, oitocentas mil toneladas de morte e destruição, mas por cima dela ardia toda a potência do Universo, o deslumbrante e ofuscante mistério do mundo.

Sentiu que a mão de Clara já estava um pouco rígida. Libertou-se com alguma dificuldade e começou a puxar pelo corpo da rep. Pouco a pouco. Com um único braço era difícil e, além disso, o esforço provocava-lhe guinadas de dor, apesar do opiáceo. Finalmente conseguiu chegar à pistola de plasma; um por um, teve de abrir os dedos de Clara para libertar a arma. Esgotada, deixou que a sua mão e a pistola repousassem uns instantes sobre o peito. Já estava tranquila. Agora poderia matar-se. Lembrou-se de Carnal, a ativista do Movimento Radical Replicante. Ia provar-lhe que os androides se conseguem suicidar. Continuou a olhar, hipnotizada, para a belíssima dança da aurora boreal. Um remoinho de pó de estrelas. Irmã, chamara-lhe Clara. De alguma forma, Bruna sentiu-se vagamente confortada com a possibilidade de haver outras Huskys. Talvez fosse o mesmo consolo sentido pelos humanos ao olharem para os filhos. A perseverança tenaz dos genes. A obstinação cega da vida em viver. Bruna levantou a pistola e encostou-a à têmpora. A vantagem do plasma negro era não ser possível errar. A cabeça inteira ficaria pulverizada. Como acontecera com Daniel. Que não era Daniel. Com os seus longos cabelos de nobre labárico a flutuar no ar. Com os seus negros cabelos de amante traidor a pender sobre ela como uma cascata. Lá em cima, no céu, o

Universo continuava a sua dança elétrica. Bruna tinha a certeza de que os seus olhos refletiam o fulgor esverdeado da aurora boreal. Os seus olhos de tigre, como os de Clara. Estava na hora de morrer. Mas não, ainda não, ela ainda tinha algum tempo. Três anos, nove meses e catorze dias. Pouca coisa. Mas a vida não seria (toda ela, a dos humanos também) pouca coisa quando comparada com a eterna beleza daquele céu de fogo? Não havia salvação para o tigre através das barras, mas talvez pudesse aprender a viver dentro da jaula. Pousou a pistola no peito e procurou o seletor de modo. Estava no impulso explosivo dois; alterou-o para o feixe duplo zero, o mais pequeno e concentrado. Depois agarrou na arma, apertou os maxilares e cortou o braço acima do cotovelo com o raio luminoso. Demorou vinte e sete segundos.

A dor foi tão grande que teve de aplicar imediatamente outro opiáceo, embora tivesse preferido reservá-lo para mais tarde. Permaneceu ofegante e ainda deitada até a droga começar a espalhar-se pelo seu organismo em vagas plácidas. Ainda que atordoada, sabia que não tinha um minuto a perder. Apoiando-se no braço que lhe restava, conseguiu levantar-se. Com as pernas separadas, aguentou os primeiros minutos de vertigem; depois o mundo começou a diminuir de velocidade. Estava gelada; não se apercebera disso até agora. Procurou na mochila um poncho térmico tão fino como papel e cobriu-se com ele. O que o plasma negro tinha de bom era cauterizar a ferida; não sangrava e não precisava de usar a repugnante *bioglue*. Guardou na mochila o telemóvel da Viúva Negra e a pistola, olhou pela última vez para Clara e pôs-se a caminho. Cambaleou até ao embarcadouro. A lancha

estava lá, amarrada a uma árvore; ao lado, os cadáveres do velho e do cão. O rasto letal de Nichu Nichu. Quando se aproximou para soltar a amarra, viu que a cabeça mais pequena do animal ainda pestanejava. Tirou a pistola de plasma negro e acabou com ele.

Deitou-se dentro da barca, incapaz de remar, na esperança de que a corrente a levasse até à margem contrária. Teve muita sorte; não só a levou como o fez na direção que lhe convinha. Para Pori. Quando a quilha embateu nas pedras, Bruna arrastou-se até à proa e desembarcou. De pé na margem, olhou em volta, desanimada. Não tinha telemóvel; deixara-o debaixo da árvore. Por instantes pensou em tentar utilizar o da Viúva Negra, mas sentiu-se incapaz de furar o sistema sem a palavra-passe. Só conseguiria que se autodestruísse. Portanto, não dispunha de mapas ou de bússola. Todos os reps de combate tinham bom sentido de orientação, aperfeiçoado geneticamente, mas Bruna estava drogada e destroçada. A vida insiste em viver, pensou ao embrenhar-se no bosque.

Abriu os olhos e estava caída no chão do bosque. Levantou-se a gemer e continuou a andar. Já era dia.

Abriu os olhos; era noite e estava gelada. Desorientada. Avançou alguns metros de gatas. Conseguiu finalmente agarrar-se a uma árvore e pôr-se de pé.

Abriu os olhos e viu uma humana e um rep a olharem para ela. O rep inclinou-se e disse alguma coisa como *calma estás num hospital de campanha e por isso te chamam*, que Bruna não conseguiu entender.

Abriu os olhos e viu-se nos braços de Paul Lizard. Pensou: estou a delirar. Ardia de febre. Mas Paul cheirava a cedro, cheirava a ele. Lizard embalava-a e sussurrava: minha Bruna, minha Bruna, minha pequena Bruna. Isso sim, já entendeu.

Abriu os olhos e viu entrar o enfermeiro com o pequeno-almoço.

– Como está tudo a correr, Bruna?

– Muito bem. Estou como nova. Louca para me ir embora.

– Hoje é o grande dia, hã?

– Espero que sim.

Husky acabara de sair do isolamento. Submetera-se a um tratamento rápido de regeneração celular porque em Onkalo recebera uma dose de radioatividade não muito elevada, embora suficiente para causar problemas no futuro. Toda a ilha de Olkiluoto estava contaminada; quando os ladrões tinham mexido nos cilindros para roubar os resíduos, o isolamento ficara comprometido e houvera uma fuga radioativa. Por isso Gand e Yárnoz haviam sido afetados. Quanto a Gabi, depois de analisado o telemóvel de Nichu Nichu e da detenção de Preciado Marlagorka e da sua rede, soube-se que tinham andado a vender uma parte dos resíduos nucleares a grupos terroristas de fanáticos religiosos e ultranacionalistas dos confins; uma informação arrepiante, uma vez que aqueles doidos disporiam, num futuro próximo, de ogivas nucleares. Além disso, a manipulação do material parecia ter sido pouco rigorosa; estavam a fazer-se medições nas zonas onde os resíduos tinham sido comprados e alguns sítios haviam já revelado níveis preocupantes de radioatividade, entre eles Dzerzhinsk, a cidade natal da pequena russa. Todo aquele assunto acabou na praça

pública e criou um enorme alvoroço, um terramoto político. O Reino de Labari foi obrigado a reconhecer o uso de energia nuclear e, depois de uns dias de tensão insustentável que quase levaram a uma guerra, tanto Labari como a Terra tentavam encontrar soluções melhores. A presidente dos EUT, Amalia Ming, fora obrigada a convocar eleições antecipadas que, provavelmente, perderia. Todo o mundo conhecia agora a existência e o perigo de Onkalo, mas Bruna tinha a certeza de que isso não seria duradouro. Bastariam umas duas gerações humanas para que o monstro voltasse a mergulhar nas trevas. Dentro de cinquenta anos já ninguém se lembraria de que todo aquele veneno pulsava ali, enterrado sob o velho bosque de Olkiluoto.

Bruna levantou-se da cama e tomou o pequeno-almoço na mesinha. Estava bom. O hospital era um dos melhores de Madrid e o seu seguro médico era ótimo. Fora bastante inteligente ao optar pelo seguro em vez de receber o pagamento de inserção. Clara, naturalmente, fizera o mesmo; por isso andava tão mal de dinheiro. Pensou uns instantes em Clara e sentiu muitas saudades dela.

Passou a mão pela cabeça e sentiu uma vez mais a estranheza de tocar em todo aquele cabelo. Não conseguia rapar-se desde que saíra de Pori a caminho de Onkalo, há quinze dias. Foi à casa de banho, viu-se ao espelho e estranhou a própria imagem. Quase parecia humana. Agarrou na máquina de barbear.

– Bruna?

Era Lizard. A rep admirou-se com a alegria que sentiu ao ouvir a voz dele. Saiu da casa de banho com a máquina de barbear na mão.

– Olá, Paul. Ia rapar a cabeça agora mesmo.

– Ah! Se quiseres eu faço isso. Só com uma mão vai ser difícil.

– Está bem. Ótimo.

Paul sentou-se na cama, fê-la sentar-se à sua frente no banquinho da casa de banho e começou a rapar-lhe a cabeça.

– Já tenho o relatório dos especialistas que estiveram em Onkalo. Nichu Nichu tinha o pescoço partido. Foi obra da Clara. Partir o pescoço a uma assassina profissional perigosíssima, armada com um plasma negro, não é tarefa fácil. Vocês, Huskys, são duras.

Bruna sorriu.

– Também encontraram uma malinha de chumbo com material radioativo. Clara deve ter ficado contaminada ao recolher esses resíduos. É possível que fosse um pedido de Marlagorka, claro; no entanto, estou mais inclinado a pensar que Nichu Nichu queria fazer negócio por sua conta... O cabelo cresceu-te imenso, Bruna; quase enchi o recipiente. Ah, e sabes que mais? Há quem diga que por detrás de tudo isto está a máfia dos trinitários e que Marlagorka não passava de um peão da Trinity... se é que a Trinity existe.

Lizard fora resgatá-la. Chegara a Pori e encontrara-a por identificar, num hospital de campanha miserável. Inicialmente, fora tratada porque se pressupunha que todos os reps de combate pertenciam ao exército dos EUT (os rebeldes não dispunham de androides); no entanto, o serviço médico do hospital era uma lástima e careciam de meios para tratarem dela adequadamente. Por isso, Lizard trouxera-a para Madrid. Abraçara-a,

acariciara-a, sussurrando-lhe palavras tão bonitas e doces que a rep se fingira mais doente do que estava para continuar a receber aquelas demonstrações de afeto. Quando tal fingimento não fora mais possível, acabara-se o carinho. No entanto, Bruna lembrava-se bem de que existira.

– Já está. Já se vê novamente a tatuagem.

Bruna tocou no crânio. Suave e liso. Era ela outra vez.

Os braços de Lizard rodearam-na e o inspetor pousou a cabeça no ombro da rep.

– Precisas que te rape mais alguma coisa? – sussurrou-lhe ao ouvido.

Estar nos seus braços, protegida de encontro ao peito dele, era como estar num ninho. A androide riu-se. Nesse momento sentia-se muitíssimo bem. Em paz.

– Não. Acho que não.

Gabi entrou no quarto como um vendaval, seguida por Yiannis, ofegante. Lizard afastou-se da androide e ambos se levantaram.

– Olá, Bruna – cumprimentou a pequena russa.

– Olá, Gabi.

Era a primeira vez que Bruna a via desde que fora despedir-se dela ao hospital, mas o monstrinho mantinha, aparentemente, o mesmo desapego do costume. Yiannis contara-lhe que iniciara o processo de adoção legal da criança. Era um alívio que, doravante, fosse o arquivista a encarregar-se dela.

– Tenho uma ótima notícia, Bruna! Bom, tenho duas ótimas notícias! – exclamou o velho com uma expressão de felicidade.

De demasiada felicidade, de facto. Voltara a ligar a bomba de endorfinas e tinha todo o ar de estar num

pico de bem-aventurança. A rep olhou para ele com algum receio.

– Ah... Que bom... E quais são?

– Bem, a primeira é que a Fundação Internacional para a Transparência Democrática te concedeu o seu prémio anual de trinta mil gaias por contribuíres para a divulgação dos conflitos bélicos nos confins.

Aquilo sim, era uma belíssima notícia!

– E a segunda?

– A segunda é que investi vinte e seis mil gaias na criação de um movimento político!

– O quê?

– O que ouviste! Vai chamar-se *Mais Um Passo* e vamos exigir a alteração das leis ou de situações manifestamente injustas e antidemocráticas como, por exemplo, deixarem morrer de radiação as crianças pobres quando há remédio para as ajudar. Informei a Fundação do uso que vamos dar ao dinheiro e ficaram encantados. Já o anunciaram nos meios de comunicação social.

Bruna olhou para ele, estupefacta, e, de repente, sentiu uma enorme vontade de rir.

– Ainda me restam, pelo menos, os outros quatro mil? – perguntou, hesitante.

– Sim. Esses ainda os tens.

Bom, era indiferente. Felizmente, tinham-lhe devolvido a licença. Embora não tivesse completado o tratamento com o apalpador, a Administração considerou que o merecia. Por isso, poderia trabalhar. Além do mais, há um minuto nem sabia que tinha um pé-de-meia. Velho doido. Sempre a tentar mudar o mundo. Claro que era um louco perseverante, pelo que, se calhar, até conseguiria fazê-lo.

– Conta-me já o fim da história, Bruna. Prometeste-me. É a tua vez – ordenou Gabi.

Sim, prometera. Era melhor acabar com aquilo de uma vez.

– Muito bem. Lembras-te onde ficámos?

– A Morte apanhara-os, beijara o gigante nos lábios e nessa altura o gigante caíra ao chão a vomitar sangue. Eu acho que estava morto – recordou a miúda.

– Claro. Sim. Estava. Então a Morte voltou-se para o anão, disposta a acabar também com ele, mas o anão pôs-se de joelhos e implorou que lhe concedesse um último desejo. De facto, a tradição de conceder um último desejo aos condenados à pena capital começou aí. O anão pediu à Morte que, como gostava tanto de pintar e era bom a fazê-lo, o deixasse desenhar aquela cena final: o gigante caído, a paisagem, a Morte à espera, dominando tudo... E a Morte, que era soberba e vaidosa, sentiu-se lisonjeada com a ideia de ser protagonista de um quadro, e concedeu-lhe o desejo. Então o anão agarrou num raminho, molhou-o no sangue do gigante e começou a pintar numa grande pedra calcária vertical. Primeiro pintou o vale onde estavam, as montanhas e as árvores; e os seus traços eram tão realistas que as folhas pareciam mover-se com a brisa. A seguir pôs-se a desenhar um rio com um barquinho escuro que flutuava ao longe; todavia, na pintura, havia uma enchente no rio; tanta água era que começou a transbordar os limites da pedra calcária, um jorro de água vermelha como o sangue salpicou os pés do anão e começou a acumular-se uns metros abaixo, onde a Morte esperava. O nível da água subiu tão depressa que cobriu rapidamente o cadáver do gigante e fez a Morte perder o pé. A Morte, surpreendida,

tentou nadar, mas não conseguia flutuar naquela água de sangue. Enquanto isso, a barquinha do desenho foi-se aproximando cada vez mais, navegando pelo rio, e via-se agora que estava alguém dentro dela. A água já estava tão alta que chegava a meio do peito do anão mas, nesse momento, a barca chegou juntou dele e nela vinha o gigante, vivo e a sorrir, juntamente com um cãozinho de três cabeças que ia com as patas dianteiras apoiadas na borda e a abanar alegremente a cauda, porque era um cão marinheiro. Nessa altura, o gigante estendeu o braço, agarrou no anão pelo pescoço, levantou-o com facilidade e sentou-o no barquinho ao seu lado. Depois deram meia-volta e afastaram-se a remar, felizes, pelo seu rio de água vermelha como o sangue. E assim acaba a história.

Bruna calou-se. A menina juntou as mãos e suspirou.

– Ah... Gostei. Gostei da tua história – exclamou, radiante.

– Muito bonita – elogiou Yiannis.

– Obrigada.

– E a Morte afogou-se? – perguntou a pequena russa.

– Receio que não.

– E porque aparece um cão com três cabeças? – voltou a questionar.

Bruna pensou um pouco.

– Porque os monstros são bonitos.

Gabi assentiu com naturalidade, como se aquela afirmação de Bruna fosse óbvia. Depois levantou o seu dedinho indicador e determinou, categórica:

– E o cãozinho ia amarrado à barca.

– Sim. Claro que sim. Levava uma bonita trela com um bom nó – garantiu Husky.

Nunca vira Gabi tão contente. Clara tinha razão,

pensou a rep: a menina precisava de um final como aquele.

– Sais-te bem a contar mentiras – comentou Lizard a sorrir. – O teu memorista deve ter-te contagiado.

– Olha quem fala! – troçou a rep, brincalhona.

De repente, uma suspeita atravessou-lhe o cérebro. Uma certeza de que não se apercebera até àquele momento. O sorriso congelou-se-lhe na cara.

– Paul... Como me encontraste?

– O quê?

– Sabes muito bem o que estou a perguntar-te. Eu não estava com o telemóvel, por isso não podias localizá-lo; não tinha identificação, podia estar em qualquer parte. Mas, pelo pouco tempo que demoraste, só podes ter ido diretamente para aquele hospital. Como conseguiste?

Lizard resfolegou e passou a manápula pelo pescoço. Bruna sentiu a indignação começar a borbulhar no seu íntimo.

– A pretensa boia de salvação que me colaste ao braço... Não era uma boia de salvação, pois não? Era um *chip* de localização, como eu julguei. E tu fartaste-te de negar... Cabrão.

O inspetor esfregou a cara e depois olhou para ela com uma expressão magoada e cansada:

– É verdade. Era um *chip* de localização. Lamento ter-te mentido mas, se te contasse, não mo deixarias pôr-to. E eu preocupo-me contigo. Essa é a verdade. Disse-te: «Se precisares de mim vou buscar-te.» São essas as palavras que realmente importam. Por favor, fica com o que é mesmo importante. Se tivesse mentido nisso, compreendo que me injuriasses. Mas fui buscar-te.

Bruna observou-o, ainda agitada pela fúria. Aqueles olhos verdes e incisivos sob as pálpebras carnudas... aquele olhar profundo e magoado, que parecia trespassá-la. Sim. Fora buscá-la. Lembrou-se de si própria nos braços dele, protegida por aquele peito forte. Minha pequena Bruna, chamara. Só um tipo enorme como Lizard poderia falar-lhe assim. Paul era o seu gigante e fora buscá-la na barca para a resgatar à Morte.

– Sim, foste – sussurrou a rep, sentindo a sua agressividade evaporar-se.

Nesse momento, desejou intensamente Lizard e sentiu também por ele alguma coisa que não sabia definir, mais perturbadora, mais sedosa, mais terna. Um sentimento que a deixava desvalida.

– Pronta para o grande dia? – exclamou, entusiasmado, o doutor Tatu, entrando no quarto com o seu excesso de energia habitual.

Foi cumprimentado por um coro de vozes. Tatu era o médico que lhe fizera o implante do braço iônico. Pelos vistos era uma eminência na sua área, embora ainda fosse novo e parecesse um pouco doido. A prótese fora colocada dez dias antes, mas a cobertura de biossilicone e as novas terminações nervosas tinham levado todo aquele tempo a fundir-se com o resto do braço. Se o implante estivesse a funcionar bem, Bruna teria alta.

– Vamos ver – disse o doutor Tatu, abrindo os fechos do rígido estojo acelerador que rodeava o membro ferido de Bruna e retirando-o com cuidado.

A rep continuou com o braço ao peito, como durante todos aqueles dias, e examinou-o com atenção. Estava perfeito. Era quase impossível perceber que se

tratava de uma prótese.

– Estende-o. Mexe-o – pediu Tatu.

Bruna assim fez. O novo braço respondia ao controlo cerebral sem problemas, embora o sentisse um pouco estranho. O médico tocou-lhe e picou-lhe as pontas dos dedos e comparou as reações com as do braço são.

– Sinto tudo, embora menos do que com a minha mão real – observou a rep.

– Perfeito, perfeito! – alegrou-se Tatu. – Um sucesso total. Dentro de uns dois meses, quando as ligações nervosas acabarem de amadurecer, recuperarás toda a sensibilidade. É um braço muito bom. O último modelo.

A tecnologia era um milagre, admirou-se Bruna. Mas, claro, ela própria era filha dessa milagrosa ou, quem sabe, maldita tecnologia. Um monstro nascido da manipulação genética. Quando cortara o próprio braço em Onkalo, em vez de explodir a cabeça com o plasma, fizera-o porque os reps, de facto, não conseguiam suicidar-se, como julgava Carnal? Seria verdade não ter opção? Seria verdade os engenheiros terem-lhe roubado a liberdade de decidir o seu próprio fim? Ou fora-lhe apenas impossível matar-se sob um céu tão belo como o daquela noite?

De qualquer forma, estava viva e contente por assim continuar e por ter a melhor prótese biónica do mercado. Nessa altura lembrou-se da sua amiga Mirari, a violinista, tão desesperada com a pouca qualidade do braço ortopédico que estava sempre a emperrar e que a impedia de tocar o seu belo violino, e telefonou-lhe. O rosto da mulher, rodeado de cabelos espetados, apareceu logo.

– Ei, Mirari, telefono-te para te contar que dentro de

pouco tempo vais herdar o melhor braço biônico do mundo. Espera, que dia é hoje? – perguntou.

– Dia 2 de setembro – respondeu Lizard.

Bruna fez o cálculo mental a toda a velocidade.

– Ficas a saber, Mirari, que terás uma belíssima prótese o mais tardar dentro de três anos, oito meses e trinta dias.

Deu uma gargalhada. Era a primeira vez que Bruna Husky se ria depois de fazer aquela conta; sentia-se tão leve que teria sido capaz de começar a voar. Era prodigioso comprovar a leveza de um coração feliz.

Apêndice documental

Cronologia

2017–2028: Guerras terroristas.

2028–2031: Guerra da Meia-Lua. A aliança do Ocidente com o islão moderado acaba com a derrota total da coligação fundamentalista do califado.

2014–2050: As Pragas. A subida do nível do mar em consequência do aquecimento global submerge catorze por cento da superfície terrestre, inunda as costas mais férteis do planeta, provoca êxodos massivos, fomes, doenças e confrontos violentos que acabam com a vida de cerca de dois mil milhões de pessoas.

2053: A empresa Vitae cria os primeiros modelos de tecno-humanos.

2059: O Protocolo do Átomo proíbe a energia nuclear por fissão.

2060: Revolta de Encélado. Os tecno-humanos que trabalham nas minas de uma das luas de Saturno, Encélado, revoltam-se contra as duras condições de vida e matam todos os humanos da colónia.

2060–2062: Guerra Rep, que opõe os humanos aos tecno-humanos.

2062: Pacto da Lua entre humanos e tecno-humanos, promovido pelo grande líder androide Gabriel Morlay, que acaba com a guerra rep em troca da obtenção de direitos civis para os tecnos.

2067: Descoberta do ástato, essencial no desenvolvimento da tecnologia de teletransporte.

2073: A professora Darling Oumou Koité é teletransportada de Bamako (antigo Mali) para o satélite de Saturno, Encélado. É a primeira vez que um humano é teletransportado.

2073-2080: Febre do Cosmos. Escalada de tensão mundial na exploração do Universo através do teletransporte. Chegam a morrer noventa e oito por cento dos exploradores.

2079-2090: Guerras Robóticas, assim chamadas porque se tenta inicialmente que sejam protagonizadas só por robôs. No entanto, acabam por causar perdas humanas e tecno-humanas desmedidas.

2085: Tratado Secreto de Keops para regular a solução final dos resíduos nucleares.

2087: Criação da Terra Flutuante denominada Estado Democrático do Cosmos. O seu sistema de governo é um regime hipertecnológico totalitário.

2088: Criação da segunda Terra Flutuante, o Reino de Labari. O seu sistema de governo é uma tirania

fundamentalista religiosa.

3 de maio de 2090: Data do primeiro encontro entre terrestres e uma civilização alienígena. Nesse dia, uma nave gnés, procedente do planeta Gnío, aterra no setor chinês da colónia mineira de Potosí, planeta remoto que, como Gnío, orbita a estrela Fomalhaut. A partir de então, esse dia é conhecido como «Dia Um».

6 de maio de 2090: Assinatura da Paz Humana que acaba com as Guerras Robóticas. Este acordo é a consequência imediata do encontro com os alienígenas.

2096: Unificação do governo planetário e criação do sistema federal dos Estados Unidos da Terra.

2096: Acordos Globais de Cassiopeia. O primeiro tratado interestelar da História regulamenta uma infinidade de assuntos, como a utilização e **copyright** das tecnologias, as trocas mercantis, o tipo de divisa, o uso do teletransporte, as condições migratórias, etc. As Terras Flutuantes, Cosmos e Labari, foram os únicos povoadores conhecidos deste Universo que se recusaram a subscrever o tratado.

2098: É promulgada a primeira Constituição dos Estados Unidos da Terra. A Magna Carta atribui plenos direitos aos tecno-humanos.

2101: Lei da Memória Artificial, que

regulamenta o uso das memórias artificiais nos tecno-humanos.

2109: O Tribunal Constitucional proíbe a venda do ar.

Arquivo Central dos Estados Unidos da Terra

Tecno-humanos

Catálogo: história, conflitos sociais, Guerra Rep, Pacto da Lua, discriminação, biotecnologia, movimentos civis, supremacia.

#376244

Em meados do século XXI, os projetos de exploração geológica de **Marte** e de duas das luas de **Saturno**, **Titã** e **Encélado**, impulsionaram a criação de um androide que conseguisse resistir às duras condições ambientais das colônias mineiras. Em 2053, a empresa brasileira de bioengenharia **Vitae** criou um organismo a partir de células-mãe, desenvolvido em laboratório de forma acelerada e praticamente idêntico ao ser humano. Surgiu no mercado com o nome **Homolab**, mas depressa ficou conhecido como **replicante**, um termo com origem num antigo filme futurista muito popular no século XX.

Os replicantes tiveram um êxito imediato. Foram utilizados não só nas explorações mineiras do espaço exterior, mas também nas da Terra e nas quintas

marinhas abissais. Começaram a fazer-se versões especializadas e, por volta de 2057, já havia quatro linhas distintas de androides: mineração, cálculo, combate e prazer (esta última especialidade foi proibida anos depois). Naquela altura não se concebia que os homolabs tivessem qualquer controle das suas próprias vidas. Na realidade, eram trabalhadores escravos isentos de direitos. Esta situação abusiva tornou-se cada vez mais inviável e acabou por explodir em 2060, quando se enviou para Encélado um pelotão de replicantes de combate para reprimir uma revolta dos mineiros, também androides. Os soldados juntaram-se aos rebeldes e assassinaram todos os humanos da colónia. A insurreição generalizou-se rapidamente, dando lugar à chamada **Guerra Rep.**

Embora os androides estivessem em clara desvantagem numérica, a sua resistência, força e inteligência eram superiores à média humana. Durante os dezasseis meses de duração da guerra houve muitas baixas, tanto de humanos como de tecno-humanos. Felizmente, em outubro de 2061, a liderança dos rebeldes foi assumida por **Gabriel Morlay**, o grande filósofo e reformador social androide, que propôs uma trégua para negociar a paz com os países produtores de replicantes. As difíceis conversações estiveram quase a

naufregar por várias vezes; entre os humanos havia uma facção radical que rejeitava qualquer concessão e defendia a continuação da guerra até que os replicantes fossem morrendo, dado que naquela época só viviam cerca de cinco anos. No entanto, também havia humanos que condenavam os costumes escravagistas e defendiam a justiça das reivindicações dos rebeldes; chamados depreciativamente **lambe-reps** pelos seus adversários, estes cidadãos partidários dos androides chegaram a ser bastante ativos nas suas campanhas em prol das negociações. Isto, somado ao facto de os rebeldes terem tomado o controlo de várias cadeias de produção e terem estado a fabricar mais androides, acabou por cristalizar na assinatura do **Pacto da Lua**, em fevereiro de 2062, um acordo de paz em troca da concessão de uma série de direitos aos insurretos. Dá-se a circunstância de o líder androide Gabriel Morlay não ter podido assinar o tratado que fora a sua grande obra, por ter finalizado poucos dias antes o seu ciclo de vida.

A partir de então, os replicantes foram conquistando progressivamente direitos civis. Estes avanços não foram isentos de problemas; os primeiros anos posteriores à **Unificação** foram particularmente conflituosos e houve graves distúrbios em diversas cidades da Terra (Dublin,

Chicago, Nairobi), com confrontos violentos entre os movimentos pró-reps **antissegacionistas** e os grupos **supremacistas** humanos. Por fim, a **Constituição de 2098**, a primeira Magna Carta dos **Estados Unidos da Terra**, atualmente em vigor, reconheceu aos tecno-humanos os mesmos direitos que aos humanos.

Foi também na referida Constituição que se utilizou pela primeira vez o vocábulo **tecno-humano**, uma vez que a palavra **replicante** estava carregada de conotações insultuosas e ofensivas. Hoje, **tecno-humano** (ou, coloquialmente, **tecno**) é o único termo oficial aceite, embora neste artigo se tenha utilizado também a palavra **replicante** por razões de clareza histórica. Por outro lado, há grupos de ativistas tecnos, como o MRR (**Movimento Radical Replicante**), que reivindicam a antiga denominação como bandeira da sua própria identidade: «Ser rep é um orgulho, prefiro ser rep a ser humana ou tecno-humana.» (**Myriam Chi**, líder do MRR.)

A existência e integração dos tecno-humanos suscitou um aceso debate ético e social que está longe de ter finalizado. Alguns defendem que, tendo sido na sua origem um ato erróneo e imoral - a criação de replicantes como mão de obra escrava -, estes deveriam simplesmente

deixar de ser fabricados. Esta possibilidade é linearmente rejeitada pelos tecnos, que a consideram uma opção genocida: «O que já existiu, não pode regressar ao limbo da inexistência. O que se inventa, não pode "desinventar-se". O que aprendemos não podemos deixar de saber. Somos uma nova espécie e, como todos os seres vivos, desejamos continuar a viver.» (Gabriel Morlay.) Atualmente, as cadeias de produção de androides (hoje chamadas **projetos de gestação**) são dirigidas em 50% por tecnos e em 50% por humanos. Um androide demora catorze meses a nascer, mas quando o faz tem uma idade física e intelectual de vinte e cinco anos. Apesar dos avanços tecnológicos, só se conseguiu que viva uma década. Mais ou menos por volta dos trinta e cinco, a divisão celular dos seus tecidos acelera-se de uma forma dramática e sofre uma espécie de processo cancerígeno massivo (conhecido como TTT - **Tumor Total Tecno**) para o qual não foi ainda encontrada cura e que provoca a sua morte em poucas semanas.

São também causa de conflito as regulamentações especiais tecno-humanas, sobretudo as referentes à memória e ao período de trabalho civil. Um comité paritário de humanos e tecnos decide quantos androides serão criados por ano e com que especificações: cálculo, combate,

exploração, mineração, administração e construção. Uma vez que a gestação destes indivíduos tem custos muito elevados, acordou-se que todos os tecno-humanos servirão a empresa que os fabricou durante um período máximo de dois anos, num emprego conforme à especialidade para que foram construídos. Serão então dispensados com uma quantidade moderada de dinheiro (o **subsídio de reintegração**) para os ajudar a começar a sua própria vida. Por fim, é implantado em todos os androides um **kit** completo de memória, apoiado por objetos documentais (fotografias, holografias e gravações do seu passado imaginário, antigos brinquedos da sua presumível infância, etc.), uma vez que diversas investigações científicas demonstraram que a convivência e integração social entre humanos e tecno-humanos funcionam muito melhor quando estes últimos têm um passado e que os androides são mais estáveis quando providos de lembranças. A **Lei de Memória Artificial** de 2101, atualmente em vigor, regula de uma forma exaustiva este assunto delicado. As memórias são únicas e diferentes, mas todos possuem uma versão mais ou menos semelhante da famosa **Cena da Revelação**, popularmente conhecida como **o baile dos fantasmas**; trata-se de uma recordação implantada, que decorreu supostamente por

volta dos catorze anos do sujeito, durante a qual os pais do androide lhe comunicam que é um tecno-humano e que eles próprios carecem de realidade e são um mero programa informático. Uma vez instalada a memória no androide, esta não pode ser modificada de maneira nenhuma. A Lei proíbe-o e persegue qualquer manipulação posterior, bem como o tráfico ilegal de memórias, o que não impede que o referido tráfico exista e seja um chorudo negócio subterrâneo. A normativa vigente da vida tecno foi contestada por diversos setores e tanto o MRR como outros grupos supremacistas apresentaram nos últimos tempos vários recursos contra a Lei. Na última década criaram-se inúmeras cátedras universitárias de estudos tecno-humanos (como a da Complutense de Madrid) que tentam responder às múltiplas questões éticas e sociais colocadas por esta nova espécie.

Arquivo central dos Estados Unidos da Terra

Teletransporte

Catálogo: História da Ciência, desordem TP, a Febre do Cosmos, Guerras Robóticas, Dia Um, os Outros, Paz Humana, Acordos Globais de Cassiopeia, sencientes.

#422-222

O teleporte ou teletransporte (TP) é um dos mais antigos sonhos do ser humano. Embora o teletransporte quântico fosse testado desde o século xx, a primeira experiência significativa verificou-se em 2006 quando o professor **Eugene Polzik**, do Instituto Niels Bohr da Universidade de Copenhaga, conseguiu teletransportar um objeto minúsculo, mas macroscópico a uma distância de meio metro, utilizando a luz como veículo transmissor da informação do objeto. No entanto, foi só a partir de 2067, com a descoberta das qualidades imprevistas de potenciação lumínica do **ástato**, um elemento extremamente raro na Terra mas relativamente abundante nas minas de Titã, que o teletransporte deu um salto de gigante. Em 2073, com a ajuda

da chamada **luz densa**, capaz de conduzir cem mil vezes mais informação de uma forma cem mil vezes mais estável que a **luz laser**, a professora **Darling Oumou Koité** foi teletransportada ou **tepeada**, como também se diz na atualidade, de Bamako (Mali) para o satélite de Saturno, Encélado. Foi a primeira vez que se **tepeou** um ser humano através do espaço exterior.

A partir de então, desencadeou-se entre os países da Terra um verdadeiro furor de exploração e conquista do Universo. Uma vez que o teletransporte anulava as distâncias e era indiferente percorrer um quilómetro ou um milhão, as potências terrestres envolveram-se numa corrida para colonizar planetas distantes e para explorar os seus recursos. Foi a chamada **Febre do Cosmos**, que se transformou numa das principais causas das **Guerras Robóticas** que arrasaram a Terra de 2079 a 2090. O teletransporte teve sempre elevados custos económicos, razão pela qual só se **tepeavam** equipas de exploração de duas ou três pessoas. Como só se dispunha de informação mais ou menos fiável sobre algumas centenas de planetas que podiam ser colonizáveis, não era raro que os enviados de vários países tivessem um mesmo objetivo, quer por acaso, quer graças à espionagem, com consequências frequentemente violentas. Inúmeros

exploradores caíram em combate ou foram assassinados, e os repetidos incidentes diplomáticos foram fazendo subir a tensão mundial. À medida que os destinos mais conhecidos iam sendo ocupados ou se transformavam em territórios em azeda disputa, as potências começaram a arriscar mais e a enviar os seus exploradores para lugares cada vez mais remotos e ignorados, o que incrementou a já elevada mortalidade dos teletransportados. Em 2080, último ano da Febre do Cosmos, 98% dos exploradores da Terra faleceram (cerca de 8200 indivíduos, quase todos eles tecno-humanos), a maior parte deles desaparecidos simplesmente após o salto.

Nessa altura já tinha sido tornada pública uma certeza que os cientistas e os Governos sabiam desde o início da utilização desta tecnologia: que o teletransporte é um processo atómicamente imperfeito e pode ter efeitos secundários gravíssimos. É uma consequência do **Princípio da Incerteza de Heisenberg**, segundo o qual uma parte da realidade não se pode medir e está sujeita a mudanças infinitesimais mas essenciais. O que significa que qualquer organismo teletransportado passa por alguma alteração microscópica: o sujeito que se reconstrói no destino não é exatamente o mesmo que o sujeito da origem. Regra

geral, estas mutações são mínimas, subatômicas e indiscerníveis; mas, num número significativo de vezes, as mudanças são importantes e perigosas: um olho que se desloca para a cara, um pulmão defeituoso, mãos sem dedos ou mesmo crânios carentes de cérebro. No teletransporte, este efeito destruidor é denominado **desordem TP**, embora os indivíduos vítimas de deformações visíveis sejam conhecidos coloquialmente como **mutantes**. Por outro lado, verificou-se que teletransportar-se reiteradamente acabava por provocar inevitavelmente danos orgânicos. A possibilidade de sofrer uma desordem TP grave aumenta vertiginosamente com o uso, até atingir os 100% a partir do salto número onze. Na atualidade regemo-nos pelos **Acordos Globais de Cassiopeia** (2096) que proíbem que os seres vivos (humanos, tecno-humanos, **Outros** e animais) sejam teletransportados mais de seis vezes ao longo da sua existência.

Os riscos dos saltos, a morte e desaparecimento massivo de exploradores, o elevado custo económico e o início das Guerras Robóticas acabaram com a Febre do Cosmos e com o entusiasmo pelo teletransporte. A partir de 2081 esta forma de transporte só foi usada para manter a exploração do longínquo planeta **Potosí**, único corpo celeste descoberto

durante a Febre do Cosmos, cujos recursos acabaram por ser suficientemente rentáveis para desenvolver uma indústria mineira para lá do sistema solar. Nos primeiros anos, a propriedade de Potosí foi partilhada entre a União Europeia, a China e a Federação Americana. Depois da Unificação, essa propriedade pertence aos Estados Unidos da Terra, embora as minas mais produtivas tenham sido vendidas ao **Reino de Labari** e ao **Estado Democrático do Cosmos**.

Foi em Potosí que teve lugar o primeiro encontro documentado entre os seres humanos da Terra e os Outros ou ET, seres extraterrestres. A 3 de maio de 2090, data desde então denominada **Dia Um**, uma nave alienígena aterrou no setor chinês da colónia mineira. Eram exploradores **gnés**, um povo procedente do planeta **Gnío**, próximo de Potosí; descrevem ambos uma órbita em redor da mesma estrela, **Fomalhaut**. A nave deles era muito rápida e tecnicamente muito avançada, ainda que o método de deslocação fosse convencional e viajassem a velocidades muito inferiores às da luz. Desconheciam o teletransporte material, mas tinham desenvolvido uma técnica de comunicação ultrassónica com apoio de feixes luminosos que atingia distâncias fabulosas num tempo recorde. Graças a estas mensagens ou telegnés, os gnés

tinham estabelecido contacto não visual com outras duas longínquas civilizações extraterrestres, os **omaás** e os **balabis**. Os humanos tinham deixado de estar sós no Universo.

O impacto de tão espantosa descoberta foi enorme. Três dias depois era assinada a **Paz Humana** que pôs fim às Guerras Robóticas. Embora o acordo tivesse sido impulsionado, sem dúvida, pelo receio que os extraterrestres infundiram nos habitantes do nosso planeta, em poucos anos foi-se desenvolvendo um sentimento positivo de coletividade que conduziu ao processo de Unificação e à criação, em 2098, dos Estados Unidos da Terra. Paralelamente, estabeleceram-se contactos com as três civilizações ET e o teletransporte foi, sem dúvida, o facto substancial que permitiu um verdadeiro intercâmbio político e cultural entre os quatro mundos. Pela primeira vez, todos puderam encontrar-se fisicamente. Fizeram-se estudos, relatórios, instrução intensiva de tradutores, negociações, pré-acordos, envio de emissários por TP, miríades de telegnês sulcaram as galáxias e verificou-se uma frenética atividade diplomática através do Universo. Depressa ficou claro que as quatro espécies não competiam entre si de nenhuma forma e que não constituíam um perigo umas para as outras: a distância entre os planetas de

origem é demasiado vasta e o teletransporte é igualmente nocivo para todos. A grandeza do Cosmos pareceu fomentar de alguma forma a grandeza humana e as conversações avançaram em rápida harmonia, culminando nos Acordos Globais de Cassiopeia de 2096, o primeiro tratado interestelar da História. Os Acordos regulam o uso e **copyright** das tecnologias, o intercâmbio mercantil, o tipo de divisa, o uso do teletransporte, as condições migratórias, etc. Perante a necessidade de definir um termo que designasse os novos companheiros do Universo e que nos identificasse com eles, aceitou-se a expressão **seres sencientes**, proveniente da tradição budista. Os sencientes (**g'naym**, em língua gnés; **laluala**, em balabi; **amoa**, em omaanês) formam uma nova categoria na taxinomia dos seres vivos. Se o ser humano pertencia até agora ao Reino **Animalia**, ao Phylum **Chordata**, à Classe **Mammalia**, à Ordem **Primates**, à Família **Hominidae**, ao Género **Homo** e à Espécie **Homo sapiens**, a partir dos Acordos acrescentou-se uma nova categoria, a Linha **Senciente**, situada entre a Classe e a Ordem, porque, curiosamente, todos os extraterrestres parecem ser mamíferos e ter pelo de uma ou de outra forma.

Embora o teletransporte tenha permitido que as quatro civilizações trocassem

embaixadores, na Terra não é muito habitual ver pessoalmente um alienígena. As delegações diplomáticas constam de três mil indivíduos cada, repartidos pelas cidades mais importantes dos EUT; a estes é necessário acrescentar mais uns dez mil omaás que se **tepearam** para a Terra fugindo de uma guerra religiosa no seu mundo. Por isso, e no total, há menos de vinte mil alienígenas no nosso planeta, um número ínfimo diante dos quatro mil milhões de terrícolas. No entanto, a sua aparência peculiar é sobejamente conhecida graças às imagens dos programas informativos. O nome oficial dos extraterrestres é **os Outros**, mas são habitualmente conhecidos por **bichos**.

Arquivo Central dos Estados Unidos da Terra

Guerras Robóticas (excerto)

#6B-138

As Guerras Robóticas, que começaram em 2079 e terminaram em 2090 com a Paz Humana, são, juntamente com as Pragas, o conflito bélico mais grave porque a Terra passou. A escalada de violência que assolou o planeta na segunda metade do século passado propiciou a assinatura, em 2079, da X Convenção de Genebra que, subscrita pela quase totalidade dos Estados independentes (153 dos 159 que existiam nessa altura), decidiu substituir os confrontos bélicos tradicionais por combates de robôs. Os exércitos seriam substituídos por armas móveis e totalmente automatizadas que lutariam entre si como um gigantesco jogo eletrónico mas em versão real. Os artífices do tratado pensaram que desta forma se acabariam ou minimizariam as carnificinas e que as guerras poderiam ser transformadas numa espécie de passatempo estratégico, da mesma forma que os antigos torneios medievais eram

uma versão dulcificada dos verdadeiros combates.

No entanto, as consequências desta medida não podiam ter sido mais negativas. Em primeiro lugar, e poucas horas depois da assinatura do acordo, explodiu uma guerra generalizada em quase todo o mundo, como se algumas nações estivessem à espera de entrar em combate, com os seus robôs preparados (alguns politólogos, como a célebre Carmen Carlavilla no seu livro **Palavras Molhadas**, defendem que a X Convenção de Genebra foi uma simples manobra comercial dos fabricantes de autómatos bélicos). Como os países mais ricos possuíam um número incomparavelmente maior de robôs, os países pobres, mesmo tendo assinado o tratado, nunca pensaram em respeitá-lo e atacaram os autómatos com tropas convencionais que lhes causaram uma destruição enorme, uma vez que, de acordo com as especificações de Genebra, os robôs eram **castrados** por um **chip** que os impedia de ferir os humanos. **Chip** que, claro está, foi removido sub-reptícia e ilegalmente poucas semanas depois, de modo que os vastos campos de sucata fumegante voltaram a ficar imediatamente embebidos de sangue.

O contra-ataque dos autómatos foi tão descontrolado e devastador que se registaram mais mortes em meio ano que em

todas as guerras ocorridas anteriormente
no mundo.

**Arquivo Central dos Estados Unidos da
Terra**

Vida alienígena: Bubi (excerto)

#00-3400

BUBI (pl.bubes, coloq. Tr. Comilão)

Criatura de origem omaá, o bubi é um pequeno mamífero doméstico que nos últimos anos foi introduzido na Terra com enorme sucesso porque a sua constituição resistente e fácil adaptação permite que seja criado sem problemas no nosso planeta, fazendo dele o animal de estimação ideal. É uma espécie heterossexual e carece de dimorfismo: macho e fêmea são idênticos em tudo exceto no aparelho genital e mesmo este é difícil de distinguir externamente. O bubi adulto pesa uns dez quilos e pode viver até vinte anos. É um animal limpo, fácil de educar, pacífico, afetuoso com o dono e capaz de articular palavras graças a um aparelho fonador rudimentar. A maior parte dos cientistas considera que a fala do bubi não é mais do que um reflexo imitativo semelhante ao dos papagaios terrestres. Alguns zoólogos, no entanto, garantem que estas criaturas possuem uma

grande inteligência, quase comparável à dos chimpanzés, e que nas suas manifestações verbais há uma intencionalidade expressiva. O bubi é omnívoro e bastante voraz. Alimenta-se fundamentalmente de insetos, vegetais e cereais ricos em fibra mas, se tiver fome, pode comer quase tudo, em especial trapos e papel. Foi devido a esse roer permanente que ganhou na Terra a denominação coloquial de **comilão**. Diversas associações de defesa dos animais apresentaram recursos legais, tanto regionais como planetários, para que os bubes tivessem a mesma classificação taxinómica que os nossos grandes símios e que fossem reconhecidos, portanto, como sencientes.

Agradecimentos, algumas explicações e um pequeno prodígio

Quero agradecer, em primeiro lugar, a enorme generosidade do físico argentino Alberto Rojo, professor da Universidade de Oakland (EUA), um homem genial que, simultaneamente, é músico e um escritor extraordinário de livros de divulgação científica (e, dentro de pouco tempo também, de ficção). Alberto teve a gentileza de ler o rascunho deste romance para ver se eu dizia muitas asneiras. Corrigiu algumas e, se ainda permanece alguma inconsistência, com certeza que a culpa é minha por as ter acrescentado depois.

Agradeço também, de todo o coração, e como sempre, aos amigos queridos que se deram ao trabalho de ler o meu rascunho e que me fizeram algumas sugestões, especialmente a Antonio Sarabia, Myriam Chirousse, Alejandro Gándara, Juan Max Lacruz, Frank Nuyts e à minha editora Elena Ramírez.

A frase maravilhosa «As ininterruptas idas e vindas do tigre diante dos barrotes da jaula para que não se lhe escape o único e brevíssimo instante da salvação» é do grande Elias Canetti.

O aforismo, também genial, «Os anões têm uma espécie de sexto sentido que lhes permite reconhecer-se à primeira vista» é de Augusto Monterroso.

As duas frases que o falso apalpador declama, a saber: «Sou um simples instrumento por onde a vida assoma. A minha voz conjuga-se com o outro que ouve, que partilha. Coração aberto disposto à prece. Vida, como és bela» e «Perturbado pelas palavras caís no abismo. Em desacordo com as palavras chegas ao beco sem saída da dúvida», tirei-as de uma página *web* de conteúdos budistas chamada *Comando Dharma*. Sinto o maior respeito pelo budismo que, mais do que uma religião, me parece uma filosofia interessantíssima e, evidentemente, completamente contrária ao fanatismo de Labari. Quero pedir desculpa por ter posto estas palavras na boca do meu obscuro apalpador, mas precisava de algumas frases que fossem suficientemente atraentes e belas, e achei que ambas serviam na perfeição os meus objetivos narrativos.

A história do gigante e do anão é uma nova versão, retocada e ampliada, de um conto que escrevi há muitos anos e que aparecia no meu romance *Bella y oscura*. Além disso, acrescentei no fim a pincelada do rio e da barca, inspirada numa antiga lenda chinesa que Marguerite Yourcenar captou no seu belo conto *A Salvação de Wang-Fô*.

Quanto a Onkalo, é tudo verídico; ou seja, é verdade o que digo sobre o local até ao ano de 2014. Recomendo vivamente que assistam ao magnífico e assustador documentário de Michael Madsen sobre este cemitério nuclear. Intitula-se *Into Eternity* (*Até à Eternidade*) e são setenta e cinco minutos hipnotizantes.

Aliás, este documentário esteve na origem de uma dessas estranhas coincidências, de um desses estranhos momentos de magia que costumam condensar-se, como ectoplasmas, nos arredores da escrita de um romance.

Estava a redigir o primeiro rascunho quando cheguei ao momento em que Nuyts dá a Bruna uma pintura que, na realidade, é um mapa. Precisava de escolher uma pintura clássica e inicialmente pensei recorrer a algum quadro da escola flamenga, porque os seus pormenores intrincados poderiam servir-me para esconder a carta geográfica. Mas logo me veio à ideia *O Grito* de Munch; e assim que o pensei soube, com toda a certeza, que tinha de ser aquele o quadro. De modo que utilizei a pintura de Munch e continuei a escrever e a avançar no enredo. Quando já me aproximava dos capítulos finais, ou melhor, quando cheguei à noite anterior à chegada a Onkalo, pus-me a ver o documentário de Madsen para saber que aspeto tinha o cemitério nuclear e recolher a maior quantidade de informação possível sobre o local. A dada altura do documentário, fala-se daquilo que menciono também no meu romance: que, no início, os responsáveis de Onkalo pensaram pôr algum sinal, avisar de alguma forma os futuros habitantes da Terra do risco que aquela zona representava. E, de repente, o ecrã do meu televisor encheu-se com *O Grito* de Munch, porque uma das possibilidades que tinham considerado era elaborar uma reprodução do quadro, uma vez que supunham que transmitia, de uma forma essencial e intemporal, uma mensagem arrepiante de perigo e medo. A coincidência deixou-me atordoada.

Às vezes penso que todos os seres humanos estão unidos por laços intangíveis, que a espécie se toca e que as nossas mentes se roçam, que formamos um todo capaz de mover-se em uníssono através do éter, como um cardume de peixes no mar do tempo. Que pena não conseguirmos deixar de nos matar uns aos outros, apesar dessa profunda e delicada sintonia.